



Museu  
de **Lamego**  
SINCE 1917  
MADE IN PORTUGAL



REPÚBLICA  
PORTUGUESA

CULTURA

CULTURA  
NORTE

O gentilíssimo e talentoso  
**João Amaral**

(1874-1955)

Catálogo de Exposição



# Exposição

16 maio | 30 setembro 2015

organização



CULTURA  
NORTE



apoio institucional



apoio empresarial

Murganheira bud





O gentilíssimo e talentoso  
**João Amaral**

(1874-1955)

Catálogo de  
**Exposição**



REPÚBLICA  
PORTUGUESA  
CULTURA

CULTURA  
NORTE



Museu  
de Lamego  
SINCE 1917  
MADE IN PORTUGAL

# FICHA TÉCNICA

## Exposição

DIREÇÃO Luís Sebastian [DRCN | Museu de Lamego] COMISSARIADO Alexandra Isabel Falcão [DRCN | Museu de Lamego] INVESTIGAÇÃO Alexandra Isabel Falcão | Helena Lemos PRODUÇÃO E MONTAGEM Museu de Lamego | Ferrageira de Tarouca | Raquel Pequito SEGUROS Fidelidade

## Catálogo

CATÁLOGO Alexandra Isabel Falcão [DRCN | Museu de Lamego] FOTOGRAFIA [Parte I] Arquivo da Faculdade de Belas-Artes do Porto; Arquivo Municipal de Coimbra; Biblioteca Nacional Digital; Biblioteca Pública Municipal do Porto; Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio | Câmara Municipal do Porto; Centro Português de Fotografia; José Pessoa [DRCN | Museu de Lamego]; Fernando Cabral; Hemeroteca Digital de Lisboa; Metropolitan Museum of Art; Rui Ponte e Sousa. [Parte II] José Pessoa, assistido por Helena Lemos [DRCN | Museu de Lamego]; Paula Pinto [DRCN | Museu de Lamego] [Parte III] Orlando Falcão; Paula Pinto [DRCN | Museu de Lamego] DESIGN GRÁFICO Paula Pinto [DRCN | Museu de Lamego] ISBN 978-989-99516-3-1 EDIÇÃO Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte DATA DE EDIÇÃO Outubro de 2017

### ABREVIATURAS:

ACMF – Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças  
ADL – Arquivo Diocesano de Lamego  
AFBAUP – Arquivo da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto  
AHME – Arquivo Histórico do Ministério da Educação  
ACML – Arquivo da Câmara Municipal de Lamego  
AML – Arquivo do Museu de Lamego  
AMNAA – Arquivo do Museu Nacional de Arte Antiga  
APFAJFA – Arquivo Particular de Fernanda Amaral e José Fernando Amaral  
APJA – Arquivo Particular de João Amaral (neto)  
APSL – Arquivo da Paróquia da Sé de Lamego  
ARINSRL – Arquivo da Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego

### AGRADECIMENTOS:

À família de João Amaral  
Cecília Carmo (bisneta), Célia Gonçalves (neta), Fernanda Amaral (sobrinha-neta), João Alcino Paula Amaral (neto), João António Amaral Carmo (neto), José Fernando Amaral (sobrinho-neto).  
e  
Adriano Guerra, Adriano Lacerda, Agostinha e José Pinto, Alberto Pires, Anais Le Saux, António Castelo-Branco Graça, António Paiva Lima, Arquivo Diocesano de Lamego (Wilson Teixeira), Arquivo Municipal de Coimbra, Arquivo Municipal de Lamego (Maria João Moutela), Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Albano Figueiredo, Maria Manuel Borges e Helena Quaresma), Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca Pública Municipal de Lamego (Vitor Rebelo), Biblioteca Pública Municipal do Porto (Maria João Sampaio, Paula Bonifácio e Jorge Costa), Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio | Câmara Municipal do Porto (Maria da Luz Paula Marques, Alexandra Lima, Celina Bastos, Centro Português de Fotografia, Colégio de Lamego (Pe. Avelino), Egídio Lemos, Escola Profissional de Moimenta da Beira (João Chiquinho), Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (José Paiva, Luís Pinto Nunes e Cristina Gomes), Fernando Cabral, Fernando Pinheiro Mota, Ferreira da Costa, Hemeroteca Digital de Lisboa (Anabela Ferreira, João Oliveira), Hermínia Cardoso, Joaquim Magalhães Correia, Joaquim Nascimento Veiga, Pe. José Bouça Pires, José Manuel Veiga de Macedo, Judite Gouveia, Maria Sofia Correia de Sousa Miranda Meireles, Manuela Vaquero, Município de Lamego (Andrea Santiago), Museu Académico de Coimbra (Helena Freitas, Carlos Serra e Graça), Paróquia da Sé de Lamego (Pe. José Ferreira), Natércia Gaspar, Nuno Canavez, Orlando Lourenço, Paulo Falcão, Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios (Manuel Teixeira), Ricardo Braga, Santa Casa da Misericórdia de Lamego (Marques Luís).

# ÍNDICE

## 05 INTRODUÇÃO

*Luís Sebastian (Museu de Lamego)*

## CATÁLOGO

## 10 PARTE I

### JOÃO AMARAL. VIDA E OBRA

*Alexandra Isabel Falcão (Museu de Lamego)*

#### 11 1. Raízes familiares

#### 16 2. Formação e juventude

16 Em Lamego (1874-1886)

23 No Porto (1887-1898)

#### 48 3. Regresso a Lamego (1899)

#### 66 4. Uma breve, mas importante passagem por Coimbra (1905)

#### 74 5. De novo em Lamego, onde se fixa definitivamente

#### 77 As Festas dos Remédios

79 O *Mestre* João Amaral

84 Então... Chéu!...1916

88 O Diretor do Museu Regional de Lamego. 1917-1955

95 O *Irmão* da Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego, 1921

99 O Comissário das Comissão de Estética do Município de Lamego (1935) e a  
Comissão Organizadora das Festas de Nossa Senhora dos Remédios (1936)

103 O *Apóstolo* da Arte Regional

## 110 CRONOLOGIA – JOÃO AMARAL. VIDA E OBRA

## 114 PARTE II

### CATÁLOGO

*Alexandra Isabel Falcão*

## 204 BIBLIOGRAFIA

## 224 PARTE III

Caderno de museografia da exposição



# Introdução

Luís Sebastian  
[Diretor do Museu de Lamego]

A exposição temporária “O gentilíssimo e talentoso João Amaral (1874-1955)”, decorrida de 16 de maio a 30 de setembro de 2015, foi a primeira de três exposições comemorativas do centenário do Museu de Lamego, com a sua data oficial de fundação fixada em 5 de abril de 1917.

A estratégia então definida foi a de assinalar o centenário do Museu de Lamego em crescendo, logo a partir de 2015, culminando em 2017 com uma forte programação comemorativa. Esta, a par da preocupação de partilhar a já longa história do museu, levou ao planeamento de três exposições temporárias, distintas, mas complementares. Dedicada a primeira à figura do primeiro diretor do Museu de Lamego, João Amaral, a segunda, realizada em 2016 e intitulada “FACES”, incidiu sobre a figura dos principais doadores, responsáveis pelo enriquecimento das coleções iniciais do museu, num movimento que ainda hoje se mantém forte, com a permanente incorporação de novas obras. Por fim, já em 2017, a par de inúmeras outras iniciativas complementares, realizou-se a terceira e última exposição comemorativa, intitulada “Museu de Lamego: Since 1917”, totalmente em suporte multimédia e que de um modo impressionante de “storytelling” tentou “contar” a história do Museu de Lamego em 15 minutos, com especial enfoque na atualidade.

Decorrida a exposição temporária “O gentilíssimo e talentoso João Amaral (1874-1955)” em 2015, publica-se agora o seu catálogo, em 2017, ano em que se culminam as comemorações do centenário do Museu de Lamego, fechando assim o ciclo iniciado há três anos.

Por fim, ao importante papel que a Liga dos Amigos do Museu de Lamego e a Câmara Municipal de Lamego tiveram no apoio institucional a mais esta iniciativa do Museu de Lamego e ao apoio empresarial das empresas Murganheira e Bud...

Aos vários arquivos, bibliotecas, museus e particulares, com especial referência à família de João Amaral, por permitiram o desenvolvimento da investigação e o acesso aos dados documentais e gráficos essenciais à exposição e catálogo...

O nosso obrigado, em nome de toda a equipa do Museu de Lamego.



Eu por falta de asas, não voei\*

\*João Amaral, «As Galhas», *A Fraternidade*, 19 de janeiro de 1924, p. 1



A. G. Mourão

Fig. | Retrato fotográfico de João Amaral, 1897. Coleção D. Fernanda Amaral e José Fernando Amaral (sobrinhos-netos de João Amaral)

PARTE 1

# João Amaral. Vida e Obra

Alexandra Isabel Falcão

*À memória do Orlando, por tudo*

## I. Raízes familiares



Fig. 2 | Retrato fotográfico de João Guedes do Amaral com o filho mais velho, Manoel (?), c. 1865-1870. Coleção D. Fernanda Amaral e José Fernando Amaral



Fig. 3 | Terreiro do Rossio, Lamego, séc. XIX (final) -XX (início). Imagem cedida por cortesia de Joaquim Duarte Correia

João Moreira Guedes do Amaral nasceu em Lamego, no bairro da Sé, no dia 4 de novembro de 1874<sup>-1</sup>, numa casa situada na antiga rua Ponte da Olaria<sup>-2</sup>, assim designada por ao fundo existir uma ponte, por onde passava o ribeiro do Coura (**fig. 3**). Batizado na Sé de Lamego, na capela de São Nicolau pelo pe. Gaspar José da Costa Flórido<sup>-3</sup>, teve como padrinho Luís António de Souza, proprietário viúvo, morador no largo da Vitória, e a invocação de Nossa Senhora da Conceição, como madrinha<sup>-4</sup>. Novos elementos recolhidos no âmbito da atual investigação<sup>-5</sup> permitiram reconstituir com maior rigor a biografia de João Amaral, sendo hoje possível conhecer melhor as suas origens - menos modestas do que se poderia pensar - e o seu contexto familiar. Neste aspeto, as centenas de artigos com que durante anos a fio encheu as páginas dos principais periódicos regionais, com abundantes anotações sobre as suas vivências e

1\_ ADL – Baptismos - PT/AMDL/PRQ/LMG21/001/0029, fl. 102v.

2\_ João Amaral, «Lamego de outros tempos» *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, agosto de 1955, p. 250; João Amaral, «A propósito de antigos fidalgos». *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, março de 1967, p.446.

3\_ AFBAUP – Sub-secção Secretaria, sub-sub-secção Alunos e Pensionistas. Processos individuais de alunos: 1837-1911 – João Moreira Guedes do Amaral. Certidão de batismo, 18 de outubro de 1892.

4\_ *Idem, ibidem*.

5\_ Uma nota de agradecimento à Helena Lemos, com quem partilhámos a nossa investigação entre novembro de 2014 e maio de 2015, no âmbito de estágio curricular que realizou no Museu de Lamego, integrado no mestrado de História da Arte, Património e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

considerações de ordem pessoal, continuam a constituir uma das melhores fontes de que dispomos.

João Amaral foi o mais novo dos cinco filhos, todos varões, de João Guedes do Amaral (n. 1822) e Damiana de Jesus Moreira, ambos naturais de Lamego<sup>6</sup>. O pai, mestre sapateiro<sup>7</sup>, possuía um estabelecimento e oficina que ocupava o primeiro andar da residência da Olaria<sup>8</sup>, onde a família vivia.

Do lado paterno, foram seus avós, Francisco Guedes do Amaral (n. Sé, Lamego, 1796) e Ana Rita da Fonseca Cardoso e Leiva (n. Almacave, Lamego, 1794)<sup>9</sup>, que era bisneta de Manuel Caetano de Leiva (n. Almacave, Lamego, 1691), médico, formado em Coimbra, e trisneta do boticário do Hospital Misericórdia de Lamego, Manuel Teixeira da Rocha (n. Almacave, Lamego, 1639).

O avô Francisco era, por sua vez, filho de António José da Silva Rodrigues e de Maria Joaquina Amaral Guedes. O casal teve, pelo menos, mais três filhos, Guilhermina, Aires e Álvaro, que herdaram o apelido da progenitora e, a partir de então, toda a descendência. Um neto de Álvaro, de nome João Guedes do Amaral (n. Sé, Lamego, 1878), nome, aliás, com que também fora batizado o pai em 1845<sup>10</sup>, foi Capitão da Infantaria e Cavaleiro da Torre Espada do Valor, Lealdade e Mérito.

Dona Joaquina descendia de uma proeminente família de Britiande. Era filha de Manuel Guedes do Amaral (n. Britiande, 1733), que foi em 1790, escrivão da câmara do extinto concelho de Britiande, onde quatro anos depois, ocupava o mais elevado cargo da autoridade local, o de juiz ordinário.

A eleição para juiz ordinário de uma figura estranha à nobreza, relativamente comum a partir do século XIX<sup>11</sup>, como parece ter sido o caso de Manuel Guedes do Amaral, estará certamente ligado ao prestígio granjeado pelos progenitores na localidade. O pai, João Amaral, natural de Lamego (n. Arneirós, 1703), fora senhor da quinta de Silvares, no termo de Britiande, estatuto a que provavelmente ascendeu pelo casamento com Clara Maria dos Anjos Guedes Alcoforado (n. Britiande, 1706). Sem nunca ter tido casa nobre, a quinta de Silvares<sup>12</sup>, possuía, no entanto, origens

6\_ ADL – Baptismos - PT/AMD/PRQ/LMG21/001/0029, fl. 102v.

7\_ *Idem, ibidem*.

8\_ Francisco Cordeiro Laranjo, in *Caricaturas e Desenhos de João Amaral* [catálogo], p. s/n.

A rua da Olaria chamava-se no passado rua dos Sapateiros. Apesar da mudança do nome, não se alterou a distribuição geográfica dos sapateiros, que por longo tempo continuaram a privilegiar essa rua para se estabelecerem.

9\_ ADL – Baptismos - PT/AMD/PRQ/LMG21/001/0029, fl. 102v.

10\_ A atribuição do mesmo nome a vários membros é uma tradição que ainda hoje perdura na família. Só entre 1822 e 1878, pertencentes a esta família foram batizadas na Sé de Lamego três crianças com o nome João Guedes do Amaral: os filhos varões dos irmãos Francisco e Álvaro Guedes do Amaral e o neto de Álvaro (cf. «João Moreira Guedes do Amaral», *GENEALL*, em linha: <http://geneall.net/pt/nome/2275971/joao-moreira-guedes-do-amaral/>).

11\_ A. de Almeida Fernandes, *Homenagem de Britiande a Dom Egas Moniz (N.º 850.º Aniversário da sua Morte). A História de Britiande*, p. 228.

12\_ *Idem, ibidem*, 228.

muito remotas, possivelmente relacionadas com o reguengo referido nas *Inquirições* de 1285<sup>13</sup>, sendo muito natural que entre os sucessivos proprietários, se encontrassem figuras das mais respeitáveis e também com maior tradição na vila, que seriam escrutinadas para a ocupação de cargos distintos.

Sobre a biografia de João Guedes do Amaral (**fig. 2**), pai de João Amaral, para além da filiação e da profissão, poucas certezas existem, não passando a maior parte de referências episódicas, surgidas de quando em vez nas memórias de infância que o filho inclui nos seus textos jornalísticos mais tardios.

Sabe-se que tinha um irmão três anos mais novo, José, e que era gêmeo de Anselmo<sup>14</sup>. Tendo crescido durante um período marcado pelas convulsões sociais e políticas resultantes das Lutas Liberais, que em Lamego adquiriram contornos de grande violência, chegou a participar, na juventude, nas escaramuças da Patuleia, como *sargento improvisado*<sup>15</sup>. Talvez como membro do malogrado batalhão de populares de apoio aos partidários de D. Miguel, formado em Lamego pela Junta do Porto de Oposição ao Governo, que em 1847 tencionava ocupar a cidade, o que nunca chegaria a acontecer<sup>16</sup>.

Da união com Damiana de Jesus Moreira [cat. 37/1], filha de Tomásia Rita e António Moreira, um *temível caceteiro de Sua Majestade* [D. Miguel]<sup>17</sup>, de quem o neto recordava venerar o rei<sup>18</sup>, podemos inferir sobre um quadro familiar conservador e tradicionalista, como o era, aliás, o ambiente de Lamego nesse tempo. Uma pequena cidade de província, austera e militar, onde as novidades demoravam a chegar.

Anos mais tarde, o seu nome surge entre o dos sócios que fundaram, em 1859, a «Associação de Socorros Mútuos de Nossa Senhora dos Remédios»<sup>19</sup> que, através da quotização dos seus associados, se destinava a proporcionar auxílio às classes operárias. Com sede na rua da Pereira, encontrava-se instalada num edifício oferecido pelo 1.º visconde de Valmor, José Isidoro Guedes<sup>20</sup>.

Atendendo às raízes que o ligavam a Arneirós – lembremos que o trisavô, João Amaral, era natural dessa freguesia – é possível que fosse

13\_ *Portugalliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, V.1, Fasc. 7. Lisboa: Academia de Ciências, p. 1064 apud A. de Almeida Fernandes, p. 244.

14\_ Anselmo foi pai de **Luis Guedes do Amaral** (n. Cedofeita, Porto, 1856) que foi 1.º escriturário do Tesouro do Estado do Amazonas, em Manaus (cf. *Charivari*, 19 de novembro de 1898, p. 1) e de **Acácio Pinto Guedes do Amaral** (n. Sé, Lamego, 1864), um esquecido lamecense, que fez carreira como jornalista no Porto e em Lisboa, sob os pseudónimos de *Acácio Trigueiros* ou *Sete Sílabas* e que, como adiante veremos, viria a ser uma figura tutelar na juventude do primo João Amaral.

15\_ João Amaral, «Dos velhos tempos... A propósito de lobos», *Boletim da Casa Regional da Beira Douro*, novembro de 1969, p. 351.

16\_ Manuel Gonçalves da Costa, *Lutas Liberais e Miguelistas em Lamego*, p. 173-175.

17\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 27 de janeiro de 1945, p. 1.

Os caceteiros miguelistas eram homens pagos para calar os opositores de Dom Miguel, recorrendo, muitas vezes, à violência e ao terror.

18\_ João Amaral, «Dos velhos tempos... A propósito de lobos», *Boletim da Casa Regional da Beira Douro*, novembro de 1969, p. 351.

19\_ A.M.L. Associação de Socorros Mútuos de N. Senhora dos Remédios Fundada a 25 de Setembro de 1859. Lista de Sócios Fundadores da Mesma Associação (inv. ML 4949).

20\_ Horácio Afonso de Mesquita, *Licen de Lamego*, Lamego: Edições Crisos, p. 42.

também este, o *João Guedes d' Amaral*, que aparece, quatro anos depois, como proprietário de uma vinha situada *assima do monte de Santa Cruz*, da qual, em sessão de 25 de junho de 1863, a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego, se propõe comprar a expropriação de uma parcela, para dar continuidade às obras que se realizavam no escadório<sup>21</sup>. Seria ainda o mesmo que posteriormente é referido entre os benfeitores que em 1868 contribuíram com o donativo de \$500 réis para a reconstrução da sacristia do santuário dos Remédios<sup>22</sup>, que havia sido devorada por um incêndio. O seu nome aparecerá ainda citado em 1892, como membro da Irmandade do Divino Espírito Santo da Sé de Lamego<sup>23</sup>.

A confirmar-se a identificação de João Guedes do Amaral, com o homónimo que aparece nos arquivos da associação mutualista e das irmandades, permite-nos esboçar o retrato do pai de João Amaral por essa altura: o de um respeitável cidadão que, apesar da prole relativamente numerosa que tinha a seu cargo, possuía rendimentos para além dos relacionados com o ofício de sapateiro, que lhe proporcionavam o desafogo necessário para acudir a iniciativas filantrópicas, de natureza devocional, que decorriam da normal convivência num meio profundamente religioso entre troca de estatuto e prestígio.

As circunstâncias anteriores poderão estar na origem da mudança de João Guedes do Amaral e família, pouco tempo depois do nascimento do filho mais novo, da acanhada Olaria, para a próspera rua Macário de Castro, passando a habitar o prédio verde, com dois andares e mansarda, que ainda existe no ângulo com a rua Direita (**fig. 4**). No rés-do-chão, a par do estabelecimento de sapataria, os Amaral instalam a *Padaria Damiana*, onde era fabricado o afamado pão de milho e trigo<sup>24</sup>, que por longo tempo continuaria a ser uma importante fonte de rendimento familiar.

21\_ ARINSRL. Sessão de 25 de junho de 1863. Livro de sessoens da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios 1848-1869, fl. 26 (tp), apud Lucinda de Jesus Barros Pinto, *O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego. Contributo para o Estudo da sua construção 1750-1905/69*, vol. II, p. 41-42 (policopiado).

22\_ ARINSRL. Receita e Despesa da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios – 1870, fls. 15v-24v, apud Lucinda de Jesus Barros Pinto, *O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*, p. 49.

23\_ APSL- Irmandade do Divino Espírito Santo da Freguesia da Sé de Lamego, *Relação dos Irmãos do sexo masculino...* 17 de junho de 1892 (doc. avulso).

24\_ João Amaral, «Declaração», *A Semana*, 9 de janeiro de 1909, p. 2.

## 2. Formação e juventude

### Em Lamego (1880-1886)



Fig. 4 | Prédio na rua Macário de Castro, onde João Amaral morou com a família.  
©Museu de Lamego/DRCN. José Pessoa

Na rua Macário de Castro, os Amaral tiveram por vizinho e senhorio o velho organista da catedral, Francisco Pereira Varejão<sup>25</sup>, que:

*em passos vagarosos e envolto na sua capa á espanhola descia diariamente a rua Macário de Castro com destino á Sé, onde teclava, em acordes lentos e extensos, as melífluas e dolentes partituras de antigos compositores sacros.*

*Como todos os rapazes do meu tempo gostavam de musica (que o digam as nossas filarmónicas de gaitas de cana) o velho Varejão tinha em nós grandes admiradores<sup>26</sup>.*

A leitura de excertos como este conduz-nos pelas memórias *de rapaz* de João Amaral. Escritas na primeira pessoa, surgem inseridas no vastíssimo trabalho de investigador/jornalista, que não sendo de natureza autobiográfica, é farto em apontamentos sobre as suas vivências e experiências pessoais, ou sobre o que pensava e sentia. Através de descrições de um comovente realismo visual, João Amaral fala-nos de uma infância feliz e despreocupada, passada no bairro da Sé, entre a Macário de Castro e os largos *vizinhos do Outeiro, da Vitória, do Rossio, da Sé...*; da aprendizagem das primeiras letras na escola, onde *já nesse tempo rabiscava uns bonecos<sup>27</sup>*; do valor do respeito e da amizade; das brincadeiras, diabruras e das *assucaradas digestões de bolos quentes á luz da lua ou dos candieiros de petróleo<sup>28</sup>*; dos vizinhos ilustres; das figuras típicas como o *Menino-vai d'anjo, a Clara Peixota, a Truta, o Antoninho da Manta...*<sup>29</sup>; dos passeios com os pais; das festividades religiosas, efemeridades e tantas outras estórias que preenchiam os seus sonhos e imaginação, que adivinhamos fértil, e que tocavam bem fundo o coração dos leitores.

Seguramente uma das recordações mais antigas e a que, literalmente, mais marcas deixou em João Amaral, foi a da aparatosa queda, própria de um menino irrequeto, que deu na igreja de Almacave, quando teria apenas 6 anos de idade:

25\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 12 de fevereiro de 1938, p. 1.

26\_ *Idem, ibidem*, p.1.

27\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 9 de julho de 1938, p. 4.

28\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 19 de março de 1938, p. 1.

29\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 14 de janeiro de 1939, p. 4.

*levado pela mão do típico trompetista Manuel Costa Rato, da orquestra Galinha, para assistir, no côro, a uma festa de grande instrumental, e que, por uma questão de ginástica mal equilibrada, precipitei-me do coro abaixo, dividindo em dois o meu pobre queixo, do que resultou ficar-me para toda a vida, uma cicatriz no lábio inferior, que tem sido o meu sinal particular em documentos oficiais*<sup>30</sup>

Pouco depois, viria a escola, e desse período recorda a *gramática de Bento José de Oliveira, o saudoso compêndio escolar*<sup>31</sup> (fig.5), através da qual aprendeu os rudimentos da língua portuguesa no Instituto Académico<sup>32</sup> na austera companhia da palmatória do (...) professor e amigo Francisco Luís Pereira<sup>33</sup>, com quem manteria uma longa amizade, que viria a proporcionar o reencontro anos mais tarde.

Concluiu a instrução primária em 1886, ano em que é aprovado com 12 valores no exame elementar de admissão ao liceu<sup>34</sup> (fig. 6). Ainda não tinha completado 12 anos de idade, mas lembra-se bem desse dia - 13 de maio<sup>35</sup> - e da admiração que sentiu por D. Pedro V, inerte num estudo em gesso do escultor Teixeira Lopes, pai, que viu pela primeira vez, na sala da biblioteca municipal, onde prestou provas:

*desejava, intensamente possuir assim uma espada e um chapéu imbicado para dignamente comandar as minhas tropas embarretadas de papel de jornal e montadas em cabos de vassoura,*<sup>36</sup>

deixando que a imaginação o conduzisse para longe. A mesma imaginação que o fazia lembrar-se *dos lendários mouros, dos temíveis lobisomens, dos fabulosos centauros e outras figuras sinistras*<sup>37</sup> de que o avô octogenário lhe falava, *em noites tenebrosas da estação invernal*<sup>38</sup>, quando ia com os pais à Senhora dos Remédios, e se punha a olhar as monstruosas figuras de pedra, no pátio dos Reis, a jorrar água pela boca: *Largando os gigantes, punha-me a contemplar os reis bíblicos (...) pais misteriosos de princesas encantadas*<sup>39</sup> até que a sede o levasse à fonte da Cebola<sup>40</sup>.

E seria ainda a mesma proverbial imaginação a pregar-lhe, por vezes, algumas partidas:

*Lembro-me, com saudade, do tempo em que o sr. Correia tinha a sua farmácia no pavimento inferior do antigo hospital da misericórdia, hoje*

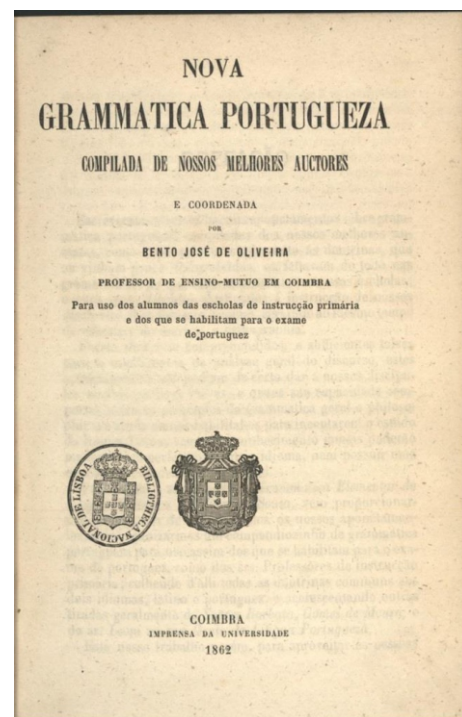


Fig. 5 | Bento José de Oliveira, *Grammatica Portugueza ... para os alumnos das escolas de instrucção primaria...*, 1862  
© Biblioteca Nacional Digital

30\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 18 de fevereiro de 1939, p. 4.

31\_ João Amaral, «As gralhas», *A Fraternidade*, 19 de janeiro de 1924, p. 1.

32\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 30 de setembro de 1944, p. 1.

33\_ João Amaral, «As gralhas», *A Fraternidade*, 19 de janeiro de 1924, p. 1.

34\_ AFBAUP. Sub-seção Secretaria, sub-sub-seção Alunos e Pensionistas. Processos individuais de alunos 1837-1911 – João Moreira Guedes do Amaral (certidão de exame de admissão ao liceu).

35\_ *Idem, ibidem*.

36\_ João Amaral, «Atribuições de uma escultura», *A Fraternidade*, 12 de janeiro de 1924, p. 1.

37\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 28 de abril de 1945, p. 1.

38\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

39\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

40\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

*transformado em lindo e elegante teatro*

(...)

*Eu ia ali, à noite, comprar para o meu pai mostarda e linhaça, transido de medo... É que no pátio do edifício havia uma porta que dava comunicação para o depósito dos mortos... e eu tinha sempre a impressão de que os defuntos vinham atrás de mim!...*

*Que horror!...*

(...)

*Depois da mostarda e da linhaça pesadas e embrulhadas, eu era forçado a passar outra vez pelo pátio*

(...)

*Lá estava a porta que comunicava com o depósito dos mortos (...) E se lá estivesse algum defunto a espreitar, à minha espera?*

(...)

*Bem; como dos fracos não resa a história, encorajava-me e, num salto decisivo, galgava o pátio e a ponte e só parava em meio do largo do Rossio.<sup>41</sup>*

Entre a escola, os passeios com os pais e o cumprimento de pequenas tarefas, eram as brincadeiras na rua com os amigos que o ocupavam, num tempo em que o jogo do *pião*, a *«roça»* e o *«toquinbóque»*, nos preocupavam mais do que os acontecimentos mundanos<sup>42</sup>. E foram vários os companheiros, a maior parte vizinhos, que viriam a tornar-se ilustres cidadãos do seu tempo, com quem se orgulhava de ter partilhado infantis brincadeiras. São disso exemplo, os irmãos mais novos do engenheiro militar e colonialista, Alfredo Augusto Lisboa de Lima (1866-1935)<sup>43</sup> (diretor das Obras Públicas da Companhia de Moçambique e, entre outros, autor do projeto do porto de Macau), que eram filhos do garboso comerciante José Maria Lima,

*típico lojista: alto, figura sinuante, à duque de Aumole ou Fernando Saxe Coburgo-Gotha, com o seu bigode e péra de antigo brigadeiro, de cor alvíssima, em cujo rosto ficavam belamente os seus óculos de ouro, a chisparem reverberações intermitentes<sup>44</sup>*

com quem brincou, juntamente com os Cid, no antigo largo do Outeiro (Brólhas)<sup>45</sup>.

Os Cid por sua vez eram filhos do engenheiro das Obras Públicas

41\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 27 de janeiro de 1940, p. 4.

42\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 5 de julho de 1939, p. 1.

43\_ Armando Rica e Fernando Cabral, *Ilustres de Lamago*, p. 105.

44\_ João Amaral, «O Dr. João de Paiva», *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, fevereiro de 1961, p. 41-43.

45\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 30 de agosto de 1941, p. 4.

Augusto Matos Cid, que além do desenho das duas torres da igreja de Nossa Senhora dos Remédios, fora o *autor de uma numerosa prole de rapazes*<sup>46</sup>.

João Amaral tinha particular estima e consideração pela família Cid, que já vinha do tempo do doutor Sobral, avô dos rapazes e sogro do conceituado engenheiro, *uma boníssima e despretensiosa figura... com predominante paixão por minismática (sic), de que era um experimentado colecionador, muito amigo de meu Pai*<sup>47</sup>.

Para a figura paternal dos Cid, habituara-se de pequeno a olhar com o mesmo respeito e veneração, com que olhará para os filhos, seus amigos de brincadeiras, muitos anos depois:

*todos inteligentes, finamente inteligentes, belos rapazes, um primor de rapaziada, hoje homens de elevada posição social, cheios de prestígio e duma elegância moral especialíssima.*<sup>48</sup>

A infância de João Amaral foi passada num espaço e num tempo marcados pelo ritmo cadenciado do calendário litúrgico, cujas celebrações, vividas com particular intensidade, eram das raras alturas em que a habitual pacatez se quebrava.

E com que nitidez João Amaral recorda o ambiente que se vivia nessas ocasiões, que testemunhou através dos seus olhitos embasbacados de criança ou em que ativamente participou. São prodigiosas as suas descrições das solenidades da Semana Santa - época em que ele e os amigos não jogavam *nem à roça nem ao pião, por ser pecado perfurar a terra de Deus, que nesses dias estava santificada e, por isso, inviolável aos desrespeitos dos nossos brinquedos*<sup>49</sup> e em que *as casas de espetáculo, de recreio e até os lupanares fechavam as suas portas*<sup>50</sup>, da procissão das Lanternas do Senhor dos Passos<sup>51</sup> e da de Cinzas, de que se lembrava incluir uma representação macabra do terrível e sangrento episódio dos Mártires de Marrocos<sup>52</sup>. Seguia-se a celebração do Corpo de Deus, cuja procissão via sair da porta principal da Sé<sup>53</sup> e, por fim, pela altura do Natal, assistia às novenas do Menino Deus. Impossível, neste caso, não sermos levados pelas palavras do próprio, num emocionante texto, assoberbado de sensações de que, inevitavelmente, nos tornamos cúmplices:

*Aos primeiros acordes badalares do maestrino Nécha, em cujo teclado*

46\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 9 de julho de 1938, p. 4.

47\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

48\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

Um dos filhos do engenheiro Augusto Matos Cid foi o psiquiatra e professor José de Matos Sobral Cid (1877-1941), pioneiro da Psicopatologia clínica e forense em Portugal, foi ministro da Instrução Pública, em 1914. (cf. Armando Rica e Fernando Cabral, obra citada., p. 124).

49\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 1 de abril de 1944, p. 4.

50\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

51\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 6 de março de 1943, p. 1.

52\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 18 de setembro de 1943, p. 1.

53\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 17 de dezembro 1938, p. 1.

*figuravam os sinos de Santa Bárbara, S. Marcos, S. João e de outros sinos apadrinhados por nomes que engrinaldam o celeste império, rompia a rapaziada inquieta, ruas fora, agitando nervosamente as suas campainhas, para acordar os retardatários, e chamando em alta gritaria:*

*- Ó João! Ó Manuel! Ó Joaquim! Ó Inácio!...*

*À maneira que os rapazes se agrupavam, caminhando sempre porque o frio era terrível nesse tempo... caminhando sempre, dizia, cantarolavam:*

*Venham à novena do menino Deus,*

*Venham, venham, venham por Amor de Deus*

*Quem não quiser vir deitar-se a dormir*

*Quem não quiser andar torne se a deitar*

*...*

*Às vezes, para variar, largávamos destas:*

*Venham à novena do menino Deus,*

*Vamos aos bolos quentes,*

*A casa do Mateus*

*Ao terceiro toque dos sinos, entrávamos pela Sé dentro, à bicha, rodeando, garotamente, os pilares do escurecido templo, com a indignação dos fiéis atentos, nomeadamente da Senhora D. Ana do Aljube, que nos prometia nozes, figos secos e castanhas piladas, «se nos portássemos com respeito dentro da casa de Deus».*

*...*

*As nossas diabruras exasperavam o guarda da Sé – o bom e típico Francisco Cardoso, o marido exemplar da Senhora Carlotinha, que nos vendia os rebuçados do convento das Recolhidas, e dava sempre mais um, dizendo bondosamente: - «Este é para o moço».*

*...*

*E as nozes, os figos secos e as castanhas piladas da Senhora D. Ana do Aljube?*

*Não faltavam. Finda a novena, a veneranda protectora dos nossos jejuns, aparecia à janela de sua casa, que era ali, em frente da porta travessa da Sé, à esquina da rua Direita, prédio desaparecido por um*

*incêndio. E então, lá das alturas de um segundo andar, choviam das mãos da nossa benfeitora os preciosos frutos que sobre as nossas cabeças davam a impressão duma impiedosa saraivada.*

*Ela e os circundantes riam a bandeiras despregadas, em face das cambalhotas e trambolhões que a rapaziada dava na disputa de maior maquia.*<sup>54</sup>

Inesquecível, não só para João Amaral, mas também para a Lamego da sua meninice, foi a visita real de D. Luís I e dona Maria Pia, acompanhados do príncipe D. Carlos, do infante D. Afonso e dos ministros Fontes Pereira de Melo e Hintze Ribeiro, corria o ano de 1882<sup>55</sup>.

É muito curioso que, já nessa altura, com apenas 8 anos de idade, tivesse retido com particular acuidade os preparativos da visita real e da respetiva cenografia, de cujos segredos se viria a tornar um hábil conhecedor em adulto, e que mais tarde relataria:

*A pequenada do meu tempo regorgitava de alegria ao ver preparar os arcos triunfais e as respectivas ornamentações, que davam às ruas o ar solene das grandes e entusiásticas festas, tam apetecidas e saboreadas pelo nosso povo.*

*A minha rua armou também o arco. Pinheiros ao alto, formando pilares, que a lona guarnecera e o pincel de José de Vasconcelos (cabeça romântica de cabelos flutuantes) decorara a largas pinceladas de cola policromada.*<sup>56</sup>

A sensação de ver os reis ao vivo, muito lindos e muitos louros<sup>57</sup>, que só conhecia dos retratos impressos nas caixas de fósforos de luxo<sup>58</sup>, é lembrada por João Amaral como uma das experiências mais emocionantes da sua infância.

*E depois, o que era mais, muito mais palpitante, infinitamente mais assombroso (...) era a sensação, a grande sensação de vermos, em carne e osso, as figuras, para nós mais que olímpicas, de Suas Majestades!*<sup>59</sup>

Não sabia, nesse tempo, que voltaria a cruzar-se com D. Carlos, já não

54\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 2 de janeiro de 1943, p. 1-2.

55\_ João Amaral escreveria por mais do que uma ocasião sobre a visita real de 1882 a Lamego. Em 1936, no semanário *Voz de Lamego* (18 de janeiro de 1936, p.4) - que seria reeditado, a título póstumo, pelo *Boletim da Casa Regional da Beira Douro* em 1970 (maio de 1970, pp. 149-141) -, e em 1949 no *Boletim da Casa do Douro* (setembro 1949, p. 283-285).

56\_ João Amaral, «Notícias do passado», *Voz de Lamego*. «Voz de Lamego», 18 de janeiro de 1936, p.4.

José de Vasconcelos (f. 1926) pertencia à família da Casa do Espírito Santo, em Lamego. Foi um distinto jornalista e professor. Amante das belas-artes, cultivou a pintura como amador (cf. «José de Vasconcelos». *A Fraternidade*, 23 de janeiro de 1926, p. 1.)

Foi pai do Dr. Vasco de Vasconcelos e de Assunção Vasconcelos, e muito provavelmente, também de Sara de Jesus [Vasconcelos], que viria a ser mulher de João Amaral (vide p. 50, nota 145).

57\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

58\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

59\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

como príncipe, mas como rei, por ocasião da visita do monarca ao Porto, em 1891. Assim como não poderia adivinhar o distanciamento e o tom crítico, com que o veria pela segunda vez. Por essa altura, João Amaral seria já um convicto republicano, que desde cedo se acostumara a conviver com os seus ideais.

Era ainda muito novo quando começa a frequentar as reuniões do partido Progressista, que se realizavam na casa do deão Roseira<sup>60</sup>, num tempo de acesas discussões políticas entre os dois partidos que alternavam no poder: o partido Regenerador, mais conservador, e o partido Progressista, liberal e reformador, que não poupava duras críticas à monarquia.

O rotativismo partidário (1876-1900) da capital encontrava eco na província, onde os militantes dos dois partidos se digladiavam pelo domínio da administração concelhia, através da propaganda que os respetivos órgãos de imprensa se encarregavam de trazer a público. Em Lamego, por essa altura, publicavam-se dois jornais políticos, *O Povo*, do partido Progressista e o *Beira e Douro*, do Regenerador<sup>61</sup>, que, com grande agressividade, travavam contundentes batalhas verbais.

*o que alvoraçava a pacatez proverbial do burgo lamecense, mais propenso ao refazimento resultante de uma boa sesta, após uma fritangada de presunto com ovos, regado a preceito com o maduro do Sardão, ou com a jeropiga do Mitra, do que para se aguerrilhar em contendas desperdiçadoras de tempo e de feito.*<sup>62</sup>

Menos atreito à aparente passividade dos conterrâneos nessa matéria, João Amaral participava na vida política local, *Á volta de franca e farta mesa das abundantes ceias*<sup>63</sup>, onde *os cigarros se perdiam*<sup>64</sup>, escrevendo gazetilhas, que enviava aos correligionários de Castro Daire, a comentar as reuniões na casa das Lages<sup>65</sup>, onde, por vezes, aparecia José Maria Alpoim (n. Mesão Frio, 1958 – Lisboa, 1916), político e jornalista brilhante, de quem apreciava a rara inteligência e capacidade de oratória<sup>66</sup>.

60\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 15 de janeiro de 1944, p. 1.

O Deão Roseira, Manuel António Lopes Roseira (n.1829, Covas do Douro, Sabrosa – 1907, Lamego), foi o primeiro Reitor do Liceu de Lamego e fundador, com o seu irmão António Joaquim, do Colégio de Lamego. Arcipreste da Sé de Lamego e mais tarde deão sucedeu, em 1889, Cassiano Neves na liderança do partido Progressista que ajudou a fundar em Lamego. (cf. Armando Rica e Fernando Cabral, *ob. cit.*, p. 74; Pe. Jorge Ferreira, *Colégio de Lamego Oficial da Ordem de Instrução Pública. Sua vida e ação*, p. 26).

61\_ João Amaral, «Versos a um nariz», *Varanda do Douro*, novembro de 1954, p. 1

62\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

63\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 15 de janeiro de 1944, p. 1.

64\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

65\_ *Idem, ibidem*, p.1.

66\_ *Idem, ibidem*, p.1.

No Porto (1887-1898)



Fig. 6 | Retrato fotográfico de João Amaral, oferecido ao amigo Olímpio Castelo Branco, 1893. Coleção Dona Fernanda Amaral e José Fernando Amaral.

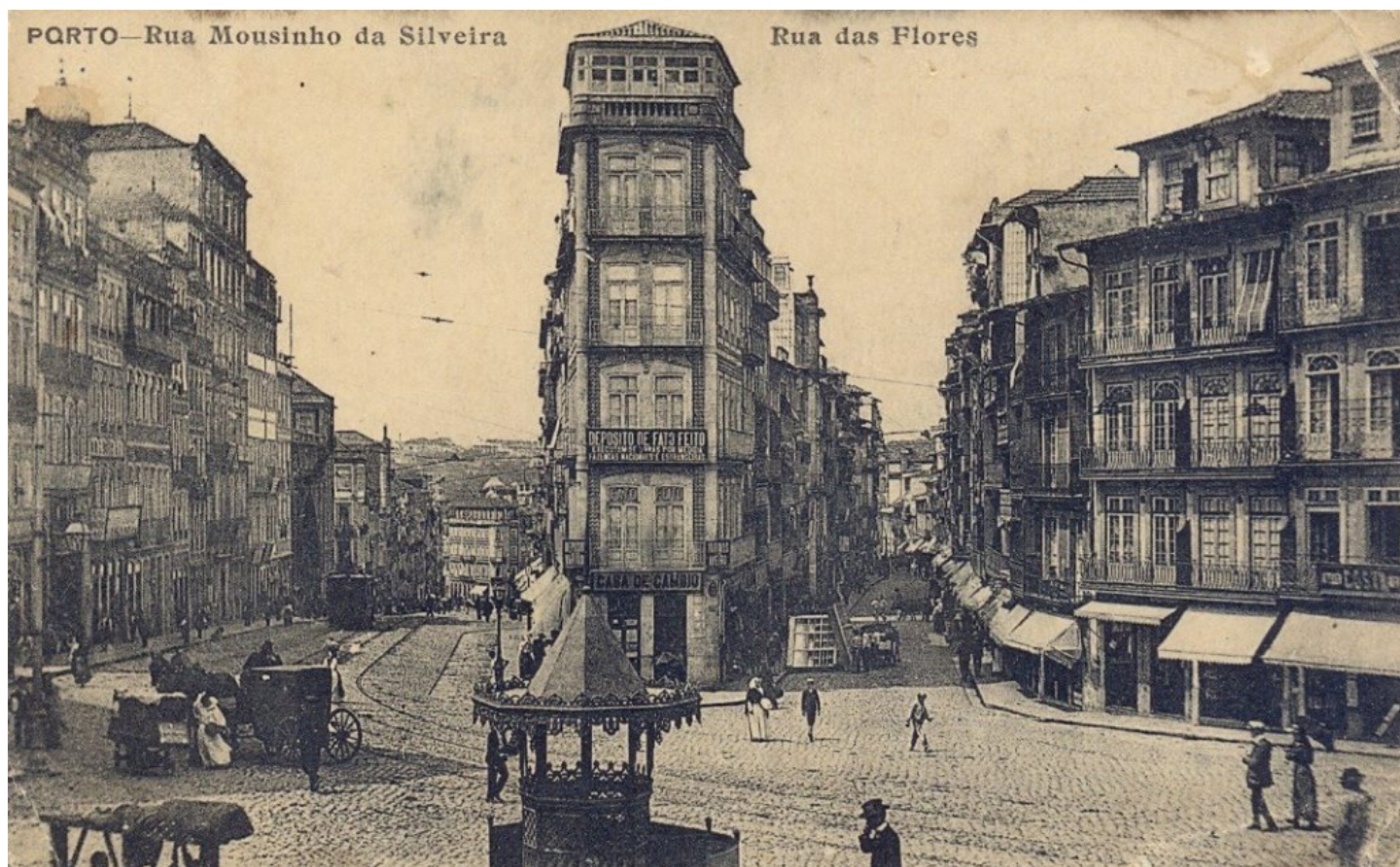


Fig. 7 | Postal antigo. À direita, o 4.º prédio correspondia ao n.º 295, da rua das Flores, para onde João Amaral foi viver com o irmão, aí estabelecido com uma ourivesaria.

*no ano da graça de 1887 fui para o Pôrto em debanda da estrela que me havia de guiar os passos pela vida fora<sup>67</sup>*

A vocação que João Amaral revelou desde cedo para o desenho, a ponto de aos 12 anos já lhe encomendarem retratos a carvão e *crayon*, levaram-no ao Porto, onde aspirava tornar-se artista<sup>68</sup>.

Aí viverá cerca de 11 anos, entre os 13 e os 24 anos de idade, durante os quais adquire a formação artística e molda a sua personalidade vincada, com repercussões que naturalmente o acompanharão por toda a vida. Não será por acaso que, num regresso ao Porto, já idoso, a cidade continue a merecer-lhe um afeto muito especial:

*Eu devo à cidade do Porto muita gratidão. Foi nela que recebi a minha modesta educação artística e literária, e nela se deu a formação apoucada do meu espírito.<sup>69</sup>*

Em face da documentação que conhecemos poder-se-ão distinguir duas fases na sua permanência no Porto. A primeira, com a duração de

67\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 30 de dezembro de 1944, p. 1 e 4.

68\_ APJA. Luíz Amaral, *Resumo da biografia de João Amaral*, p. 1. Agradecemos a João Alcino Paula Amaral, neto de João Amaral, a generosidade e confiança que depositou em nós, facultando-nos diversa documentação inédita.

69\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 8 de julho de 1944, p.1-2.

cinco anos, de 1887 a 1892, período entre a ida para o Porto e o início da sua formação na Escola de Belas-Artes. Corresponde a uma fase nebulosa, que se mantém praticamente desconhecida, pelo menos até 1891. A segunda coincide muito provavelmente com um dos períodos mais promissores da vida de João Amaral. Inicia-se em 1892 e prolonga-se até 1898-99, quando regressa definitivamente a Lamego.

Quando vai para o Porto, em 1887, já aí vivia o irmão mais velho, Manoel, estabelecido com uma ourivesaria, no n.º 295, da rua das Flores<sup>70</sup> (fig. 7), para onde terá ido viver e trabalhar como *lavrante* de ourives<sup>71</sup>.

Atendendo à quase completa ausência de referências sobre esse período da sua vida, depreendemos que não devem ter sido fáceis os primeiros tempos que passou no Porto ou, pelo menos, que não lhe terão deixado memórias que valessem a pena ser partilhadas com os leitores das suas crónicas.

Só o voltaremos a reencontrar em 1891, no ano em que o irmão Manoel casa com Angélica Maria d'Almeida Castelo Branco (n. 1872) (fig. 8), filha de Manuel Dias d'Almeida Castelo Branco, um próspero proprietário de Mafamufe (Vila Nova de Gaia), muito bem relacionado com a elite financeira, comercial e política do Porto e Gaia, que teve como uma das principais preocupações a educação e formação dos seus 12 filhos.<sup>72</sup> João Amaral torna-se amigo de dois deles, Emílio Manuel e Olímpio<sup>73</sup>, numa altura em que a relação com o irmão se torna cada vez mais tensa, devido, ao que parece, Manoel não ver com bons olhos o rumo que o irmão desejava seguir. Com efeito, nesse ano, e sem o conhecimento do irmão, começa a assistir como ouvinte às aulas nas Belas Artes<sup>74</sup>, iniciando igualmente o seu *Álbum de Serões*, caderno onde reúne os primeiros desenhos e caricaturas, que dedica ao irmão Luíz. Acaba por abandonar a casa de Manoel e Angélica e, juntamente com alguns amigos<sup>75</sup>, vai viver modestamente numa casa arrendada, onde *montam uma república, à maneira de estudantes*<sup>76</sup>.

Pese embora a ingenuidade e o carácter impessoal de que se revestem muitas das ilustrações que o preenchem, o seu *Álbum de Serões* (cat. 3)



Fig. 8 | Retrato fotográfico do casamento de Angélica Castelo Branco e Manoel Moreira Guedes do Amaral, 1891. Coleção Dona Fernanda Amaral e José Fernando Amaral.

70\_ APFAJFA. Participação de casamento: Manoel Moreira Guedes do Amaral e Angélica Maria d'Almeida Castelo Branco, 1891.

Expressamos a nossa gratidão à Dona Fernanda Amaral e a seu primo, António Castelo Branco Graça, pela disponibilidade, entusiasmo e generosidade demonstrados no decurso da investigação que realizámos no arquivo particular da família.

71\_ APJA. Luíz Amaral, obra citada, p. 2.

72\_ Emílio Castelo Branco, «Emílio Castelo Branco», *O Tripeiro*, outubro de 1955, p.182-183.

73\_ João Amaral. Notas autobiográficas manuscritas no verso de um desenho de autorretrato, 1893. Espólio de João Amaral (*vide* cat. 7).

74\_ Espólio privado de João Amaral, *ob. cit.*, p.1.

75\_ *Idem, ibidem*, p.2.

76\_ *Idem, ibidem*, p.2.



Fig. 9 | João Amaral, «Viva Bordalo Pinheiro O Rei da caricatura» *Álbum de Serões*, 1891-92. Museu de Lamego.

constitui um retrato do Porto e de si próprio, elaborado quando tinha entre os 17 e os 18 anos de idade.

Com o sentido de humor, perspicácia e espírito mordaz que viriam a caraterizar a sua ulterior obra no campo da caricatura e do retrato, e revelando já a influência determinante do *mestre* Rafael Bordalo Pinheiro, seja através de alusões diretas ao «Rei da caricatura» ou à figura do «Zé Povinho», (fig. 9), seja citando o semanário humorístico *Pontos nos ii*<sup>77</sup> (figs. 10 e 11), João Amaral informa-nos sobre a situação política e a sociedade portuense da época, intercalada com episódios da sua vida pessoal.

A revolta republicana que eclodiu no Porto, em 31 de janeiro de 1891 (fig. 12) e a visita do rei D. Carlos à cidade em novembro desse ano, pouco depois da tentativa de golpe (fig. 13), são exemplo de dois importantes acontecimentos na vida política nacional, dos quais João Amaral nos deixa o testemunho de quem os viveu de perto. Com apurada ironia, revela-nos, igualmente, algumas das figuras-tipo de uma sociedade dividida entre monárquicos e republicanos, mas essencialmente burguesa e liberal, nos seus *homens-de-negócios*, nos ingleses e as suas *libras estrelinas*, nos seus artistas e intelectuais, nos comerciantes, nos caixeiros, mas também nos seus cónegos, nos campónios, nos guardas, nos *guitas* e nas *sapeiras*, denunciando-lhes os vícios e trejeitos. Mas nem só as pessoas despertavam o seu interesse. Estava também atento aos sinais de progresso, que pululavam por toda a parte, numa cidade que vivia um surto de grande desenvolvimento, desde os *Americanos* (as carruagens de tração animal sobre carris, que antecederam o elétrico) ao marco do correio, passando pelas últimas descobertas de Emílio Biel no campo da fotografia (fig. 14), tudo ia registando afincadamente no seu *Álbum*.

77\_ Semanário humorístico dirigido e ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro, publicado entre 1885 e 1891.



Fig. 10 | Rafael e Gustavo Bordalo Pinheiro, *Pontos nos II*, 13 de janeiro de 1891, p. 25. © Hemeroteca Digital de Lisboa

Fig. 11 | Ilustração de João Amaral, *Álbum de Serões*, 1891-92.



Figs 12 e 13 | João Amaral, «Antes de revolta. Depois da revolta» e «A proposito da vizita de SS MM ao Porto», *Álbum de Serões*, 1891-92.

# RETRATOS TIRADOS A GAZ

PAROQUIA DO COMPTON



São uns retratos muito nitidos, com a maior das perfeições aperfeiçoadas ~~em~~ n'este pair da bella pinga. O senhor Emílio Biel descobriu uns tirados a luz electrica, e nós como tam- bem pescamos algu- ma coisa d'esses assumptos dese-

vimos os do gaz proprios para os theatros. Este que os leitores veem é o senhor quadrado, que na occasião se achava no theatro chalet, e como nós achamos que



era uma posição interessante o retratamos emedia- tamente.

João Amaral

Fig. 14 | João Amaral, «Retratos tirados a gaz», Álbum de Serões, 1891-92

João Amaral era por esta altura um modesto caixeiro<sup>78</sup>, aspirante a artista nas horas de ócio e lazer, que ia sentindo o pulsar da cidade nas deambulações pelos cafés e teatros, espaços por excelência onde toda a sociedade se via e reunia<sup>79</sup>.

A quantidade de ilustrações do *Álbum* alusivas às artes cénicas revela que deve ter começado a ser um assíduo frequentador de salas de espetáculo, dando origem à forte ligação que manterá durante muitos anos com o Teatro, com o qual, por uma infeliz ironia, teve dos primeiros contactos, através de uma tragédia que comoveu o país: o terrível incêndio que devorou o Teatro Baquet na noite de 20 de março de 1888, causando mais de uma centena de vítimas<sup>80</sup>. No dia seguinte à catástrofe, João Amaral assistiu horrorizado às *cenar comovedoras e arrepiantes que algumas vítimas do incêndio carbonizadas e mantendo ainda as posições aflitivas da sua agonia, ofereciam à contemplação*<sup>81</sup>.

É muito significativo que logo na página imediata ao frontispício do seu *Álbum*, João Amaral desenhe o retrato do escritor e cronista Júlio César Machado (1835-1890), figura cimeira do teatro da segunda metade do século XIX, como autor de folhetins, tradutor, dramaturgo, biógrafo e crítico<sup>82</sup>, de quem era, por certo, admirador. No interior, sucedem-se pequenos apontamentos em desenho, que fixam os nomes das salas de teatro por onde passou, o teatro lírico Real Teatro de S. João, na praça da Batalha, o Chalet, demolido em 1898 para a construção da estação de comboios da Trindade e o Teatro-Circo, na rua de Santo António; ou o nome de atores em plena atuação, como o prestidigitador António Luís Correia Chaves, que abrilhantou um *excelente espectáculo no teatro Borges d'Avellar*<sup>83</sup>, e pequenas curiosidades entre a plateia, onde era frequente ver os amigos Serafim (da Cruz Mimoso)<sup>84</sup>, os irmãos Castelo Branco e o anónimo *Quadrado*, a quem apelidava de *bombo da festa*<sup>85</sup>.

De entre o seu círculo mais próximo, de que faziam também parte o Inácio, o Nóbrega, o Fortunato... - João Amaral tinha particular admiração por Manuel Emílio Castelo Branco, retratando-o medalhado e acompanhado da divisa «Coragem, Moralidade e Pátria» e duas espadas em aspa<sup>86</sup>, certamente em homenagem às conquistas obtidas pelo amigo na

78\_ O *Álbum de Serões* inclui um desenho intitulado «O Senhor Roque e o Seu Novo Caixeiro», em que João Amaral dá os parabéns em verso, a um novo colega: *Eras botem marçano/ E hoje já és caixeiro / Eras bontem depenado/ E hoje já tens dinheiro.* (AML. *Álbum de Serões*, inv. 2447).

79\_ Daniel Rodrigues Micaelo Rosa, *O Bairro Teatral: recreio da vida portuense*, p. 14.

80\_ Instituto Camões, Teatro Baquet [em linha: <http://cvc.instituto-camoes.pt/teatro-em-portugal-espacos/teatro-baquet.html#VnHNvEqLTIIV,24-06-2017>].

81\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 11 de março de 1944, p. 1.

82\_ Licínia Rodrigues Ferreira, *Júlio César Machado Cronista de Teatro. Os Folhetins d'A Revolução de Setembro e o Diário de Notícias*, p. 1.

83\_ João Amaral, *Álbum de Serões*, p. 26.

84\_ Serafim da Cruz Mimoso será recordado muito mais tarde como “o das velhas cançonetas”, na crónica os *Especialistas* da série *Os Meus Domingos* de André Francisco Brun, 1923. [em linha: <http://aviagemdosargonautas.net/2015/01/04/os-meus-domingos-os-especialistas-por-andre-brun-2/>, 17-12-2015].

85\_ João Amaral, *Álbum de Serões*, 1891.

86\_ *Idem, ibidem*.

esgrima, modalidade a que se dedicava no Ginásio Lauret e Sala de Armas<sup>87</sup>, na rua do Laranjal, atestando a esmerada educação que haviam recebido os filhos de Manuel Castelo Branco (fig. 15). Já o *Quadrado*, de quem se desconhece a identidade, era alvo da sua animosidade e antipatia, sendo em tom pejorativo que o representa em inúmeras ocasiões.

Uns e outros todos devem ter sido companheiros de sonhos, ambições e... teatradas. Meio século depois, João Amaral recordará os tempos em que ajudou a instalar, na avenida Saraiva de Carvalho, o Teatrinho da Sociedade Dramática Comércio e Indústria<sup>88</sup>, e de aí ter representado o papel de Lourenço na comédia *Os Médicos*<sup>89</sup>, de autoria de Aristides Abranches. Afonso Taveira, empresário do antigo Teatro Príncipe Real, gostou de tal modo do seu desempenho, que o convidou para assinar contrato com a sua companhia, o que não aceitou por sentir *horror pela intrigalhada de bastidores*<sup>90</sup>. Da sua efémera carreira enquanto ator-amador fariam também parte o monólogo *Os Descuidos*, que recitou várias vezes, aparecendo

*em cena com os suspensórios caídos pelas pernas abaixo, calçando uma bota e um sapato, com o colete vestido por cima do casaco e na cabeça um chapéu de senhora, colocado às avessas...*<sup>91</sup>,

e os papéis que desempenharia, já em Lamego, na comédia *Amanhã vou Pedir-lá*, em que manteve o auditório em *hilariedade geral, permanente e interminável*<sup>92</sup>, e o do sacristão Anastácio, no drama *Segredo do pescador*, do escritor Baptista Diniz, que representou em 1907, no Theatro Lamecense<sup>93</sup>.

As últimas páginas do *Álbum* são as que possuem um registo mais pessoal e as que revelam nunca ter perdido os afetos que o ligavam às raízes: *A Minha Viagem* (cat.3) ilustra, ao longo de oito páginas, um regresso a Lamego, no Natal de 1891. Numa linguagem elementar e sem grandes primores técnicos, do conjunto retém-se, pela sua incongruência, o desenho em que se representa ao chegar ao Porto, depois da viagem: de capa esvoaçante e chapéu de abas, com uma mala numa mão e, na outra, uma trouxa; ao lado, a torre dos Clérigos. Uma figura provinciana, com ar desafiador e pose de herói, acompanhada da expressiva legenda: *regressamos*

87\_ Manuel António Graça, *Crónica da família Castelo Branco (1818/2005)*, [em linha: <https://cronicadafamilia.wordpress.com/2011/10/23/cronica-da-familia-castelo-branco-18182005-2/> (2015-12-10)].  
88\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 29 de abril de 1944, p.1.  
89\_ *Idem, ibidem*, p.1.  
90\_ *Idem, ibidem*, p.1.  
91\_ João Amaral, «Os Descuidos», *Varanda do Douro*, março de 1955, p. 1.  
92\_ Emília de Sousa Costa, «A Casa Regional da Beira Douro. Regionalismo Dúrio-Beirão», *Beiradouro*, 1 de julho de 1944, p. 2.  
93\_ AML. *Récita de gala em comemoração ao dia 1.º de Dezembro de 1640*. Lamego, Theatro Lamecense, 1907 (folheto), inv. 4873/5, n.º 60.

*a invicta de perfeita saude graças a Um.*

No último desenho do caderno autorrepresenta-se como um celebrado pintor, no interior de uma paleta (**fig. 16**), de forma mais cuidada e elaborada, comparando com o anterior autorretrato. Uma honra semelhante só lhe tinha merecido, numa outra página, o pintor, arquiteto e professor de desenho Joaquim Marques Guimarães (1857-1937), que viria a ser medalha de ouro no II Salão Nacional de Belas-Artes do Rio de Janeiro, em 1895<sup>94</sup>.

Findo o *Álbum de Serões*, inicia-se um novo ciclo na vida de João Amaral.

94\_ «Exposição Geral de Belas Artes (2:1895:Rio de Janeiro)», *Enciclopédia Itaú Cultural* [em linha]: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento80469/exposicao-geral-de-belas-artes-2-1895-rio-de-janeiro-rj>, 21-12-2015).



Fig. 15 | João Amaral, «Emílio Castello Branco», *Álbum de Serões*, 1891.

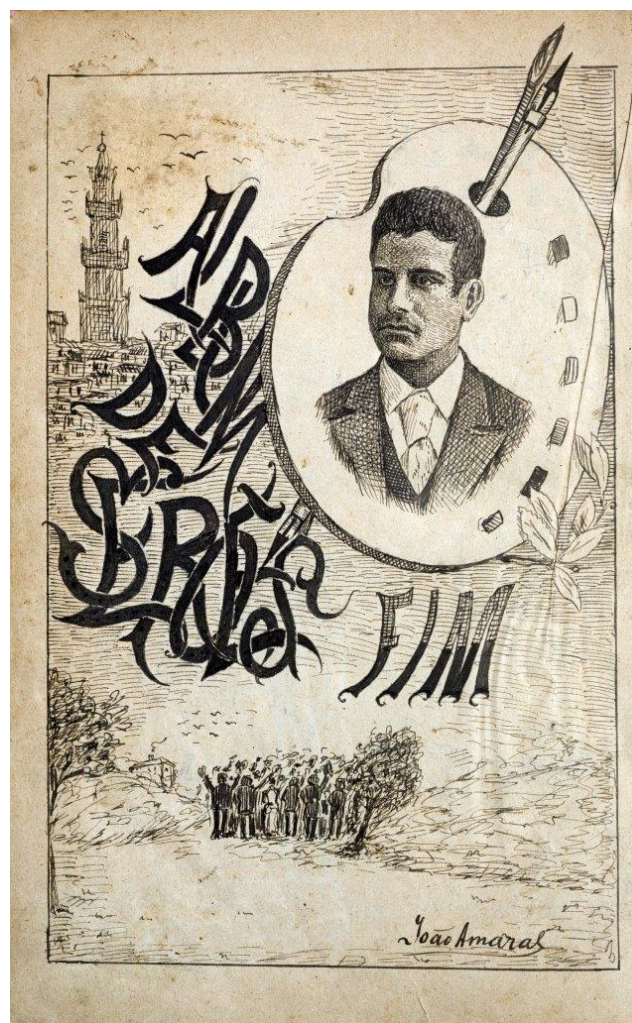


Fig. 16 | João Amaral, «Serões Fim», *Álbum de Serões*, 1891-92

*Os grandes artistas principiam do nada.*

*Por isso faço votos para que sempre vá subindo para a sciencia que principiou por tam pouco e já hoje tem um nome tam illustre*<sup>95</sup>.

Em outubro de 1892, matricula-se no 1.º ano do curso de Desenho Histórico na Escola de Belas-Artes do Porto<sup>96</sup>, como aluno do mestre Marques de Oliveira, que em 1881 sucedera na regência da cadeira ao pintor e seu antigo professor, Tadeu de Almeida Furtado<sup>97</sup>.

Considerado um dos melhores pintores naturalistas do seu tempo, João Marques da Silva Oliveira (1853-1927) estudou na Academia de Belas Artes do Porto, onde ingressou aos 12 anos, e depois em Paris, como bolseiro, na Escola Nacional de Belas Artes. Aí estudou Pintura Histórica com dois dos mais importantes representantes do academismo pictórico francês do Segundo Império (1852-1870), Alexandre Cabanel (1823-1889) e Adophe Yvon (1817-1893). Paralelamente, e em contraste com o formalismo da Academia, teve contactos com outras correntes estéticas, quer através das viagens de estudo que realizou à Bélgica, Holanda, Inglaterra e Itália, quer através de ligações com o realismo dos pintores da escola de Barbizon<sup>98</sup>, precursora do impressionismo, que privilegiava a pintura a partir da observação e estudo direto da natureza.

Desenhador exímio (cat. 17 e 18) e com uma obra que denuncia a dificuldade em se libertar do academismo e do gosto neoclássico adquiridos durante a aprendizagem na academia parisiense<sup>99</sup>, a sua atividade docente seria marcada pela influência dos realistas, iniciando os alunos no naturalismo, com sessões que privilegiavam o contacto com a natureza e insistindo na qualidade do desenho como base de execução de qualquer obra<sup>100</sup>.

Estranhamente, e excetuando pequenas notas, João Amaral não deixou memórias escritas sobre a sua passagem pela Escola de Belas-Artes. Numa menciona *as aulas da Academia, onde o esperavam as lições do Mestre Marques de Oliveira*<sup>101</sup>; em outra refere-se a Francisco Azeredo, conde de Samodães, e inspetor da Academia durante 40 anos, por lhe ter entregue *um improvífico diploma de honra*<sup>102</sup>, como regista mais tarde; e por fim, num outro

95\_ Emílio Castelo Branco, in *Álbum de Serões*. 24 de janeiro de 1893.

96\_ AFBAUP. Sub-secção Secretaria, sub-sub-secção Alunos e Pensionistas. Processos individuais de alunos 1837-1911 – João Moreira Guedes do Amaral (requerimento e autorização de matrícula no 1.º ano, 17 de outubro de 1892).

97\_ Museu Nacional Soares dos Reis, *João Marques da Silva Oliveira* [em linha:

[98\\_ \*Idem, ibidem\*.](http://www.museusoaresdosreis.pt/ptPT/colecao/autoresepresentados/ContentDetail.aspx?id=263, 18-12-2015].</a></p></div><div data-bbox=)

99\_ Ana Lopes, «Os Retratos de Impressão de Marques de Oliveira: uma Abordagem Estética, Técnica e Conservativa de Três Pinturas a Óleo sobre Suporte Celulósico», in *Através da Pintura: Olhares sobre a Matéria. Estudos sobre Pintores do Norte de Portugal*, Porto, 2007, p. 153.

100\_ Museu Nacional Soares dos Reis, *João Marques da Silva Oliveira*...

101\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 8 de julho de 1944, p. 1.

102\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 21 de novembro de 1936, p. 1.

apontamento, refere o artista-decorador Grilo, seu condiscípulo<sup>-103</sup>, a propósito das pinturas decorativas que realizou para o teto do corpo principal da igreja de Santa Cruz (Lamego)<sup>-104</sup>.

Todos os cursos ministrados nessa época na Escola Portuense de Belas Artes, Arquitetura Civil, Escultura, Pintura Histórica e Desenho Histórico tinham a duração de cinco anos<sup>-105</sup>. João Amaral concluiu apenas o 2.º ano de Desenho Histórico<sup>-106</sup>, embora do seu processo individual de aluno constem duas matrículas no 3.º ano (em 1894 e 1895)<sup>-107</sup>.

103\_ João Amaral poderá ter confundido o nome do autor das pinturas com o da condiscípula Alice Grillo (1870-1945), que, com efeito, foi aluna de Desenho Histórico, na Escola Portuense de Belas-Artes entre 1889 e 1893. Da mesma altura, não se conhece nenhum indivíduo de sexo masculino, com o apelido Grilo, que tenha frequentado a Escola (AFBAUP. Inventário Alumni, 1836-1957).

104\_ João Amaral, «Algumas achegas para a história da Irmandade de N. S. da Conceição instituída em Lamego no ano de 1870», *Varanda do Douro*, 29 de agosto de 1952, p.3. Mais tarde, João Amaral não deixaria de criticar a decoração: “essas pinturas, aliás de vistosos e berrantes efeitos decorativos, não encontram aqui ambiente adequado. É um grito estridente a ferir a contemplativa misticidade do templo. (João Amaral, *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*, p.35).

105\_AFBAUP. Escola Portuense de Bellas-Artes. Programas dos cursos (cota80).

106\_ AFBAUP. Inventário Alumni (1836-1957).

107\_ AFBAUP. Sub-secção Secretaria, sub-sub-secção Alunos e Pensionistas. Processos individuais de alunos 1837-1911 – João Moreira Guedes do Amaral.

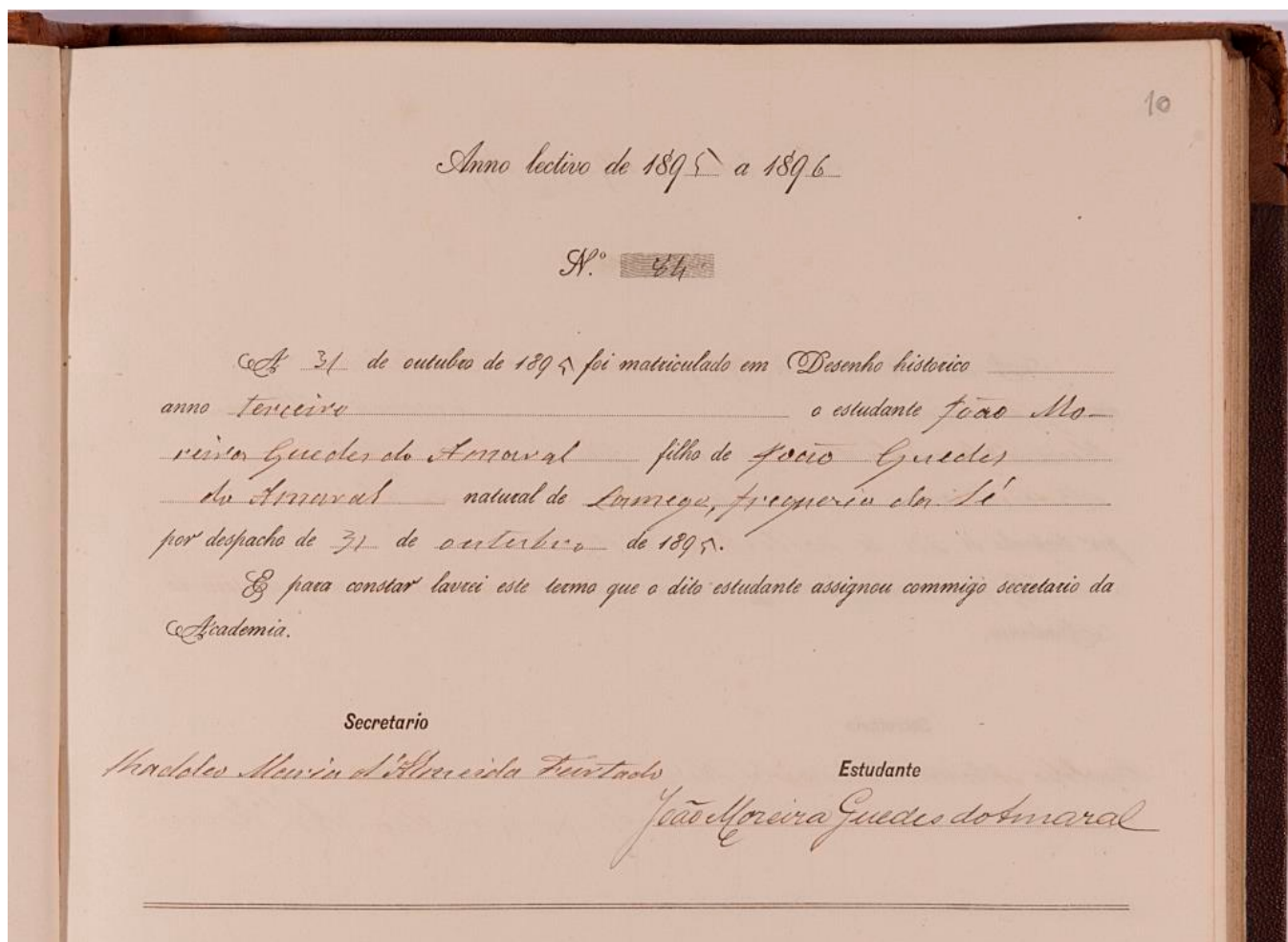


Fig. 17 | Registo de matrícula de João Amaral, no 3.º ano de Desenho Histórico (1895-96). Livro de Matrículas, n.º 163. AFBAUP. © Imagem cedida por cortesia do AFBAUP.



Fig. 18 | Retrato fotográfico de Marques de Oliveira e discípulos na Academia Portuense de Belas-Artes. Sentadas, da direita para a esquerda, Sofia e Aurélia de Sousa. 1893-1894. © Coleção Câmara Municipal do Porto | Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio.

Apesar de não serem conhecidas as circunstâncias que o levaram a abandonar o curso, a sua decisão é surpreendente, tendo em conta o resultado obtido no exame final do 1.º ano, que lhe valeu a distinção de participar na exposição anual dos melhores trabalhos escolares dos alunos, e a atribuição do já referido diploma, por parte do conde de Samodães<sup>108</sup> (fig 19).

Do exame constavam a elaboração de um desenho de contorno de uma figura de corpo inteiro copiada de uma estampa, e outro de contorno de uma cabeça, copiada do gesso, com indicação de sombras<sup>109</sup>.

João Amaral obteve o segundo melhor resultado desse ano, *ex-aequo* com Sofia Martins de Souza (1870-1960), sendo apenas ultrapassado por dois condiscípulos, ambos com a mesma nota, que viriam a fazer percursos

108\_ *Catálogo da Exposição dos Trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1893 e distribuição dos respetivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira, 1894.

109\_ *Idem, ibidem*, p. 3.

Infelizmente nenhum dos trabalhos de João Amaral apresentados na exposição se conserva no acervo do Museu da Faculdade de Belas-Artes do Porto.

notáveis: Acácio Lino de Magalhães (1878-1956), que terminou com distinção os quatro cursos das Belas-Artes, e que após o falecimento do escultor Teixeira Lopes, o substituiu na direção da Escola, e a renomada pintora Aurélia de Souza<sup>110</sup> (1866-1922), irmã de Sofia e a única mulher a figurar na galeria dos grandes pintores portugueses da segunda metade do século XIX, a par de nomes como o do mestre, Marques de Oliveira, de Henrique Pousão ou de António Carneiro<sup>111</sup>.

Pela mesma altura, João Amaral estreia-se como ilustrador no número 1 da revista semanal ilustrada *Galeria Portuguesa*, que se publicou no Porto, aos domingos, entre 1892/93. Fundado e dirigido pelo escritor e jornalista Alberto Bessa (Porto, 1861-Lisboa, 1938)<sup>112</sup>, o semanário humorístico - por ser esse o estilo que mais lhe estava *na massa do sangue*<sup>113</sup> e o que mais convinha a *uma revista moderna*<sup>114</sup> - refletia igualmente os interesses do jornalista, também autor de teatro, poesia e opereta<sup>115</sup>. Se a estes ingredientes acrescentarmos a influência decisiva do semanário *Pontos nos ii*, dirigido e ilustrado por Rafael Bordalo Pinheiro, o nome maior do desenho satírico em Portugal, torna-se evidente a compatibilidade entre a linha editorial da revista e a personalidade de João Amaral, que levará a uma colaboração regular com este semanário durante o ano e meio em que se publicou.

No que viria a ser o seu futuro enquanto artista, a colaboração na revista teve um impacto muito maior do que a distinção obtida na Escola de Belas-Artes, podendo mesmo estar na origem do posterior abandono do curso.

Os primeiros trabalhos que publica na *Galeria Portuguesa* (cat. 11) são acompanhados por um texto de apresentação de João Amaral assinado com as iniciais A. B., de Alberto Bessa:

*A Galeria Portuguesa tem o prazer de ser o primeiro jornal ilustrado que torna publicas as incontestáveis aptidões artisticas do amador cujo nome encima estas linbas, que não representam mais que um preito de justiça e um testemunho de consideração.*

*As duas páginas: - Os nossos guardas e Ossos do officio (conto mudo), são originaes de João Amaral e são também os primeiros trabalhos que*

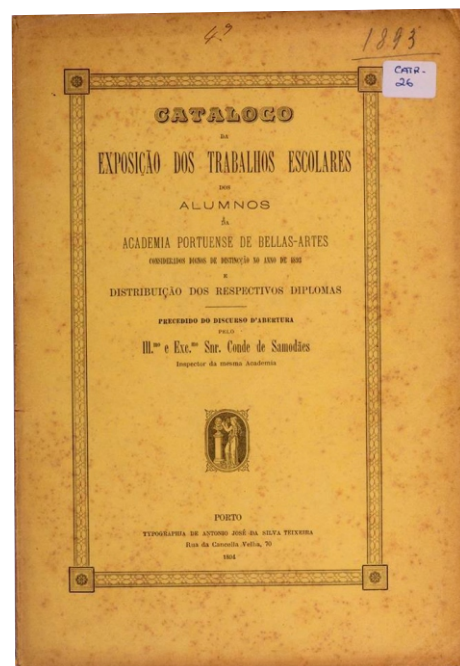


Fig. 19 | Catálogo da Exposição dos Trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes, 1894. AFBAUP

110\_ *Idem, ibidem*, p. 3-5.

111\_ Sigarra Universidade do Porto, «Aurélia de Souza», *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto* [em linha: [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20aur%C3%A9lia%20de%20souza,22-12-2015](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20aur%C3%A9lia%20de%20souza,22-12-2015)].

112\_ Rogério Santos, *Alberto Bessa e a sua história do jornalismo – uma memória de cem anos*, p. 193.

113\_ Alberto Bessa, «Ao saber á luz», *Galeria Portuguesa: revista semanal ilustrada*, 18 de dezembro de 1892, p. 1.

114\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

115\_ Rogério Santos, obra citada, p. 199.

*elle apresenta em publico.*

*Não seremos taxados de lisonjeiros afirmando que quem assim começa tem deante de si um futuro promettedor e brilhante*<sup>116</sup>



Fig. 20 | João Amaral. «O dandy piedoso» e «Mr Quelquechose – Elle», in *Galeria Portuguesa*, 1892.

João Amaral foi o único colaborador desse número a merecer espaço de apresentação, possivelmente por também ser o único estreado entre os nomes de experimentados jornalistas e ilustradores. Os motivos que terão levado ao diretor da revista dar oportunidade a um artista amador completamente desconhecido e dedicar-lhe palavras tão lisonjeiras são de difícil resposta, mas torna evidente a admiração e apoio que recebeu de amigos mais velhos e com mais recursos económicos<sup>117</sup>. A esse propósito, não podemos ignorar, que um dos colaboradores era Acácio Trigueiros, pseudónimo de Acácio Pinto Guedes do Amaral, um jornalista com carreira firmada no Porto e Lisboa, nascido em Lamego em 1864, primo de João Amaral, dez anos mais velho e, muito provavelmente, uma figura tutelar neste momento decisivo da sua carreira. Possibilidade que é reforçada, se tivermos em conta que voltaremos a encontrar os dois primos pouco tempo depois no jornal *Charivari*.

Para a *Galeria Portuguesa*, João Amaral desenha uma série de desenhos humorísticos, esquemáticos e simples, sem grande unidade estilística e aparentemente ingénuos que, ainda assim, denunciam o contacto com as vanguardas da época, em particular, com o trabalho de Henri de Toulouse-Lautrec (1864-1901), muito evidente no diálogo titulado, não por acaso em francês, “*Mr Quelquechose – Elle*” (fig. 20).

Para além da série cômica, elabora igualmente um conjunto de retratos a ilustrar notas biográficas redigidas por Alberto Bessa,<sup>118</sup> homenageando distintos cidadãos do seu tempo. Elaborados “de lembrança” ou, na maior parte dos casos, a partir de fotografia, traduzem a sua aprendizagem nas Belas-Artes do desenho “ao natural” ou da cópia de modelos a partir de estampas<sup>119</sup>. Desenhados a carvão, com um carácter minucioso e perfeccionista (fig. 21) revelam uma qualidade e domínio técnico que se confirmarão noutros trabalhos.

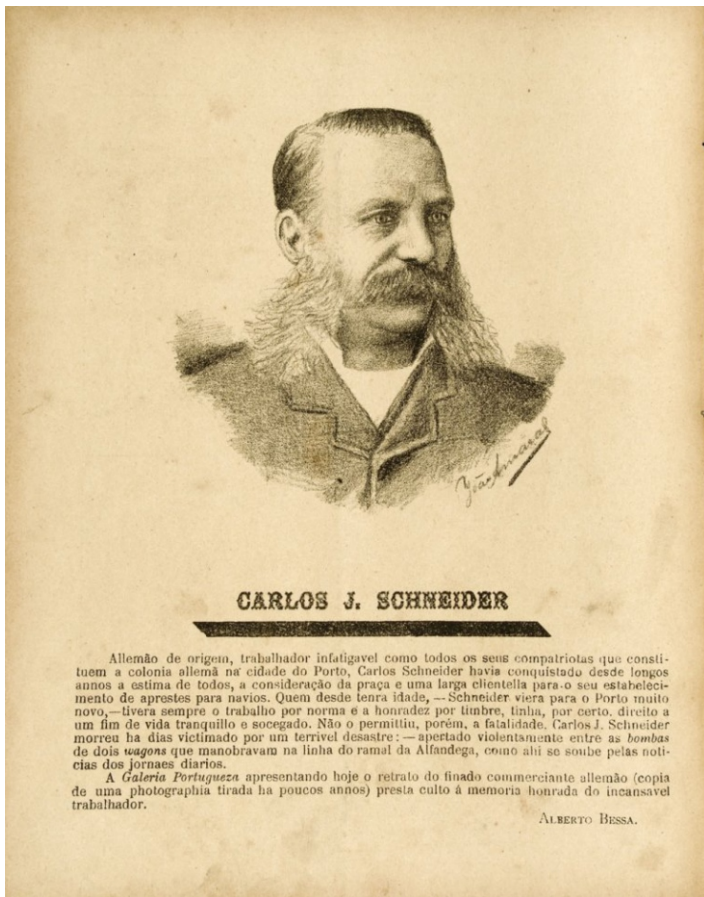
A influência da Escola é ainda mais óbvia no desenho-estátua (forma

116\_ Alberto Bessa, ob. cit, p. 1.

117\_ APJA. Luíz Amaral, ob. cit. p. 2.

118\_ João Amaral desenha na *Galeria Portuguesa* 14 retratos de ilustres cidadãos: Carlos J Schneider, Gustavo Doré, José Falcão, Bento Carqueja, João Chagas, J. P. Sampaio, Alferes Malheiro, Alves da Veiga, Eduardo José Alves, Frederica Fassini, Gladstone, Francisco D. da Silva Araújo, Manuel Maia Rodrigues, António Joaquim Ferreira da Silva. (*Galeria Portuguesa: revista semanal ilustrada*, 1892-1893).

119\_ AFBAUP. *Escola Portuense de Bellas-Artes. Programma do Curso de Desenho Histórico*, p.4 (cota 80).



Figs. 21 e 22 | João Amaral, retrato de Carlos J. Schneider e Dona Inês de Castro, in *Galeria Portuguesa*, 1892.

de representação em que o mestre Marques de Oliveira era, como já vimos exímio), figurando Dona Inês de Castro, executado a partir da escultura datada de 1879, de José Simões de Almeida Júnior (fig. 22).

Já fora do âmbito da colaboração com a revista, é surpreendente a forma como, num curto espaço de tempo, João Amaral evoluiu tecnicamente.

São disso exemplo os retratos naturalistas a carvão que executa da Mãe (cat. 9) em 1892 e, no ano seguinte, o do Pai (cat. 10), onde revela um perfeito domínio da técnica do carvão e um virtuosismo que raramente voltará a atingir em trabalhos posteriores.

Integrados numa oval, correspondem ao arquétipo do que melhor se fazia no seu tempo, na arte do retrato. De grande rigor adquirem uma subtilidade e densidade psicológica (que se revela não apenas através do olhar e da pose, mas também através da própria estrutura representacional) até aí ausentes da sua ainda curta obra. Entre o espaço meramente negro do vestido da Mãe, que valoriza o tratamento dos brincos e do alfinete, e as

subtilezas de claro-escuro do cabelo do Pai, ou a ampla gama de cinzentos, a determinar um completo controlo da técnica do carvão, deparamos com uma evolução notável na forma como João Amaral aborda o retrato, já distante da que tinha ensaiado nas páginas da *Galeria Portuguesa*.

A esta fase, e relacionados com um período fértil de aprendizagem e experimentação, correspondem alguns trabalhos que foram na altura alvo de reconhecimento. O retrato à pena do compositor Vianna da Motta (1894) (cat. 13), que recebeu um prémio de 1000 escudos atribuído pelo jornal *O Primeiro de Janeiro*<sup>120</sup>, e um autorretrato aos 20 anos de idade, no qual observamos um jovem *dandy*, de sorriso insolente, com uma enorme pena ao ombro, que terá sido elogiado pelo mestre Rafael Bordalo Pinheiro<sup>121</sup> (cat. 12).

O seguinte autorretrato (cat. 48), com data de 1895, é o primeiro trabalho a óleo que lhe conhecemos. De pequeno formato, é evidente a matriz naturalista da aprendizagem com Marques de Oliveira, tanto no tratamento cromático, como na luz suave sem origem em qualquer foco específico, ou na destreza do traço, a partir do modelo natural.

No entanto, não seriam o rigor, a dedicação e disciplina características da Academia, com que João Amaral mais se identificava. Dono de uma personalidade livre e espontânea, preferia dar largas à sua criatividade em trabalhos que exigissem a mão solta e a rapidez próprias das ilustrações cómico-satíricas de natureza jornalística. Nesses trabalhos é notório o aprimoramento das suas capacidades de caricaturista e uma progressiva aproximação ao modelo de desenho de Rafael Bordalo Pinheiro, de quem se apropria da personagem *Zé-Povinho*, e com quem se identifica por completo nesta fase da sua vida.

Tal como Bordalo Pinheiro (1846-1905) - ele próprio pintor autodidata na juventude, membro do Grupo Leão, que defendia uma estética naturalista influenciada pela escola de Barbizon - e muitos outros artistas portugueses da primeira metade do século XX, João Amaral optaria nesta altura pela modernidade do jornalismo ilustrado que, como a investigadora Raquel Henriques da Silva observa, seria responsável pela deslocalização da arte das academias para as tipografias<sup>122</sup>.

120\_ Informação recolhida em entrevista realizada pela autora a Orlando Lourenço, no Museu de Lamego, em 15 novembro de 2016.

121\_ De acordo com a mesma fonte.

122\_ Raquel Henriques da Silva, «O Zé-Povinho de Rafael Bordalo Pinheiro». *Revista de História da Arte*, n.º 3, p. 240 e 242.



Fig. 23 | Retrato fotográfico de Rafael Bordalo Pinheiro, 1879. Coleção João Amaral, neto.

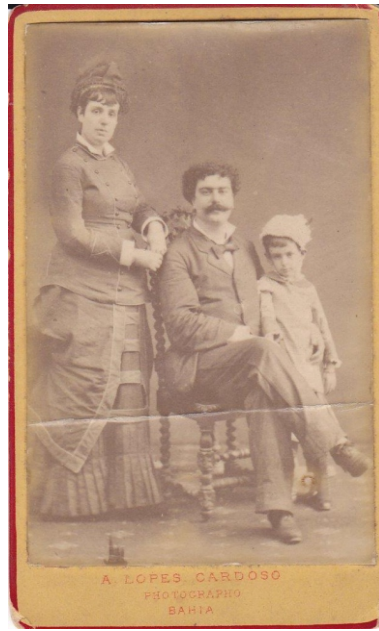


Fig. 24 | Retrato fotográfico de Elvira e Rafael Bordalo Pinheiro, com o filho Manuel Gustavo. Coleção João Amaral, neto.



Fig. 25 | João Amaral, sentado, ao centro, rodeado de amigos (c. 1895-1898). Coleção João Amaral, neto.



Fig. 26 | Retrato fotográfico de Acácio Guedes do Amaral Trigueiros e João Amaral, 1897  
Coleção João Amaral, neto.



Fig. 27 | Honoré Daumier, «Conselho aos assinantes», *Le Charivari*, 1 abr. 1840.  
Metropolitan Museum of Art (Nova York)  
© Metmuseum.

O curso na Academia acabaria comprometido face ao êxito que ia conquistando como ilustrador de retratos e caricaturas, e a outros interesses que entretanto se lhe atravessavam no caminho. No segundo caderno de esboços (1895-1899)<sup>123</sup> (cat. 15), no qual João Amaral reúne diversos retratos “ao natural” e estudos para ilustrações, encontram-se igualmente memórias de viagem: a Penacova, Coimbra e Buçaco, indiciando uma época de maior prosperidade, que aproveitou para expandir os seus horizontes e referências.

Entretanto, a ligação com o primo Acácio Amaral Trigueiros (fig. 26), que teria começado na colaboração de ambos na *Galeria Portuguesa*, viria a proporcionar-lhe não só uma das fases mais produtivas da sua carreira, em que revela uma grande qualidade técnica e estética, como também a de maior reconhecimento público. Entre julho e novembro de 1898, Acácio Trigueiros e João Amaral, o primeiro como diretor literário e o segundo como diretor artístico, serão responsáveis pela edição do jornal *Charivari*, um dos mais importantes semanários do Porto.

O jornal *Charivari* teve origem no homónimo francês, que começou por ser distribuído gratuitamente em 1832, com uma impressionante tiragem de 200 000 exemplares. Um dos seus principais colaboradores era o renomado pintor e gravador Honoré Daumier (1808-1879). De natureza humorística e de crítica social, o semanário combinava os textos com imagens litográficas e com retratos a carvão de personagens que se evidenciavam na vida cultural e social da época. O modelo foi importado por diversos países, entre os quais Portugal, onde a partir de 1896 começou a ter uma edição no Porto. Ideologicamente alinhado com a Geração de 70, a versão portuguesa do *Charivari* rapidamente se tornou num dos mais importantes órgãos de imprensa e dos mais atentos na observação da realidade política e social. Em termos gráficos, era nítida a filiação com as publicações lisboetas, em particular, com os jornais de Rafael Bordalo Pinheiro, o *António Maria* e a *Paródia*.

Entre os seus principais ilustradores, contaram-se o pintor visieense José de Almeida e Silva (1864-1945), formado na Escola de Belas-Artes do Porto e discípulo de Soares dos Reis e de Tadeu Almeida Furtado (filho de

123\_ João Amaral, *Caderno de Esboços* (1895-1899). Museu de Lamego, inv. 3463.

José de Almeida Furtado, o célebre *Gata*), e Joaquim Maria da Silva Pinto, natural do Porto, onde também se formou nas Belas-Artes. Considerando a experiência e o peso no meio artístico dos nomes que o antecederam, torna-se tão mais significativo quanto enigmático o facto de João Amaral tão novo ter ocupado um papel com tanto relevo no jornal. Provavelmente que se movimentava com muito maior à-vontade, do que hoje nos é possível determinar, pelas tertúlias intelectuais e políticas portuenses.

Os desenhos e ilustrações que João Amaral executa para esse jornal dividem-se em quatro principais categorias: retratos a carvão (com uma tal segurança e desenvoltura técnica que, mais do que nas caricaturas que o celebrizaram, deixam adivinhar um artista completo – **figs. 32 e 38**); pranchas de banda desenhada; figuras do anedotário popular e caricaturas, podendo estas subdividir-se em caricaturas de natureza política e em autocaricaturas. As últimas são incomparavelmente mais sofisticadas e acutilantes do que todas as outras que tinha elaborado até então.

Logo na primeira edição em que colabora, faz-se representar na capa, ao lado de Acácio *Trigueiros*, vestido tal como no retrato de 1894 e com a mesma expressão insolente. Cuidadosamente penteado, e de bigode bem aparado e retorcido, é o homem da pena e da físga, que carrega um saco intitulado «assumpto»<sup>124</sup> (**fig. 28**). No interior, volta a representar-se numa página dedicada aos nobres filhos de Lamego, «Pausinhos lamecenses»<sup>125</sup>, na qual se designa, a ele mesmo, «pau de *crayon*», num retrato de perfil, com a inseparável pena (**fig. 29**). No registo seguinte, muito próximo do primeiro, surge no que parece uma mudança de instalações do jornal. Novamente ao lado de A. *Trigueiros*, com o chapéu puxado para trás, deixando ver a melena sobre a testa, transporta uma cadeira, uma mala, uma guitarra e, como não podia deixar de ser, uma pena<sup>126</sup> (**fig. 30**).

No autorretrato do fecho do 13.º ano de publicação, um dos mais curiosos, representa-se como sacristão, de batina, barrete, sapatos clericais e óculos escuros a apagar uma vela, acompanhado pela legenda:

*vai ter aniversario jornalístico / o heroe Charivari hoje a fechar / o  
decimo terceiro – um ano mystico / emboa tenha fama de enguiçar / lá  
está o redactor mais humorístico / d'este jornal fecundo e popular /*

124\_ *Charivari*, 23 de julho de 1898.

125\_ *Idem, ibidem*.

126\_ *Charivari*, 1 de outubro de 1898.

*qual sacristão manhoso e cabalístico / a tocha doas caretas a apagar”*

<sup>-127</sup> (fig. 31).

Volta a representar-se no número seguinte, como personagem principal de uma história que entra no seu 14.º ano, num desenho que segue muito de perto o esquisso feito numa das páginas do seu caderno de esboços (cat. 15). Inclinado sobre um livro de grandes dimensões, com a pena atrás da orelha, apontando para o início do novo ano. A. Trigueiros figura em plano secundário e, em primeiro, deitado no chão, o Zé-Povinho, de Rafael Bordalo Pinheiro, ainda e sempre como figura tutelar (cat. 16).

A colaboração com o *Charivari* chegaria ao fim em novembro de 1898, sem que se tivessem cumprido seis meses na direção do semanário da dupla Acácio Trigueiros e João Amaral.



Fig. 28 | *Charivari*, 23 de julho de 1898. © Biblioteca Pública Municipal do Porto.

# OS PAUSINHOS LAMECENSES

(Pagina dedicada aos nobres filhos de Lamego)



PAU...



PAUSINHO...



PAU TESO...



CABEÇA DE PAU...



REI DE PAUS...



PAU BARBADO...



PAU DE CHOCOLATE...



PARINHA DE PAU...



PAU DE CRAYON...

João Amaral

Fig. 29 | «Os pausinhos lamecenses», *Charivari*, 23 de julho de 1898. © Biblioteca Pública Municipal do Porto.

## O NOSSO S. MIGUEL...



Os redactores do *Charivari*, não podendo supportar por mais tempo as exalações epidemicas que brotam constantemente dos montes e vales, proximos do rez-do-chão que até agora habitaram, na rua do Montebello, resolveram mudar de poiso, instalando-se na outra banda da rua.

Com esta transformação ficamos não só com a saude em mais segurança, como mais habilitados a reproduzir nas paginas do *Charivari* aquelle riquissimo senatorium, gloria do desmazelo da camara municipal de Porto!...

Fig. 30 | «O Nosso S. Miguel», *Charivari*, 1 de outubro de 1898. © Biblioteca Pública Municipal do Porto.

AO FECHAR A PORTA DO 13.º ANNO



Vao ter anniversario jornalístico  
O heroe Charivari, hoje a fechar  
O decimo terceiro, — um anno mystico  
Embora tenha a fama d'enguiçar...

Lá está o redactor mais humorístico  
D'este jornal fecundo e popular,  
Qual sachristão manhoso e cabalístico,  
A tocha das carçitas a apagar!

Prometto d'or'avante ser dramático  
Em tudo o que escrever sobre a cambada  
A que preside o *pebo* ultra-lymphático  
Que te envenena o seio, oh Lysbia Amada...

Oh! nunca mais serei epigrammatico  
Perante aquell' policia, que a *tachada*  
Transforma n'um algoz terno e sympathico,  
— Depois d'esta cabeça decepada!...

A. Trigueiro.

Fig. 31 | «Fim do 13.º Anno», *Charivari*, 23 de outubro de 1898. © Biblioteca Pública Municipal do Porto.

Após essa data, em vez da auspiciosa carreira que parecia estar-lhe destinada, somos confrontados com um dos episódios menos conhecidos do percurso de João Amaral, e sobre o qual, em boa verdade, poucas certezas existem. O seu biógrafo, Francisco Laranjo refere ter realizado uma viagem ao Brasil, levado pela amizade que o unia ao irmão Luíz<sup>128</sup>. É possível, no entanto, que o irmão possa ter sido confundido com o primo com o mesmo nome, irmão de Acácio *Trigueiros*, que era escriturário do Tesouro do Estado de Amazonas, em Manaus. É revelador o facto de ter sido o primo Luíz (e não o irmão), que João Amaral retrata no frontispício do último número do jornal *Charivari* em que colabora (fig. 32), talvez já de viagem marcada para o Brasil, onde o primo, possivelmente, o aguardava. Sem indicar o momento em que realiza a viagem, nem quaisquer outras circunstâncias que a envolveram, Francisco Laranjo refere que razões de saúde o terão impedido de aí permanecer<sup>129</sup>. Dessa viagem João Amaral não nos deixou quaisquer vestígios, talvez por preferir apagar da memória os verdadeiros motivos que o obrigaram a demitir-se do jornal<sup>130</sup> e a viajar para o Brasil, aparentemente relacionados com a sua ligação ao partido republicano<sup>131</sup>, por demais evidente nas páginas do *Charivari*.

De regresso a Portugal, fixa-se definitivamente em Lamego. Contudo, a cidade do Porto ficará para sempre guardada no *cantinho mais recôndito e infinitamente mais afectuoso e sensibilizado*<sup>132</sup> do seu coração, por ter sido *o farol animador* [da sua] *ridente mocidade*<sup>133</sup>.

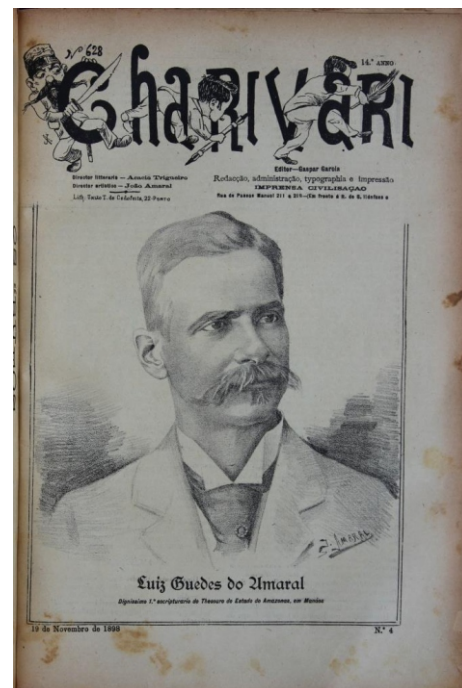


Fig. 32 | Retrato de Luíz Guedes do Amaral, in *Charivari*, 19 de novembro de 1898 © Biblioteca Pública Municipal do Porto.

128\_ F. Cordeiro Laranjo, obra citada, p. s/n.

129\_ *Idem, ibidem*.

130\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos», *Beiradouro*, 22 de julho de 1939, p.1.

131\_ Informação recolhida em entrevista realizada pela autora a Orlando Lourenço, no Museu de Lamego, em 15 novembro de 2016.

132\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 8 de julho de 1944, p. 2.

133\_ *Idem, ibidem*, p. 2.

### 3. O Regresso a Lamego (1899)

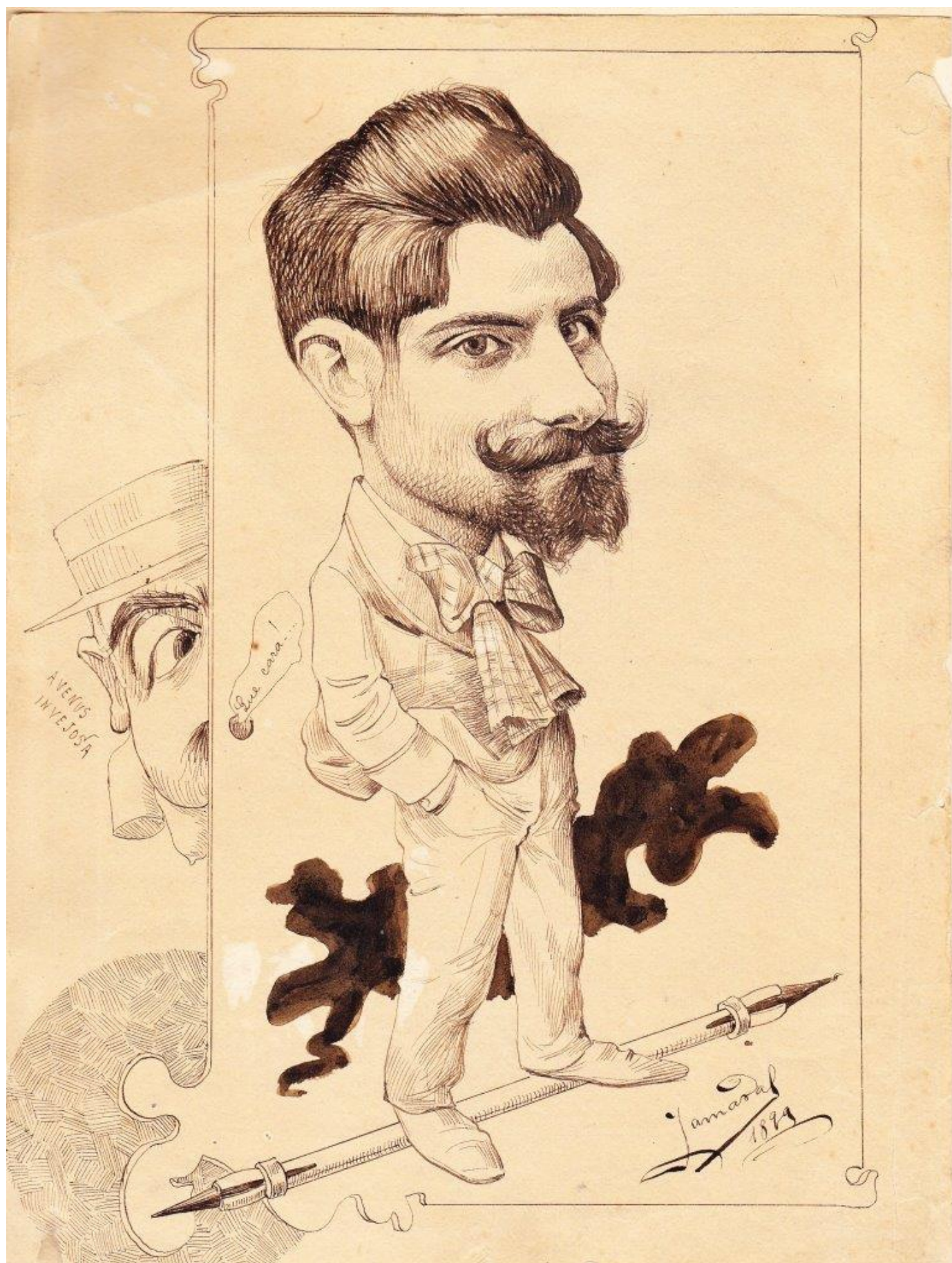


Fig. 33 | João Amaral, Autorretrato, Cocó, Ranhêta e Facada, 23 de setembro de 1899. Coleção João Amaral, neto.

Informações relativamente vagas levam a supor que um dos principais motivos que esteve na origem do regresso de João Amaral a Lamego foi do foro sentimental. De acordo com o filho, Luíz Amaral, autor de um manuscrito com o resumo da sua biografia, enquanto viveu no Porto, o pai deslocava-se a Lamego com alguma regularidade para visitar a mãe, a quem era muito afeiçoado, e passar o Natal<sup>134</sup>. Na bagagem, trazia a paixão pelo Teatro<sup>135</sup>, chegando, durante as temporadas que aqui passava, a fundar diversos grupos amadores com os amigos<sup>136</sup>.

Foi num desses grupos dramáticos que conheceu Sara de Jesus<sup>137</sup> (n. Lamego, 1883) (fig. 34), que viria a ser sua companheira de vida e mãe dos seus filhos.

Com efeito, a relação com Sara poderá ter precipitado o seu regresso a Lamego, após ter terminado a sua colaboração com o *Charivari*<sup>138</sup> e da curta passagem pelo Brasil. Do mesmo modo, o profundo abalo que lhe causaram os sintomas de uma doença séria que o deixaram entre a vida e a morte<sup>139</sup> (e que terão estado na origem do regresso prematuro do Brasil), também terão pesado na decisão de se fixar numa cidade mais tranquila, interrompendo a carreira que tinha iniciado no Porto.

As agruras relacionadas com um período de maior debilidade física, ao contrário do que seria de supor, não lhe fizeram esmorecer o entusiasmo com que, nesse mesmo ano, se lançou em várias iniciativas, dando mostras da sua enorme vivacidade e empenhamento na vida comunitária, para a qual contribuía com o seu talento artístico.

A primeira atividade profissional que se lhe conhece em Lamego foi a de professor de Desenho e Pintura, que ensinava a título privado<sup>140</sup>. Outros rendimentos provinham-lhe dos desenhos e retratos que executava por encomenda<sup>141</sup>. Nesta fase inicial, a sua clientela era constituída por algumas associações locais, às quais o ligavam relações familiares, designadamente a Associação de Socorros Mútuos Fúnebre Familiar de Lamego, de que António Moreira Bispo, primo e amigo de João Amaral, fora secretário fundador em 1892, e a Associação de Socorros Mútuos de Nossa Senhora dos Remédios (ou Montepio Artístico), da qual o pai tinha sido, como já vimos, um dos fundadores. João Amaral trabalha para ambas, executando



Fig. 34 | Retrato de Sara de Jesus Amaral, s/data. Coleção João Amaral, neto

134\_ APJA. Luíz Amaral, ob. cit., fl. 2.

135\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 29 de abril de 1944, p.1 e 2.

136\_ APJA. Luíz Amaral, ob. cit., fl. 2.

137\_ *Idem, ibidem*, fl. 2.

138\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos», *Beiradouro*, 22 de julho de 1939, p.1.

139\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 28 de outubro de 1939, p. 1.

140\_ APJA. Luíz Amaral, ob. cit., fl. 2.

141\_ *Idem, ibidem*.

um desenho alegórico para cada uma das agremiações, a primeira em 1899 e a segunda dois anos mais tarde. Desenhados a carvão, nos dois exemplares domina uma figura feminina inspirada nas esculturas e gravuras neoclássicas francesas, denunciando a matriz académica da sua formação (cat. 19 e 20).

Também da sua responsabilidade foram, sem dúvida, as galerias de retratos dos sócios beneméritos das duas associações, que o vão ocupar durante vários anos<sup>142</sup>. Desse conjunto, conservam-se no Museu de Lamego dez retratos (figs. 67-76). Apesar de apenas um estar assinado e datado (1899), a afinidade técnica e formal existente entre estes e outros trabalhos que comprovadamente são de sua autoria, não levanta qualquer suspeita em relação à sua atribuição a João Amaral.

Nesse primeiro ano em Lamego, João Amaral, o primo António Bispo e o amigo Luís Rebelo da Silva Morais, movidos pelo gosto comum pela arte dramática, promovem uma iniciativa de beneficência a favor das obras de construção da sacristia da igreja de Santa Cruz do extinto convento dos Lóios, para a qual contribuem com a receita de duas récitas de amadores que apresentaram no desaparecido Teatro Lamecense<sup>143</sup>. Do programa, faziam parte a comédia *Por causa de uma criada*, que poderá ter sido a primeira de uma longa lista de pequenas peças teatrais de autoria de João Amaral representadas em público, a zarzuela *Simão Simões & C.<sup>a</sup>* e a opereta *A Pegureira*. João Amaral foi o ensaiador e caracterizador de todas elas.

No entanto, será no registo humorístico de ilustrações e caricaturas que João Amaral mais granjeará a simpatia e admiração de conterrâneos e, como veremos, de alguns forasteiros.

Ainda em 1899 é co-autor de *Cocó, Ranbêta e Facada* (expressão popular que designa amigos que andam sempre juntos), um diário manuscrito de caricaturas, com a tiragem de apenas um exemplar<sup>144</sup>, o que é verdadeiramente surpreendente, se tivermos em conta a recente experiência no Porto, em periódicos de grande circulação.

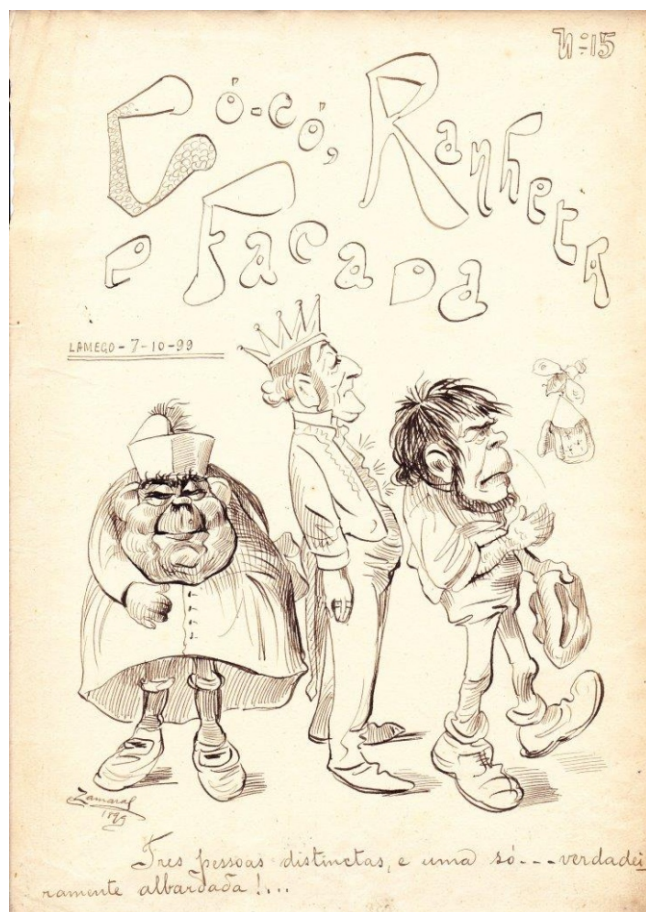
*Cocó, Ranbêta e Facada* eram Vasco de Vasconcelos (fig. 44)<sup>145</sup> e Amálio Fonseca (fig. 48) redatores, e João Amaral, redator e ilustrador do jornal que, com prejuízo dos interesses comerciais do segundo, se produzia na sua

142\_ Julgamos pertencer a esta série, o retrato do bispo D. Francisco José Ribeiro Vieira e Brito que foi inaugurado em sessão solene, realizada no dia 25 de setembro de 1905, por ocasião do 46.º aniversário do Montepio Artístico. (cf. *A Semana*, 16 de setembro de 1905, p. 2.)

143\_ João Amaral, «Algumas achegas para a história da Irmandade de N. S. da Conceição instituída em Lamego no ano de 1870», *Varanda do Douro*, agosto de 1952, p. 3; «Theatro Lamecense», *A Semana*, 4 de fevereiro de 1899, p. 2.

144\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 27 de fevereiro de 1943, p. 1.

145\_ Vasco de Vasconcelos (Lamego, 1880- Lisboa, 1950) era filho de José de Vasconcelos, professor e jornalista, que descendia da família da Casa do Espírito Santo em Lamego. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra e militante do Partido Republicano Evolucionista, foi eleito deputado por Lamego entre 1919-1922. Em 1920 ocupou por 24 dias o cargo de Ministro das Colónias e, no ano seguinte, entre novembro e dezembro, o de Ministro da Justiça. Como jornalista, colaborou com o periódico *República Portuguesa* (1910-1911). João Amaral refere-se a Vasco de Vasconcelos como seu cunhado (Arquivo do Museu de Lamego, Livro n.º 1. *Museu Regional de Lamego. Registo de Correspondência*, of. n.º 1134, 17 fevereiro 1951, fl. 272-274), indiciando ser irmão de Sara de Jesus (mais tarde Sara de Vasconcelos), filha não legitimada de José de Vasconcelos, e mulher de João Amaral. (vide p. 21, nota 56).



Figs. 35 e 36 | João Amaral. Capas do diário de caricaturas *Cocó, Ranheta e Facada*, 1899. Coleção João Amaral, neto.

farmácia, onde afluía grande número de clientes exclusivamente para o ler<sup>146</sup>. (figs. 35 e 36)

A gazetilha caracterizava-se por uma desarmante ingenuidade, tanto nas ilustrações, como no conteúdo dos textos. João Amaral regressa a uma linguagem muito mais simples e popular do que aquela a que nos habituara. O desenho torna-se mais contido, quase sempre em movimentos circulares, de contorno simples que, ao contrário de constituir uma limitação, traduzem a versatilidade e capacidade de adaptação de uma personalidade que está em permanente mutação e que se vai reinventando ao sabor das circunstâncias.

A oportunidade e ironia, (quase) sempre inofensiva, preenchem os vários números do diário, com que se parodiava a sociedade lamecense. Quando não havia assunto, o alvo das críticas passavam a ser os próprios redatores. No número de 23 de setembro de 1899, *Facada* (João Amaral), assina em verso uma «Resposta ao Có-có» (Vasco de Vasconcelos):

146\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 27 de fevereiro de 1943, p. 1.

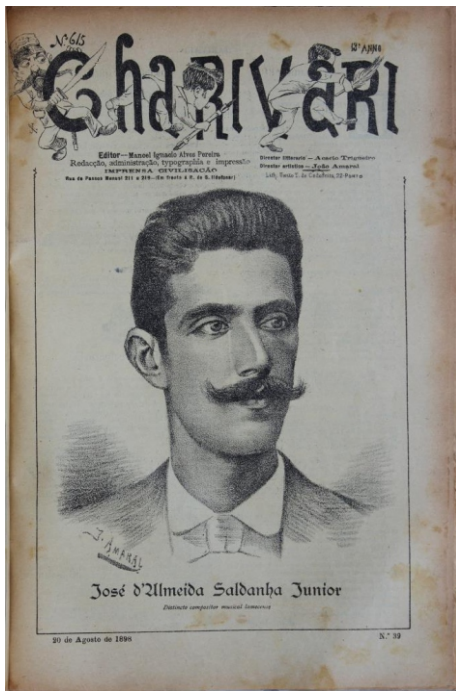


Fig. 37 | João Amaral. Retrato de José d'Almeida Saldanha Júnior (1866-1940), *Charivari*, 20 de agosto de 1898.  
© Biblioteca Pública Municipal do Porto

*Lá vae amigo Có-có  
Porque é que o Ranhêta  
Acha a sua Má carêta  
Tal qual rutemdado (sic)*

*É que tem sua vaidade  
De ser mui formoza Vénus  
Sendo elle pouco mais ou menos  
Macaco de raridade...<sup>147</sup>*

Noutra página, João Amaral autorretrata-se inserido numa cartela. Por trás, espreita Amálio Fonseca (Ranhêta), afinal, «A Vénus Invejosa» (fig. 33).

O diário chegou a ter um hino, composto pelo maestro José de Almeida Saldanha Júnior (Lamego, 1866-1940) (fig. 37), amigo e companheiro de sempre nas inúmeras incursões de João Amaral pelo Teatro.

Quarenta e quatro anos depois, por ocasião da homenagem que os lamecenses preparavam ao maestro então já desaparecido, João Amaral recordará a facilidade e rapidez com que o músico compusera, na farmácia do Amálio, um hino para piano, imediatamente executado no órgão da Sé. João Amaral registou esse episódio num desenho legendado, do qual apenas sobreviveu o testemunho escrito:

*Página do jornal manuscrito Cocó, Ranhêta e Facada, feita na Farmácia Amálio, em 1899, Saldanha Júnior experimenta, no órgão da Sé, o hino que escreveu para o jornal. Ao fole está João Bajójo, guarda da Catedral. Como ouvintes: Dr. Vasco de Vasconcelos, Amálio da Fonseca e João Amaral, redactores do periódico. Moreira Bispo, então cartolário do Cabido, atraído pelo som do órgão aparece, de caneta em punho, a espreitar por uma porta.<sup>148</sup>*

Nas horas vagas, *entre uma chícara e um cigarro, no velho café do Gregório*<sup>149</sup>, João Amaral ocupava o tempo naquilo que mais gostava: a desenhar caricaturas, que inclui no álbum *Lamego em Caricatura. Personalidades ilustres*,

147\_ João Amaral, «Resposta ao Có-có», *Cocó, Ranheta e Facada*, 23 de setembro de 1899, p. 2. Coleção João Amaral, neto.

148\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

149\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 24 de julho de 1943, p. 4.

*figuras características e typos populares*, onde nos deixa um retrato da sociedade lamecense das últimas décadas do século XIX e inícios do seguinte:

*Lá estão, flagrantes de semelhança, os doutores João Mendes (fig.39), Moreira da Fonseca (fig. 40), Barata, Pedro Zagalo, deão Roseira (fig. 41), Calder (fig. 42), Girão e Florido (fig. 43); os cónegos Plácido, Arruda (Cat. 75) e Contente; os militares general Macário, coronel Costa, majores Carvalhais (fig. 45), Silva, Presunto, Santos, capitães Chaves, etc. A aristocracia, o comércio, a indústria, e o funcionalismo publico, também se fazem representar em grande cópia. Depois, aparece a galeria dos excêntricos: Cristina, Zé Canaia, Luíz da Rapaziada, Luíz Fafe (fig. 53), Santarém, Luíz Bispo, Tristão pai (fig. 55) e filho (fig.56), campainhas da Misericórdia, da Sé e de Almacave (os dois últimos são respectivamente João das Fôrmas (fig. 57) e o risonho Joaquim da Cruz-Alta (fig. 58), Quintino (fig.59) e Manuel Lourenço, padeiros, os irmãos Lucas, barbeiros (figs. 60 e 61) e Cavaca sapateiro (fig. 63), e mais e mais...*

*Desfilam também nesta procissão evocativa alguns typos populares. Nela se vêem o Albertinho (fig, 65), o «Marques dos Chifres de Ouro», o Hilário (fig. 66), o Bernardo Chumbéca, o Zé Machado, o «Menino vai de Anjo», o «Major», enfim...*<sup>150</sup>

O álbum, que hoje se conserva muito retalhado e disperso entre privados e o Museu de Lamego, foi um fenómeno de popularidade, *andando de casa em casa, de mão em mão, arrancando gargalhadas a uns e provocando despeitos a outros*<sup>151</sup>. Entre os seus admiradores mais entusiastas, havia quem perguntasse: *Então, Amaralinho já há mais caricaturas de novo?*<sup>152</sup>. Outros, ainda, pediam para serem caricaturadas no caderno:

*O Adriano Carcereiro (fig. 54), por exemplo, quando me encontrava no Café do Gregório ou na Tabacaria do Cabral, pedia-me sempre, com muito empenho, que o pintasse no meu Almanaque. Era assim que ele chamava o meu Álbum.*

*- Se fôr preciso pagar alguma coisa, é só dizer.*

*Até que um dia, o Adriano apareceu no Almanaque, como era seu*

150\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 11 de novembro de 1939, p. 4.

151\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

152\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

desejo.

*Barrigudo, de charuto na boca, uma boca encaixilhada por um bigode encaracolado e uma mósca muito em moda nesse tempo, de grande olhos salientes, calça apertada à perna, à Marialva, chapéu de aba larga, um pedaço de bom homem.*

*Ao ver a caricatura, exclamou radiante: - Sou eu mesmo! Estou escarrapachadinbo!... Quanto devo amigo Amaral?*

*- Muita amisade, amigo Adriano. Se um dia for preso para o Castelo, por fazer caricaturas, não me meta na «Sala forte»...*

*- Não, mete-lo ei no meu coração!<sup>153</sup>*

Não menos radiante terá ficado o barbeiro Lucas (**fig. 60**), que era recebido *nas casas fidalgas, das quais montava os cavalos de raça, exibindo-se, com engraçada prosófia, pelas ruas da cidade*, ao ver-se retratado como apóstolo, no Pentecostes que João Amaral executou para a capela do Espírito Santo<sup>154</sup> (**fig. 38**).

Seguramente que foram muitos os corações e amizades que João Amaral conquistou em Lamego, quer através das suas caricaturas e retratos, quer através da sua personalidade afável e cativante, que uma imagem simpática, cuidada e invulgar para a época ajudava a reforçar, despertando curiosidade naqueles com quem se cruzava. A singularidade de João Amaral daria nas vistas, não passando despercebida ao então jovem estudante do Colégio de Lamego e igualmente republicano convicto, Aquilino Ribeiro<sup>155</sup> que, nas suas memórias, menciona o *astro radioso de João Amaral*<sup>156</sup> que por essa altura começava a despontar na cidade.

153\_ *Idem, ibidem*, p. 4.

154\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiralouro*, 27 de janeiro de 1945, p. 1.

155\_ Natural de Carregal, no concelho de Sernancelhe, Aquilino Ribeiro estudou no Colégio de Lamego em 1900-1901. (Pc. Jorge Ferreira, obra citada, p. 232).

156\_ Aquilino Ribeiro, 1952 «O meu velho Lamego. Notas pessoais», *Boletim da Casa Regional de Beira Douro*, dezembro de 1952, p. 114.



Fig. 38 | *Pentecostes*. Pintura a óleo sobre tábuas. João Amaral, c. 1890-1900. (assinado no canto inferior direito) Capela do Divino Espírito Santo de Lamego.



Fig. 39 | Dr. João Mendes, 1897  
Museu de Lamego, inv. 2664



Fig. 40 | Dr. Moreira da Fonseca, 1897  
Museu de Lamego, inv. 3780



Fig. 41 | Deão António Lopes Roseira, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2702



Fig. 42 | Dr. Francisco Calder, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2684



Fig. 43 | Dr. António Flório, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2697



Fig. 44 | Dr. Vasco de Vasconcelos, 1900  
Museu de Lamego, inv. 3750



Fig. 45 | Major Carvalhais, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2688



Fig. 46 | Oficial de Infantaria. n.º 9, 1900  
Museu de Lamego, inv. 1378



Fig. 47 | Lima, músico do Regimento, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2707

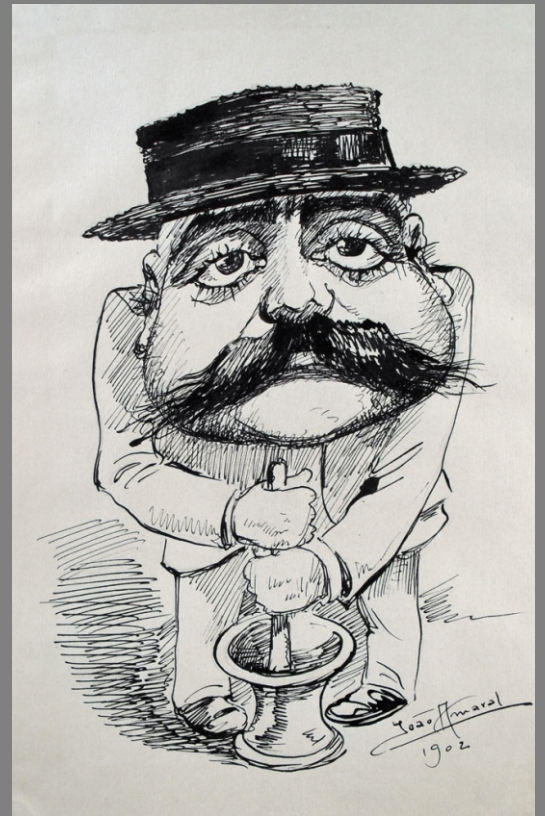


Fig. 48 | Amálio da Fonseca, 1902  
Museu de Lamego, inv. 2685



Fig. 49 | Cabral “do café”, 1900  
Museu de Lamego, inv. 1377



Fig. 50 | Vieira do Paço, 1896  
Museu de Lamego, inv. 3778



Fig. 51 | José Moreira Bispo, 1896  
Museu de Lamego, inv. 2693



Fig. 52 | José Bispo, 1902  
Museu de Lamego, inv. 2701



Fig. 53 | Luís Fafe, 1902  
Museu de Lamego, inv. 2667



Fig. 54 | Adriano, carcereiro, 1901  
Museu de Lamego, inv. 2704



Fig. 55 | Manuel Tristão (pai), 1900  
Museu de Lamego, inv. 2658



Fig. 56 | Tristão (filho), 1900  
Museu de Lamego, inv. 1371



Fig. 57 | João das Fôrmas, 1900  
Campanha da Misericórdia da Sé  
Museu de Lamego, inv. 2692



Fig. 58 | Joaquim da Cruz-Alta, 1897  
Campanha da Misericórdia de Almacave  
Museu de Lamego, inv. 3776



Fig. 59 | Quintino, padeiro, 1896  
Museu de Lamego, inv. 2657



Fig. 60 | Miguel Lucas, barbeiro, 1896  
Museu de Lamego, inv. 3773



Fig. 61 | José, barbeiro, 1900  
Museu de Lamego, inv. 1185



Fig. 62 | José Bento (Crespo), 1899  
Museu de Lamego, inv. 2700



Fig. 63 | Cavaca Siguelho, sapateiro, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2682



Fig. 64 | Francisco Freire de Gusmão, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2674



Fig. 65 | Albertinho, 1900  
Museu de Lamego, inv. 2669



Fig. 66 | Hilário, 1900  
Museu de Lamego, inv. 7034



Fig. 67 | Manuel da Silva Garcia, 1900  
Museu de Lamego, inv. 4939



Fig. 68 | Adolfo Pinheiro Osório  
(2.º visconde de Arneirós)  
Museu de Lamego, inv. 4940



Fig. 69 | Francisco Dionísio da Rocha  
Museu de Lamego, inv. 4944



Fig. 70 | Comendador José dos Santos Leitão  
Museu de Lamego, inv. 4945



Fig. 71 | Macário de Castro  
Museu de Lamego, inv. 4946



Fig. 72 | Dr. Alfredo de Sousa  
Museu de Lamego, inv. 4948



Fig. 73 | Fausto de Queirós Guedes  
2.º Visconde de Valmor  
Museu de Lamego, inv. 4941



Fig. 74 | [não identificado]  
Museu de Lamego, inv. 8574



Fig. 75 | D. Francisco José de Vieira e Brito  
Museu de Lamego, inv. 5256



Fig. 76 | [não identificado]  
Museu de Lamego, inv. 5255

## 4. Uma breve, mas importante passagem por Coimbra (1905)

*A Direcção das «Festas do Grau», precisando de um caricaturista e decorador, lembrou-se do meu obscuro nome (apagado por aqui...), para a realização da engraçadíssima e desopilante «paródia» alusiva ao trânsito de uma velha, rançosa e pitadeante praxe a que os quartanistas das cinco faculdades eram submetidas.*

*(...) E cá vieram arrancar me do letargo lamecense em que me enterrara...*

*E eu fui, e lá estive alguns meses, afanoso e incansável no amanho das realizações de que me encarregaram.<sup>157</sup>*

Em 1905, como reacção à alteração da estrutura curricular da universidade, que mantinha os graus de licenciado e de doutor e abolia o de bacharel, os estudantes de Coimbra realizam as festas do *Enterro do Grau*, que decorreram entre 31 de maio e 3 de junho.

Herdeiro dos festejos do *Centenário da Sebenta*, realizados em 1899, e precursor do que mais tarde viria a ser a *Queima das Fitas*, o *Enterro do Grau* consistiu numa sátira realizada pelos estudantes, em que publicamente se ridicularizava a reforma do ensino, através de várias manifestações que preencheram um vasto programa que incluiu a queima das fitas, a receção aos representantes estrangeiros e um sarau (dia 31 de maio); um cortejo humorístico, uma batalha das flores e fogo-de-artifício (dia 1 de junho); uma exposição de artigos usados, uma feira franca e um congresso (dia 2 de junho) e ainda uma tourada e serenata no rio Mondego, seguida de marcha «aux flambeaux» (dia 3 de junho)<sup>158</sup>.

Os festejos *Enterro do Grau* constituíram um retumbante sucesso. A cidade encheu-se de forasteiros atraídos por uma iniciativa que, promovida pela Academia, contou pela primeira vez com o envolvimento ativo da população de Coimbra, em particular, dos seus comerciantes.

As publicações da época davam eco do êxito alcançado, referindo que nos quatro dias em que duraram as festas, tinha estado muito mais gente em Coimbra, do que nas tradicionais festividades da Rainha Santa<sup>159</sup>.

157\_ João Amaral, 1945 «Dos velhos tempos... Recordações do 'Enterro do Grau', *Beiradouro*, 17 de março de 1945, p. 1

158\_ «Notícias de Coimbra. Passamento do 'grau', *Diário de Notícias*, 25 de maio de 1905, p. 4.

159\_ *Ilustração Portuguesa*, 12 de junho de 1905, p. 507.

Mais comedido, o *Diário de Notícias* referia que *Nas ruas Visconde da Luz, Ferreira Borges, largo Príncipe D. Carlos e praça 8 de Maio, a affluencia de povo não fazia diferença da do domingo da procissão da Rainha Santa. O que ba a notar agora é ter vindo muito mais gente de Lisboa, Porto e outros pontos afastados* («Notícias de Coimbra. Festas do Grau», *Diário de Notícias*, 3 de junho de 1905, p. 3).

Quis o acaso que, entre os protagonistas dos festejos, estivessem dois lamecenses: João Amaral, como caricaturista e decorador, e Joaquim Martins Teixeira de Carvalho (n. Lamego, 1877- Coimbra, 1921), conhecido em Coimbra por “Quim” Martins - um respeitadíssimo professor, jornalista, arqueólogo, historiador e crítico de arte -, enquanto diretor e redator do jornal republicano *Resistência*. Nesse papel foi autor de extensas notícias que revelam um profundo conhecimento sobre tradições académicas, escritas por quem acompanhou de muito perto e participou nos preparativos e na realização dos festejos, imortalizando, através de minuciosas descrições, um dos momentos mais marcantes da vida estudantil coimbrã de inícios do século XX e, por conseguinte, o nome do conterrâneo, João Amaral.

Nesta como noutras situações do seu percurso, não são claras as circunstâncias que levaram João Amaral a colaborar na mais importante festa de estudantes do país. É o próprio que refere, muito mais tarde e sem grandes comprometimentos em relação às ligações que teria com o meio estudantil coimbrão, ter sido chamado pela comissão das festas do *Grau*<sup>160</sup>.

A possibilidade de o elo de ligação ter sido o “Quim” Martins por ser natural de Lamego e um grande entusiasta das vivências académicas, é negada pelo próprio João Amaral, que menciona só o ter conhecido em Coimbra<sup>161</sup>, acrescentando a sua profunda gratidão pelas palavras elogiosas que este lhe havia dispensado na imprensa, pelo trabalho que tinha desenvolvido<sup>162</sup>. Do mesmo modo, o facto de o compositor e maestro lamecense Saldanha Júnior, amigo de João Amaral, ter sido chamado por volta de 1902<sup>163</sup> para escrever a música duma récita académica<sup>164</sup>, não parece justificar, por si só, a escolha da comissão organizadora das festas.

Uma explicação possível poderá estar relacionada com as ligações que João Amaral mantinha com o partido republicano, sobretudo, desde que colaborara no Porto, com a *Galeria Portuguesa* e com o *Charivari*. Desse período ter-lhe-ão ficado conhecimentos e amizades em comum com os membros da comissão de estudantes, de que faziam parte nomes de reconhecidos republicanos, como José Bacelar, Manuel Alegre, Justino Cruz e Carlos Amaro<sup>165</sup>.

160\_ João Amaral, «Dr. Joaquim Martins Carvalho», *A Fraternidade*, 20 de fevereiro de 1926, p.1; João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 7 de março de 1942, p. 4.

161\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

162\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

163\_ José d'Almeida Saldanha Júnior foi autor da música da guitarrada *Morena* (1902).

164\_ João Amaral, «Algumas palavras de saúdade à memória do maestro Saldanha Júnior», *Beiradouro*, 24 de fevereiro de 1940, p. 1.

165\_ «Notícias de Coimbra. O 'grau'», *Diário de Notícias*, 24 de maio de 1905, p.2.

Mais transparente seria a dedicação com que se entrega à execução das inúmeras tarefas de que foi incumbido, durante os vários meses que passou em Coimbra entre os estudantes, de que resultou um extenso rol de realizações.

“Quim” Martins é insuspeito em relação a essa matéria, afirmando peremptório que João Amaral *foi verdadeiramente a alma das festas*<sup>166</sup>, pese embora o facto de se esconder sempre *no acanhamento da sua modestia*<sup>167</sup>.

Sobre o artista lamecense, de quem reteve *a paciência evangélica e o (...) ar triste de poeta sentimental*<sup>168</sup>, prossegue:

*Só quem o vê ha longos meses, cheio de paciência, adaptando-se a um meio que era para êle completamente desconhecido, pode avaliar a sua extraordinária força de vontade, a tenacidade do seu trabalho*<sup>169</sup>.

João Amaral regressaria várias vezes a esses saudosos tempos, através de artigos que escreve para os jornais locais *A Fraternidade* (1926) e *Beiradouro* (1942 e 1945), nos quais enumera os trabalhos que executou como decorador, mas principalmente como ilustrador e caricaturista, de que, felizmente, se conservam variadíssimos exemplares impressos, disseminados por museus, bibliotecas, alfarrabistas e coleções particulares. Foram da sua responsabilidade o cartaz anunciador das festas, o *álbum de perfis e caricaturas* (cat. 21), onde reproduz de *natural e de memória as faces moças e ridentes de centro e trinta e quatro quartanistas das faculdades de Direito, Medicina, Teologia, Filosofia e Matemática*<sup>170</sup>; uma coleção de dez postais humorísticos alusivos ao *Enterro do grau* (cat. 24), dos quais existe a versão estampada em prato do postal figurando *O Crime do Abel* (cat.25); o desenho de capa do programa e do programa-bilhete do sarau (cat. 23) e das publicações das peças teatrais representados durante o mesmo: *Auto do Grau*, de António Gomes da Silva (fig.77) e *Scena Antiga*, de Carlos Amaro<sup>171</sup> (cat. 22); e ainda das capas das partituras musicais executadas. De sua autoria seria igualmente a decoração de caixas de bolachas da fábrica Progresso, alusivas ao *Enterro do Grau*, com uma litografia que reproduzia uma aguarela em que o *Grau* era conduzido à última morada<sup>172</sup>.

166\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 8 de junho de 1905, p. 2.

167\_ *Idem, ibidem*, p. 2.

168\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 21 de maio de 1905, p. 3.

169\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 8 de junho de 1905, p. 2.

170\_ João Amaral, «Dos velhos tempos... Recordações do 'Enterro do Grau', *Beiradouro*, 17 de março de 1945, p. 1.

171\_ Carlos Amaro de Miranda e Silva (Chamusca, 1879 – Lisboa, 1946) foi um poeta, dramaturgo, jornalista e político republicano.

172\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 21 de maio de 1905, p. 3.

Ainda antes de ser posto em circulação, todo este material gráfico alusivo às festas do *Grau* foi amplamente publicitado, gerando-se uma grande expectativa que a imprensa se encarregava de alimentar, acompanhando a par e passo todo o processo de produção nas oficinas da Tipografia Amado França, de Coimbra<sup>173</sup>.

Nas páginas do *Resistência*, “Quim” Martins descreve o último, num tom que lhe é muito peculiar:

*No primeiro plano, em traços a Valoson avulta o sr. dr. Abel Andrade, a cuja reforma se deve o acabar da cerimónia do grau no quarto anno.*

*É representado nos traços do coveiro do Hamlet, erguendo-se sobre a terra removida em que se enterra a sua pá.*

*Ao fundo, sobre o amarello dum poente funebre, recorta-se a silhueta triste e negra de Coimbra.*

*Versos de Gomes da Silva enchem de alegria este cartaz, em que o espírito académico se revela numa nota de mocidade e irreverência.*<sup>174</sup>

Menos poética, a descrição do cartaz n` O Conimbricense acrescenta uma nota elogiosa:

*Já se acham em Coimbra os cartazes para anunciar a festa do enterro do grau. Parece-nos um trabalho artístico de subido valor, devido ao lapis do habil caricaturista sr. João Amaral.*

*O cartaz representa um vasto cemitério onde se destaca a figura lugubre do coveiro abrindo a cova para enterrar o grau.*<sup>175</sup>

Antes de ser publicado, já o *Diário de Notícias* escrevia sobre o álbum de caricaturas dos quartanistas, tecendo algumas considerações sobre o formato e a qualidade dos desenhos, *Quasi todas as caricaturas são perfeitíssimas*<sup>176</sup>, e informando sobre preço de venda, que poderia variar entre os \$800 e os 1\$500 réis<sup>177</sup>.

No entanto, nem todas as críticas ao álbum eram igualmente favoráveis, levando a uma reação de “Quim” Martins em defesa de João Amaral:

*O álbum de quartanistas, de que agora alguns desdenham ha de ser*



Fig. 77 | António Gomes da Silva, *Auto do Grau*, Coimbra, 1905 (capa de João Amaral). Imagem cedida por cortesia do Arquivo Municipal de Coimbra.

173\_ O cartaz seria produzido em Lisboa, na Companhia Nacional Editora. *Idem, ibidem*, p. 3

174\_ *Idem, ibidem*, p. 3

175\_ «Enterro do Grau», *O Conimbricense*, 18 de abril de 1905, p. 3.

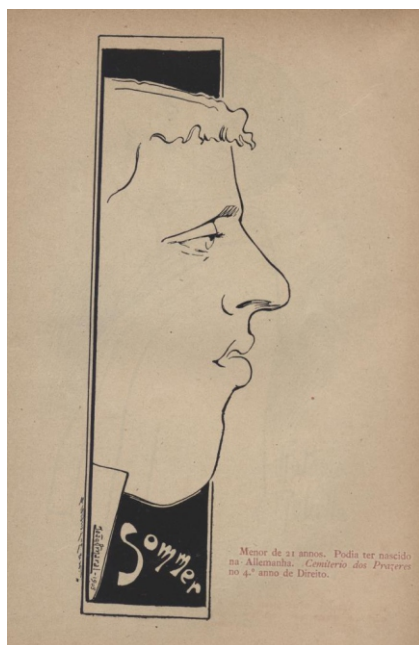
176\_ «Notícias de Coimbra. O 'grau'», *Diário de Notícias*, 24 de maio de 1905, p. 2.

177\_ *Idem, ibidem*, p. 2

*mais tarde apreciado como uma das mais artísticas recordações desta festa de rapazes.*

*Que paciência e que amor á sua arte são necessários para levar a cabo uma obra assim, num meio hostil e a que se não está habituado.*<sup>178</sup>

Na execução das caricaturas dos estudantes, João Amaral fixa um modelo de livro de curso que ainda hoje se mantém, seja pela típica desproporção anatómica das figuras, com cabeças exageradamente grandes, seja pela inclusão de expressivos adereços simbólicos, permitindo uma identificação imediata dos retratados. Sem que obedeça a uma linha coerente, João Amaral apresenta uma diversidade de soluções que revelam o contacto com os diversos meios de expressão usados pelos caricaturistas coevos. Variando entre o retrato em efígie e o de corpo inteiro, aproxima-se por vezes de um sentido de depuração e síntese que o colocam a par da vanguarda do seu tempo (**fig. 78**). Noutros exemplos, para além do traço seguríssimo e fluido, retém-se a forma como rodeia as figuras por manchas negras, isolando-as e acentuando-lhes o peso gráfico (**fig. 79**). Noutros ainda, faz enquadrar as figuras e respetiva identificação em molduras



Figs. 78 e 79 | Perfis de Sommer e Manoel Frota. In *Enterro do Grau. Album de perfis e caricaturas dos quartanistas da universidade de Coimbra*, 1905. Imagens cedidas por cortesia de Fernando Cabral.

178\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 8 de junho de 1905, p. 2.

sinuosas (fig.80), lembrando desenhos de origem francesa assumidamente arte nova, designadamente de Toulouse-Lautrec ou Alphonse Mucha (1860-1939), que circulavam abundantemente reproduzidos em postais.

Em relação à edição dos postais alusivos ao Grau, que seriam postos à venda logo em abril, a imprensa dirigia-se sobretudo aos colecionadores, chamando a sua atenção para uma tiragem reduzida de apenas dois mil exemplares<sup>179</sup>:

*Foram já postos à venda os bilhetes postaes comemorativos das festas do enterro do grau.*

*São dez caricaturas interessantes de João Amaral com quadras de um poeta que o anonymo não impediu de ter espírito.*

*Os bilhetes têm sido muito procurados e exgotar-se hão rapidamente.*

*Aviso aos colleccionadores...*

*Há duas tiragens das gravuras, uma em preto, outra em azul.*

*As collecções não ficarão por isso completas sem exemplares dambas as tiragens, o que equivale a comprar duas collecções.*<sup>180</sup>

Dada a natureza efémera dos trabalhos que João Amaral executou como decorador, não nos ficaram mais do que os registos escritos e fotográficos reproduzidos na imprensa.

Entre outros trabalhos de menor expressão<sup>181</sup>, elaborou a decoração da sala do teatro onde decorreu o sarau e de sete dos 17 carros que desfilaram no cortejo alegórico. Notícia em vários títulos de imprensa, a decoração da sala de teatro seria alvo de diversas referências que variavam em maior ou menor detalhe, de acordo com os jornalistas que as escreveram. Por ser a mais completa, deixemos que mais uma vez seja a descrição de “Quim” Martins a orientar-nos pela sala:

*A parreira estendida a toda a linha dos camarotes, numa nota de verdura fresca, a alegria dos lenços e dos tecidos grosseiros do povo decorando a varanda do teatro, tudo se fundia na luz brilhante caibindo a jorros do lustre decorado de flores e lenços postos com intensão decorativa, com um cuidado escrupuloso da linha e da forma.*

*Em baixo, nas frizas improvisadas, pratos de loiça de Coimbra com as caricaturas dos quartanistas dependuradas num espaldar de madeira*

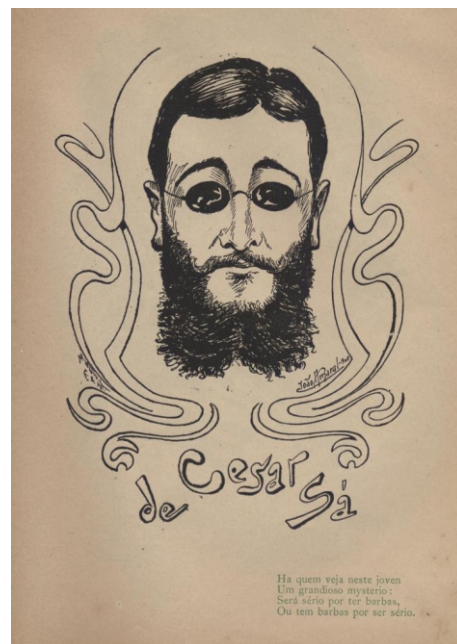


Fig. 80 | Caricatura de César de Sá. In *Enterro do Grau. Album de perfis e caricaturas dos quartanistas da universidade de Coimbra, 1905*. Imagem cedida por cortesia de Fernando Cabral.

179\_ «Enterro do grau», *Resistência*, 16 de abril de 1905, p.1.

180\_ «Enterro do grau», *Resistência*, 23 de abril de 1905, p. 2.

181\_ João Amaral refere ter sido também responsável por outros números humorísticos, entre os quais o das celebridades históricas que foram assistir às festas, a exposição de antiguidades excêntricas e a batalha das flores. (João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 7 de março de 1942, p. 4.

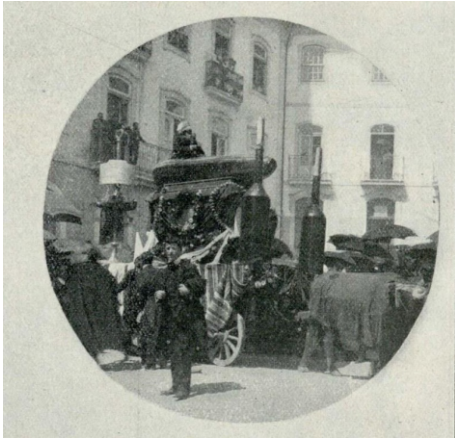


Fig. 81 | Carro do Enterro do Grau, decorado por João Amaral. Cliché de Aurélio da Paz dos Reis, «As festas do Grau em Coimbra», *Ilustração Portuguesa*, 12 de junho de 1905, p. 507. © Hemeroteca Digital de Lisboa.

*que se erguia acima de um azulejo de jardim.*

*Tinha frescura alegre de uma horta, que por um tour-de-force artístico harmonisava com as ricas toilettes das senhoras e as casacas elegantes dos homens.*<sup>182</sup>

De igual modo, os carros alegóricos seriam longamente esmiuçados na imprensa da altura, e mais tarde pelo próprio João Amaral, que num dos seus regressos ao tempo que passou em Coimbra, não resiste em descrever-nos o carro de sua autoria que maior impacto teve no cortejo - o carro fúnebre em que seguia o Grau:

*em forma de eça, onde o velho «morto» ia metido numa urna em forma de pepino (tudo aquilo era pepineira), agitando o seu lenço tabaqueiro para a multidão em saudosa despedida, acompanhado pelo coveiro (o dr. Abel de Andrade), de enxada ao ombro, que era puxado a duas juntas de bois encascados e encartolados, dois enormes candieiros de latão amarelo e dois pedaços de grossas velas metidas em descomunais garrafas – característicos objectos de iluminação clássica nas repúblicas da rapaziada académica!...*<sup>183</sup>

Para além do testemunho escrito conserva-se, neste caso, o registo visual. A *Ilustração Portuguesa*, na edição de 12 de junho de 1905, inseriu uma notícia sobre o *Enterro do grau*<sup>184</sup>, ilustrada por Aurélio da Paz dos Reis (1862-1931), um dos grandes nomes da fotografia em Portugal na transição do século XIX para o XX. A reportagem documenta a passagem do cortejo por algumas ruas de Coimbra e, individualmente, alguns dos carros alegóricos, entre os quais, o carro fúnebre (fig. 81), que seria editado igualmente em postal pela Papelaria Borges.

João Amaral não esteve sozinho nas decorações do *Enterro do Grau*, que contaram com a colaboração de outros artistas, entre os quais Belo Ferraz e António Eliseu, que pintaram os cenários para o sarau e, este último, também o pano de boca do teatro, a partir de *croquis* do multifacetado “Quim” Martins<sup>185</sup>, para além de também ter sido autor da decoração de alguns dos carros do cortejo. No entanto, nenhum dos nomes

182\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, ano 11, 8 de junho de 1905, p. 2.

183\_ João Amaral, «Estudos, notas e apontamentos. Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 7 de março de 1942, p. 4.

184\_ *Ilustração Portuguesa*, 12 de junho de 1905, p. 499, 506 e 507.

185\_ [Joaquim Martins Teixeira de Carvalho], «Festas do grau», *Resistência*, 8 de junho de 1905, p. 2.

anteriores ombreou em notoriedade com o de João Amaral.

O jornal *O Século*, em particular, reconhece as suas aptidões artísticas, dando-lhe honras de destaque, no seu suplemento humorístico, através da publicação de uma caricatura sua, da autoria de Francisco Valença, acompanhada por um soneto panegírico assinado por Belmiro<sup>186</sup> (cat.26).

Depois da experiência no Porto, nos jornais *Galeria Portuguesa* e *Charivari*, o êxito obtido em Coimbra poderia ter constituído uma segunda oportunidade o nome de João Amaral se firmar como um reconhecido caricaturista. Porém, não seria esse o seu destino. Antes seria a confirmação da genuína modéstia do seu caráter e do espírito missionário com que se dedicava ao trabalho, tão distantes da espontaneidade e irreverência que lhe tínhamos conhecido na juventude, e que o terão impedido de voar mais alto.

186\_ *O Século: Suplemento Humorístico*, 6 de junho de 1905, p.4.

## 5. De novo em Lamego, onde se fixa definitivamente



Fig. 82 | Retrato fotográfico de João Amaral, década de 1900. Coleção João Amaral, neto.

Após a curta temporada em Coimbra, João Amaral regressa a Lamego, onde inicialmente o vamos encontrar a retomar anteriores rotinas. Na verdade, durante os 50 anos seguintes raramente sairá da cidade, a não ser por motivos profissionais ou para tratar da frágil saúde que, desde a doença de que padeceu em 1899, ciclicamente o atormentava.

Este período, o mais longo da sua vida, será marcado por um trabalho intenso e permanente, a que se entregará com uma determinação e tenacidade pouco comuns.

João Amaral é agora um homem com novas responsabilidades inerentes à condição de chefe de uma família numerosa, que ao longo de 20 anos não parará de aumentar. Entre o nascimento da primeira filha, Lucília (n.1906) e o da mais nova, Maria (n. 1925), Sara e João terão mais sete filhos<sup>187</sup>.

Com efeito, à medida que o núcleo familiar de João Amaral vai

187\_ João e Sara Amaral tiveram nove filhos: Lucília (n. 1906); Georgina (n.1908); João (n. 1909); Luíz (n.1911); Dália (n. 1913); Hermínia (n.1915); Alcino (n. 1918); Damiana (n. 1922) e Maria (n. 1925) (doc. manuscrito avulso, do espólio de João Amaral).

alargando, também mais o veremos desdobrar-se em vários trabalhos e ocupações que, nesta altura, deverão ser entendidos fundamentalmente como importantes fontes de rendimento para o sustento dos seus. Sem abandonar o Teatro, como adiante veremos, e a caricatura, sem qualquer objetivo de lucro e com tal profusão que hoje seria difícil de contabilizar, serão as novas circunstâncias da sua vida que, a partir de agora, ajudam a explicar a variedade e imensidão da sua obra.

Para além de continuar a dar aulas particulares de desenho e pintura e de receber encomendas de retratos (fig. 83), João Amaral começa a explorar outros domínios.

Assim, vê-lo-emos associado, pela primeira vez, a um trabalho de decoração arquitetónica, incluído no projeto de 1904 da Câmara Municipal, de ajardinamento do *Rocio*<sup>188</sup>, que se estendia pelo largo de Camões, em frente ao paço episcopal<sup>189</sup> (hoje Museu de Lamego).

Delineado pelo vereador da Câmara e professor do Liceu de Lamego, Luís José Teixeira Nápoles, o jardim romântico refletia a influência dos parques e jardins parisienses projetados pelo barão Haussmann e Adolphe Alphond, na segunda metade do século XIX, com um enorme tanque ao centro e iluminado por candeeiros a gás inspirados nos modelos franceses (fig 84).



Fig.83 | Retrato de José Isidoro Guedes (1.º Visconde de Valmor), João Amaral, 1905. Museu de Lamego, inv. 902



Fig.84 | Jardim do Rocio, (atual largo de Camões), Cliché de Manuel Pinheiro Rocha, c. 1930. Arquivo do Museu de Lamego

188\_ ACML. «Sessão de 9 de Novembro de 1904», *Livro de Actas* n.º 28, fl. 29.

189\_ Horácio Afonso Mesquita, obra citada, p. 32.

Das obras de melhoramento fazia também parte a construção de um chafariz, desenhado igualmente por Luís Teixeira Nápoles<sup>190</sup>, tendo ficado a obra de cantaria a cargo de José Luís Perpétua, pedreiro de Cambres<sup>191</sup>, com a colaboração de Alexandre Magalhães<sup>192</sup>. A responsabilidade do desenho dos ornamentos escultóricos caberia a João Amaral<sup>193</sup>.

Composto por espaldar e dois panos laterais curvos entre pilastras a emoldurar um tanque retangular para onde jorram duas bicas, o chafariz denuncia a influência arte nova, a que a decoração de João Amaral constituída por florões, acantos, palmas, volutas e urnas viria dar maior expressão.

O chafariz do Rocio (**fig. 85**) seria inaugurado no dia 21 de dezembro de 1906, e transferido em 1928, de um dos muros do claustro da catedral a que estava encostado, para o largo do Espírito Santo, onde ainda hoje permanece, escapando assim da remodelação de que o jardim foi alvo<sup>194</sup>.



Fig. 85 | Chafariz do Rocio. Em 1928, passou a designar-se do *Espírito Santo*, após a sua transferência para o largo com o mesmo nome © Rui Ponte e Sousa.

190\_ *Idem, ibidem*, p. 32.

191\_ José Luís Perpétua foi um importante canteiro de inícios do século XX, que executou, entre outros a obra de cantaria das torres do santuário de Nossa Senhora dos Remédios, a decoração do antigo edifício dos Bombeiros Voluntários e o desenho arquitetónico do palacete manuelino sito no largo do Montepio (João Amaral, «Artistas de Cambres», *Varanda do Douro*, julho de 1950, p. 6).

192\_ Horácio Afonso Mesquita, *ob. cit.*, p. 32.

193\_ João Amaral – *Artistas de Cambres*. «Varanda do Douro», julho de 1950, p. 6.

194\_ O antigo jardim do Rossio seria remodelado em 1936, de acordo com o projeto do chefe-fiscal de obras camarárias e regente agrícola, Américo de Magalhães Maçãs, apresentado no âmbito da primeira sessão da Comissão Estética do Município de Lamego, criada em 1935. (cf. «Melhoramentos locais. Citadinos», *Beiradouro*, 4 de janeiro de 1936, p. 6).

No mesmo ano e coincidindo com o facto de ser pai pela primeira vez, João Amaral autorretrata-se num belíssimo desenho a carvão (cat. 27). Com 32 anos de idade, figura precocemente maduro, vestindo um casaco de abas debruadas, colete e gravata, em vez do tradicional laço, e cabelo e bigode irrepreensivelmente domados. A qualidade plástica deste retrato, na

subtileza dos esbatidos, na transição dos planos e no tratamento da luz e volumes é verdadeiramente notável. Afastando-se do arquétipo dos retratos da juventude, a expressão aquieta-se e o olhar torna-se mais denso e penetrante. Um desenho que nos leva a questionar qual poderia ter sido num outro contexto e noutras circunstâncias a dimensão artística de João Amaral, que se apelidava a si mesmo como um *ignorado artista provinciano*<sup>-195</sup>.

### **As Festas dos Remédios**

Ainda desse ano datará, muito provavelmente, o primeiro de muitos trabalhos de decoração efémera, que João Amaral fará para as festas de Nossa Senhora dos Remédios, nas quais irá colaborar regularmente durante perto de 40 anos.

Tão antiga quanto o próprio culto, a festividade de Nossa Senhora dos Remédios<sup>-196</sup>, inicialmente uma manifestação exclusivamente religiosa confinada aos muros do santuário, alargou-se à cidade, quando nos inícios do século XX passou a incluir a celebração da festa de Lamego e a sua organização a depender simultaneamente da Igreja e dos poderes locais. Numa realização em que a vertente espiritual foi progressivamente cedendo à profana, os habitantes e as várias instituições locais encarregavam-se de dar corpo aos festejos que, anualmente, por altura das vindimas, animavam a cidade. A organização da componente religiosa continuou, todavia, a ser competência da Igreja, por intermédio da Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego.

Em 1906, a Mesa Administrativa, então presidida pelo deão da Sé, D. Manuel António Lopes Roseira, velho conhecido de João Amaral dos tempos das reuniões do partido Progressista, decide atribuir-lhe a decoração dos carros da procissão do Triunfo, o momento mais solene e concorrido de todos os festejos.

Com provas dadas em decorações efémeras, depois da experiência bem-sucedida no ano anterior em Coimbra e possivelmente também em Lamego, onde de acordo com o jornal *O Século*, participou na execução de um carro que desfilou no cortejo do 1 de maio<sup>-197</sup>, João Amaral será de novo chamado nos anos seguintes para tomar a seu cargo já não apenas a

195\_ AML, Livro 1. Museu Regional de Lamego. *Registo de Correspondência*. João Amaral [ofício de] a José de Figueiredo, 6 de maio de 1926, fl. 90.

196\_ Sobre a história do culto de Nossa Senhora dos Remédios, vide Aida Maria Oliveira Carvalho, *Histórias de um Culto: Nossa Senhora dos Remédios, em Lamego*. Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. 2013. Tese de doutoramento.

197\_ «1.º de Maio», *O Século*, 6 de maio de 1905, p.5.

decoreção dos carros, mas também toda a organização da procissão.

Assim sucederá quase ininterruptamente entre 1910 e 1921, onde sozinho ou em parceria com João da Piedade Nunes ou Luís Rebelo da Silva Morais (com este último já anos antes tinha trabalhado na récita promovida a favor das obras da igreja de Santa Cruz), vai ser responsável pela decoreção dos cinco carros que habitualmente faziam parte da procissão e nos preparativos da recriação dos episódios bíblicos que a integravam, dentro do espírito historicista da época.

Durante o período funesto da I.<sup>a</sup> Guerra Mundial, a procissão, sem nunca ter deixado de se realizar, naturalmente se ressentiu de um clima de maior instabilidade e austeridade económica, a que os vários testemunhos de imprensa aludem. Com efeito, tendo sido o carro da Virgem dos Remédios decorado em 1914 pela dupla João Amaral e Luís Morais merecedor dos mais rasgados elogios<sup>198</sup>, nos anos seguintes, a imprensa fazia notar a modéstia e pobreza da procissão que, longe de atingir a beleza de outros tempos, primava pela falta de gosto e elegância<sup>199</sup>. Em 1917, a Mesa Administrativa dos Remédios procurando reagir às críticas e recuperar o esplendor de outros tempos, mas sem comprometer uma cuidada gestão de despesas, anuncia que a confeção artística dos carros da procissão desse ano seria confiada em exclusivo a João Amaral<sup>200</sup>. No entanto, por motivos que não conhecemos, a intenção não passou do papel e não só não foi possível executar os *croquis* que João Amaral apresentou, nomeadamente, para o carro alusivo à *Coroação da Virgem*, inspirado na célebre obra do pintor espanhol Diego Velásquez<sup>201</sup>, como também houve a necessidade de fazer desfilar de novo o carro concebido pelo escultor Teixeira Lopes, titulado *Fio da Virgem* que, tendo desfilado em anos anteriores, não acolhia grande favor por parte da crítica<sup>202</sup>.

As festas dos Remédios desse ano foram notícia na revista *Ilustração Portuguesa* que, num número dedicado essencialmente à Grande Guerra, inclui uma foto-reportagem, com clichés de Aurélio da Paz dos Reis, que entre outros, revela alguns aspetos da procissão do Triunfo (fig. 86)<sup>203</sup>.

Depois de em 1905 ter fotografado e editado nas páginas dessa mesma publicação o carro do Enterro do Grau, o mais icónico que desfilou no

198\_ «As festas dos Remédios. A procissão», *A Tribuna*, 13 de setembro de 1914, p. 1.

199\_ «As Festas dos Remédios. A Procissão Triunfal», *A Fraternidade*, 9 de setembro de 1916, p. 2.

200\_ «As festas da Cidade», *A Tribuna*, 29 de julho de 1917, p. 1.

201\_ «As Festas dos Remédios», *A Tribuna*, 5 de agosto de 1917, p. 1.

202\_ «Sr. Redactor da Tribuna», *A Tribuna*, 12 de agosto de 1917, p. 1-2.

203\_ «As Festas dos Remédios», *Ilustração Portuguesa*, 15 de outubro de 1917, p. 316-317.

cortejo dos estudantes de Coimbra, com a assinatura de João Amaral, seria o mesmo fotógrafo o responsável por um dos escassos documentos visuais que se conservam do vasto número de trabalhos de decoração efémera que o artista lamecense executou para as Festas dos Remédios.

Apesar dos esforços empreendidos pela Mesa Administrativa dos Remédios, ainda não seria em 1917 que a procissão do Triunfo consegue superar as dificuldades sentidas nos últimos anos, parecendo não ter impressionado os correspondentes da revista da capital, muito comedidos na sua apreciação geral:

*A procissão da Senhora dos Remédios que se venera n' aquela cidade revestiu, como de costume, uma relativa imponencia sendo grande o numero de devotos que ali afluíram e avultando os característicos penitentes*<sup>204</sup>.

Com efeito, só em 1920, dois anos depois de o conflito ter terminado, as festas e, em particular a procissão, na qual *o génio fecundo do artista João Amaral se revelou duma maneira assombrosa*<sup>205</sup>, recuperariam a dignidade e exuberância de outros tempos, como o semanário lamecense *A Fraternidade* regista sob o expressivo título *Grandiosas, imponentes e deslumbrantíssimas festas dos Remédios*<sup>206</sup>. Logo no ano seguinte, a proposta para ornamentação dos carros da procissão que João Amaral apresenta à Irmandade dos Remédios, apesar de mais cara do que a opositora foi vencedora<sup>207</sup>, tornando evidente que os anteriores reparos mais do que visarem os responsáveis pela organização das festas, refletiam sobretudo os constrangimentos impostos pela guerra.

Para além da organização e decoração dos carros da procissão, João Amaral comprometer-se-á com a Irmandade e as Festas dos Remédios em muitos outros trabalhos e colaborações, aos quais regressaremos, não sem antes recordar o *Mestre* e o *Diretor* do Museu de Lamego.

204\_ «As Festas dos Remédios», *Ilustração Portuguesa*, 15 de outubro de 1917, p. 316-317.

205\_ «Grandiosas, imponentes e deslumbrantíssimas festas de Nossa Senhora dos Remédios Lamego», *A Fraternidade*, 4 de setembro de 1920, p.1.

206\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

207\_ Fernando Cabral, *Senhora dos Remédios, A Romaria de Portugal*. Lamego, 2002, p. 107.

## AS FESTAS DOS REMEDIOS



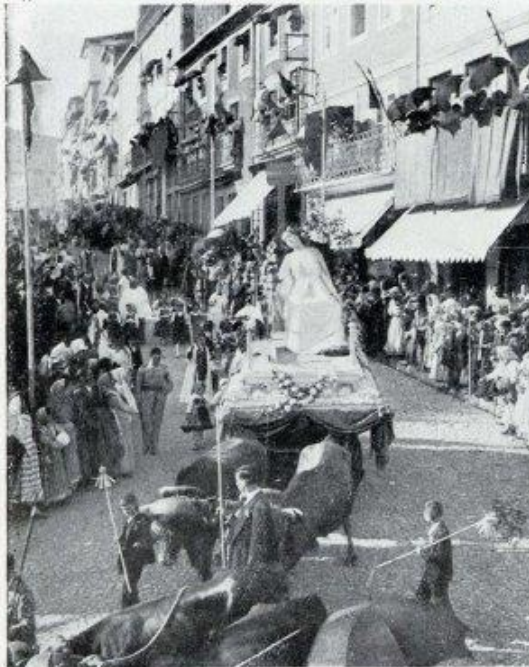
A feira dos Remedios

Na importante e laboriosa cidade de Lamego tiveram lugar, no mez findo, as tradicionaes festas dos Remedios que, como nos anos anteriores, decorreram com muito lusimento.

A concorrencia foi enorme contrastando n'um

conjunto encantador os garridos costumes regionaes com as luxuosas *toilettes* das gentis senhoras que acorreram a assistir a tão interessantes festejos.

A procissão da Senhora dos Remedios que



A procissão da Senhora dos Remedios



Outro aspêto da procissão

## O MESTRE JOÃO AMARAL

Para tal teremos que recuar a 1907, ano em que é convidado pelo diretor do Colégio de Lamego, Pe. Alfredo Pinto Teixeira (1862-1934), para ensinar nessa prestigiada instituição de ensino secundário, onde permanecerá até 1943.

Homem culto e de apurada sensibilidade, como antigos alunos o recordam<sup>208</sup>, o Pe. Alfredo (cat. 50) reconhecia a importância do ensino artístico na formação dos seus discentes. Deste modo, para além da disciplina da Música, incluída no plano curricular em 1896 e regida desde 1898 pelo maestro Saldanha Júnior, os alunos aprendem Desenho com João Amaral e, nos tempos livres, distribuem-se por atividades de lazer, como o Canto Coral e o Teatro<sup>209</sup>.

Além das aulas no Colégio, sabe-se, através de uma declaração sua que faz publicar no jornal *A Semana*, que era ainda proprietário da Padaria Damiana, fazendo crer ter sucedido a progenitora no negócio que estava instalado no rés-do-chão da residência familiar<sup>210</sup>. Posteriormente, a ausência de quaisquer outras notícias sobre a padaria onde, no dizer de João Amaral, se fabricava o *melhor pão do mundo tanto em trigo como em milbo*<sup>211</sup>, poderão relacionar-se com o seu encerramento, em data que não podemos precisar.

No ensino, os parcos testemunhos que nos chegaram, de antigos colegas e alunos, revelam um professor afável, empenhado e muito dedicado, que facilmente conquistava a predileção dos seus discípulos<sup>212</sup>. À semelhança da prática que adquirira no Porto, enquanto estudante da Escola de Belas-Artes, João Amaral, no final de cada ano lectivo, organizava na aula de Desenho exposições dos trabalhos dos alunos<sup>213</sup>. Seria, no entanto, no campo das artes dramáticas que o seu empenho com os alunos teria muito maior visibilidade, enquanto professor de Declamação e autor, encenador e cenógrafo de inúmeras récitas apresentadas nos saraus culturais que se realizavam no teatrinho do Colégio ou no Teatro Lamecense, sob a sua direção e do maestro Saldanha Júnior<sup>214</sup>.

A parceria com Saldanha Júnior, a quem o unia uma forte amizade,

208\_ Pe. Jorge Ferreira, ob. cit., 33-37.

209\_ *Idem, ibidem*, p. 41.

210\_ João Amaral, «Declaração», *A Semana*, 9 de janeiro de 1909, p. 2.

211\_ *Idem, ibidem*, p. 2.

212\_ Gentil Guedes Gomes, «Gente da Nossa Terra. Mestre João Amaral», *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, janeiro de 1956, p. 38 e 39.

213\_ Satúrio Pires (Cap), «Palavras de Justiça», *Varanda do Douro*, agosto de 1955, p. 1.

214\_ Pe. Jorge Ferreira, ob. cit., p. 271.

poderá explicar uma intensificação da sua ligação ao Teatro durante este período, que longe de confinar ao meio académico, se estende a vários grupos amadores, de natureza benemérita, aos quais associa o seu nome, com destaque para o «Grupo Dramático e Beneficente João Rosa», em homenagem ao célebre ator João Rosa (1843-1910)<sup>215</sup>, de que foi director/ensaiador artístico entre pelo menos 1914 e 1930<sup>216</sup>.

Com efeito, nas duas primeiras décadas do século XX, João Amaral encontra em Lamego terreno fértil para dar plena expressão à sua condição de amante do Teatro, que timidamente tinha iniciado no Porto, onde, mais do que protagonista, fora um atento frequentador de casas de espectáculo que, seguindo o exemplo de Rafael Bordalo Pinheiro, ia registando no seu *álbum* de desenhos os atores, as suas prestações, as reacções do público e outras curiosidades.

Em boa verdade, a *terra pachorrenta, adormecida ... do lá vem um*<sup>217</sup> - como João Amaral descrevia Lamego na viragem do século -, no dealbar do século XX, transforma-se numa cidade onde emergem associações, colectividades, clubes e casas de espetáculo<sup>218</sup>, espaços de sociabilidade e convívio, que ajudavam a romper com a *vida conventual e recatada de antanho*<sup>219</sup> e imprimiam à cidade um clima de agitação cultural, para o qual João Amaral contribuiu decisivamente. Contribuição que, longe de se limitar ao papel protagonista na organização e realização de espetáculos, levando a sociedade lamecense a encher as salas de efusivas gargalhadas e aplausos<sup>220</sup>, que eram notícia nos vários títulos da imprensa local<sup>221</sup>, se alargava à colaboração com empresários, na conceção e decoração dos espaços que iam surgindo.

Entre 1907 e 1918, impressiona a assiduidade com que o seu nome é citado na imprensa e em folhetos de récitas e saraus que se realizavam em Lamego, no antigo Teatro Lamecense, ou no Salão Teatro (1911-1930)<sup>222</sup> [cat. 28], como o ator, autor, encenador, figurinista e caracterizador de monólogos, canções, comédias e dramas<sup>223</sup>.

Das peças que foi autor, conservam-se cópias das comédias *Os compadres* (1907), *Os estudantes* (1908) e *Que grande trapalhada* (1909), dos tercetos cómicos *Os três cãeseiros* e *Três más-línguas* (ambos de 1908), do

215\_ O ator João Rosa, irmão de Augusto Rosa, da prestigiada companhia Rosas & Brazão, antes de se ter decidido pelo Teatro, foi professor de Declamação no Conservatório frequentou o curso de pintura da Academia de Belas-Artes. Por certo, uma referência para João Amaral.

216\_ Datas extremas das notícias publicadas nos jornais *A Tribuna* («Grupo Dramático J. Rosa», *A Tribuna*, 13 de dezembro de 1914, p. 3) e *A Fraternidade* («Récita», *A Fraternidade*, 29 de março de 1930, p.1) relacionadas com a colaboração entre João Amaral e o Grupo Dramático Teatral João Rosa.

217\_ *Idem, ibidem*, p. 8.

218\_ O êxito com que foi recebido o cinema em Lamego, em 1908, tornou exíguas as salas existentes, levando à construção ou ampliação de novos equipamentos que, na sua programação, articulavam a apresentação de cinema e de teatro. Entre 1911 e 1930, as duas salas existentes - o velho Teatro Lamecense e o Salão Teatro - operavam através de um acordo tácito entre ambas. Quando em 1929 abre o Teatro Ribeiro Conceição, chegaram a funcionar três espaços em simultâneo (cf. Fernando Cabral, obra citada, p.40-43).

219\_ *Idem, ibidem*, p. 8.

220\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 30 de setembro de 1944, p. 2.

221\_ Em especial, naqueles com que João Amaral mantinha um estreito contacto, nomeadamente os jornais republicanos locais *A Tribuna*, *A Fraternidade* e o *Beira Douro*.

222\_ Sobre as salas de espectáculo de Lamego em finais do séc. XIX e XX, vide Fernando Cabral, *O Cinema em Lamego. Do mudo aos nossos tempos*. Lamego, 1996.

223\_ AML. Programas de Teatro, inv. 4873.

monólogo *O Comilão* (1908) e da cançoneta *É boa!* (1909), que ainda em finais do século XX eram representados amiúde pelos alunos do Colégio de Lamego<sup>224</sup>. A sua leitura revela-nos textos de saborosa ingenuidade, cheios de graça e oportunidade, recheados de imprevistos e mal-entendidos, que provocavam o riso, entre várias referências ao teatro português e a reconhecidos atores da época, como Francisco Tabor da (1824-1909), Eduardo Brazão (1851-1925), ou os irmãos João e Augusto Rosa (1852-1918), citados, por exemplo, na comédia *Que grande trapalhada*<sup>225</sup>. Noutros textos, como sucede na comédia *Os estudantes*, os enredos são mais elaborados, propondo uma solução de *comédia dentro da comédia*, remetendo o espectador para os preparativos e ensaios de representações teatrais, como sucede na peça *Os estudantes!*<sup>226</sup>.

Como cenógrafo, a sua atividade encontra-se documentada num antigo postal, que mostra o interior do Salão Theatro de Lamego, em que domina o pano de boca que pintou em 1909.

Projetado desde 1901 por um grupo de lamecenses, só em abril de 1911 e, desta feita, pela Empresa Soares & C.<sup>a</sup>, o Salão Theatro de Lamego foi oficialmente inaugurado<sup>227</sup>, cerca de um ano depois de ter iniciado uma programação regular de cinema<sup>228</sup>.

A construção do edifício em estilo arte nova (**fig. 87**) fez furor.



Fig. 87 | Salão Theatro de Lamego. 1911-1930. In Francisco Laranjo, *Lamego Antiga*, Lamego, 1989, p.30.

224\_ Pe. Jorge Ferreira, ob. cit., p. 271.

225\_ João Amaral, *Que grande trapalhada*, 1909 (policopiado).

226\_ João Amaral, *Os Estudantes*, 1908 (policopiado).

227\_ F.J. Cordeiro Laranjo, *Lamego Antiga*, p. 31.

228\_ Fernando Cabral, ob. cit., p. 63 e 65.



Fig. 88 | Antiga residência de Francisco Luíz Pereira, na rua Macário de Castro.



Fig. 89 | Caricatura de Francisco Luíz Pereira, por João Amaral, 1932. Museu de Lamego, inv.3775

229\_ *Idem, ibidem*, p. 65.

230\_ «Francisco Luíz Pereira», *A Semana*, 11 de novembro de 1905, p. 1.

231\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 30 de setembro de 1944, p. 2.

232\_ Seja pelo testemunho de João Amaral, seja pelas inúmeras notícias sobre a vida social, que ocupavam boa parte da imprensa local, depreendemos que a rua Macário de Castro, situada na zona nobre da cidade, junto à catedral, era habitada por uma elite social e cultural de Lamego, constituída por homens de negócios, professores, médicos, advogados e políticos.

Considerada, na época, uma das melhores salas de espetáculo do seu género<sup>229</sup>, era motivo de orgulho entre os lamecenses, justificando a produção de um postal, que revela o seu interior. (cat. 29).

Doravante, João Amaral será requisitado para outros trabalhos de natureza cenográfica. Um dos mais significativos, e ao mesmo tempo dos menos conhecidos, seria a decoração da «Sala da Música» (cat. 33), da residência de Francisco Luíz Pereira, na rua Macário de Castro (fig. 88).

Francisco Luíz Pereira (fig. 89) era o professor de Língua Portuguesa do Instituto Académico, que depois de um período em Manaus, onde viveu durante alguns anos, regressou definitivamente a Lamego em 1905<sup>230</sup>. Antigo aluno e vizinho, João Amaral torna-se visita frequente da casa do mestre<sup>231</sup>, onde, muito possivelmente se reunia alguma da burguesia intelectual de Lamego, em saraus literários e musicais<sup>232</sup>, como a própria designação da sala sugere, trazidos pelo professor da sua vivência no Brasil.

Em 1910, João Amaral assina a pintura de ornato que cobre a superfície total das paredes e teto da referida sala, homenageando os compositores do século XIX, Richard Wagner (1813-1883) e Charles Gounod (1818-1893). Um desafio exigente, não só em termos físicos, atendendo às dimensões do espaço (a. 350 x l. 270 x c. 513 cm), como também em termos de recursos técnicos e criativos. Para além de não se lhe conhecerem outros trabalhos de pintura mural a têmpera, mais habituado à caricatura e ao retrato, não era tão experimentado no desenho de ornato. O reconhecimento da sua parte dessa limitação, longe de o fazer recuar, levá-lo-á a preencher a maior parte do seu terceiro caderno de esboços com motivos ornamentais de fragmentos arquitetónicos, motivos vegetalistas, cartelas e molduras de linhas sinuosas, como forma de treino e aperfeiçoamento de um interesse que era para João Amaral relativamente recente. É neste caderno que encontramos justamente um estudo para a pintura da «Sala da Música» (cat. 32), na qual obtém um resultado de grande efeito visual, mostrando-se particularmente hábil nas perspetivas em *tromp l'oeil* e na modelação dos panejamentos com interessantes efeitos de luz e sombra, sugerindo brilhos e texturas (cat. 33).

## Então... Chéu!...

Escrita por antigos alunos de João Amaral que, por volta da 1914, fundam na rua da Olaria o Grupo Sport de Lamego, para se libertarem do olhar inquisidor dos pais que se reuniam na Associação Comercial ou no Clube Lamecense<sup>233</sup>, a revista de costumes locais Então... Chéu!.. (cat. 30), viria a constituir uma coroa de glória na história do Teatro em Lamego e um dos momentos mais marcantes da carreira teatral do antigo mestre.

Os autores pela composição literária, António Correia Neves, José Joaquim Gomes e Rogério Ferraz

*crentes fervosos da graça e Hilaridade, eles aí vão em Romaria á ermida de S. João... Amaral. Santo muito milagreiro em desopilativos, e de mãos postas, ei-los suplicando o auxílio do grande artista que num rasgo de iluminada franqueza e abnegação, lhes concede todo o seu valiosíssimo préstimo e os seus inimitáveis serviços*

<sup>234</sup>

Não se tinha completado um ano desde o lúgubre desastre que lhe levou o filho João, aos seis anos de idade, depois de se ter desequilibrado da janela onde brincava<sup>235</sup>, causando-lhe um profundo desgosto, quando João Amaral se entrega a este projeto que se revelará um enorme êxito. Com o maestro Saldanha Júnior na composição e direção musical (cat. 31), João Amaral será o responsável pela encenação, direção cenográfica, caracterização e guarda-roupa de 90 personagens. Para que nada faltasse ao espetáculo em brilho, luxo e elegância, João Amaral e Rogério Ferraz vão ao Porto escolher o guarda-roupa e as cabeleiras<sup>236</sup>, que serão fornecidas pelo Teatro Sá da Bandeira e pelo Cabeleireiro Ribeiro<sup>237</sup>.

A revista seria apresentada nos dias 29, 30 e 31 de março de 1916, perante uma assistência que encheu a plateia do Salão Teatro. As críticas não podiam ser mais lisonjeadoras:

*O desempenho foi admirável, João Amaral e Almeida Saldanha cobriram-se de glória – um no Palco, outro na Música. A apoteose que o publico lhes fez entre aplausos e flores foi digna de recompensa moral*

233\_ Júlio da Rocha Diniz, «Recordando...», *Beiradouro*, 26 de fevereiro de 1944, p. 5.

234\_ «Então... Chéu!», *A Tribuna*, 2 de fevereiro de 1916, p. 3.

235\_ «João Amaral», *A Tribuna*, 28 de março de 1915, p. 2.

236\_ «Então... Chéu!», *A Tribuna*, 26 de março de 1916, p. 3.

237\_ «A revista de Lamego», *A Fraternidade*, 25 de março de 1916, p. 2.

Para celebrar, em honra de todos os que contribuíram para o sucesso da revista, foi oferecido um banquete nas instalações do Grupo Sport Lamego<sup>239</sup>. No mês seguinte a peça subiria de novo ao palco, para mais duas sessões em Lamego, no Teatro Lamecense, e uma na Régua<sup>240</sup>.

O sucesso desta empresa ficou a dever-se em larga medida à imprensa que, mesmo antes da estreia fez divulgar pormenores dos preparativos e dos ensaios, não se furtando a rasgados elogios, que alimentavam a curiosidade e interesse dos leitores. Após a exibição da peça, e confirmado o êxito que antecipadamente tinha previsto, a imprensa manteria o mesmo tom laudatório. *A Tribuna*, em especial, é incansável no enaltecimento e manifestação da sua profunda admiração pelas qualidades de Saldanha Júnior e especialmente João Amaral, a quem se referem com o distintivo de *nosso Amigo*<sup>241</sup>.

Na verdade, João Amaral era colaborador do jornal desde o primeiro número, editado a 22 de março de 1914 (**fig. 90**), como ilustrador de uma galeria de «Lamecenses Ilustres», para a qual desenha um conjunto retratos à pena, que se publicam até novembro desse ano<sup>242</sup>. No ano seguinte, estreia-se também como redator, assinando com o monograma J. A., uma «Secção Theatral», que não ultrapassou a publicação de dois pequenos textos dramáticos<sup>243</sup>, e um artigo de crítica de Teatro, sobre a prestação do ator Ferreira da Silva, na peça *O Pai*, apresentada no Salão-Teatro de Lamego<sup>244</sup>. Assim, será por via da paixão pelo Teatro que João Amaral entra no mundo da redação editorial, iniciando uma prática regular de escrita de crónicas para revistas e jornais, que irá manter pela vida fora, já não sobre Teatro, mas sobre outros assuntos, mais em harmonia com os compromissos que irá assumir no futuro.

238\_ «Então... Chéol!...», *A Tribuna*, 2 de abril de 1916, p. 3.

239\_ «No Grupo Sport Lamego. Um banquete», *A Fraternidade*, 8 de abril de 1916, p. 1.

240\_ «Reprise da celebre revista 'Então... Chéul!...», *A Fraternidade*, 29 de abril de 1916, p. 1 e 2.

241\_ «Então... Chéol», *A Tribuna*, 26 de março de 1916, p. 3.

242\_ Para a galeria, João Amaral desenha os seguintes retratos: Joaquim António Magalhães, D. José de Moura Coutinho, Macário de Casto, José Isidoro de Guedes, Cardoso Avelino, António Pinheiro Osório e Coronel Joaquim José da Costa Júnior. *A Tribuna* publica ainda, da sua autoria, um retrato de Afonso Costa.

243\_ João Amaral, «Secção Theatral. Dedicado aos Amadores Dramáticos», *A Tribuna*, 24 de maio de 1914, p. 3; «Secção Theatral. A Taberna Lusitana», *A Tribuna*, 18 de abril de 1915, p. 3.

244\_ J. A. [João Amaral], «Salão Teatro. Ferreira da Silva», *A Tribuna*, 17 de junho de 1917, p. 2.



## O DIRETOR DO MUSEU REGIONAL DE LAMEGO (1917-1955)

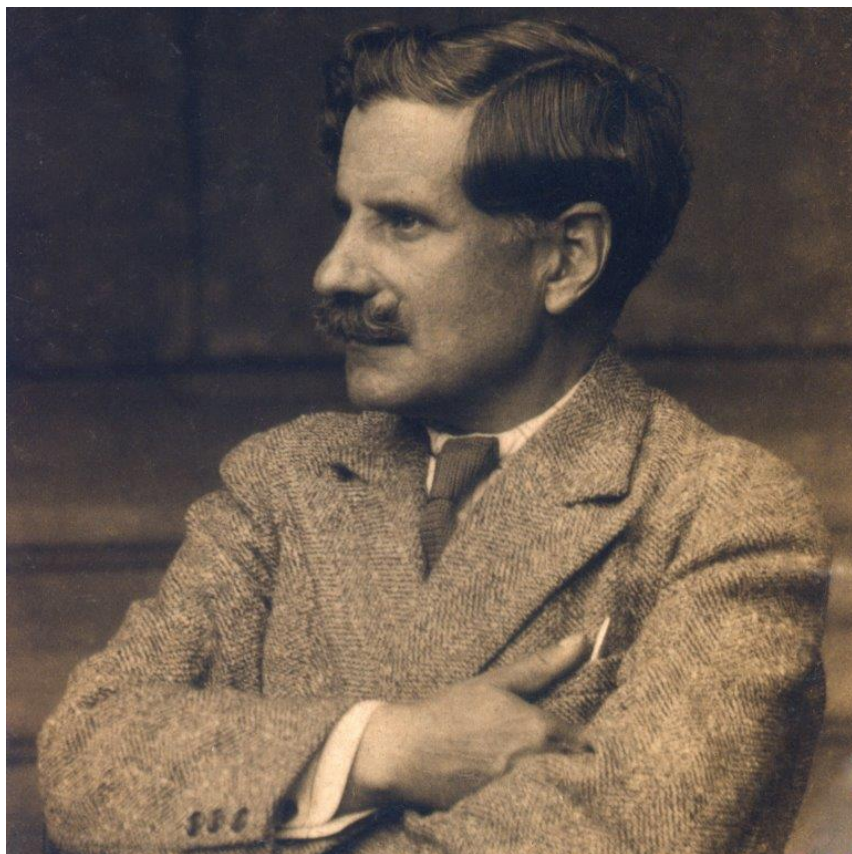


Fig.91 | Retrato fotográfico de João Amaral, 1919. Coleção João Amaral, neto.

A ligação que João Amaral tinha com a imprensa republicana, que se apresentava como o Órgão do Partido Republicano Português em Lamego, seguindo as linhas orientadoras do partido presidido pelo Dr. Alfredo de Sousa (1876-1963)<sup>245</sup>, teve um peso atuante na visibilidade cada vez maior que João Amaral ia tendo no meio, numa altura em que pareciam esbater-se as dificuldades de consolidação da República na cidade<sup>246</sup>.

Associando-o à educação e às artes, e a causas beneméritas e sociais, a imprensa ajudava a consolidar o perfil público do artista *talentoso* e do cidadão interventivo e abnegado que nunca faltava à chamada sempre que o seu contributo era necessário o que, como não será arriscado afirmar, estará na origem dos diversos cargos e funções que o irmão ocupar na maturidade.

Pelo Decreto n.º3047 de 5 de abril de 1917 era criado em Lamego um museu regional de obras de arte, arqueologia e numismática, a instalar provisoriamente no antigo paço episcopal, enquanto não se concluíssem as obras de reconstrução do edifício do antigo hospital. Inicialmente

245\_ «A Tribuna», *A Tribuna*, 22 de março de 1914, p. 1.

246\_ Em carta de Francisco Sousa Gama, então presidente da Câmara de Lamego, enviada em 1912 à Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, denuncia-se o facto as damas não aparecerem para ouvir a música que se tocava nos jardins, como no tempo da Monarquia; de os homens ricos, monárquicos e padres não aparecerem em público ou mostrarem-se constrangidos quando o faziam e, entre outros, de os reacionários estarem a conspirar tomar de assalto a Câmara e repartições para erguer a bandeira da Monarquia (ACMF. Comissão Jurisdicional de Bens Culturais. [carta de] Francisco Sousa Gama, 15 de maio de 1912).

composto pelas obras de pintura, tapeçaria e mobiliário, que existiam no paço, e as coleções de ourivesaria e paramentaria que se encontravam depositadas na igreja e hospital da Misericórdia. O museu seria dotado de um director-conservador, com a gratificação de 180\$00 (quantia retificada a 20 junho, para 160\$00), auxiliado por um guarda, a auferir metade do valor<sup>247</sup>.

A 6 de julho do mesmo ano, era publicada em *Diário do Govérno* a nomeação, com efeitos a partir de 15 de junho, de João Amaral para director-conservador do museu<sup>248</sup>.

Com os dois diplomas decidia-se favoravelmente em relação aos intentos que Lamego, por vontade e determinação de Alfredo de Sousa, acalentava há já seis longos anos. No dia 29 do mês seguinte, é em ambiente de celebração que o político lamecense, então administrador do concelho, confere a posse do cargo ao amigo e correligionário João Amaral, numa cerimónia que decorreu nos paços do concelho, onde acorreram muitos amigos que não quiseram deixar de demonstrar o seu apoio e amizade<sup>249</sup>.

A presidir a Comissão Administrativa de Execução da Lei da Separação do do Estado das Igrejas, de 20 de abril de 1911, encarregada de proceder ao arrolamento dos bens eclesiásticos do concelho de Lamego, Alfredo de Sousa vê aprovada por unanimidade a moção que apresenta à Câmara Municipal, a 21 de setembro desse ano, de interceder junto do Governo para que lhe fosse cedido o edifício do antigo paço episcopal, para nele se fundar um museu de arte, onde se exporiam os objetos de valor das igrejas, que não fossem indispensáveis ao culto<sup>250</sup>. No ano seguinte, concluído o inventário dos bens da Mitra, faz acompanhar o envio dos respetivos autos para a Comissão Central, de um ofício em que defende a criação de um museu regional, de acordo com o disposto no 76.º artigo da referida lei: *serão organizados museus de arte regionais onde não existam*<sup>251</sup> e de um exemplar da separata O Paço Episcopal de Lamego, de José Júlio Rodrigues (cat. 55), de modo a poder avaliar-se o valor dos bens móveis arrolados nesse edifício.

Determinado em levar por diante o seu projeto, através da Comissão Concelhia de Administração, em 1912, Alfredo de Sousa solicita

247\_ «Decreto 3074/1917, 5 de abril, *Diário do Govérno* I Série, n.º 53.

248\_ «João Amaral», *A Tribuna*, 8 de julho de 1917, p. 1.

249\_ «João Amaral», *A Tribuna*, 2 de setembro de 1917, p. 1

250\_ ACML. «Sessão de 21 de setembro de 1911», *Livro de Actas*, n.º 30, fl.132.

251\_ ACMF. C/JBC/VIS/LAM/ADMIN/056. Alfredo Pinto d'Azevedo e Sousa [ofício de], ao Presidente da Comissão Central de Execução da Lei de Separação, 30 de julho de 1912.

autorização para organizar nos dias 6, 7 e 8 de setembro, uma exposição de *Arte Ornamental*, nos salões do paço episcopal, com *todas as riquezas sacras, de valor histórico e artístico que foram arroladas na cidade (...) a fim de poderem ser vistas e apreciadas pelos milhares de forasteiros que costumam vir a Lamego nos dias de festa*<sup>252</sup>.

Apresentada como um dos pontos altos do programa das Festas dos Remédios desse ano, a exposição de arte sacra foi alvo de cuidada cobertura, realizada pelo semanário *A Fraternidade*, que lhe destinou uma reportagem, no dia 7 de setembro, com a descrição dos objetos em exposição, acompanhada de imagens fotográficas e a seguinte conclusão: *Todos devem ir vê-los, contemplá-los e admirá-los com orgulho pois que poucas terras do país possuem como nós objectos de tamanbo valor para um museu regional. Viva Lamego!*<sup>253</sup>

De acordo com o testemunho do órgão do partido republicano, a exposição atraiu várias personalidades influentes na política nacional, que demonstram a sua solidariedade com Alfredo de Sousa, nomeadamente Manuel Monteiro (1879-1952)<sup>254</sup>, conceituado escritor, arqueólogo, etnólogo, magistrado, diplomata e crítico de arte<sup>255</sup> que, ainda no ano anterior, havia escrito sobre as riquezas que vira no paço lamecense, na sua obra *Douro*<sup>256</sup>.

No entanto, teria que esperar-se até 1914, para que o esforço empreendido começasse a surtir alguns efeitos. Acompanhando os desenvolvimentos relacionados com a missão de Alfredo de Sousa, o mesmo periódico dá a notícia da dotação concedida pelo Ministério da Instrução Pública, para a instalação do museu<sup>257</sup>, num processo que seria ainda de lenta concretização. De acordo com o historiador Pe. Manuel Gonçalves da Costa, baseado numa suposta filiação maçónica, por essa altura, o nome de João Amaral já seria apontado para a direção do museu<sup>258</sup>.

Dois anos mais tarde, sem que a instalação do museu se tivesse concretizado, o chefe da Repartição de Instrução Artística do ministério anterior, António Ferrão, incumbido o presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 3.ª Circunscrição de ir a Lamego *para proceder á escolha do local apropriado, e verificação das espécies artísticas e arqueológicas que devem fazer parte do novo museu*<sup>259</sup>, e de enviar um relatório circunstanciado do resultado d'essa missão e proposta a nomeação de pessoal idóneo (...) a cargo de quem fiquem os respectivos serviços<sup>260</sup>

252\_ ACMF/Arquivo/CJBC/VIS/LAM/ADMIN/044. [Ofício de] Comissão Concelhia de Administração de Lamego (Lei da Separação) ao Presidente da Comissão Central de Execução da Lei de Separação do Estado das Igrejas, 2 de agosto de 1912.

253\_ «Exposição de Arte Ornamental», *A Fraternidade*, 7 de setembro de 1912, p. 1 e 2.

254\_ «Museu de Arte e Arqueologia de Lamego», *A Tribuna*, 12 de abril de 1914, p. 1.

255\_ Jorge Barbosa - *Toponímia da Póvoa de Varzim*. III, 1975, p. 60.

256\_ Manuel Monteiro, *O Douro. Principaes Quintas, Navegação, Culturas, Paisagens e Costumes* (Fac-simile da edição de 1911), 1998, p. 140.

257\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

258\_ Manuel Gonçalves da Costa, *Seminário e Seminaristas*, p. 380. Com efeito, na biografia de João Amaral cruzam-se vários nomes comprovadamente ligados a obediências maçónicas, com os quais mantinha estreitas relações da ordem política ou profissional, ou ainda familiar, nomeadamente, Aquilino Ribeiro, Alfredo de Sousa, Francisco Lopes de Sousa Gama, Vergílio Correia ou o do cunhado Vasco de Vasconcelos. Não sendo de ignorar esta circunstância na rede de amigos de João Amaral, no âmbito da atual investigação, não nos foi possível, comprovar a afirmação do historiador M. Gonçalves da Costa.

259\_ AAHME. Ministério da Instrução Pública, [ofício de] António Ferrão ao Presidente do Conselho de Arte e Arqueologia da 3.ª Circunscrição, 20 de março de 1916.

260\_ *Idem, ibidem*.

O cargo de presidente da 3.<sup>a</sup> Circunscrição do Conselho de Arte e Arqueologia e desde 1913 também de diretor do Museu Soares dos Reis, era ocupado pelo mestre Marques de Oliveira.

Quando chega a Lamego, o antigo professor da Escola de Belas-Artes é recebido por Alfredo de Sousa, que o faz acompanhar pelo périplo que faz pelos monumentos da cidade e terras circunvizinhas, pelo seu antigo discípulo, João Amaral<sup>261</sup>, numa coincidência que *o sr. Marques de Oliveira muito estimou*<sup>262</sup>.

Não é conhecido o teor do relatório da missão de Marques de Oliveira a Lamego, mas naturalmente que se deve situar como um dos mais diretos antecedentes da homologação dos documentos legais referidos anteriormente.

Nomeado diretor do Museu Regional de Lamego aos 43 anos de idade, João Amaral permanecerá no cargo durante 38 anos. Sem qualquer dúvida que a direção do museu constituiu o mais exigente desafio do seu percurso, ao qual se entregou com um espírito genuinamente missionário, enfrentando provações e adversidades, por vezes muito duras, com uma capacidade de resistência pouco comum.

261\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

262\_ «Museu Regional de Lamego», *A Tribuna*, 23 de abril de 1916, p. 1.



Fig. 92 | Jardim do Rocio e Museu de Lamego, cliché de José Gouveia Gomes Júnior, 1928 © Centro Português de Fotografia/ DGLAB/SEC

No Arquivo do Museu de Lamego conserva-se um livro com a cópia da correspondência expedida pelo museu, assinada por João Amaral até 1955<sup>263</sup>, último ano em que exerce funções. O pesado volume constitui um valioso testemunho sobre a história do museu durante a direção de João Amaral. Percorrer as suas páginas é conhecer as espinhosas e longas batalhas que combateu, os seus terrivelmente atuais desabafos e protestos, as limitações, as frustrações..., mas também algumas vitórias importantes e alegrias.

As dificuldades começam logo de início, quando passados vários meses de ter tomado posse, ainda a Câmara de Lamego não lhe tinha entregado as chaves do paço episcopal, por forma a poder abrir o museu, ao que tudo indica, devido à resistência por parte de alguma vereação em depositar a confiança em João Amaral<sup>264</sup>. Vencida a oposição, consegue fazer a abertura do museu em maio de 1918<sup>265</sup>, mas logo no mês seguinte é obrigado a conviver com a angústia motivada pela pressão que o clero de Lamego fazia junto do Governo, para que a antiga residência do bispo fosse restituída ao antigo proprietário<sup>266</sup>.

A decisão do governo é desfavorável em relação à petição da Igreja<sup>267</sup>, mas ainda era cedo para que o diretor do museu pudesse respirar de alívio. Em janeiro de 1919, o movimento revolucionário monárquico conta com a adesão de Lamego, antigo baluarte do regime<sup>268</sup>, mantendo a cidade sob o seu jugo durante 23 dias<sup>269</sup>. Durante esse período o governo de Lamego é confiado a Rufino Osório, que destitui João Amaral do cargo de diretor do museu.

A revolução é dominada pela República a 10 de fevereiro. Alfredo de Sousa reassume o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lamego e João Amaral é reconduzido como diretor do museu, por decreto de 11 de março<sup>270</sup>.

De acordo com o testemunho magoado de João Amaral, apesar de breve, o episódio deixou marcas irreparáveis no património que lhe havia sido confiado e que mal tivera tempo de começar a organizar:

*No período de execranda memória em que o antigo palácio dos Bispos de Lamego serviu de quartel às tropas revolucionárias, o admirável e*

263\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego. Registo de Correspondência* (1918-1974).

264\_ *Idem, ibidem*, João Amaral [ofício de] à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lamego, 21 de março de 1918, fl.12; AML. *Sessão de 21 de março de 1918*, «Livro de Atas, n.º 32», fl. 63v e 64.

265\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] ao Presidente da República Sidónio Pais, 20 de junho de 1918, fl.16 e 17.

266\_ ACMF/Arquivo/CJBC/VIS/LAM/ADMIN/023. [Carta de] Cónegos da Sé de Lamego ao Secretário de Estado do Ministério da Justiça e dos Cultos, 16 de agosto de 1918.

267\_ ACMF/Arquivo/CJBC/VIS/LAM/ADMIN/023 [Parecer] do Ministério da Justiça e dos Cultos – Comissão Central da Execução da Lei da Separação, 11 de dezembro de 1918.

268\_ Rocha Martins, *A Monarquia do Norte*, vol. 1, Lisboa, 2008, p. 201-202.

269\_ «Festas comemorativas do aniversário da Libertação de Lamego», *A Fraternidade*, 14 de fevereiro de 1920, p.1.

270\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, 1 de junho de 1919, fl.28.

*opulentissimo recheio do grandioso edifício, constituído pelas preciosidades do Museu e pelos numerosos volumes da rica Biblioteca, foi infamemente saqueado e malbaratado, espalhando-se por ai fóra, a troco de uns patacos, alem de objetos raros e valiosos, imensa quantidade de livros e muitas rimas de documentos manuscritos. Depois de ter acalmado o vento revolucionário e das ultimas tropas terem retirado de Lamego, as quais tentaram incendiar o salão da Biblioteca, onde praticaram as mais revoltantes porcarias... consegui gravuras que lindamente as ornavam.*

*A demissão de director do Museu que me foi dada tão deshumana e infundadamente nesse período politico – chamado Deçembrismo - pagando-se dessa maneira os meus constantes, dedicados e exaustivos serviços officiais e extra-officiaes, causou grandes e graves prejuízos ao Museu e á Bibliotheca, porque foi precisamente na ausencia da minha direcção que as selvajarias [...] tiveram funesta realização<sup>271</sup>.*

Segue-se um ano de relativa acalmia, que João Amaral aproveita para se lançar na colossal tarefa que tinha pela frente, de organização e ampliação do museu: elabora um catálogo da coleção, inicia um plano de incorporações e deita literalmente mãos à obra à recuperação e beneficiação das coleções de tapeçaria, mobiliário e pintura<sup>272</sup>.

Com uma vontade de concretização diretamente proporcional à ausência de meios, João Amaral não consegue prever as repercussões da venda de *alguns objetos sem valor artístico que se encontravam na arrecadação*, para poder pagar a publicação do catálogo que tinha redigido<sup>273</sup>.

A 13 de maio de 1920, estala na imprensa nacional o «caso das tapeçarias». João Amaral transforma-se no protagonista involuntário de uma notícia acompanhada diariamente pelos jornais *O Século* e *Diário de Notícias*, que a apimentavam com títulos sensacionalistas como o «Roubo de Tapeçarias»<sup>274</sup> ou «O Roubo no Museu de Lamego»<sup>275</sup>. Em causa estava a apreensão feita na loja de um antiquário da rua do Rosário, no Porto, de uns fragmentos de tapeçaria flamenga, que o proprietário, Manuel da Silva Correia, declarou ter comprado a um colega estabelecido na rua das

271\_ João Amaral, «Dos Velhos Tempos...», *Beiradouro*, 1 de maio de 1937, p. 4.

272\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] a António Ferro. 17 de julho e 7 de dezembro de de 1919, fl. 19, 24-25.

273\_ *Idem, ibidem*, fl. 24.

274\_ «Roubo de Tapeçarias», *O Século*, 13 de maio de 1920.

275\_ «O Roubo no Museu de Lamego», *Diário de Notícias*, 15 de maio de 1920.

Liceiras, que por sua vez as adquirira a João Amaral, por 900\$00<sup>276</sup>.

João Amaral reage às notícias, solicitando a abertura urgente de um inquérito aos seus atos<sup>277</sup>. Concluída a sindicância é-lhe devolvida a confiança, voltando a reassumir a direção do museu a 11 de janeiro de 1921, após quatro meses de suspensão. Não consegue porém evitar que os fragmentos de tapeçaria, que pertenciam a uma série do século XVI da *História de Helena*, fossem depositados no Museu Nacional de Arte Antiga<sup>278</sup>.

Desse episódio cinzento que, segundo cremos, terá sido o mais duro golpe que teve de enfrentar ao longo dos anos em que esteve na direção do museu, é de sublinhar o apoio e solidariedade que recebeu de colegas e amigos, nomeadamente por parte do futuro diretor do Museu Alberto Sampaio, Alfredo Guimarães (1882-1958) que, através de carta que endereça aos jornais do Porto e Lisboa, defende e justifica os atos de que João Amaral é acusado<sup>279</sup>; e de Vergílio Correia (1888-1944), à época conservador no Museu de Arte Antiga, que lhe faz chegar o seguinte telegrama:

*Peço apresente meu nome sua testemunha sindicância terei máximo  
prazer testemunhar seu zelo profissional grandes serviços prestados  
museu*<sup>280</sup>.

Protegido pela imprensa local<sup>281</sup>, o incidente não teria consequências negativas em Lamego, onde João Amaral irá continuar muito ativo e empenhado em causas cívicas e sociais, tanto mais que, durante segundo mandato da presidência de Alfredo de Sousa (1919-1926), assume a vereação dos *Impostos e Afilamentos* na Câmara Municipal de Lamego<sup>282</sup>.

## O Irmão da Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios

Em 1921, João Amaral toma posse como escrivão da Comissão Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios<sup>283</sup>, reforçando uma colaboração que se tinha iniciado anos antes durante os

276\_ «Roubo de Tapeçarias», *O Século*, 13 de maio, 1920;

277\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofícios de] ao Diretor Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, 13 de maio de 1920, fl. 43.

278\_ AMNAA. Cópia de correspondência expedida (Janeiro de 1920 – Dez. 19121). Luciano Freire [ofício], à Direção Geral do Ensino Superior e Belas-Artes, 9 de junho de 1920.

279\_ AML. Espólio João Amaral - Alfredo Guimarães, *As Tapeçarias do Museu Regional de Lamego. Carta dirigida aos jornais de Lisboa e Porto*, 14 de maio de 1920.

280\_ «Desfazendo a acção venenosa de uma infâmia», *A Fraternalidade*, 22 de maio de 1920, p. 1.

281\_ Em particular pelo jornal *A Fraternalidade* (vide João Amaral, «Declaração», 5 de maio de 1920, p.1 e «As Tapeçarias do Museu de Lamego (carta de 14 de maio de 1920)» e «desfazendo a acção venenosa de uma infâmia», 22 de maio de 1920, p. 1)

282\_ ACML. «Sessão plenária extraordinária de 17 de Dezembro de 1919», *Livro de Actas*, n.º 32, fl.139.

283\_ ARINSRL. «Auto de posse da Comissão Administrativa da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego», *Atas das Deliberações da Mesa Administrativa de 1921 a 1929*, fl. 8v.

festejos em honra da padroeira e, mais tarde, com os retratos a óleo que executa entre 1918-1920 para a galeria de benfeitores do santuário, e com a encomenda que recebe de Sancho Magalhães para o programa decorativo do escadório, para o qual desenha, um total de 37 esculturas ornamentais<sup>284</sup>. Inseridos no projeto das obras escadório, a que foi possível dar continuidade graças ao donativo de mil escudos, concedido em 1917, pelo benfeitor Adriano Francisco Cardoso<sup>285</sup>, os esboços de João Amaral (cat. 46) seriam passados à pedra pelos canteiros de Lamego, José António Mesquita<sup>286</sup> e João Monteiro Mesquita<sup>287</sup> (cat. 47).

Dos melhoramentos introduzidos pela Mesa da Comissão Administrativa no interior do santuário, João Amaral contribuiria ainda com os riscos para a grade de ferro (entretanto retirada), que circundava os degraus da capela-mor, e para guarda-vento da porta principal<sup>288</sup> que, por sua proposta, executou gratuitamente<sup>289</sup>, tendo a Irmandade pago, em 1922, ao carpinteiro António Monteiro Vouga a quantia de 74\$55, pelo serviço de montagem<sup>290</sup>.

Daqui em diante, sem descurar outros afazeres e responsabilidades, o museu vai progressivamente sobrepor-se em relação a outros compromissos, absorvendo-lhe cada vez mais uma energia que parecia inesgotável.

Nos anos em que ocupa a direção João Amaral irá trabalhar em duas principais frentes, relacionadas, por um lado, com a ampliação física do museu e, por outro, com o engrandecimento das coleções, por forma a transformar Lamego na cidade com o melhor museu da província. Preocupações com a segurança e restauro das obras de arte e com a sua divulgação vão-se tecendo em torno dessas duas grandes prioridades.

Deste modo, tendo-lhe sido entregues apenas cinco dependências do 1.º piso do vasto casarão da antiga residência episcopal, João Amaral vai ser incansável nos apelos à tutela e autoridades locais sobre o grave prejuízo que era para o museu a partilha do edifício com outros serviços públicos, defendendo a sua ocupação apenas pelo museu e pela instalação de uma Biblioteca Municipal, a criar a partir do espólio do paço.<sup>291</sup> À medida que os

284\_ Cón. José António Marrana, *História do Culto de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*, (2.ª edição), 2001, p. 120.

285\_ ARINSRL. «Sessão de mesa de 8 de Novembro de 1917». *Livro de Sessões* (1917 a 1921), fl. 6.

286\_ Cón. José António Marrana, obra citada, p. 120.

287\_ AIRNSRL. «Acta da sessão de 14 de Janeiro de 1929», *Actas das Deliberações da Mesa Administrativa 1921 a 1929*, fl. 58.

288\_ *Idem, ibidem*, p. 94 e 96.

289\_ ARINSRL. «Acta da sessão de 3 de Novembro de 1921», *Actas das Deliberações da Mesa Administrativa 1921 a 1929*, fl. 10.

290\_ ARINSRL. Mandado de pagamento n.º 358 (doc. avulso).

291\_ Sobre a história do Museu de Lamego *vide*: F. J. Cordeiro Laranjo. *Cidade de Lamego. Museu de Lamego*, Lamego, Câmara Municipal de Lamego, 1991; Agostinho Ribeiro (coord), *Museu de Lamego*, Lisboa, IPM, 1998.

seus protestos vão fazendo efeito, e desalojados os inquilinos indesejáveis do antigo palácio, torna-se necessária a adaptação dos espaços à nova função, dando lugar a um lento e faseado projeto de obras de beneficiação e ampliação do edifício assente na campanha de obras públicas levada a efeito durante o Estado Novo, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN)<sup>292</sup>. Decorridas as duas primeiras campanhas de obra entre 1929-1939 e 1942-1944, João Amaral tem a fortuna de ver coroados de êxito os seus esforços, e poder assistir a uma completa transformação do espaço do Museu, com o dobro da área anteriormente ocupada, e uma total reorganização e remodelação dos espaços, de acordo com modernas práticas museográficas.

João Amaral empenha-se ativamente em todo o processo, tanto como membro da comissão nomeada pelo Ministro das Obras Públicas encarregada de estudar o plano a que deviam obedecer as obras<sup>293</sup>, como diretor do museu, assegurando uma articulação eficaz entre as entidades ministeriais, os arquitetos e engenheiros responsáveis pelo projeto e os empreiteiros locais encarregados pela sua execução. Pressionando uns e outros, agilizando procedimentos e ouvindo opiniões, não se coíbe de quando em vez emitir os seus pontos de vista, revelando possuir uma visão esclarecida em questões de arquitetura e funcionalidade, como a que exprime na carta enviada em novembro de 1936, ao engenheiro Arala Chaves, a propósito do projeto de cobertura do salão principal:

*Ex.mo Snr. Engenheiro Arála Chaves.*

*A cerca das impressões trocadas entre mim, V. Exa. e o Exmo Senhor arquitecto Álvaro da Fonseca, sobre a melhor forma de se obter luz necessária e mais conveniente para iluminar o salão nobre deste Museu, sou de parecer que éla seja fornecida pelo tecto. É certo que a luz das janelas e dos óculos era, em outro tempo, suficiente pela circunstância das paredes serem caiadas e o tecto ser estucado a branco, havendo, contudo, deficiencias prejudiciais aos objectos expostos.*

*Estou, pois, de acordo com V. Exa. e o seu Exmo colega, devendo, para o excito ser completo, que a condensação, ou melhor, a trespassão das geadas não se dê através dos vidros das clarabóias (influe neste caso*

292\_ Sobre o projeto de beneficiação e ampliação do museu vide: [Alexandra Isabel Falcão], *História do edifício e fundação do museu* [disponível em:

<http://www.museudelamego.pt/historia/>].

293\_ «Museu Regional de Arte e Arqueologia de Lamego», *Beiradouro*, 26 de outubro de 1935, p. 4.

a disposição ou colocação dos vidros) e que o telhado ofereça a vantagem de não deixar cair sobre os vidros do tecto camadas de poeira, em que a construção do tecto seja de molde a, com facilidade e segurança, poder-se efectuar a respectiva limpeza.

Como não pode nem deve a luz ser permanente sem prejuizo dos objectos expostos, o que anteriormente se evitava fechando as janelas, abrindo-se apenas quando havia visitantes, lembro a V. exa. que seria bom e até indispensável estudar-se a maneira de velar a luz das claraboias ou do tecto por meio de cortinas, que podendo ser manobrádas por baixo (no pavimento do salão) seria um serviço admirável. A bem da Nação. Museu Regional de Lamego, em 14 de Novembro, de 1936 o Director do Museu (a) João Amaral<sup>294</sup>.

Em paralelo com o esforço de ampliação e beneficiação do museu, João Amaral levará por diante uma sistemática política de incorporações, enriquecendo a coleção com um grande número de objetos, quer oficiando às entidades locais e administrativas, a solicitar as espécies que, por mal aproveitadas ou em risco de se perder, deviam recolher ao museu; quer em missões de angariação de objetos que fazia pelas terras circunvizinhas<sup>295</sup> ou em visitas às obras de restauro que o Estado realizava nos monumentos da cidade<sup>296</sup>; quer ainda por doação, por troca e/ou compra.

É desta forma que dão entrada no museu, por exemplo, o conjunto de capelas e esculturas (em 1919 e 1928) que se encontravam nos claustros do mosteiro das Chagas de Lamego, salvando-se assim do desbarato e da demolição do edifício ocorrida em 1931<sup>297</sup>; diversas espécies arqueológicas dos períodos romano, românico e manuelino, recolhidas junto do castelo e na rua da igreja de Almacave; e alguns espólios importantes, como sejam o do poeta lamecense Fausto Guedes Teixeira (1941) (fig. 94), e do amigo e cunhado, Vasco de Vasconcelos (1951).

Entre 1928 e 1941, com a constituição do Grupo Pró Museu Regional, Biblioteca e Turismo<sup>298</sup> (que substitui o *Grupo de Amigos do Museu Regional*, criado por iniciativa de João Amaral e Albano Sardoeira em 1925<sup>299</sup> e logo extinto no ano seguinte<sup>300</sup>), seria ainda possível alargar o âmbito da coleção

294\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] a Arala Chaves, 11 de novembro de 1936, fl.164-165.

295\_ «Dos velhos tempos...» *Beiradouro*, 30 de outubro de 1937, p. 4

296\_ «João Amaral». *A Fraternidade*, 17 de setembro de 1921, p. 1.

297\_ João Amaral, «Soror Maria da Cruz. Artista de pintura e de música». *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, janeiro de 1955, p. 6-8; Alexandra Isabel Falcão, «Das obras toscas e inclassificáveis...», *A Glorificação do Divino* (catálogo), Museu de Lamego/DRCN, 2015, p. 24.

Disponível em: [http://www.museudelamego.pt/wp-content/uploads/2015/04/AGlorificacaoDoDivino\\_catalogo.pdf](http://www.museudelamego.pt/wp-content/uploads/2015/04/AGlorificacaoDoDivino_catalogo.pdf).

298\_ ACML. «Sessão de 30 de agosto de 1928». *Livro de Atas 35*, fl. 59.

299\_ João Amaral, «Pró Lamego. Os amigos do nosso museu», *A Fraternidade*, 3 de julho de 1925, p.1.

300\_ Batista L. P., «O Grupo dos amigos do Museu, e uma canalhice do Dr. Alfredo de Sousa», *O Marmeleiro*, 15 de março de 1926, p.1.



Fig. 93 | Museu Regional de Lamego. Salão nobre, 1939. Cliché de Domingos Alvão © Centro Português de Fotografia/DGLAB/SEC

a outros domínios, através de uma intensa atividade de aquisição de novas espécies, criteriosamente escolhidas por João Amaral, de modo a integrar no museu aspetos ligados às indústrias tradicionais e etnografia<sup>301</sup> (cat.56-62), como forma de valorização e de afirmação do povo português e da sua identidade nacional.

### **O comissário das Comissão de Estética do Município de Lamego (1935) e da Comissão Organizadora de Nossa Senhora dos Remédios (1936)**

Incluídas no plano nacional de obras públicas promovidas por todo o país pelo Estado Novo, as obras que decorriam no Museu de Lamego

301\_ AML. Pasta Amigos Pró- Museu Regional, Biblioteca e Turismo (1929-1941) (inv. 8582).



Fig. 94 | Aspeto da sala organizada em 1942, a partir do espólio do poeta lamecense, Fausto Guedes Teixeira, doado ao Museu de Lamego, pela viúva, D. Margarida Braga. Arquivo do Museu de Lamego.

estenderam-se a toda a cidade, convertendo-a num imenso estaleiro de reconstrução e construção de novas infra-estruturas e melhoramentos diversos, dando azo a que se cometessem os mais variados abusos a que se deveria por cobro:

*Não faz, com efeito, sentido nenhum que num centro urbano importante, como é Lamego, se estejam a fazer construções que raras vezes obedecem às elementares regras do bom gosto arquitectónico*<sup>302</sup>

É nesse contexto, que por deliberação camarária de 28 de fevereiro de 1935, é criada a Comissão de Estética do Município de Lamego<sup>303</sup>, à qual competia a aprovação de projetos de construção e a emissão de pareceres sobre as alterações a introduzir nos mesmos, de modo a exigir-lhes atributos de beleza e harmonia<sup>304</sup>.

*Pelas suas aptidões naturais, pela educação do senso estético, e pelos trabalhos a que*

302\_ Importante Deliberação Camarária», *Beiradouro*, 7 de dezembro de 1935, p. 4.

303\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

304\_ *Idem, ibidem*, p. 1.

*se dedicam* foram nomeados para a constituição da comissão, para além do presidente da Comissão Administrativa, Luís Martins Manso de Castro, o antigo professor de Desenho do Liceu de Lamego, Luís Teixeira Nápoles, o professor de Desenho Rigoroso e História da Arte, capitão António Correia Neves e o conservador do Museu Regional e professor de Desenho de Ornato no Colégio de Lamego, João Amaral.

Em maio de 1936, e por uma questão lógica relacionada com a anterior nomeação, João Amaral passa a integrar a Comissão Central Organizadora das Festas dos Remédios<sup>305</sup>.

Com o museu encerrado devido às obras, entre junho de 1936 e agosto de 1939, é nesse interregno que, coincidindo com uma maior disponibilidade, João Amaral vai colaborar mais estreitamente com a organização das festas em honra da padroeira da cidade.

É deste modo que, para além da decoração dos carros da procissão do Triunfo (cat. 41), passa a assumir novas responsabilidades, como o de júri de vários concursos que animavam os festejos ou, com muito maior visibilidade, a concepção de projetos de decoração e iluminação da avenida dos Combatentes, cartão de visita da cidade (cat. 38), e de abarracamentos do recinto da feira (cat. 39 e 40).

Foi igualmente o responsável pelo grafismo de diversos cartazes de divulgação das festas, sendo particularmente expressivos os exemplares de 1937 e 1939. Ambos se relacionam com a mudança de rumo que orientou a organização das festas, que passou a incluir um cuidado programa cultural que contava com especial patrocínio do regime, no reconhecimento das festas e romarias como um veículo privilegiado de difusão e propaganda do pensamento *estado-novista*, que defendia uma ideia de progresso assente em valores nacionalistas, corporativistas, historicistas e de amor pela pátria.

Em 1937, anunciavam-se as festas da cidade como *uma patriótica parada regionalista das nossas possibilidades presentes e futuras, um admirável documentário cinematográfico do que somos e podemos ser, do que valem e poderemos valer*<sup>306</sup>, a que a organização de um cortejo folclórico regional e de uma «Exposição Agrícola e de Industreas Domesticas Rurais», ou as apresentações do «Teatro do Povo», precedidas por inflamados discursos em louvor do

305\_ «Festas da Cidade», *Beiradoura*, 16 de maio de 1936, p. 4.

306\_ «Festas da Cidade», *Beiradoura*, 17 de julho de 1937, p. 1.

Estado Novo e de Oliveira Salazar, davam expressão máxima.

O cartaz desse ano (cat. 42), de estética tipicamente nacionalista, traduz graficamente o sentimento bairrista e conservador de uma cidade que se pretendia afirmar pela ancestralidade e seus valores patrimoniais. Através de uma linguagem depurada e simples, de fácil apreensão, João Amaral obtém uma composição equilibrada, compartimentada em dois registos, onde sobressai, na parte superior, o velho burgo medieval, dominado pela torre do castelo e, na parte inferior, uma *Anunciação*, com o anjo Gabriel e a Virgem inseridos cada qual em seu arco gótico, sobre um friso arquitetónico de inspiração manuelina. O modelo, para a representação do episódio bíblico, seria retirado da pintura com o mesmo assunto pertencente ao Museu de Lamego (inv. 15), de autoria de Vasco Fernandes, o célebre Grão Vasco, considerado à época uma espécie de pintor-herói nacional. O discurso nacionalista prossegue na introdução de emblemática facilmente reconhecível, como o escudo coevo à fundação do reino, a cruz de Cristo ou as cinco quinas disseminados por frisos decorativos inspirados na arquitetura da época dos descobrimentos, evocando um passado glorioso que se pretendia fazer renascer. O reticulado monocromático, sobre o qual assenta o desenho, fazendo lembrar uma composição de azulejos, uma das mais tradicionais formas de expressão da arte portuguesa, acentua-lhe o tradicionalismo.

Para o cartaz de 1939, João Amaral apresenta uma proposta que é na forma e no conteúdo bem diferente da anterior (cat. 43). Concebido como se de um cenário se tratasse e recorrendo a uma linguagem sumária, acentuadamente gráfica, num enquadramento que sugere os arcos das arquiteturas efémeras, representa simbolicamente a Virgem, através de uma jovem mulher com a cabeça coroada e uma fiada de rosas, inspirada na iconografia mariana, com uma representação do *Pátio dos Reis*, a servir-lhe de fundo. No seu conjunto, a composição revela uma clara tendência tardo-romântica de pendor decorativista. Recorrendo a uma linguagem mais erudita do que no anterior, suportado por uma policromia exuberante de grande efeito visual, remete-nos para outros trabalhos que executou noutras circunstâncias, designadamente, na cenografia da «Sala da Música».



Fig. 95 | Retrato fotográfico de João Amaral, 1941. Arquivo do Museu de Lamego

Homem do regime era tudo o que ele não era, poder-se-ia afirmar em relação a João Amaral<sup>307</sup>, como a tantos outros artistas e homens do seu tempo que, por irónico destino e em diferentes contextos, desempenharam um papel preponderante na materialização e expressão artística do seu pensamento.

Com uma posição política de oposição ao Estado Novo, mais por tradição do que por coração, João Amaral não ficaria indiferente às transformações que se operavam à sua volta em relação ao que lhe era mais caro, a arte e o património, não se inibindo de reconhecer publicamente a sua admiração e deslumbramento que, em boa verdade, resultava da gratidão que sentia em ver realizado o seu sonho em relação ao museu. Em resposta ao pedido que lhe foi endereçado pelo diretor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, a propósito da conferência comemorativa do X Aniversário da investidura de Oliveira Salazar, na pasta das finanças, declara:

*a obra realizada pelo Estado Novo, em benefício da Arte Nacional, é verdadeiramente notável, honrosa e dignificadora para a Pátria Portuguesa (...) Entre o dilatado numero dessas realizações é justo salientar a remodelação criteriosa e produtiva dos serviços sobre ensino artístico; a restauração salvadora e patriótica dos monumentos nacionais (...) e, para concluir, a grande obra que se tem efectuado nos Museus provinciais do Estado, reformando e restaurando os edifícios em que esses Museus estão instalados, dando-lhes o ambiente condigno do seu valor historico e da sua beleza artística, fazendo assim realçar à visão educada de nacionais e estrangeiros o majestoso e riquíssimo património artístico da Nação<sup>308</sup>.*

A sua rendição é tão mais evidente quanto genuína no pedido que faz – o primeiro em 23 anos de serviço (!) – para gozar, em setembro de 1940, uma licença de 15 dias, que justifica pelo desejo de ir a Lisboa visitar a Exposição do Mundo Português<sup>309</sup>.

É possível que por esta altura comece a sentir algum conforto associado a um sentimento de dever cumprido e, com ele, uma necessidade de se voltar para o que lhe era essencial e para si mesmo.

307\_ Cf. «João Amaral por... João Amaral Carmo e Cecília Carmo», Museu de Lamego, 1915, vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95iZD3ECXCI>.

308\_ CAML, Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] ao diretor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, 11 de abril de 1938, fl.173.

309\_ AML, Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] ao diretor Geral do Ensino Superior e Belas-Artes, 6 de agosto e 22 de agosto de 1940, fl. 200-201.

Em 1941, regressa ao autorretrato (cat. 78). Entre este e o anterior que lhe conhecíamos haviam decorrido 36 anos. Tem agora 67 anos de idade. Revelando as naturais marcas do tempo, o cabelo é agora grisalho, mas mantém-se revolto. O chapéu, que o acompanha desde sempre, em vez de assente sobre a nuca, está na mão, num gesto de saudação, que lhe adivinhamos muito familiar e própria do *gentilíssimo* anfitrião do Museu Regional de Lamego. Pela primeira vez, surge com dois objetos que, para além do laço ao pescoço, se tornarão icónicos da sua imagem: o guarda-chuva e os óculos de aros rotundos, que não lhe desvirtuam o olhar vivo e intenso.

Passados dois anos, volta a representar-se naquele que é o mais intrigante autorretrato. A expressão é grave e sentida, de um desalento que se estende ao chapéu, agora pendendo do braço descaído. Em vez do laço *de artista* enrolado ao pescoço, usa uma convencional gravata (cat. 82). Haverá alguma relação entre este autorretrato e a sua despedida do Colégio de Lamego no mesmo ano? Dois anos depois da sua saída, é ainda o professor amargurado que desabafa a um antigo aluno ter abandonado o cargo *por desgostos e ingratidões da sua direção*<sup>310</sup>.

### O Apóstolo da Arte Regional

Aos poucos, João Amaral retira-se de cena. Afastado de cargos públicos de natureza política ou associativa, das lides teatrais e, por fim, das aulas no Colégio, João Amaral dedica-se quase por inteiro ao museu, onde manterá, até ao fim dos seus dias uma atividade invejável.

Concluídas as principais obras de que o edifício carecia, em meados da década de 1940, as prioridades de João Amaral voltam-se agora para questões ligadas à manutenção e segurança do edifício e ao estado de conservação das coleções, em relação aos quais sempre se debateu numa luta desigual devido à falta de verba, situação que se agravava desde 1941, com a extinção do Grupo de Amigos Pró Museu Biblioteca e Turismo.

Desde o princípio que João Amaral que se acostumou a fazer uso da sua habilidade e aptidões artísticas para resolver problemas de conservação

310\_ AML. João Amaral [carta a] José Cassiano Neves, 30 de maio de 1945.

das peças do museu. Já em 1918 se orgulhava de ter restaurado mobiliário e muitas pinturas que estavam esburacadas e impregnadas de vernizes impróprios e, sobretudo, de ter arrancado da cal das paredes às quais estavam pregadas e recortadas, adaptando-se aos vãos das janelas, pedaços de tapeçaria que, com a ajuda de *uns croquis*, conseguiu ligar, obtendo um enorme pano<sup>311</sup>, referindo-se à célebre tapeçaria titulada *O Julgamento do Paraíso* (inv. 1) (fig. 95).

Em 1932, com a nomeação de Luíz Amaral para guarda do museu, João Amaral passa a poder contar com a ajuda do filho, na sua missão de restauro de objetos artísticos que, inclusivamente, lhe permitia auferir novas espécies para a coleção. Como é testemunhado pela oferta de composições desmanteladas de azulejos dos séculos XVI-XVIII, que recebeu do Museu Machado de Castro, com a condição de *como pintor* as completar<sup>312</sup>.

Partilhando a mesma vocação artística e espírito empreendedor, pai e filho acabariam por montar uma oficina, onde estendem os seus serviços ao restauro de pinturas de particulares e à execução de cópias de pinturas do museu (e não só), cujas receitas aplicavam no museu<sup>313</sup>.

Como em muitos outros projetos em que se envolveu, a oficina de reprodução de pintura teve alguma notoriedade, chegando a receber



Fig. 96 | Aspetto da exposição da tapeçaria do séc. XVI, O Julgamento do Paraíso, da série dos Vícios e das Virtudes. Cliché de Domingos Alvão, 1939 © Centro Português de Fotografia/DGLAB/SEC

311\_ AML, Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] António Ferrão, chefe da repartição de Instrução Artística, 7 de dezembro de 1918, fl. 26.

312\_ AHME – Caixa 3030. Ministério Instrução Pública (DGESBA), 3.ª Secção, Lv. 15, n.º 582, 19 de março de 1935, fl. 203.

313\_ AML. Livro 1. *Museu Regional de Lamego...*, João Amaral [ofício de] ao diretor Geral do Ensino Superior e Belas-Artes, 17 de fevereiro de 1951.

encomendas de vários pontos do país<sup>314</sup>. Em 1951, quando já tinham reunido um significativo número pinturas, João Amaral e o filho Luíz mostram o resultado da parceria numa exposição que se realiza, com grande sucesso de vendas, no Clube Lamecense, em setembro de 1951<sup>315</sup>. O êxito obtido explica a atual dispersão das obras então apresentadas por coleções particulares, de que, infelizmente, apenas uma pequena parte se conhece, como o *Sacristão* [cat. 52] ou a *Paisagem com casario* [cat. 53]. Em ambas, tanto na forma como no conteúdo, se revela uma produção que era destinada ao mercado, com o recurso a uma linguagem conservadora, de um naturalismo tardio, em harmonia com as preferências de gosto da clientela.

Já a aclamadíssima reprodução da pintura de *São Pedro*, da igreja do mosteiro de São João de Tarouca [cat. 54], concluída em 1949, revela uma intenção bem diferente na sua execução. Verdadeiro exercício de rigor e superação, ao qual João Amaral e o filho Luíz dedicam dois anos de trabalho, a cópia de São Pedro dá origem a vários testemunhos impressionados, publicados nos periódicos regionalistas, em artigos de opinião sob elucidativos títulos: «Uma Obra de Arte que honra dois artistas lamecenses»<sup>316</sup> e «Uma Réplica Valiosa do São Pedro de Tarouca»<sup>317</sup>. Particularmente interessante é o artigo publicado no *Comércio do Porto* por um velho conhecido de João Amaral, que assina com as iniciais P.F.A. O anónimo redator desvenda algumas curiosidades de ordem técnica, como o facto de a pintura ter sido deliberadamente reproduzida em tamanho mais pequeno do que o original e ter sido feita *de cor*, depois da deslocação dos dois artistas ao Mosteiro de São João de Tarouca para observarem detalhadamente o modelo e poderem reter todos os seus pormenores, para, na oficina, e com o auxílio de uma pequena óleogravura, deitarem mãos à obra<sup>318</sup>.

O final do artigo é dirigido exclusivamente a João Amaral:

*Nasceu artista e, na sua mocidade, deixou, mercê do seu lápis privilegiado, páginas de fino humor no «Charivari» (...)*

*Lamego prende-o quando lhe seria mais fácil alcançar fama e proveito num grande centro como Lisboa ou Porto. Mas, um dia, surgiu o Museu Regional de Lamego e João Amaral foi nomeado seu director.*

314\_ Entre os principais admiradores e clientes de João Amaral e Luíz Amaral, refira-se Henrique Veiga de Macedo (1914-2004), que foi Secretário de Estado da Educação e Ministro das Corporações e Previdência Social, entre 1949-1961.

315\_ «Notável Exposição no Salão Clube», *Voz de Lamego*, 13 de setembro de 1951, p.1.

316\_ «Uma Obra de Arte que honra dois artistas lamecenses», *Voz de Lamego*, 12 de maio de 1949, p. 4

317\_ Salinas Calado, «Uma Réplica Valiosa do São Pedro de Tarouca», *Voz de Lamego*, 30 de junho de 1949, p. 4.

318\_ P.F.A., «No Museu Regional de Lamego», *Comércio do Porto*, junho de 1949.



Fig. 97 | Retrato fotográfico de João Amaral, c. 1949. Coleção João Amaral, neto.

*O que, de então para cá, se passou, o que foi toda essa vida de verdadeiro apóstolo da arte regional está bem patente nesse museu...<sup>319</sup>*

profetizando: *Esse museu é o seu lar espiritual e certamente lhe absorverá os últimos dias de vida<sup>320</sup>.*

Na verdade, o tempo que lhe resta será sorvido pelo Museu de Lamego, onde cada vez mais o veremos entregue à missão que se impusera de compulsar, fazendo reviver, assuntos do passado de Lamego<sup>321</sup>.

Um *vício* que, como admitia, tinha adquirido com o professor e crítico de arte, Vergílio Correia, de quem era amigo e acompanhara em sessões de trabalho de campo, para lhe fazer os desenhos com que ilustrava as suas publicações (cat. 63, 64 e 65)<sup>322</sup>.

Dispersa por inúmeros jornais e revistas, com que colabora até ao fim dos seus dias, João Amaral deixou-nos uma produção escrita imensa, que constitui, ainda hoje, uma incontornável e inesgotável fonte bibliográfica sobre as coleções do museu e o passado histórico de Lamego. (*vide* Cronologia: *João Amaral - Vida e Obra*, p. 110)

Impelido por uma curiosidade insaciável, João Amaral torna-se um investigador que escreve tal como desenha: torrencialmente, e com incrível fluidez e desenvoltura. Próprio de quem está habituado a tudo observar e tudo reter, João Amaral inclui nos seus textos deliciosas descrições visuais, tornando reféns muitos dos seus leitores<sup>323</sup>; tal como desenha, escreve com um refinado e insuperável sentido de humor:

*São perto de 400 ocasiões em que o leitor estarrecen de medo e de tédio, ao abrir êste jornal deparando com a ameaçadora e horripilante epígrafe: Dos velhos tempos...!»<sup>324</sup>*

e tal como desenha inúmeros autorretratos, escreve notas pessoais ou simples desabafos, que vão surgindo ao correr da caneta, expondo-se transparentemente:

*... quanto mais o passado me foge ou dele me vou afastando pelos anos que acumulo mais o meu espírito, magoado pelo presente, o procura e o exalta... Que grande bota de elástico que eu sou!...<sup>325</sup>*

319\_ *Idem, ibidem.*

320\_ *Idem, ibidem.*

321\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 5 de novembro de 1938, p. 4.

322\_ João Amaral, «Gente da Nossa Terra. O Dr. Vergílio Correia». *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, Dezembro de 1953, p. 356.

323\_ Cf. João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 29 de novembro de 1941, p. 1

324\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 3 de junho de 1944, p. 1.

325\_ João Amaral, «Dos velhos tempos...», *Beiradouro*, 22 de abril de 1939, p. 1.

Entre as largas centenas de artigos que escreve, encontra ainda espaço para os últimos desenhos.

O retrato de 1947, corresponde muito provavelmente à última vez que se autorrepresenta (cat. 86). Um desenho magnífico pelo poder de síntese na forma como reduz a sua representação aos elementos ícones que o caracterizam: o cabelo grisalho e revoltado, levantado dos lados, de risca e longa madeixa descaída na frente; o rosto sulcado por rugas bem delineadas na testa, face e comissuras dos lábios; os óculos, que o identificam e deixam antever os olhos, reduzidos a um breve esboço (sem mais) das pupilas, e o pescoço envolto no enorme laço. João Amaral representa-se como um homem que assume as marcas do tempo, mantendo porém intacto o seu talento para o desenho.

No dia 5 de janeiro de 1954, um domingo, João Amaral dá início ao último e mais reduzido de todos os seus cadernos, quer na quantidade, quer nas dimensões miniaturais dos desenhos, quase todos retratos em forma de busto, com a linguagem gráfica mais sintética de todas quantas tinha usado até aí.

Entre os anónimos que figuram nessa galeria (**fig. 98**) lá está o «rei» Rafael Bordalo Pinheiro, a referência nunca esquecida.

*Já bastante doente um dia*

*Quis despedir-se do Museu e da cidade que lhe foi berço acompanhado da Família num carro de praça:*

*Quis ver a vista de São Brás, o santuário de N. Sra. dos Remédios, o bairro da Ponte, a serra das Meadas e por fim o seu museu.*

*Eu que em brincadeira fiz de cicerone disse-lhe à saída: os visitantes ilustres costumam dar uma gorjeta ao cicerone.*

*Ele sorriu, abraçou-me e rolaram-lhe duas lágrimas: - Aqui há ainda muita coisa a fazer, mas já não me compete a mim<sup>326</sup>.*

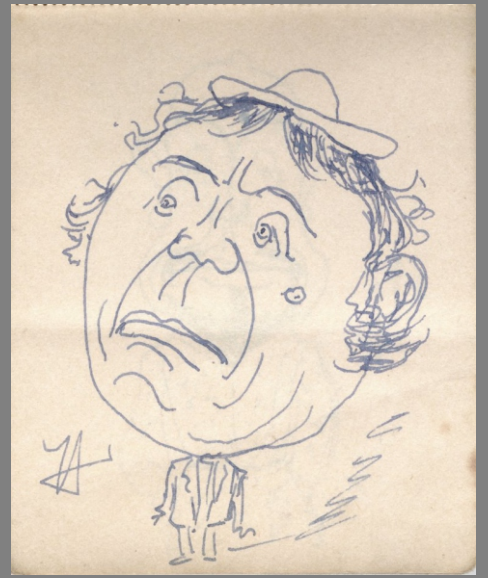


Fig. 98 | Desenhos do último caderno de caricaturas de João Amaral, 1954. Coleção João Amaral, neto



# Cronologia

## João Amaral. Vida e Obra



c. 1895

**1874** | João Moreira Guedes do Amaral nasce a 4 de novembro de 1874, em Lamego na rua da Olaria, filho de João Guedes do Amaral e Damiana de Jesus. Da rua da Olaria, onde o pai possuía um estabelecimento de sapateiro, a família muda-se para o n.º 54 da rua Macário de Castro, onde, no rés-do-chão, instala uma padaria.

**1887** | Depois de concluir estudos no Instituto Académico de Francisco Luíz Pereira, vai para o Porto, trabalhar como lavrante de ourives, no estabelecimento que o irmão mais velho, Manuel Guedes do Amaral, possuía na rua das Flores.

**1891** | Realiza as primeiras caricaturas e esboços no *Álbum de Serões*, que dedica ao irmão Luíz, por quem tinha grande afeição, e oferece, mais tarde, ao filho com o mesmo nome.

**1892-95** | Frequenta a Escola de Belas-Artes do Porto, onde conclui o segundo ano do curso de Desenho Histórico com o mestre João Marques de Oliveira (1853-1927). Publica pela primeira vez retratos e desenhos humorísticos na revista *Galeria Portuguesa*.

**1893** | Obtém o 2.º lugar no exame final do 1.º ano do curso *ex-aequo* com Sofia de Souza (1870-1960). Em primeiro lugar ficaram Aurélia de Souza (1866-1922) e Acácio Lino de Magalhães (1878.1956). Participa na exposição anual dos melhores trabalhos escolares dos alunos da Escola de Belas-Artes do Porto.

**1894** | O jornal *O Primeiro de Janeiro*, atribui-lhe um prémio de 1000 escudos, pelo retrato à pena de Vianna da Motta. Bordalo Pinheiro, por quem João Amaral assumia publicamente uma profunda admiração, elogia-lhe um autorretrato.

**1895 -1899** | *Livro de esboços* (I) onde reúne alguns retratos “ao natural”, esboços e memórias de viagem realizada a Penacova, Coimbra e Buçaco.

**1898 ( julho, 23 – novembro, 19)** | Diretor artístico do *Charivari*, jornal humorístico publicado no Porto, com a mesma designação do semanário distribuído pela primeira vez em 1832 em França.

**1899** | Regressa a Lamego, onde se fixa definitivamente, depois de uma possível breve estada no Brasil. Assina com os amigos Vasco de Vasconcelos e Amálio Fonseca



c. 1900

o diário de caricaturas manuscrito *Cocó, Ranbêta e Facada*. Ilustra o álbum *Lamego em Caricatura. Personalidades ilustres, figuras características e typos populares*.

Desenha a carvão uma galeria de retratos dos beneméritos para a Associação de Socorros Mútuos Fúnebre Familiar de Lamego e para a Associação de Socorros Mútuos de N. Sra. dos Remédios (ou Montepio Artístico).

Primeiras incursões no teatro, em Lamego, como ator, ensaiador e caraterizador em récitas e saraus.

**1905** | Caricaturista e decorador das «Festas do Grau», em Coimbra.

Elabora o álbum com os perfis e caricaturas dos 134 quartanistas das faculdades de Direito, Medicina, Teologia, Filosofia e Matemática. Desenha uma coleção de postais humorísticos alusivos, o cartaz, as capas das músicas e das peças teatrais e as decorações das caixas de bolachas. Decora ainda os principais carros para o cortejo e o teatro onde se realizaram duas récitas. Colabora nos jornais *Raboleva* e *Riso*.

**1906** | Nasce filha Lucília Amaral, primeira filha de João Amaral e Sara Jesus (n. 06.05.1883).

Primeira colaboração na organização das festas de Nossa Senhora dos Remédios (Lamego), com que colaborará regularmente durante 40 anos, quer, executando cartazes e concebendo projetos de abarracamento e iluminações, quer decorando andores da procissão “do Triunfo”, quer ainda como membro da Comissão organizadora.

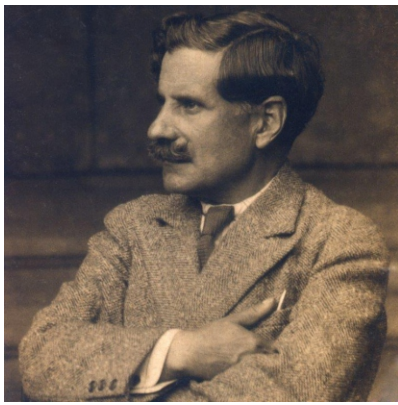
Desenha os ornamentos escultóricos para o chafariz do *Rocio* (atual chafariz do Espírito Santo).

**1907** | Professor do Colégio de Lamego, onde, a convite do então diretor, Pe. Alfredo Pinto Teixeira ensina Desenho e Pintura e Declamação, até 1943.

A amizade com o colega de Música, José de Almeida Saldanha Júnior dá origem a uma intensificação da sua ligação ao Teatro como autor de comédias, tercetos, monólogos e canções; ensaiador; caraterizador e diretor cénico. De sua autoria, entre muitos outros, a comédia “Os Compadres” (1907), “Os Três Cãeseiros” (1907), Os “Estudantes” e “O Comilão” (1908); “Que grande Trapalhada (1909) e “É boa!”, do mesmo ano.

**1908** | Nascimento da filha Georgina.

**1909** | *Livro de esboços* (II). Colabora nos jornais *Careta* e *Norte*, publicados em Coimbra e Porto, respetivamente.



1919

Nascimento do filho João.

1910 | Pintura ornamental do teto e paredes da “Sala de Música” da antiga casa de Francisco Luíz Pereira. Pinta o pano de boca do Salão Pathé Theatro, inaugurado a 7 de abril de 1911.

1911 | Nasce o filho Luiz Amaral. Pintor e guarda do Museu Regional de Lamego até 1975.

1913 | O jornal *Século Cómico* publica uma nota humorística de sua autoria.

Nascimento da filha Dália.

1914 | Desenha os retratos à pena da «Galeria de Lamecenses Ilustres», publicada pelo jornal lamecense republicano *A Tribuna*.

Estreia-se como redator nesse semanário, com uma «Secção Teatral».

Diretor cénico do Grupo Dramático Beneficente João Rosa até, pelo menos, 1930.

1915 | Nascimento da filha Hermínia.

Morte trágica do filho João, aos seis anos de idade.

1916 | Responsável pela direção cénica, cenografia, caracterização e guarda-roupa do retumbante sucesso da revista de costumes locais *Então... Chéu!*

1917 (julho, 6) | Nomeado diretor do Museu Regional de Lamego, criado em 5 de abril desse ano, tomando posse a 29 de agosto desse ano.

1918 | Nascimento do filho Alcino.

Pinta retratos a óleo de benfeitores do santuário de N. Sra. dos Remédios.

1919 | Vereador da Câmara Municipal de Lamego durante a Presidência de Alfredo Pinto de Azevedo e Sousa (1919-1926) que, no anterior mandato, (1914-1918), fora responsável pela nomeação de João Amaral para diretor do Museu Regional de Lamego.

Executa 36 desenhos de ornamentos escultóricos para a decoração da escadaria dos Remédios.

Afastado do cargo do diretor do Museu, pelo movimento da Monarquia do Norte.

Pinta o retrato do Pe Afredo Pinto Teixeira, diretor do Colégio de Lamego.

1920 | A publicação do artigo «O Museu Regional de Lamego e o opulento espólio de dois prelados do século XVIII», no jornal lamecense *A Fraternidade* é o primeiro de uma extensíssima lista de artigos que publica em revistas e periódicos sobre História, História da Arte, Arqueologia e Etnologia.

1921 | Membro da Mesa da Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios.

Desenha o guarda-vento e grade de ferro para o santuário de N. Sra. dos Remédios.

Reassume a direção do museu, após um afastamento de quatro meses, na sequência de sindicância aos seus atos.

1922 | Nascimento da filha Damiana.

1923 | Ilustrações para os os livros *Artistas de Lamego* (1923), *Monumentos e Esculturas* (1924) e *Três Túmulos* (1924), do prof. Vergílio Correia, que viria a exercer uma influência determinante na produção literária de João Amaral nos anos seguintes.

Desenho de frontispícios arte nova para partituras de José d'Almeida Saldanha Júnior, a tinta-da-china e guache.

1924 | Ilustrações para o livro *Mobiliário Artístico Português. Lamego*, de Alfredo Guimarães, que viria a ser o primeiro diretor do Museu Alberto Sampaio (1928), e Albano Sardoeira, professor e reitor do Liceu de Lamego e presidente fundador do Grupo de Amigos do Museu de Lamego, criado nesse ano.

1925 | Redator principal do jornal republicano *A Fraternidade*. Nascimento da filha Maria, que teve como padrinho, Albano Sardoeira.

1930 | Publica durante quatro anos na *Revista de Arte e Arqueologia*, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

1933 | Inicia a colaboração que se prolonga até 1955, com o jornal *Voz de Lamego*.

1935 | Membro fundador da Comissão de Estética do Município de Lamego

1936 | Membro da Comissão Organizadora das Festas de Nossa Senhora dos Remédios

Colabora, até 1945, com o jornal lamecense *Beiradouro*, publicando centenas de artigos.



1934

1937 | Colabora com o *Jornal da Régua*.

1940 | Nomeado Delegado Concelhio da 2.ª Sub-seção (antiguidades, escavações e numismática) da 6.ª Secção da Junta Nacional de Educação (Diário de Governo, n.º 121 – II série de 21/05/1940).

1941 | Colabora durante dois anos com o jornal *Altitude*, da Guarda.

1943 | Exposição das suas caricaturas no Museu de Lamego e no Porto, na Casa Regional da Beira Douro, sediada na rua Cândido dos Reis, 46.

Participa nas conferências culturais realizadas no Clube de Lamego, com a conferência *Lamego Histórico e Monumental*.

1944 | Elabora o desenho da lápide de homenagem ao maestro Saldanha Júnior, descerrada na casa onde viveu, na rua da Seara, em Lamego.

O escultor Júlio da Rocha Diniz executa uma estatueta de João Amaral. Em 1950 executará mais dois estudos para bustos, em gesso, oferecidos ao Museu de Lamego.

1945 (c.) | Escreve o *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego* (publicado a título póstumo, em 1961).

1946 | Colabora até 1949 no *Boletim da Casa do Douro* (Peso da Régua).

1949 | Pinta, com o filho Luíz, uma cópia do São Pedro da igreja do mosteiro de São João de Tarouca.

Publica um estudo e desenhos de marcas de água (filigranas) de papéis dos séculos XV-XVIII, na revista *Beira-Alta*, de Viseu.

Pinta o retrato de Macário Dinis (Santa Casa da Misericórdia, que assina com o filho Luíz.

1950 | Organiza no Museu de Lamego a *Exposição de Arte Sacra*, no âmbito do Congresso Eucarístico.

Escreve para o jornal *Beira-Douro*, editado pela Casa Regional da Beira Douro, durante dois anos, e para o jornal de Cambres, *Varanda do Douro*, que até 1957, a título póstumo, continua a publicar artigos seus.

1951 | Exposição de pintura a óleo, desenho e caricatura de João Amaral e do filho Luís, no Clube de Lamego. Dos 53 trabalhos

apresentados, obteve um enorme sucesso a cópia da pintura *São Pedro*, da igreja do Mosteiro de São João de Tarouca.

1952 | Escreve para o *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, que continua a publicar artigos seus, a título póstumo, até 1972.

1954 | Publica na revista do *Grémio do Comércio do Distrito de Viseu*.

Caderno com as últimas caricaturas.

1955 | Morre em Lamego, a 27 de julho, uma semana depois de ter publicado um artigo no *Voz de Lamego*. É enterrado no cemitério de Santa Cruz.

1956 | Leilão da biblioteca de João Amaral, organizado pelo livreiro-antiquário de Lisboa, Arnaldo Henriques de Oliveira.

A Casa Regional de Beira-Douro, no Porto, realiza-lhe uma homenagem.

1974 | Exposição *Caricaturas e Desenhos de João Amaral*, no Museu de Lamego.

1987 | Exposição *Desenhos e Caricaturas João Amaral*, na Galeria de Exposições Labfoto, Lamego.

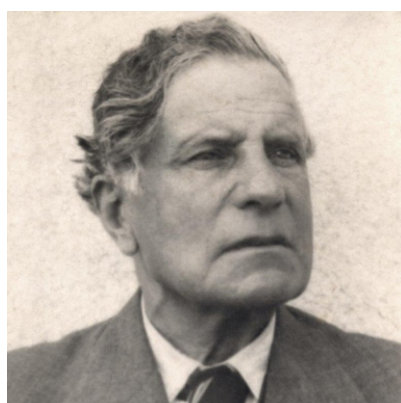
1993 | Apresentação de *Jumentos, calgaduras e outras aves de arribação!*, com base nos textos de João Amaral: *Os Três cãeseiros*, *O Comilão* e *Os Compadres*, pelo Caixa Mágica - Grupo de Teatro de Lamego, numa encenação de Adriano Guerra.

1994 | Exposição *João Amaral. Uma vida dedicada à arte*, organizada pelo Museu de Lamego.

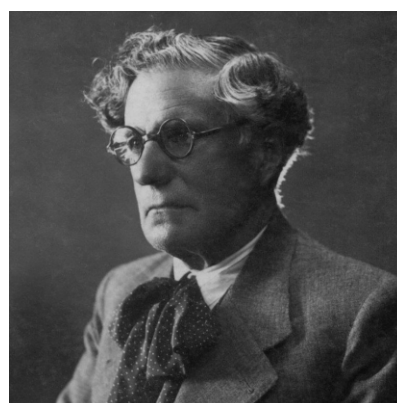
Apresentação da peça *Os Estudantes*, com encenação de Adriano Guerra, pelo grupo Caixa Mágica, nas comemorações do dia do Estudante, na Escola Secundária Latino Coelho, Lamego.

2005 | Presença de trabalhos seus nas exposições *Zé Povinho. 130 Anos*, organizada pelo Museu da Imprensa, Porto e, no mesmo ano, *Charivari: Semanário Humorístico*, pelo Clube de Colecionismo de Gaia.

2015 | Exposição *O Gentilíssimo e Talentoso João Amaral (1874-1955)*, no âmbito das comemorações do centenário da fundação do Museu de Lamego.



1941



c. 1949

PARTE II

# Catálogo

Alexandra Isabel Falcão

I.  
Bilhete de identidade de João [Moreira Guedes do] Amaral (interior)

1941

Coleção João Amaral (neto)

Nat. de (Lieu de naissance—Birthplace) Portugal Lamego

Data do nascimento (Née—Date of birth) 10 de Novembro de 1876 quarta

Profissão (Profession) Director do Museu Regional de Lamego

Estado Civil (Etat civil—Condition) casado com Sra. do Amaral

Nacionalidade (Nationalité—Nationality) Portu- guesa

Residência (Résidence) Portugal Lamego

Impressão do indicador  
direito

Empreinte du do 1º  
dedo direito

Print of the right  
finger



ASSINATURA DO PORTADOR (Signature of the Titulaire—Owner's Signature)  
João Amaral

2 3

2.

**Pince nez de João Amaral**

Coleção particular



## I. A FORMAÇÃO ARTÍSTICA NO PORTO

*Eu devo à cidade do Porto muita gratidão. Foi nela que recebi a minha modesta educação artística e literária, e nela se deu a formação apoucada do meu espírito<sup>1</sup>.*

A viagem pelo «Gentilíssimo e talentoso João Amaral» inicia-se no **Porto**, para onde vai viver aos 13 anos, onde permanece até 1899. Neste núcleo reúnem-se os primeiros retratos e caricaturas que realiza entre 1891 e 1900, incluindo o seu primeiro livro de esboços, *Album de Serões* (1891), e os jornais e revistas que mais precocemente publicam trabalhos seus, com destaque para o jornal humorístico *Charivari*, de que foi diretor artístico em 1898.

Os dois desenhos com assuntos alegóricos revelam a influência da formação na Escola de Belas-Artes, onde frequenta o curso de Desenho Histórico, entre 1892-1895, com o mestre João Marques de Oliveira.

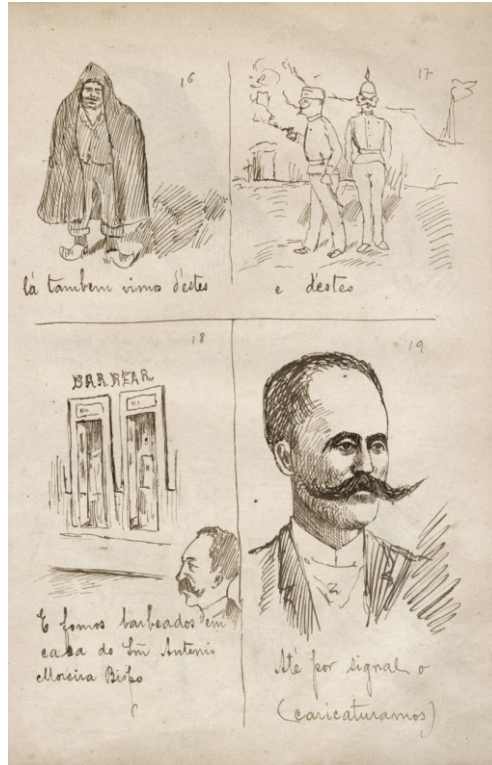
<sup>1</sup> João Amaral, «Dos velhos tempos». *Beiradouro*, 8 de julho de 1944, p.1.

## «A Minha Viagem», Álbum de Serões

João Amaral, 1891-1892

Museu de Lamego, inv. 2447





4.

### A Irmandade “Amaralesca”

João Amaral, s/data (1893?)

Desenho à pena sobre papel

Caricatura em que se faz representar com os irmãos mais velhos



5.

### Boas-vindas

João Amaral, 1893 (16 de agosto)

Desenho à pena sobre papel

Coleção de João Amaral (neto)



**A Inspeção**

João Amaral, 1893

Desenho à pena sobre papel  
Coleção de João Amaral (neto)

7.

**Autorretrato**

Desenho à pena e manuscrito (no reverso), João Amaral, 1893

Coleção João Amaral (neto)



- João Amaral -

Caricaturista, desenhador, alumno da academia de bellas-artes, empregado commercial, apreciador das iscas de bacalhão e do bello gesso, typo distincto, natural da terra do bom presunto, amante do bello sexo, de menor idade, neto de seus avós, decifrador de diversos enigmas do «Pimpão», collaborador da «Galeria Portuguesa», autor de differentes albums de caricaturas, quando é preciso, é actor amador, apreciador das barbas honradas do seu vizinho Santos, admirador das cores garidas da loja, e das letras que estão pintadas na dieta loja, do armazem central, critico autorizado sem e, usa bigode, já usou suissas que lhe ficam muito bem, já andou com edeia de deixar barba, amigo intimo de Olympio e Manuel Castello-Branco, este é admirado pelos seus musculos, do outro porque joga o pau na perfeição, colleccionador de obras artisticas, possuidor de objectos de merecimento, toca flauta de ouro, toca piano com um dedo, joga a bisca com a mesma facilidade como o seu amigo Nobrega come um prato com bacalhau assado, e como o seu amigo Serafim beita o alho, come, fuma, bebe, fuma, e... toma a sua pitada... Quando o seu amigo Fortunato l'ha dá... sem ser preciso para isso comer comidas abrazileiradas.

João Amaral

8.

### A propósito das minhas barbinhas

João Amaral, 1893

Desenho à pena sobre papel

Coleção João Amaral (neto)



9.

**Retrato da Mãe, Damiana Amaral**

João Amaral, 1892

Desenho a carvão sobre papel

Museu de Lamego, inv. 2724



10.

**Retrato do Pai, João Guedes do Amaral**

João Amaral, 1893

Desenho a carvão sobre papel

Museu de Lamego, inv. 2723



**Os Nossos Guardas**

João Amaral, *In Galeria Portuguesa*, 1892-1893

Coleção particular



12.

**Autorretrato**

João Amaral, 1894

Desenho a grafite e aguarela sobre papel

Coleção Orlando Lourenço



13.

**Retrato de Vianna da Motta (1868-1948)**

João Amaral, 1894

Desenho à pena

Coleção Orlando Lourenço



14.

**Autorretrato**

João Amaral, s/data

Desenho à pena

Coleção particular



**Estudo para frontispício do jornal humorístico *Charivari*. Caderno de esboços**

João Amaral, 1895-1899

Museu de Lamego, inv. 3463



16.

«Charivari 14.º Anno», *Charivari*

29 de outubro de 1898

Coleção Biblioteca Pública Municipal do Porto

João Amaral foi diretor artístico do semanário entre 23 julho e 19 novembro de 1898. Era diretor literário, Acácio Trigueiros, primo de João Amaral.



17.

**Cópia de estátua**

João Marques da Silva Oliveira

Paris, 12 de Dezembro de 1875

Desenho a carvão e *crayon* sobre papel

Coleção Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, inv. 98.DES.203



18.

**Cópia de estátua**

João Marques da Silva Oliveira

Paris, 12 de Dezembro de 1876

Desenho a carvão e *crayon* sobre papel

Coleção Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, inv. 98.DES.206



**Alegoria. Associação de Socorros Mútuos**

João Amaral, 1899

Desenho a carvão sobre papel

Museu de Lamego, inv. 5257



20.

**Alegoria. Homenagem a Miguel de Sant'Ana da Silva e Mello**

João Amaral, 1901

Desenho a carvão sobre papel

Museu de Lamego, inv. 4943



## II. CARICATURISTA E DECORADOR DAS FESTAS DO GRAU EM COIMBRA

*A Direcção das «Festas do Grau», precisando de um caricaturista e decorador, lembrou-se do meu obscuro nome (apagado por aqui...), para a realização da engraçadíssima e desopilante «paródia» alusiva ao trânsito de uma velha, rançosa e pitadeante praxe a que os quartanistas das cinco faculdades eram submetidas. E eu fui, e lá estive alguns meses, afanoso e incansável no amanho das realizações de que me encarregaram.<sup>2</sup>*

Na sua breve mas importante passagem por Coimbra, João Amaral é o caricaturista e decorador dos festejos do *Enterro do Grau*, em 1905, e nesse papel, autor do *Album de Perfis e Caricaturas* de 134 quartanistas da Universidade de Coimbra e da coleção de postais humorísticos, para além de ter realizado cartazes, frontispícios de partituras e de programas de teatro e decorações várias, de que se expõem alguns exemplos. Foi em Coimbra que deixou o seu nome ligado à história da caricatura, por ter sido um dos responsáveis pela substituição das tradicionais fotografias do livro de curso por irreverentes caricaturas, costume que ainda hoje perdura.

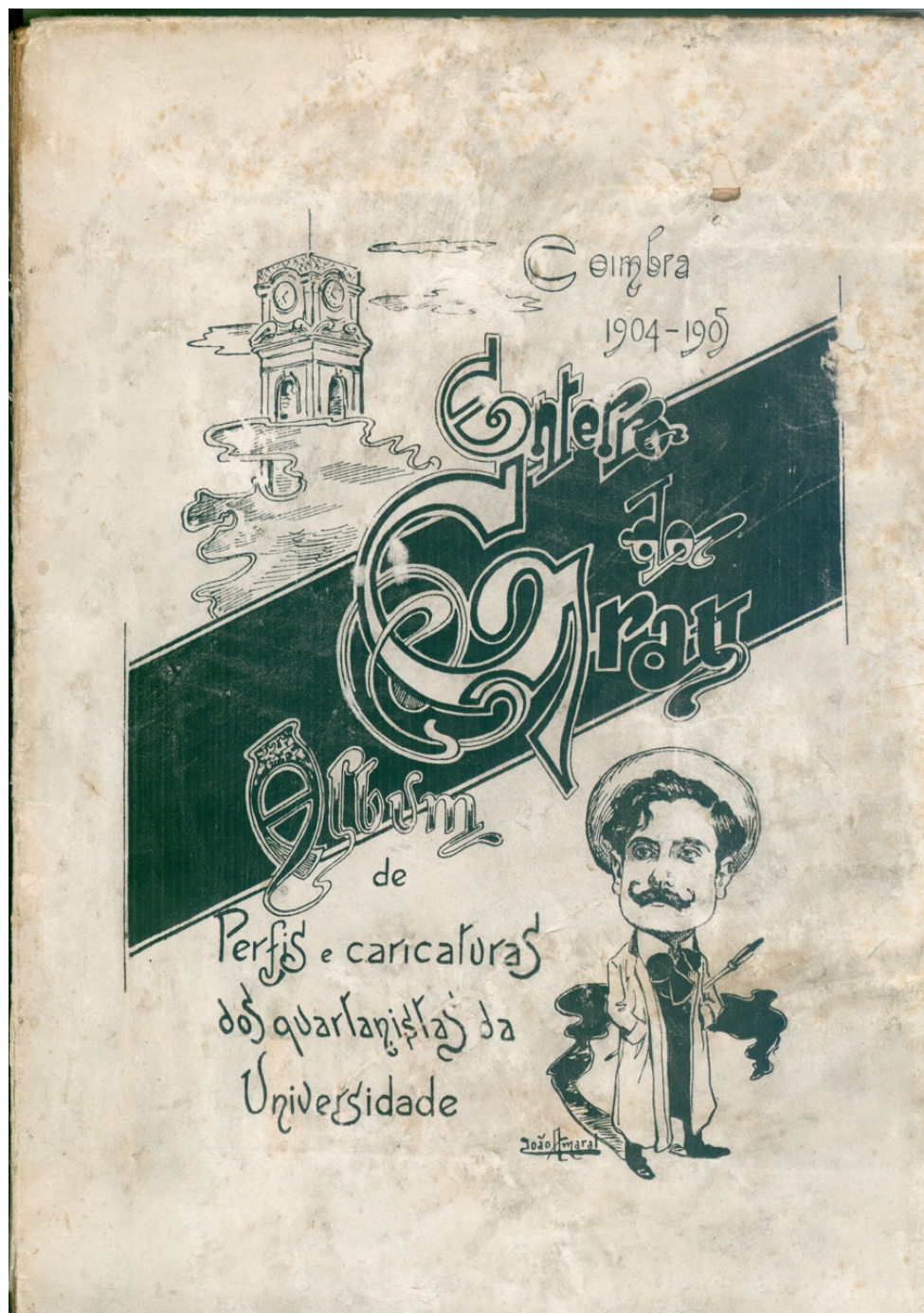
<sup>2</sup> João Amaral, «Dos velhos tempos... Recordações do Enterro do Grau». *Beiradouro*, 17 de março de 1945, p. 1.

21.

**Enterro do Grau: Álbum de perfis e caricaturas dos quartanistas da Universidade: 1904-1905**

Coimbra, 1905

Coleção Fernando Cabral



22.

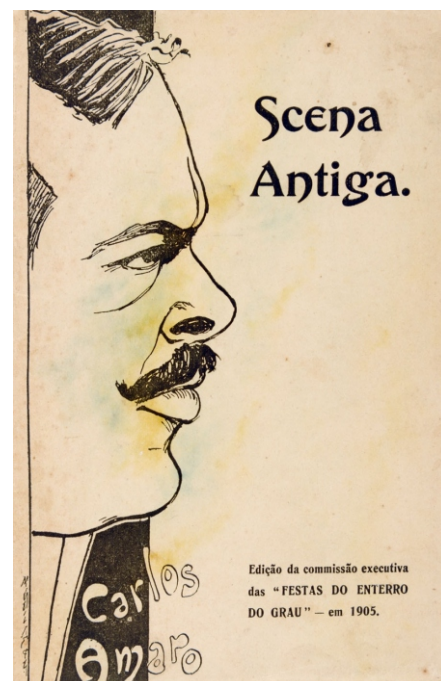
**Scena Antiga**

Carlos Amaro; João Amaral (desenho de capa)

Coimbra, 1905

Museu de Lamego, inv. 8575 (pasta)

O desenho de capa da publicação da peça de teatro representada no Sarau do Enterro do Grau, retoma o perfil do autor do texto, Carlos Amaro, incluído no *Álbum de perfis e caricaturas...*



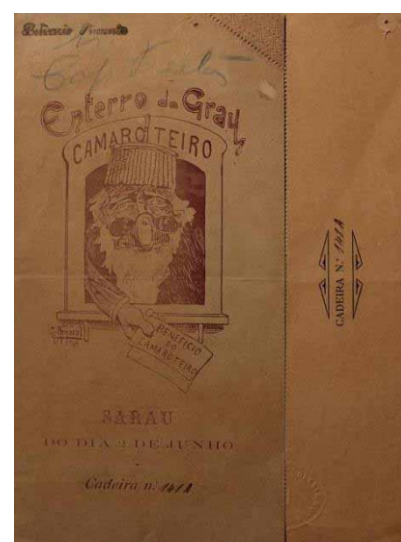
23.

**Programa-bilhete do Sarau do Enterro do Grau**

Desenho de capa de João Amaral.

Coimbra, 1905

Coleção Museu Académico de Coimbra



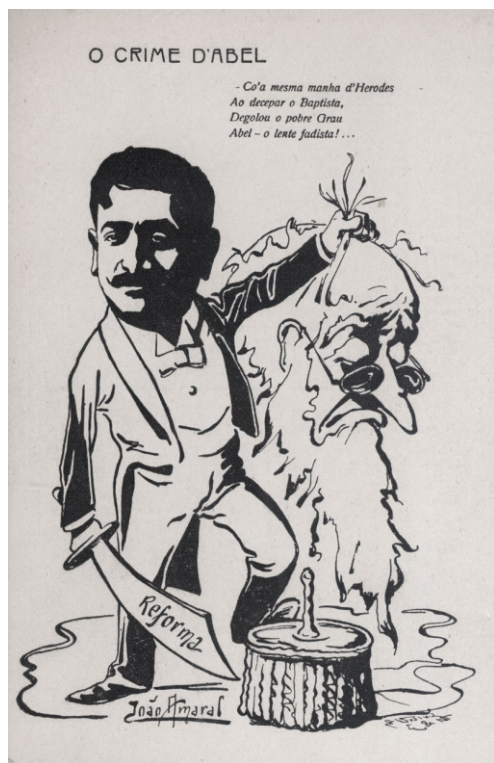
24.

### Coleção de postais alusiva ao Enterro do Grau

João Amaral

Coimbra, 1905

Coleção Fernando Pinheiro Mota







25.

**Prato O Crime d'Abel**

João Amaral, 1905

Alusivo ao *Enterro do Grau*

Coleção Museu Académico de Coimbra



26.

**João Amaral**

Francisco Valença, 1905

In *O Século: Suplemento Humorístico*, 6 de junho de 1905, p. 4.

Museu de Lamego, inv. 2725



### III. O REGRESSO A LAMEGO

*Trouxe para Lamego a mania do teatro, onde passadas bastantes  
dezenas de anos, me aposentei voluntariamente das luzes da ribalta.*<sup>3</sup>

Na década de 1900 João Amaral fixa-se definitivamente em Lamego, onde começa a ser presença assídua na imprensa local e nos folhetos de récitas e saraus que se realizavam no Salão Teatro e no Teatro Lamecense, enquanto ator, autor, diretor cénico, cenógrafo, caracterizador...

Paralelamente, dedica-se ao ensino, como professor de Desenho e Pintura e de Declamação no Colégio de Lamego, onde a sua ligação ao Teatro se intensifica, por via da amizade com o professor de Música, maestro Almeida Saldanha Júnior. Corresponde a esse período o retumbante sucesso obtido pela zarzuela (género dramático que alterna cenas faladas, cantadas e dança) de costumes típicos lamecenses *Então... Chéo!* (1916), de que João Amaral foi diretor cénico, encenador e caracterizador e Saldanha Júnior musicou.

3\_ João Amaral (1955) – «Dos velhos tempos». *Beiradouro*, 29 de abril de 1944, p.2.

27.

**Autorretrato**

João Amaral, 1906

Desenho a carvão sobre papel

Museu de Lamego, inv. 2722




28.

## Folhetos de récitas e saraus no Salão Teatro e Teatro Lamecense

Que incluem o nome de João Amaral como autor, diretor de cena, encenador, cenógrafo, caracterizador...

1907-1914

AML. Programas de Teatro (provenientes da coleção António Ferreira Mercê), inv. 4873

  
**Theatro Lamecense**  
Domingo de Paschoa, 31 de Março de 1907  
Recita promovida pelo  
**Grupo Dramatico Beneficente Boa-União**  
PROGRAMMA  
A applaudida e chistosa comedia em 2 actos, original do Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Reis

# Não é o mel...

DISTRIBUIÇÃO

Personagens	Interpretes
Matheus, proprietario.....	J. Mendes
Bernardo, maior reformado.....	Albuquerque
Pancrácio Peres, sobrinho de Bernardo.....	A. Teixeira
Antunes, engenheiro.....	Luiz Ribeiro
João, creado de Matheus.....	Luiz da Silva
Margarida, filha de Matheus.....	Rosa da Conceição

A acção passa-se em uma aldeia nos suburbios de Lisboa

## Sempre a bulir...

Cançoneta de João Amaral, parodiando a cançoneta sempre a andar, cantada por um dos amadores do Grupo.

## Bão acha minha senhora?...

Monologo recitado pelo amador Albuquerque.

# MEDICO-MANIA

Gargalhada em um acto do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Napoleão de Victoria.


Personagens	Amadores
Symphronio de Mattos, medico.....	Albuquerque
Gregorio Calçado, sapateiro.....	N. N.
Pereira Aragão.....	Luiz Ribeiro
Thiago Thamyra, allego.....	Borges Louzada
Ignacio, creado de Symphronio.....	Luiz da Silva
D. Carolina de Mattos, esposa de Symphronio.....	Rosa da Conceição

Lisboa—Actualidade

Ponto—Manoel dos Santos.  
Contra regra—Antonio Costa.  
Encenador e caracterizador—João Amaral.

*Hora e preços do costume; sello a cargo do publico.*

Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

  
No. 14000, Número de L. J. V. 000000-2-000

## Programma

### Discurso de apresentação, pelo sr. Almeida Carmo

A representação do applaudido drama em 3 actos, do notavel escriptor Baptista Diniz:

## Segredo do pescador

#### DISTRIBUIÇÃO

Marquez de Sandomil.....	Almeida Carmo
Visconde de S. <sup>ta</sup> Barbara, seu filho....	Amado
Conde de Sanfins.....	Ramalho
João, pescador.....	Trindade
Anastacio, sachristão.....	João Amaral
Rosa, filha de João.....	D. Aurora

A acção passa-se em Portugal—Actualidade

A exhibição da hilariante comedia em um acto, do espirituoso comediographo Luiz d'Araujo:

## Ciumes, amor e cosinha

#### PERSONAGENS

Maximo José dos Reis.....  
Luiz de Castro.....  
D. Francisco.....  
D. Maria José, esposa de Maximo...  
Um creado.....

#### AMADORES

Ramalho  
Almeida Carmo  
Trindade  
D. Aurora  
Amado

Lisboa—Actualidade

Ensaaiador e caracterizador—João Amaral.

Ponto—Manoel A. da Silva Oliveira.

Contra-regra—A. M.

Principia ás 8 horas.

## PROGRAMMA

A comedia em 3 actos, original de Julio Moraes

### OS SOBRINHOS DO PAPÁ!..

#### Distribuição

Gregorio Guimarães . . . . .	Acacio Lino
Luiza Guimarães . . . . .	D. Aurora
Arthur da Fonseca	
Joaquim Guimarães } . . . . .	Acacio Monteiro
João Guimarães	
Joaquim da S. Guimarães. . . . .	Antonio Magalhães
José, creado . . . . .	Manuel Matheus

Lisboa—Actualidade

#### OS RAPAZES

Cançoneta de A. Armando, musica de J. Amaral, cantada pela amadora D. Aurora Celeste.

A chistosa comedia em verso, parodia á *Coia dos Cardeaes*

### A UEIA DOS PARDAES

#### Interpretes

Francisco Pardal, <i>larador</i> . . . . .	Acacio Monteiro
Rufino Pardal, <i>idem</i> . . . . .	Manuel Matheus
José Pardal, <i>idem</i> . . . . .	Acacio Lino

#### Amadores

Em S. Cosme—Actualidade

Ponto:—Amadeu d'Almeida Carmo.

Mise-en-scene de João Amaral.

Preços e horas do costume.

Este programma pôde ser alterado por qualquer motivo imprevisito.

PROGRAMMA DE RECITAS QUE HÃO-DE EFFECTUAR NOS DIAS 21 E 23

DIA 21

*Discurso d'abertura pelo alumno de 3.º anno  
Jeronymo Teixeira de Vasconcellos*

Comedia em um acto, original de E. C. Inglez Moura

**Um calculo errado**

Anselmo de Castro (medico)	M. da Fonseca Laranjo
Dr. Binomio Sepulveda (mathematico)	José dos Anjos G. Borges
Pantaleão (creado de Anselmo)	A. Mendes de Vasconcellos
Aniceto Camelo (cliente)	A. Cardoso da Silva
Onofre Pardal (cliente)	M. de Lacerda e Vasconcellos
Bessa (jornalista)	A. Pereira da Fonseca
Carteiro	J. A. de Rezende Rego

Monologo]

**Zé Minhoto**

por A. Cardoso da Silva

Comedia em um acto, original de J. Amaral

**RETRATO D'UM POETA**

Am' rosio	Abel de França C. e Moura
Pintainho	A. Mendes de Vasconcellos

Cançoneta, original de J. Amaral

**E' BOA !!**

por A. Mendes de Vasconcellos

Comedia em um acto, original de J. da Camara Manoel

**DIABO A' SOLTA**

Gaudencio	A. Mendes de Vasconcellos
Silves, re (afilhado de Gaudencio)	M. da Fonseca Laranjo
Jeremias (creado)	A. Cardoso da Silva
Calixto Enguiçado	A. França C. e Moura

Tercetto comico, original de J. Amaral

**Os tres más linguas**

Sacrista	A. Mendes de Vasconcellos
Barbeiro	M. da Fonseca Laranjo
Retornado	A. Cardoso da Silva

*Nos intervallos serão executados varios trechos musicaes sob a regencia do habil maestro J. d'Almeida Saldanha*

Este programma pode, por motivos imprevistos, soffrer algumas alterações

DIA 23

Comedia em um acto, original de J. Amaral

**ESTUDANTES**

Alfredo	Manuel Fonseca Laranjo
Carvalhaes	J. A. de Rezende Rego
Beltrão	Abel de França C. e Moura
Ambrosio Portella	A. Cardoso da Silva
Fabricio Carvalhaes	M. de Lacerda e Vasconcellos
Malequias Beltrão	M. Cardoso da Silveira
Ju-tino (creado)	A. Mendes de Vasconcellos
B. zerra (hospedeiro)	A. Pereira da Fonseca

Monologo, original de A. Mendes de Vasconcellos

**ZÉ PITEIRAS**

por Antonio Mendes de Vasconcellos

Comedia em um acto, original de A. C. de Vasconcellos

**DISPA ESSA FARPELLA**

Paulo	J. A. de Rezende Rego
Roguo	A. Mendes de Vasconcellos
Victor	A. Pereira da Fonseca
Luiz	M. de Lacerda e Vasconcellos

Monologo, original de D. P. Sier

**CARCUNDA**

por M. de Lacerda e Vasconcellos

Comedia em um acto

**A TALUDA**

Diogo (commerciante)	M. Cardoso da Silveira
Carneiro (agiota)	J. Augusto de R. Rego
Tibureio (creado de Diogo)	M. de Lacerda e Vasconcellos
Anacleto (medico)	M. da Fonseca Laranjo
Rodrigo (estudante)	A. Cardoso da Silva
Fernando (ajudante de tabelião)	A. Pereira da Fonseca
Canteleiro	A. França C. e Moura

Ponto—José Pedro da Silva

Ensaaiador e caracterisador—João Amaral.

**THEATRO LAMECENSE**

DOMINGO, 28 DE MARÇO DE 1909.

Recita, promovida pelo antigo e conhecido GRUPO DRAMATICO BENEFICENTE, em beneficio dos desventurados ANTONIO DA COSTA CARDOSO, "vulgo ANTONIO DOS OCULOS," e MULHER, que circunstancias lamentaveis os collocaram em extrema miseria.

**PROGRAMMA**

O applaudido drama **EM 3 ACTOS**  
imitação do drama francez.

**FORÉT DE SENART,**  
por Costa Braga e L. A. de Mesquita

**NODOAS DE SANGUE**

Personagens:

Berta da Silveira, <i>banqueiro</i> . . . . .	Trindade . . . . .
Estevão da Silveira, <i>seu filho</i> . . . . .	A. Cardoso . . . . .
Filippo de Sousa, <i>guarda-livros</i> . . . . .	Romualdo . . . . .
Manoel Soares . . . . .	Almeida Carmo . . . . .
Florencia, <i>escribã</i> . . . . .	J. D. Fernandes . . . . .
Isabelle, <i>creada de Berta</i> . . . . .	M. Mathias . . . . .
Um Comissario da Policia . . . . .	A. Cardoso . . . . .
Ella, <i>filha do Bardo</i> . . . . .	D. A. Calista . . . . .

Titulos dos actos:

**O Assassinato**                      **O Remorso**                      **O Castigo**

1.º acto, nos arredores de Queluz—2.º e 3.º, em Lisboa  
*Actualidade*

Pelo amador **Francisco Trindade** será recitado um obituario monologo.

A segunda representação da hilarante comedia, n'um acto, do espiritoso comediographo **Lois d'Amara**.

**CIUMES, AMOR E COSINHA**

Distribuição:

Maximo José do Reis . . . . .	Romualdo . . . . .
Luiz de Castro . . . . .	Almeida Carmo . . . . .
D. Francisco . . . . .	Trindade . . . . .
D. Maria José, esposa de Maximo . . . . .	D. Aurora Calista . . . . .
Um creado . . . . .	J. D. Fernandes . . . . .

Lisboa — *Actualidade*

Esta comedia é exhibida a pedido.  
Escritor, caracterizador e Contra-Regro  
Ponto—*M. Oliveira*.                      **JOÃO AMARAL.**

Principia ás 8 e meia horas.

*Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto*

Typ. 20 Progresso—LAMECO

**THEATRO LAMECENSE**

SABBADO, 31 DE DEZEMBRO

**Recita a favor das victimas da revolução**  
promovida pela corporação dos sargentos d'infanteria n.º 9,  
enthusiasticamente coadjuvados pelo pessoal  
da banda regimental

**PROGRAMMA**

**1.ª PARTE**

*Discurso de apresentação pelo Chefe da Corporação*

A comedia em 2 actos de J. BAPTISTA:

**A FILHA DO CONSELHEIRO**

PERSONAGENS	INTERPRETES
Conselheiro Mimoso . . . . .	Ferreira
Helena (filha de Mimoso) . . . . .	D. Bladina
A Sra. Mimoso (primeira Helena) . . . . .	Marcos
Leonel . . . . .	Lima
Bernabé de Sousa (pai de Leonel) . . . . .	Vasconcellos
José (creado) . . . . .	Gonçalves

*Entre o 1.º e 2.º acto será recitada uma poesia por um dos amadores*

**2.ª PARTE**

Terceito comico de **J. Amaral**, gentilmente dedicado à corporação dos sargentos pelo  
autor e expressamente feito para esta recita:

**OS TRES ESGRIMISTAS**

1.º *Egrimitista*—Tiberio.                      2.º *Egrimitista*—Martins.                      3.º *Egrimitista*—Figueira!

A engraçadissima comedia em um acto, original de  
**E. C. INGLEZ DE MOURA!**

**UM CALCULO ERRADO**

PERSONAGENS	INTERPRETES
Dr. Anselmo de Castro (medico) . . . . .	Vasconcellos
Pentaflexo (creado de Anselmo) . . . . .	Oliveira
Dr. Euzébio Sepalveda (matheusiano) . . . . .	Santos
Aniceto Camello (cliente) . . . . .	Figueira
Onofre Parial (cliente) . . . . .	Marcos
Procopio da Rocha Duro (amannense dos Proprios Nacionaes)	Rebello
Maga do roçado . . . . .	Gonçalves

*Caracterizador e ensaiador*—**J. AMARAL.**                      *Ponto*—**E. PEÇAS!**

Este programma poderá ser alterado por qualquer motivo atitencial

O espectáculo começará ás 9 horas em ponto

**Preços do costume.**

Typ. 20 Progresso—LAMECO

MUSEU DE LAMEGO

## Teatro Lamecense

Quarta-feira, 20 de novembro de 1912

Espetáculo promovido pelo  
**Centro Recreativo**  
em benefício do mesmo

**PROGRAMA**

A engraçada comedia em 1 acto, original de José Romano

### Um filho para tres paes

**DISTRIBUIÇÃO**

Fortunato Bezerra (boticario)..... Amadeu Santos  
Firmão Bezerra (empregado publico)..... A. Teixeira  
Florenço Bizarro (sobrinho de Fortunato)... A. Godinho

LISBOA—ACTUALIDADE

*No ecran do teatro será exhibida uma magnifica  
seleção de fitas cinematograficas*

A aplaudida comedia em 1 acto, imitação de Mendes Leal

### Ideias do sr. Sardinha

**PERSONAGENS**

Policarpo José Sardinha..... J. Fernandes  
D. Jeronimo de Castro..... A. Teixeira  
D. João Cisneiras..... A. Santos

LISBOA—ACTUALIDADE

O espectáculo principia ás 20,30 horas

Ponto—A. A.  
Kysalador e caracterizador—João Amaral

Este programa poderá ser alterado por qualquer  
motivo imprevisto

**PREÇOS**

Camarotes de 1.º ordem (três) 80 centavos.  
Camarotes de 2.º ordem, 1 escudo.  
Cadeiras, 20 centavos.  
Geral, 12 centavos.  
Galerias, 8 centavos.

Seto a cargo do publico

Os bilhetes da plateia são numerados

822 - Lamego Miçerya da Lota Vermelha-11 912

MUSEU DE LAMEGO

## Salão-Teatro

SEXTA-FEIRA, 1 DE MAIO DE 1914

Espetáculo de gala, organizado por um grupo de operarios,  
com o fim de solemnizar o dia 1.º DE MAIO

**PROGRAMA**

Apresentação da Tuna Artística, que executará os hinos  
1. DE MAIO e OPERARIO LAMECENSE.  
Em seguida usará da palavra o distinto orador Francisco da Rocha, operario e vereador da Camara Municipal do Porto.

Exibição do episodio dramatico, em verso, num acto, do sr. Celestino da Silva

### OPERARIO E LADRAO

**PERSONAGENS**

Ladrão..... João Pinto  
Operario..... José Barros

A representação da chistosa comedia em um acto

### Valentes... a fingir

**PERSONAGENS**

Anacleto..... João Pinto  
Procopio..... Joaquim dos Santos  
Eduardo..... José Barros  
José, creado..... Octavio dos Santos

LISBOA—ACTUALIDADE

A comedia em um acto, muito applaudida em diversos teatros

### Os Inquiilinos do Snr. Zacarias

Zacarias..... Joaquim dos Santos  
Gabriel Pato Bravo..... José Barros  
Bernardino Antunes..... Octavio dos Santos  
Mestre Antonio, sapateiro..... Julio Cardoso  
André, creado..... João Pinto

Ponto, José de Lima - Director scenico, J. Amaral

Este programa pôde ser alterado em caso de força maior

Principia ás 21 horas em ponto (9 da noite)

**PREÇOS (INCLUINDO E IMPORTE DO SETO)**

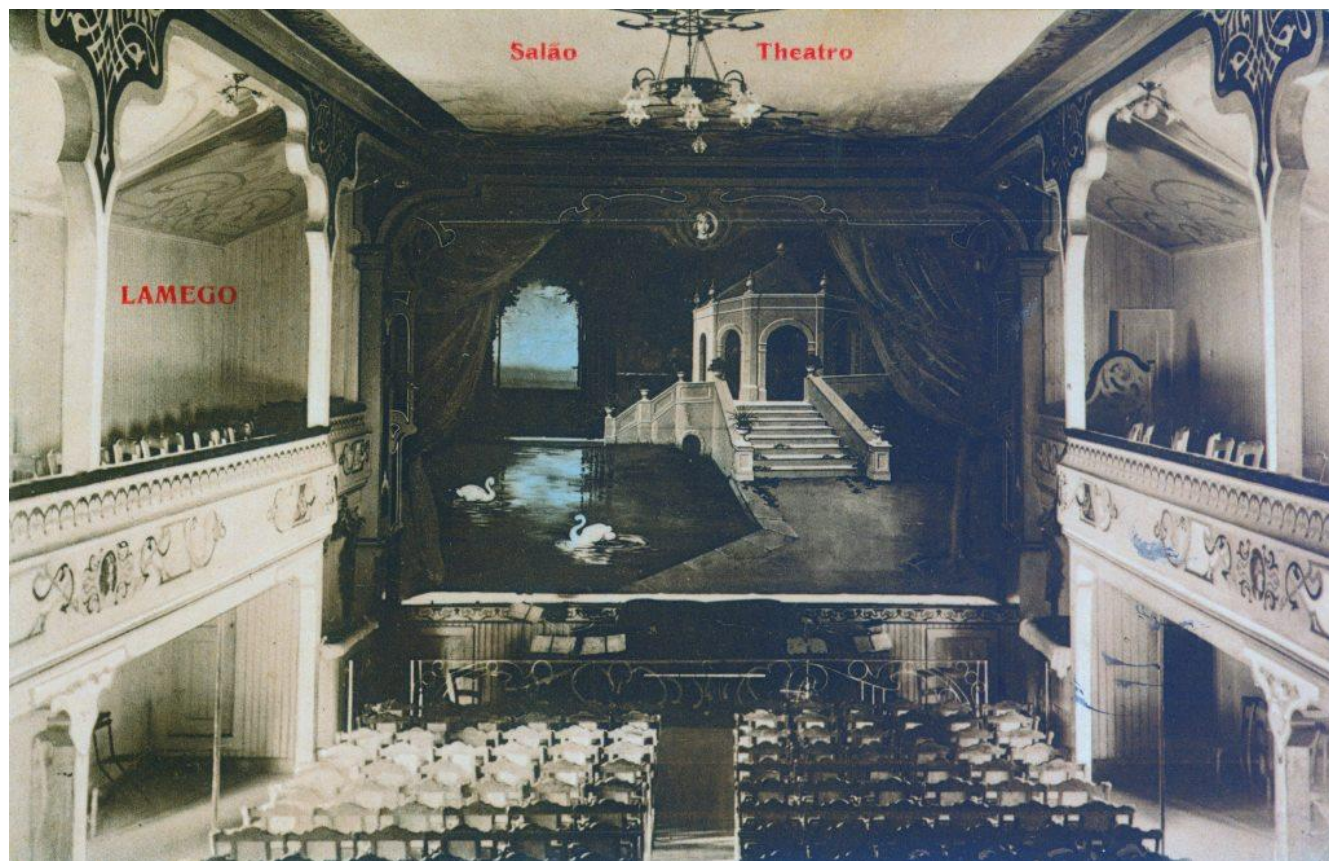
Balcão: frente e bôca, 250 - Lado, 210  
Cadeiras, 210      + +      Geral, 110

Tipografia de SA. VERBUNA—LAMEGO

**Bilhete-Postal – Salão Theatro de Lamego (1911-1930)**

Pano de boca, João Amaral, 1910

Coleção Fernando Pinheiro Mota



30.

**Então... Chéo!**

Zarzuela cómica de costumes típicos lamecenses

Grupo Sport Lamego, 1916

Autores: António Correia Neves, José Joaquim Gomes e Rogério Ferraz

Encenação, direção cenográfica e caracterização: João Amaral

Museu de Lamego. Doação deão António Pereira Pinto, inv. I 322



31.

**Então... Chéo!**

Partituras

José Almeida Saldanha Júnior, 1916

Museu de Lamego. Doação deão António Pereira Pinto, inv. I 323



**Estudo para a pintura da Sala da Música da casa de Francisco Luíz Pereira in caderno de esboços**

João Amaral, 1909-1910

Coleção particular.



33.

**Sala da Música. Detalhes da pintura mural.**

Antiga casa de Francisco Luíz Pereira, na rua Macário de Castro, Lamego.

João Amaral, 1910





#### IV. A VIDA PRIVADA

*A todas as boas pessoas e dedicados amigos que vieram trazer-me o conforto no momento mais doloroso da minha vida pela morte horrorosa e trágica do meu saudosíssimo filhinho João – o laço de mais intenso amor que me envolvia a alma de pai – envio comovidamente um grande abraço de gratidão, beijando-lhes as mãos num supremo fervor de reconhecimento.*<sup>4</sup>

A paixão pelo Teatro conduz João Amaral a Sara de Jesus, que conhece num dos vários grupos de Teatro amador que, com amigos, fundou em Lamego. Sara torna-se sua mulher e mãe dos seus nove filhos.

Homem de afetos, João Amaral foi tecendo ao longo da sua vida uma rede de que faziam parte a família, no seio da qual sempre apoiou e acarinhou os talentos que iam emergindo, os amigos e os vizinhos do n.º 54, da rua Macário de Castro, onde habitava.

Nos retratos de infância que desenha dos filhos, desprende-se um sentimento de genuíno amor paternal.

4\_ João Amaral, «Agradecimento». *A Tribuna*, 28 de março de 1915, p. 3.

34.

**A filha Lucília**

João Amaral, 1912

Desenho a grafite e carvão sobre papel

Coleção particular



35.

**O Filho Luiz**

João Amaral, 1914

Desenho a grafite sobre papel

Coleção Orlando Lourenço



36.

**O Filho Alcino**

João Amaral, 1921

Desenho a grafite sobre papel

Coleção João Amaral (neto)



## Álbum de Família (e alguns Amigos)



1.



2.



3.



4.



5.

1. Damiana de Jesus Amaral; 2. João Guedes do Amaral e Manoel (?); 3. Manuel Moreira Guedes do Amaral (irmão); 4. Luiz Guedes do Amaral (primo), 1898; 5. Acácio (Trigueiros) Guedes do Amaral, primo, e João Amaral, 1897. Fotos das coleções João Amaral (neto) e D. Fernanda Amaral e José Fernando Santos Amaral (sobrinhos-netos).



6.



7.



8.

6. Sara e João Amaral e as filhas (da esq. para a dta.) Damiana (n. 1922), Hermínia (n. 1915), Dália (n. 1913) e Maria (n. 1925), 1934; 7. Ana Georgina (n. 1908), 1933; 8. Damiana (n. 1922). Coleção João Amaral, neto.



9.



10.



11.

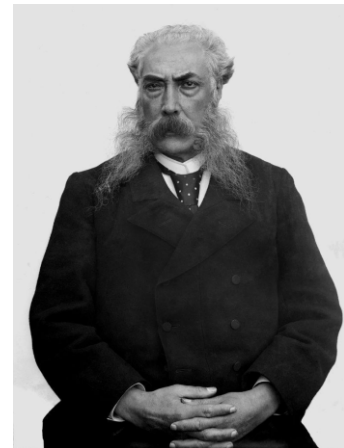


12.

9. Luíz Amaral (n.1911), 1945; 10. Alcino Amaral (n. 1918); 11. Hermínia Amaral; 12. Horácio de Sousa, n. 1912 (genro).  
Coleção João Amaral (neto) e Célia Gonçalves (neta).



13. Sara e João Amaral. Coleção Célia Gonçalves (neta)



14.



15.



16.



17.



18.

Amigos: 14. João Mendes de Magalhães (1836-1897); 15. Laura do Carmo (n. 1902); 16. Albano Sardoeira (n. 1894); 17. José d'Almeida Saldanha Júnior (n. 1866); 18. Acácio *Trigueiros* e João Amaral, Coleções do Museu de Lamego e João Amaral (neto).

## V. AS FESTAS DOS REMÉDIOS

[O Presidente Central da Comissão das Festas, Dr. Acácio Mendes]  
*agradeceu a todas as comissões a sua valiosíssima colaboração e especialmente a dos nossos presados amigos srs. João Amaral e Américo Maçãs que com o seu engenho e mãos privilegiadas transformaram a avenida num encantador recanto.*<sup>5</sup>

João Amaral colaborará regularmente durante mais de 40 anos na organização das festas de Nossa Senhora dos Remédios (Lamego), quer como organizador e decorador da procissão do Triunfo, quer como membro da comissão organizadora, executando cartazes e concebendo projetos de abarracamento e iluminações.

Enquanto membro da Irmandade de Nossa Senhora foi o responsável pelo desenho dos ornamentos escultóricos da escadaria monumental que se ergue até ao santuário, *ex-libris* de Lamego.

5\_ «As Festas da Cidade. Notas rápidas de reportagem». *Beiradouro*, 29 de agosto de 1936, p. 4.

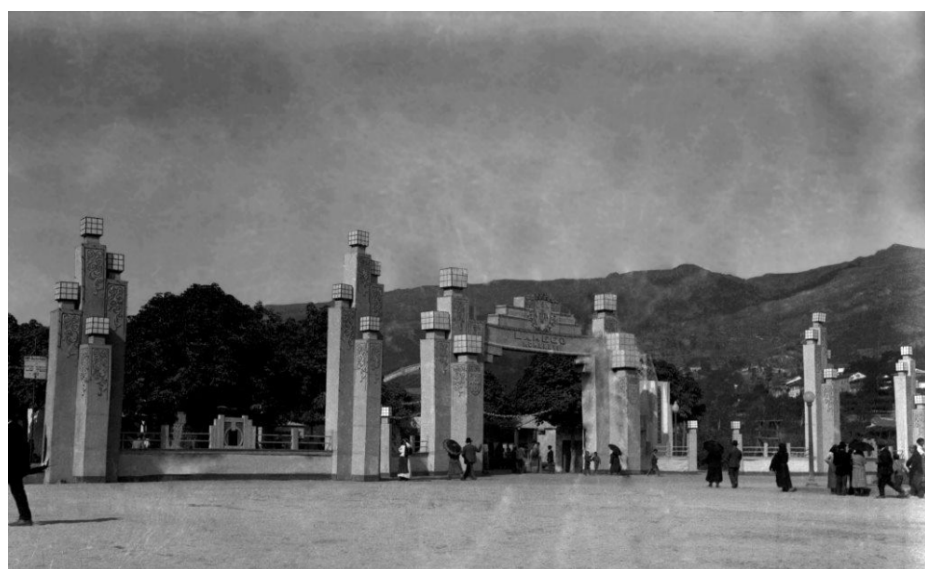
38 e 39.

**Festas dos Remédios. Lamego Aspeto da decoração da avenida dos Combatentes e do recinto da Feira**

João Amaral, 1936

Vidro. Gelatina e sal de prata, 1936

Museu de Lamego, invs. 7254; 7221



40.

**Festas dos Remédios Lamego. Aspeto do abarracamento da feira**

João Amaral, 1936

Vidro. Gelatina e sal de prata, 1936

Museu de Lamego, inv. 7235



41.

**Festas dos Remédios. Procissão “do Triunfo”. Andor de N. S. dos Remédios**

João Amaral, 1936

Vidro. Gelatina e sal de prata, 1936

Museu de Lamego, invs. 7230



**Cartaz da festa de Nossa Senhora dos Remédios**

João Amaral, 1937

Litografia

Museu de Lamego. Doação Adriano Guerra, inv. 8567



43.

**Cartaz da festa de Nossa Senhora dos Remédios**

João Amaral, 1939

Litografia

Coleção Fernando Cabral



44.

**Programa da festa de Nossa Senhora dos Remédios**

João Amaral, 1937

Litografia

Coleção Fernando Pinheiro Mota



45.

**Programa da festa de Nossa Senhora dos Remédios**

João Amaral, 1939

Litografia

Coleção Fernando Pinheiro Mota



46.

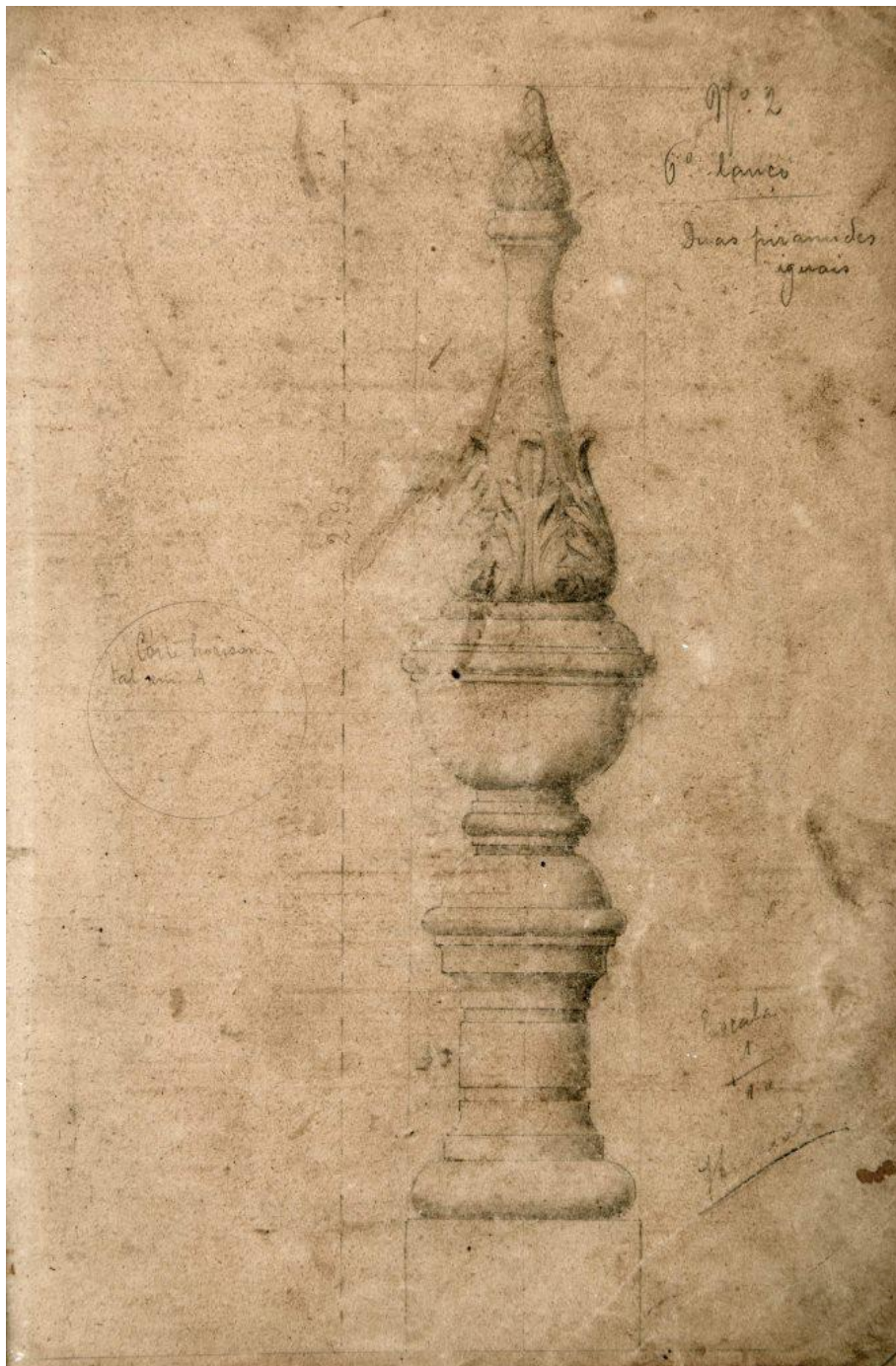
**Estudo para ornamento escultórico**

***In Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Lamego. Contem este livro os desenhos para as pirâmides da escadaria apresentada em sessão de mesa 1920***

João Amaral, 1919-20

Desenho a grafite sobre cartão

Coleção Real Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, Lamego.



47.

**Ornamento da escadaria de N. S. dos Remédios**

João Amaral (desenho); José António Mesquita (cantaria)

Vidro. Gelatina e sal de prata, 1930-40

Museu de Lamego, inv. 7252



## VI. PINTURA A ÓLEO. UMA EXPRESSÃO MENOS CONHECIDA

*Realizou-se no Clube Lamecense, no dia 9 (setembro, 1951) a inauguração da exposição de pintura a óleo, desenho e caricatura, pelos festejados artistas lamecenses Sr. João Amaral ... e seu filho sr. Luíz Amaral.*

*(...) Dos 53 quadros expostos sobressai a cópia do célebre quadro de S. Pedro de Grão Vasco, do Mosteiro de S. João de Tarouca, que só por si vale uma exposição.<sup>6</sup>*

Apesar da primeira pintura a óleo que se conhece de João Amaral ser um autorretrato, que executou quando tinha 21 anos, nos cerca de 60 anos seguintes, só episodicamente regressaria a esta técnica, sendo relativamente tardios e, em muitos casos assinados em parceria com o filho Luíz, os trabalhos que se conhecem.

<sup>6</sup> «Notável Exposição no Salão Clube». *Voz de Lamego*, 13 de setembro de 1951, p. 1.

48.

**Autorretrato**

João Amaral, 1895

Pintura a óleo sobre tela

Coleção João Amaral neto



49.

**O Perrica** (figura típica de Lamego)

João Amaral, s/data

Pintura a óleo sobre madeira

Coleção Orlando Lourenço



50.

**Retrato de Pe. Alfredo Teixeira (diretor do Colégio de Lamego, 1866-1934)**

João Amaral, 1919

Pintura a óleo sobre tela

Coleção Colégio de Lamego



51.

**Retrato de Macário da Rocha Diniz**

João Amaral e Luíz Amaral, 1948

Pintura a óleo sobre tela

Coleção Santa Casa da Misericórdia de Lamego



52.

**O Sacristão**

João Amaral, s/d (cópia)

Pintura a óleo sobre tela

Coleção particular



53.

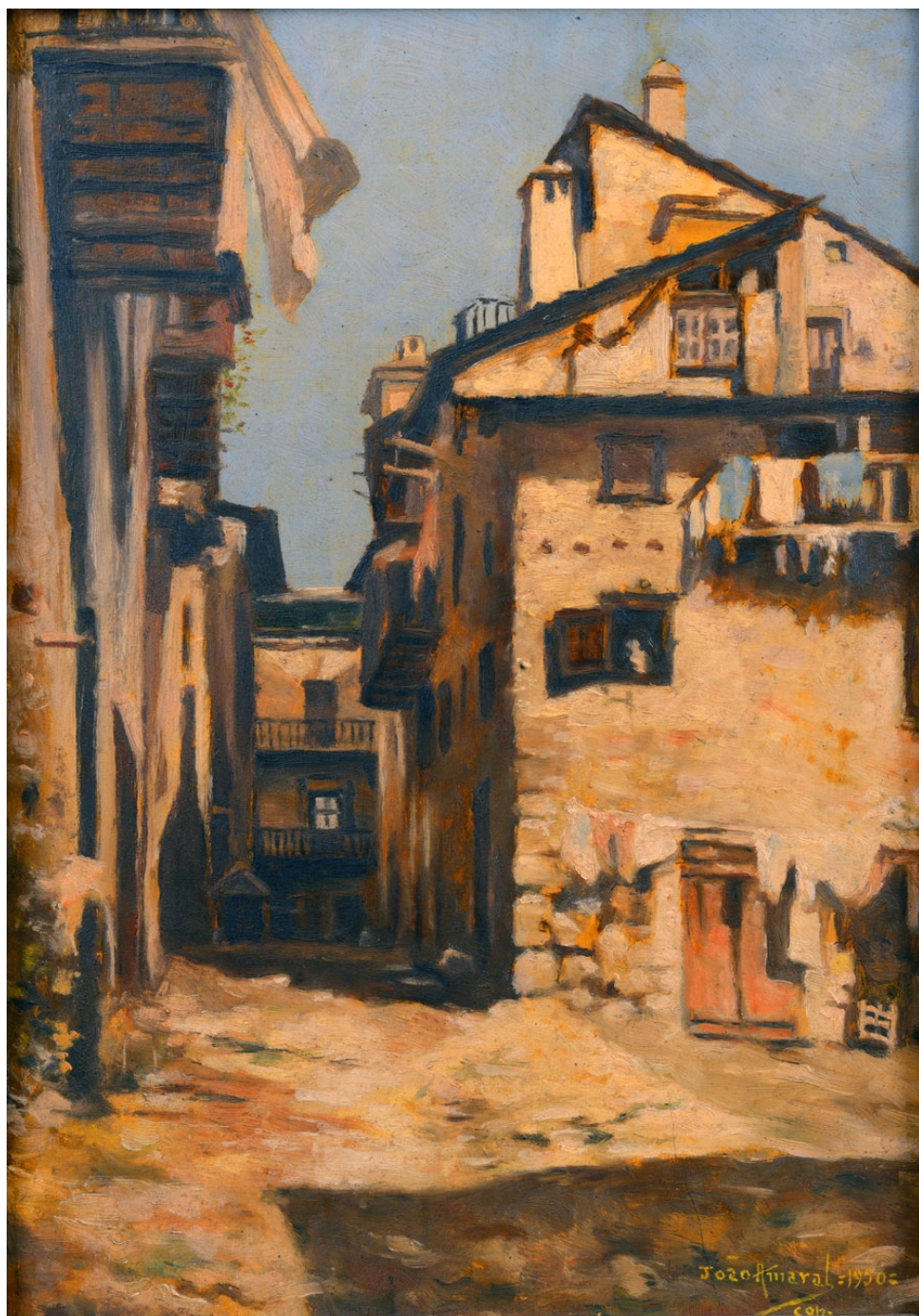
**Casario**

João Amaral, 1950

(cópia)

Pintura a óleo sobre madeira

Coleção Maria Sofia Correia de Sousa Miranda



54.

### São Pedro

João Amaral e Luíz Amaral, 1949

(cópia do São Pedro de Gaspar Vaz)

Pintura a óleo sobre castanho

Coleção Escola Profissional de Moimenta da Beira



## VII. O ORGANIZADOR E DIRETOR DO MUSEU DE OBRAS DE ARTE, ARQUEOLOGIA E NUMISMÁTICA

- «João Amaral? Todo ele é Museu!»<sup>7</sup>

*Lembrávamo-nos lá do Museu de Lamego! E agora perguntávamo-nos como fora possível construir-se em silêncio, sem dotações visíveis, aquele escrínio de Arte tão ameno e precioso?*

*É evidente que andou aqui arte-mágica e, diga-se desde já, o feiticeiro foi João Amaral. Realmente para conseguir tanto não basta engenho e espírito bairrista, é forçoso ser-se fanático.*<sup>8</sup>

João Amaral é diretor do Museu de Lamego entre 1917 (ano da criação do museu) e 1955. São conhecidos a dedicação e espírito missionário com que dirige o museu, durante os quase 40 anos que permanece no cargo. Herdeiro da coleção de obras de arte existente no antigo paço episcopal de Lamego, que por si só justificou a criação do museu pela 1.ª República, João Amaral desempenhou um papel preponderante na ampliação da coleção, documentada através de alguns de objetos cerâmicos que por sua decisão foram adquiridos pelo *Grupo de Amigos Pró Museu e Turismo*.

7\_ «Um homem extraordinário que é guarda-mór do maravilhoso Património Artístico da Beira-Douro». *Beiradouro*, 7 de abril de 1945, p.2.

8\_ Aquilino Ribeiro, «As duas Velhas Cidades», *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, 9 de setembro 1953, p.259.

55.

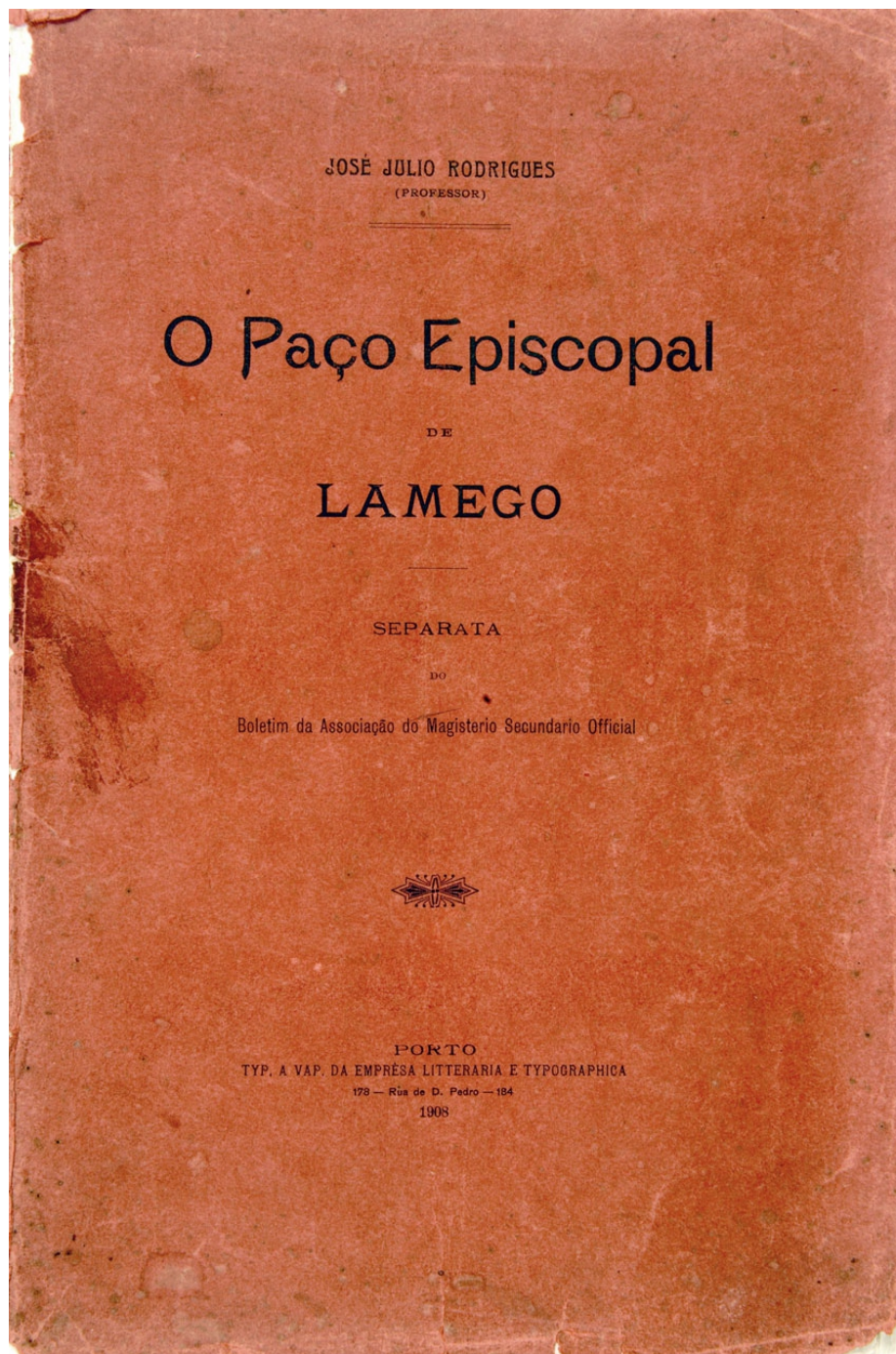
**O Paço Episcopal de Lamego**

José Júlio Rodrigues

Porto, 1908

Exemplar anotado por João Amaral

Museu de Lamego. Biblioteca - 2036

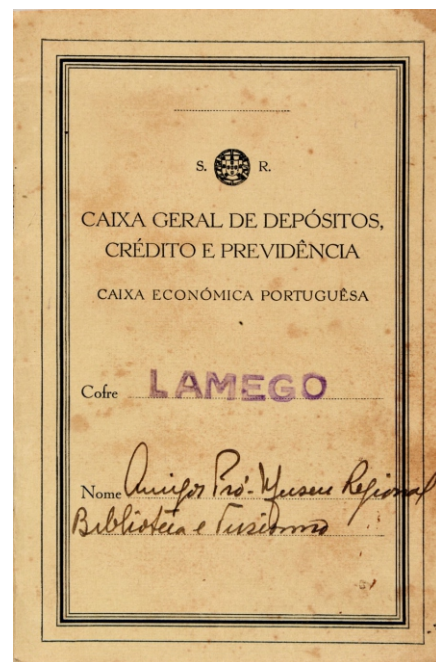


56.

**Caderneta dos Amigos Pró-Museu Regional, Biblioteca e Turismo**

1939-1941

Arquivo Museu de Lamego, inv. 8582 (pasta)

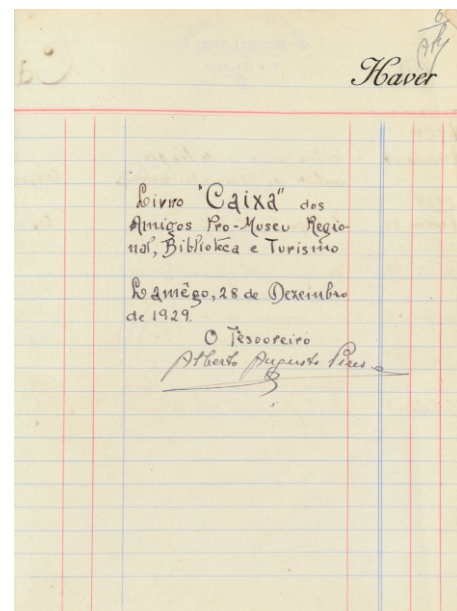
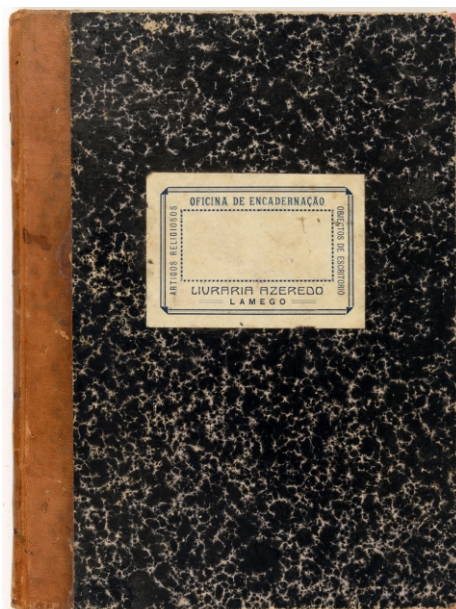


57.

**Caixa dos Amigos Pró-Museu Regional, Biblioteca e Turismo**

Alberto Augusto Pires, 1928 a 1941

Arquivo Museu de Lamego, inv. 8582 (pasta)



58.

Recibos referentes à compra de objetos para o Museu de Lamego, pelo Grupo de Amigos 1936 e 1940.

Arquivo do Museu de Lamego, invs. 8582/98 e 8582/75

10. 98

Entregou-me o Ex. Senhor Doutor Alberto Pais, Mestre Tesoureiro dos Amigos do Museu Regional de Lamego, a importância de quatrocentos quarenta e dois escudos, para pagamento de quinze peças de faiança que se compraram para o mesmo Museu.

Lamego, 13 de Abril de 1940

País  
15-11-9110

Director do Museu,  
João do Amaral

Luiz José Teófilo de Aguiar

75

Foi-me entregue pelo Ex. Senhor Dr. Alberto Pais, Mestre Tesoureiro dos Amigos do Museu Regional de Lamego, a importância de cinquenta escudos, para pagamento de um galhetão de cerâmica que se comprou para o Museu

Lamego, 27 de Março de 1936

País

Director do Museu,  
João do Amaral

Luiz José Teófilo de Aguiar

59.

**Boiões de Botica**

Portugal. Porto, séc. XIX

Fábrica da Torrinha (?)

Faiança

Museu de Lamego. Adquiridos pelo Grupo de Amigos, inv. 638; 634



60.

**Bacia de barbear**

Portugal, século XIX

Faiança policromada

Museu de Lamego. Adquirido pelo Grupo de Amigos, inv. 1647



61.

**Galheteiro**

Portugal, século XIX

Faiança

Museu de Lamego. Adquirido pelo Grupo de Amigos, inv. 641



62.

**Caneca “Camões”**

Portugal, século XIX-XX

Faiança policromada

Museu de Lamego. Adquirido pelo Grupo de Amigos, inv. 1650



## VIII. O ILUSTRADOR, O INVESTIGADOR E O BIBLIÓFILO

*Com ele [Vergílio Correia] calcurreei algumas terras da Beira-Douro e do Minho, para lhe desenhar as pinturas a fresco que o eminente investigador descobria em igrejas românicas desconhecidas e a que deu publicidade.*

*Foi ele quem me inoculou no espírito a ideia persistente e apaixonada de remechar nos arquivos, onde rebusquei e encontrei assunto para centenas de artigos que tenho publicado, bendizendo de tal inoculação, pelo prazer espiritual que frui nessa paciente missão de cóca-bichinha.<sup>9</sup>*

Após diversas colaborações em jornais e revistas, como ilustrador e caricaturista, João Amaral dedica-se à escrita, publicando torrencialmente estudos e artigos sobre história, história da arte, arqueologia e etnologia.

O assunto para as centenas de textos que escreveu, encontrou-o na Biblioteca Municipal, que estava instalada no mesmo edifício do museu de que era diretor, e na imensa biblioteca pessoal que possuía.

9\_ João Amaral, «Gente da Nossa Terra. O Dr. Vergílio Correia». *Boletim da Casa Regional da Beira-Douro*, Dezembro de 1953, p. 356.

63.

**Retrato de D. António Teles de Menezes.**

In Vergílio Correia, *Artistas de Lamego*. Coimbra, 1923, p. 16.



Fig. 4. — Museu Regional de Lamego — Retrato do bispo D. António Teles de Menezes, no quadro *O Calvário*, oferecido pelo prelado ao Convento das Chagas de Lamego.

*Desenho a lapis do Sr. João Amaral  
Director do Museu de Lamego.*

[ 16 ]

### Desenho de pintura mural da igreja de Valadares

In Vergílio Correia, *Monumentos e Esculturas* (séculos III-XVI). Lisboa, 1924.

tosco unicornio; e da direita um apóstolo, possivelmente S. Paulo, de livro sobraçado e espada empunhada.

As pinturas, que João Amaral, dedicado e proficiente Director do Museu de Lamego, desenhou, quando em minha companhia visitou Valadares em 29 de setembro



Fig. 42

Pinturas murais de Valadares

(Desenho de João Amaral)

de 1923, revelam um artista de faculdades, largo e rápido no desenhar e colorir, como o próprio processo do fresco o exige. O nome desse artista não é, por infelicidade, conhecido, embora seja crível que tenha assinado a sua obra.

65.

### Desenho do Túmulo [dito] de D. Branca de Sousa

In Vergílio Correia, *Três Túmulos*. Lisboa, 1924.



Túmulo de D. Branca de Sousa, mulher do Conde D. Pedro, no Museu de Lamego

(Desenho de João Amaral)

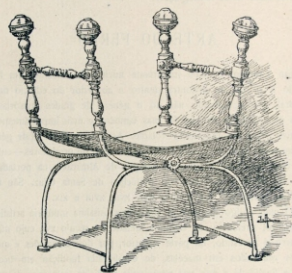
66.

### Desenho de faldistório

In Alfredo Guimarães e Albano Sardoeira, *Mobiliário Artístico Português*. Lamego, Porto, p. 42 (Museu de Lamego. Biblioteca – 2167)

42

S. Nicolau, na Sé lamecense, reflecte, no seu estado actual, dois períodos artísticos distintos. Primitivamente rematada, ao alto, pela moldura transversal que contém, como ornatos, um medallão envolvendo a cabeça coroada de um romano, uma teoria graciosa de querubins e diversas, floridas copas de albarada, a grade desenrola dessa moldura



SÉ DE LAMEGO — FALDISTÓRIO — SÉCULO XVI

à base todos e os únicos elementos da sua primitiva composição e montagem na segunda metade do século XVI. A decoração figurada que sobrepõe a parte primitiva da mesma grade, pertence, como a própria indumentária utilizada o indica (\*), à primeira metade do século imediato. A parte renascentista da grade do claustro de Lamego não teme confronto, pelo rigor do seu desenho e raro esmero de execução, com

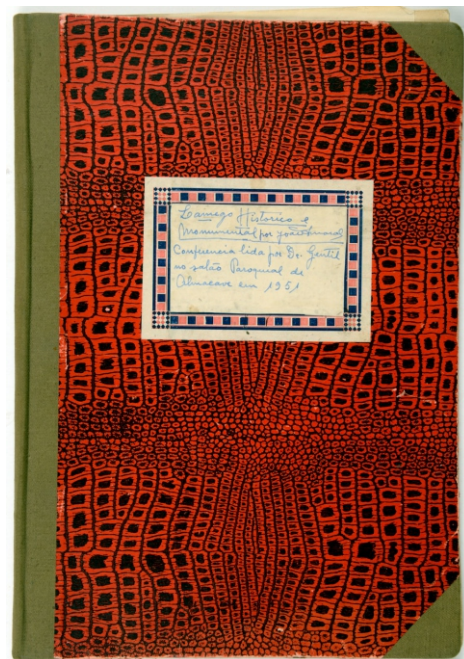
(\*) A figura de S. Martinho, vestido à holandesa, com fecho de grande aba, enfiado, longa capa, etc.

67.

**Lamego Histórico e Monumental**

Manuscrito de conferência proferida no Clube de Lamego, por João Amaral, 1943

Coleção João Amaral, neto.

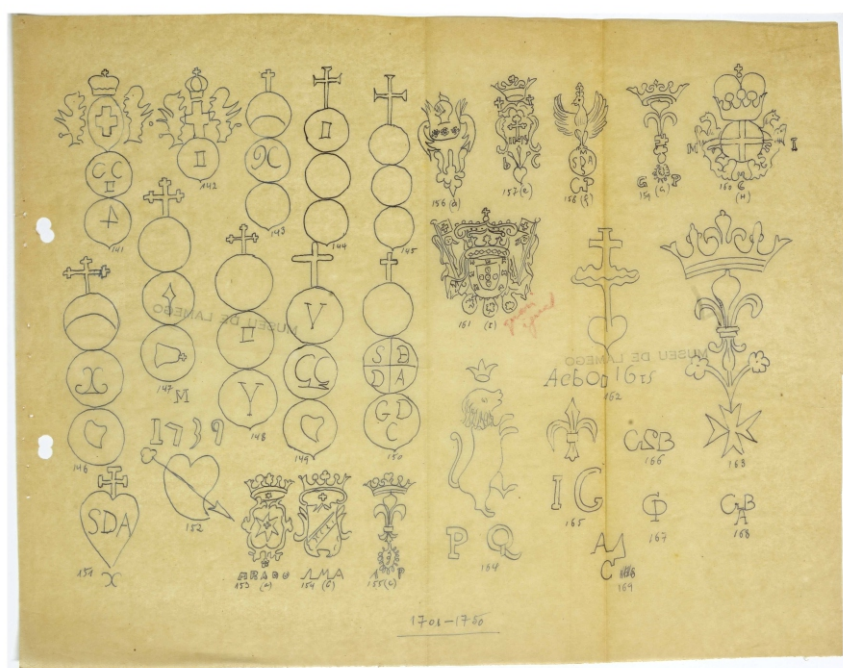


68.

**Notas e apontamentos para estudo de marcas de água**

Manuscrito de João Amaral, 1946

Museu de Lamego, inv. 8583

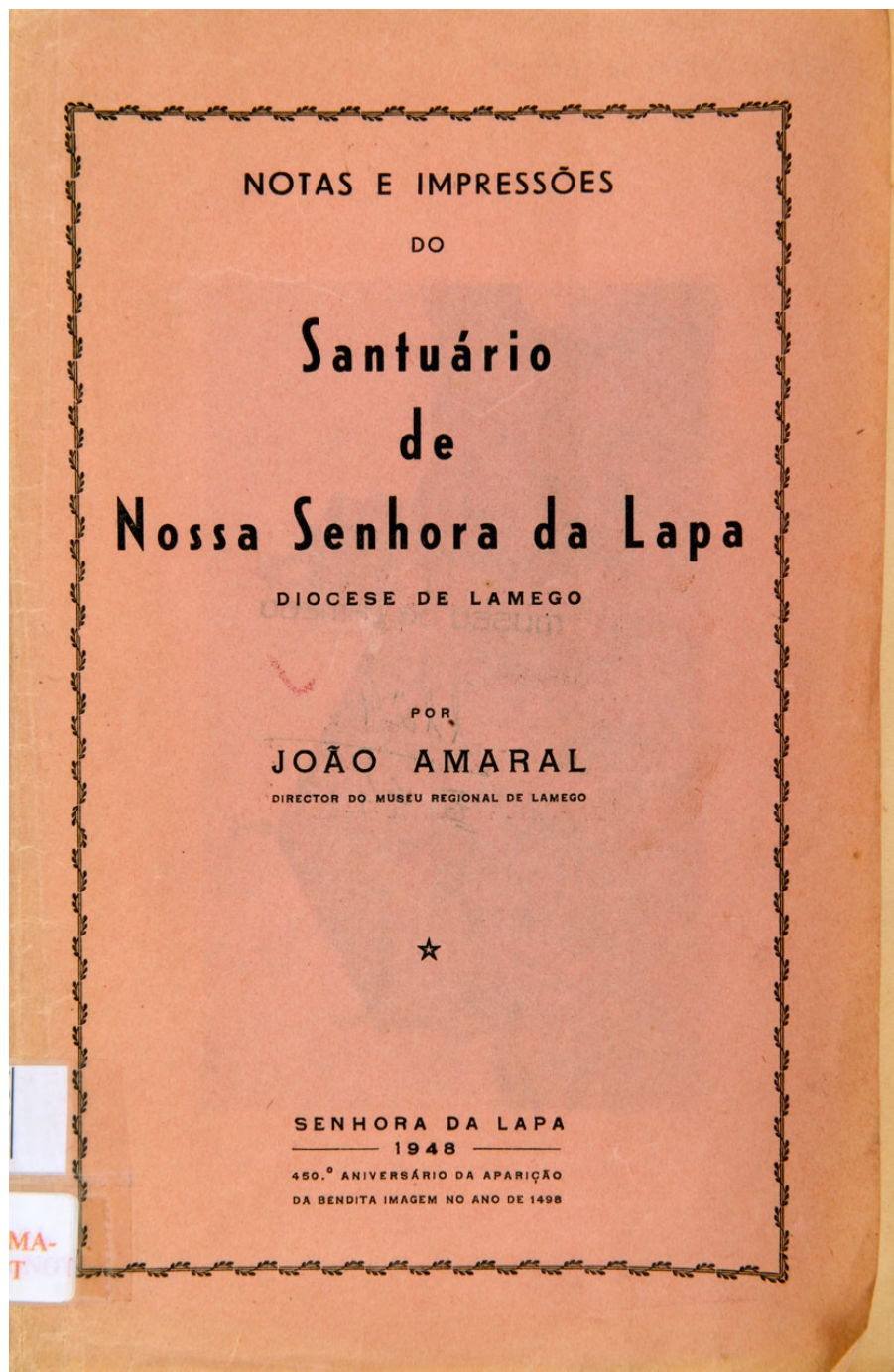


69.

**Notas e impressões do Santuário de Nossa Senhora da Lapa**

João Amaral, Senhora da Lapa, 1948

Museu de Lamego. Biblioteca – 2034





71.

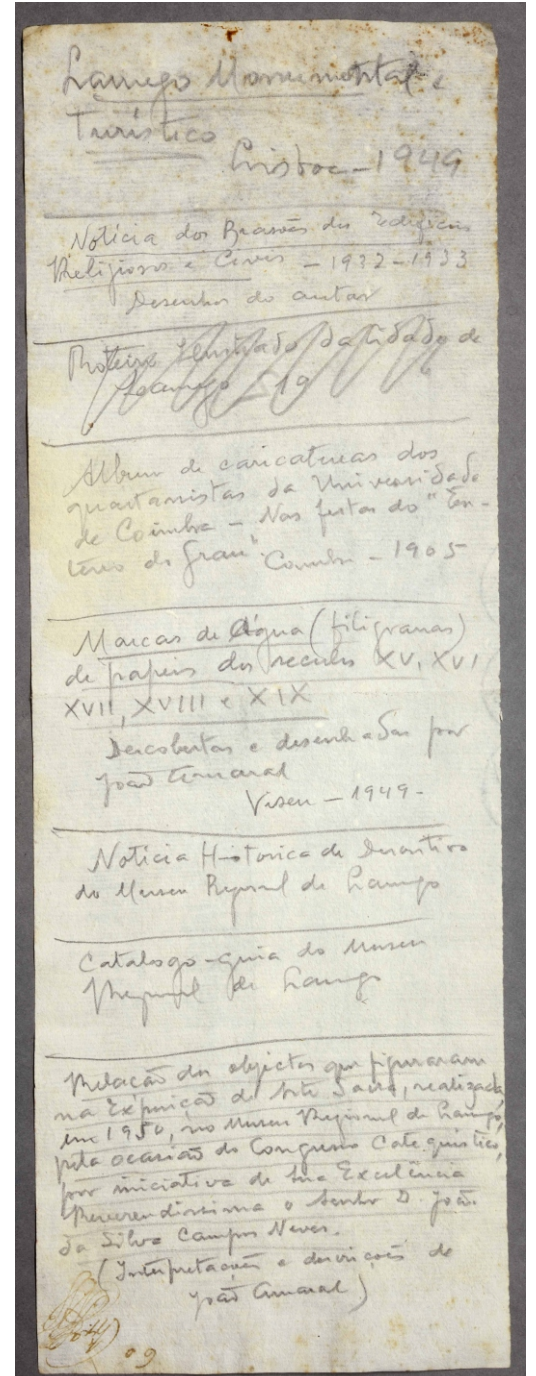
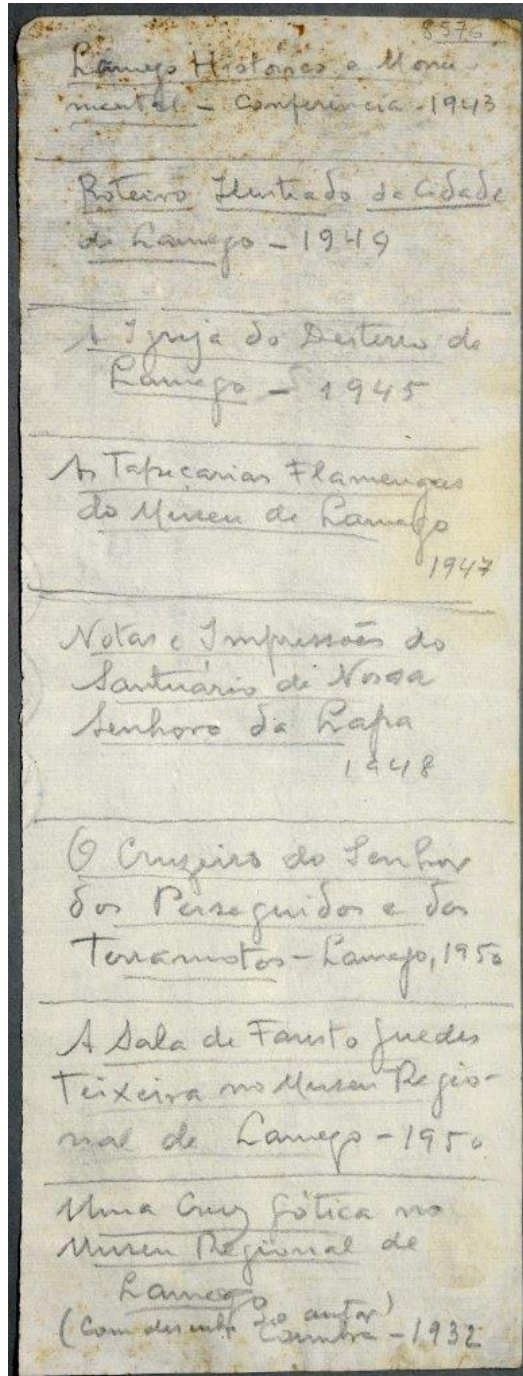
**Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego**

João Amaral, Lamego, 1961 (publicação póstuma)

Museu de Lamego. Biblioteca - 2600



**Apontamentos para guardar e consultar**  
 Manuscritos de João Amaral, s/data  
 Arquivo do Museu de Lamego, inv. 8575

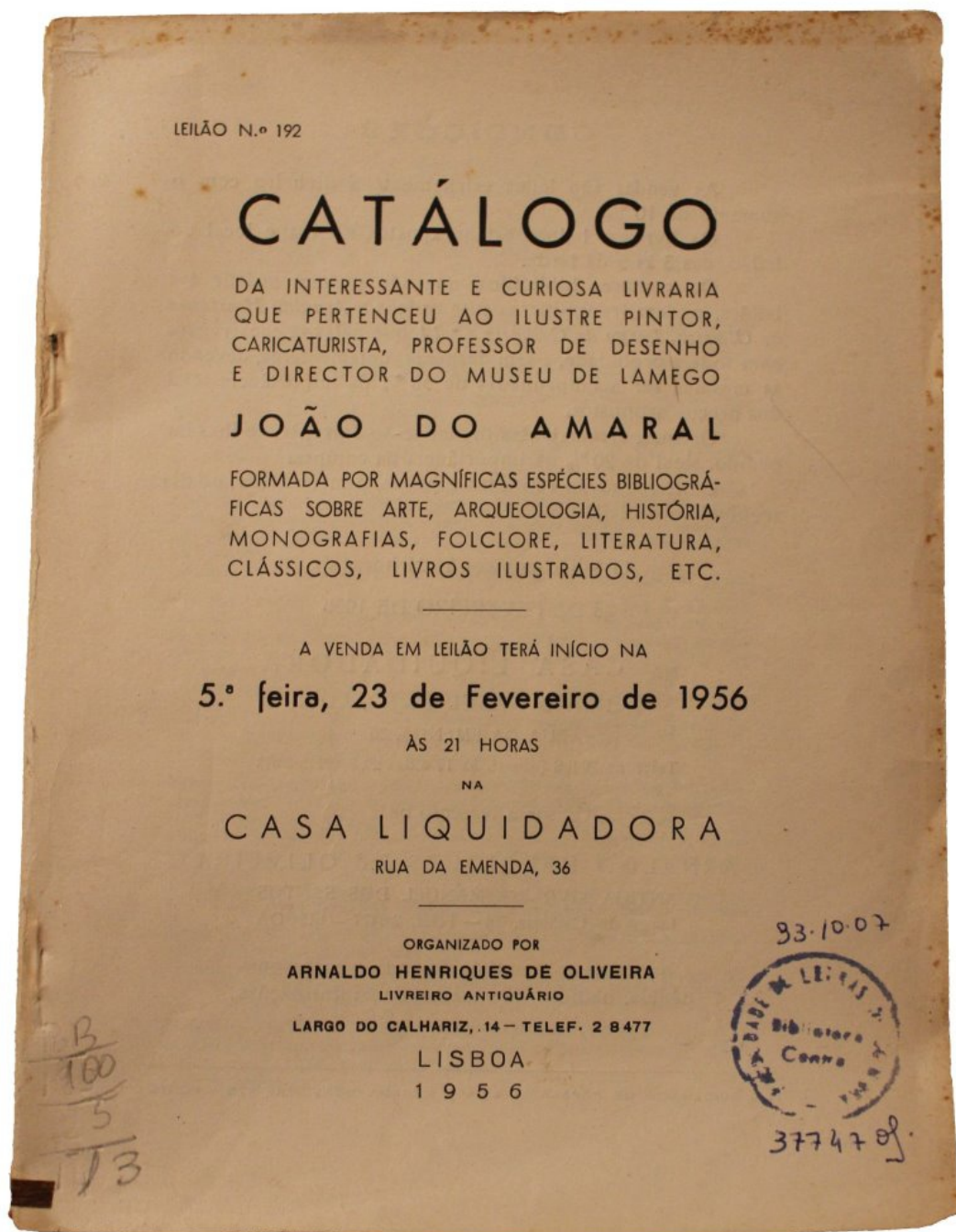


73.

**Catálogo da interessante e curiosa livraria (...) João do Amaral**

Arnaldo Henriques de Oliveira, Lisboa, 1956

Coleção Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



## IX. CARICATURAS (E OUTROS)

*Não como valor artístico, mas como documentário plástico duma época ainda contemporânea de muitos, essa colecção caricatural constitui, sem vaidade da minha parte, porque nunca me enfeitei com semelhante palermice, uma curiosíssima, sensibilizadora e valiosa galeria de lamecenses.*<sup>10</sup>

A faceta mais conhecida e também aquela com que João Amaral mais se identificava é a de caricaturista, que desenvolveu ao longo de praticamente toda a vida, com uma desenvoltura impressionante e igual maleabilidade de abordagens técnicas e de estilo.

É imensa a galeria de personagens reais ou fictícias, às quais empresta o seu enorme talento, sarcasmo e visão acutilante, num conjunto que constitui um documento de inestimável valor, como retrato da sociedade lamecense de finais do século XIX e primeira metade do seguinte.

<sup>10</sup> João Amaral, «Dos velhos tempos...». *Beiradouro*, 24 de julho de 1943, p. 1 e 4.

74.

**Dr. João Mendes**

João Amaral, 1897

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 2664



75.

**Cónego Arruda**

João Amaral, 1900

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 2703



76.

**José Almeida Saldanha Júnior**

João Amaral, 1912

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 2690



77.

**D. Agostinho de Cruz e Sousa, bispo de Lamego**

João Amaral, s/data

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 2687



78.

**Auto-caricatura**

João Amaral, 1941

Desenho a grafite

Museu de Lamego, inv. 2699



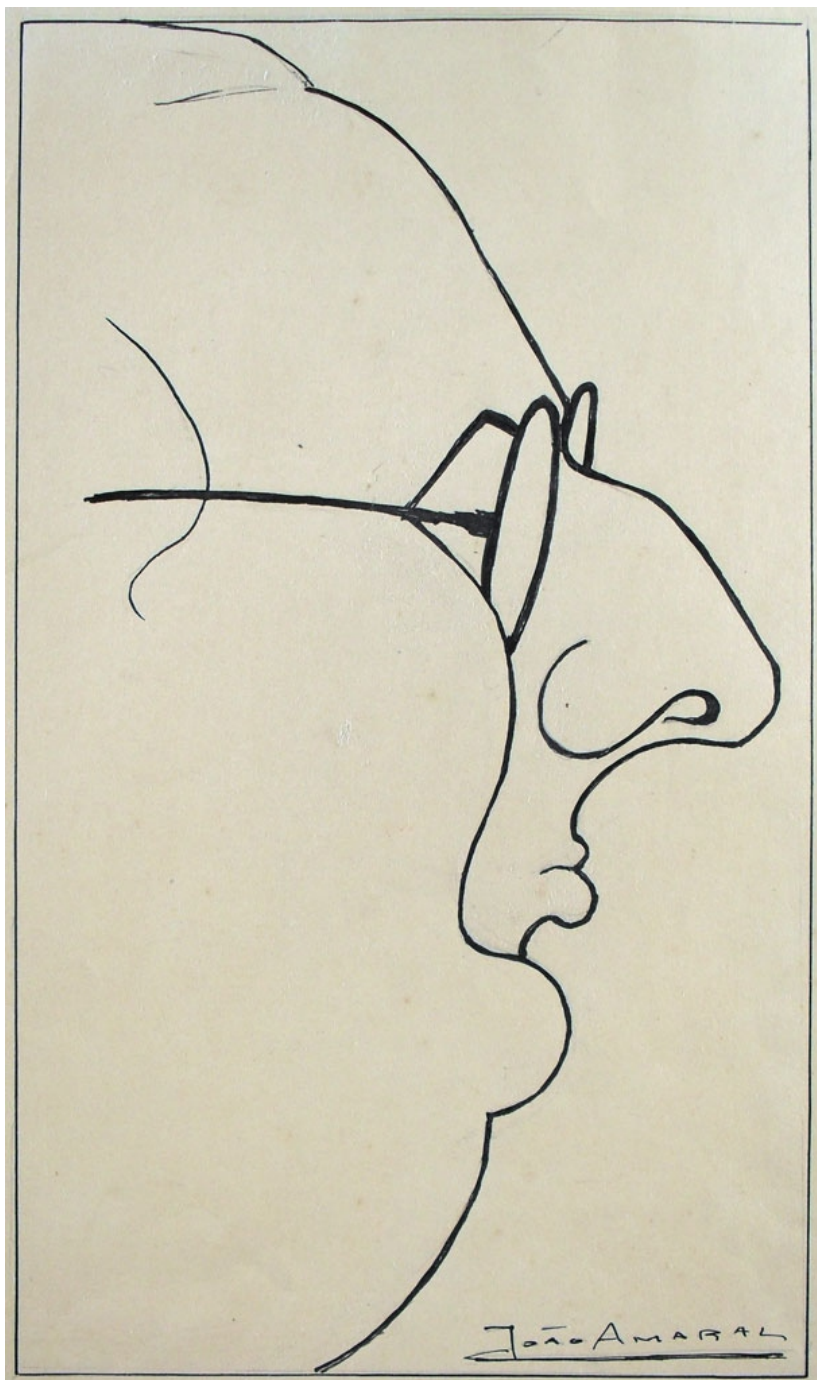
79.

**Pe. João do Colégio (de Lamego)**

João Amaral, s/data

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 3769



80.

**Júlio da Rocha Diniz**

João Amaral, s/data

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 3771



81.

**Dulce Chaby**

João Amaral, 1943

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 3781



82.

**Autorretrato**

João Amaral, 1943

Desenho à pena sobre papel

Coleção Orlando Lourenço



83.

**Coronel Malaquias**

João Amaral, 1943

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 2686



84.

**Adolf Hitler**

João Amaral, 1947

Desenho a grafite

Museu de Lamego, inv. 2712



85.

**Laura Carmo**

João Amaral, 1946

Desenho à pena sobre papel

Museu de Lamego, inv. 3772



86.

**Auto caricatura**

João Amaral, 1947

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 3779



87.

**Natureza morta**

João Amaral, 1915

Desenho a grafite e carvão sobre papel

Coleção Egídio Lemos



88.

«Espumante da Raposeira»

João Amaral, 1935

Desenho a grafite

Museu de Lamego, inv. 3844



89.

**Cena cómica**

João Amaral, 1951

Desenho à pena

Museu de Lamego, inv. 3845



Legenda (reverso):

- «Eu desejava que o sr. me pintasse o retrato, mas queria que ele ficasse com a cara que eu tinha aos vinte anos, visto que, atualmente, vou entrar nos trinta e cinco».

- «Isso só podia ser feito pelo meu avô, que também era pintor, e que já morreu há mais de 80...»

90.

### O Médico e a Morte

João Amaral, 1945

Cópia de O Médico, de Ivo Saliger (1920)

Desenho à pena sobre papel

Coleção particular



# Bibliografia

## Fontes de arquivo (manuscritas e impressas):

### ARQUIVO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LAMEGO

Livro de Atas n.º 28 (1900-1905).

Livro de Atas n.º 29 (1905-1908).

Livro de Atas n.º 30 (1908-1912).

Livro de Atas n.º 32 (1916-1921).

Livro de Atas n.º 35 (1928-1930).

### ARQUIVO CONTEMPORÂNEO DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS

CJBC/VIS/LAM/ADMIN/023 (Processo).

CJBC/VIS/LAM/ADMIN/054 (Processo).

CJBC/VIS/LAM/ADMIN/056 (Processo).

### ARQUIVO DIOCESANO DE LAMEGO

PT/AMD/L/PRQ/LMG21/001/0029 (Baptismos).

### ARQUIVO DA FACULDADE DE BELAS-ARTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Livro de matrículas n.º 163.

Sub-secção Secretaria, sub-sub-secção Alunos e Pensionistas. Processos individuais de alunos 1837-1911 – João Moreira Guedes do Amaral.

Escola Portuense de Bellas-Artes. Programas dos cursos (cota 80).

### ARQUIVO HISTÓRICO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Ministério de Instrução Pública (DGESBA, 3.ª Secção).

Livro 4. Copiador de Ofícios.

Caixa 3030 - Livro 15.

### ARQUIVO DO MUSEU DE LAMEGO

*Associação de Socorros Mutuos de N. Senhora dos Remedios Fundada a 25 de Setembro de 1859. Lista de Sócios Fundadores da Mesma Associação.* (impresso) (inv. ML 4949).

Livro 1. *Museu Regional de Lamego. Registo de Correspondência* (1917-1974).

[Espólio João Amaral]:

AMARAL, João (1891-1892) - *Álbum de Serões* (inv. 2447).

AMARAL, João (s/d) - *Apontamentos para guardar e consultar* (doc. avulso).

AMARAL, João (1945) – [carta] a José Cassiano Neves (30 maio).

GUIMARÃES, Alfredo (1920) - *As Tapeçarias do Museu Regional de Lamego. Carta dirigida aos jornais de Lisboa e Porto*, 14 de maio de 1920 (impresso).

NEVES, António Correia; GOMES, José Joaquim; FERRAZ, Rogério (1916) - *Então... Chéu!* (dactilografado) (inv. 1322).

Pasta - Amigos Pró- Museu Regional, Biblioteca e Turismo (1929-1941) Inv. 8582.

Programas de Teatro (1907-1914), (inv. 4873).

#### ARQUIVO DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

Copiador de correspondência expedida (jan. 1920 – dez. 1921).

#### ARQUIVO DA PARÓQUIA DA SÉ DE LAMEGO

Irmandade do Divino Espírito Santo da Freguesia da Sé de Lamego. *Relação dos Irmãos do Sexo Masculino da Irmandade do Divino Espírito Santo da Sé de Lamego*, 17 de junho de 1892.

#### ARQUIVO PARTICULAR DE JOÃO AMARAL (neto de João Amaral)

AMARAL, João (1893) – *João Amaral* (notas autobiográficas manuscritas no verso de autorretrato).

AMARAL, João (1943) - *Lamego Histórico e Monumental*. Conferência proferida no Clube de Lamego.

AMARAL, João (1949) – *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego. Esboço*.

AMARAL, Luíz (1974) – *Resumo da biografia de João Amaral*.

[AMARAL, João; VASCONCELOS, Vasco; FONSECA, Amálio] (1899) - *Cocó, Ranbêta e Facada* (gazetilha manuscrita) – (22 set. 1899); (23 set. 1899); (26 set. 1899); (1 out. 1899); (7 out. 1899); (8 out. 1899).

#### ARQUIVO PARTICULAR DE FERNANDA AMARAL E JOSÉ FERNANDO AMARAL (sobrinhos-netos de João Amaral)

Participação de casamento de Manoel Moreira Guedes do Amaral e Angélica Maria d'Almeida Castello Branco.

## ARQUIVO REAL DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS, LAMEGO

*Actas das Deliberações da Mesa Administrativa* (1921 a 1929).

*Contem este livro os desenhos para as pirâmides da escadaria apresentada em sessão de mesa 1920.*

*Livro de sessoens da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios* (1848-1869).

*Livro de sessoens da Irmandade Real de Nossa Senhora dos Remédios* (1917 a 1921).

Mandato de pagamento n.º 358 (doc. avulso).

Receita e Despesa da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios – 1870.

### **Fontes impressas:**

AMARAL, João (1930) – «O Museu Regional de Lamego». *Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição*, ano I, n.º 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p.53-59.

AMARAL, João (1932) - «Uma cruz gótica do Museu Regional de Lamego». *Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição*, ano I, n.º 4. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 211-214.

AMARAL, João (1933) - «Papéis Pintados» *Arte e Arqueologia. Revista do Conselho de Arte e Arqueologia da 2.ª Circunscrição*, ano II, n.º 1. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 47-49.

AMARAL, João (1949) – *Revista Beira-alta*  
Ano VIII, Fasc. I e II (1.º e 2.º Trimestre), 1949.

«Algumas marcas de água de papéis dos séculos XV, XVI, XVII e XVIII», p. 19-31.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XV. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 33-36.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVI. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 37-59.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 61-64.

Fasc. IV (4.º Trimestre), 1949.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 443-478.

Ano IX, Fasc. I e II (1.º e 2.º Trimestre), 1950.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 103-115.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 117-136.

Fasc. III (3.º Trimestre), 1950.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 252-278.

Ano XI, Fasc. I e II (1.º e 2.º Trimestre), 1952.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 113-154.

Ano XIII, Fasc. I e II (1.º e 2.º Trimestre), 1954.

«Marcas de água (filigranas) de papéis do século XVIII. Descobertas e desenhadas por João Amaral», p. 185-216.

AMARAL, João (1948) - *Notas e impressões do Santuário de Nossa Senhora da Lapa*. Lapa.

AMARAL, João (1961) – *Roteiro Ilustrado da Cidade de Lamego*. Lamego.

*Associação de Socorros Mutuos de N. Senhora dos Remedios Fundada a 25 de Setembro de 1859. Lista de Sócios Fundadores da Mesma Associação*. (inv. ML 4949).

*Catálogo da Exposição dos Trabalhos Escolares dos Alunos da Academia Portuense de Bellas-Artes considerados dignos de distinção no ano de 1893 e distribuição dos respetivos diplomas*. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.

AMARO, Carlos (1905) – *Scéna Antiga*. Coimbra: Typographia França Amado.

CORREIA, Vergílio (1923) - *Artistas de Lamego*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

CORREIA, Vergílio (1924) – *Monumentos e Esculturas*. Lisboa: Livraria Ferin.

CORREIA, Vergílio (1924) - *Três Túmulos*. Lisboa: Portugália Editora.

*Diário do Govêrno*. Decreto 3074/1917, 5 de abril, I Série, n.º 53.

*Enterro do Grau: Album de Perfis e Caricaturas dos Quartanisas da Universidade: 1904-1905*. Coimbra: Comissão Executiva das Festas do Enterro do Grau. Typographia França Amado.

GUIMARÃES, Alfredo; SARDOEIRA, Albano (1924) - *Mobiliário Artístico Português*. Lamego. Porto: Marques Abreu.

OLIVEIRA, Arnaldo Henriques de (1956) – *Catálogo da interessante e curiosa Livraria que pertenceu ao ilustre pintor, caricaturista, professor de desenho e director do Museu de Lamego João Amaral formada por*

*magníficas espécies bibliográficas sobre arte, arqueologia, história, monografias, folklóre, literatura, clássicos, livros ilustrados, etc.* Lisboa.

OLIVEIRA, Bento José de (coord.) (1862) – *Nova Grammatica Portugueza compilada de nossos melhores auctores*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

RIBEIRO, Aquilino (1953) – *Arcas encoiradas*. Lisboa: Livraria Bertrand.

RODRIGUES, José Júlio (1908) - *O Paço Episcopal de Lamego*. Separata do Boletim da Associação do Magisterio Secundario Official. Porto: Emprêsa Litteraria e Typographica.

SILVA, António Gomes da (1905) – *Auto do Grau*. Coimbra: Typographia França Amado.

### Publicações periódicas:

*Beiradouro* – (26 out.1935); (7 dez. 1935); (4 jan. 1936); (29 set. 1936); (26. out. 1936); (21 nov. 1936); (1 mai. 1937); (17 jul. 1937); (30 out. 1937); (12 fev. 1938); (19 mar. 1938); (9 jul. 1938); (5 nov. 1938); (17 dez. 1938); (14 jan.1939); (18 fev. 1939); (22 abr. 1939); (24 jun. 1939); (5 jul. 1939); (22 jul. 1939); (28 out. 1939); (11. nov. 1939); (27 jan. 1940); (24 fev.1940); (30 ago. 1941); (29 nov. 1941); (7 mar. 1942); (2 jan. 1943); (27 fev. 1943); (6 mar. 1943); (24 jul. 1943); (18 set. 1943); (15 jan. 1944); (11 mar. 1944); (1 abr.1944); (29 abr. 1944); (3 jun. 1944); (8 jul. 1944); (30 set. 1944); (30 dez. 1944); (27 jan. 1945); (26. fev. 1945); (17 mar. 1945); (7 abr. 1945); (28 abr. 1945).

*Boletim da Casa do Douro* – (set. 1949).

*Boletim da Casa Regional da Beira-Douro* – (jul. 1944); (dez. 1952); (set. 1953); (ago. 1955); (jan. 1955); (jan. 1956); (fev.1961); (mai. 1970).

*O Charivari* – (23 jul. 1898); (30 jul. 1898); (13 ago. 1898); (20 ago. 1898); (27. ago. 1898); (3 set. 1898); (10 set. 1898); (17 set. 1898); (24 set. 1898); (1 out. 1898); (8 out. 1898); (13 out. 1898); (22 out. 1898); (29 out. 1898); (12 nov. 1898); (19 nov, 1898).

*Comércio do Porto* - (jun.1949).

*O Conimbricense* – (18 abr. 1905).

*Diário de Notícias* – (24 mai 1905); (25 mai. 1905); (3 jun. 1905); (14 mai. 1920); (15. mai. 1920); (16 mai. 1920); (18 mai. 1920); (19 mai. 1920).

*A Fraternidade* – (19 fev. 1912); (7 set. 1912); (1 mai, 1915); (8 jan. 1916); (29 jan. 1916); (26 fev. 1916); (11 mar. 1916); (18 mar. 1916); (25 mar. 1916); (01 abr. 1916); (8 abr. 1916); (15 abr. 1916); (22 abr. 1916); (29 abr. 1916); (9 set. 1916); (14 fev. 1920); (5 mai. 1920); (22 mai. 1920); (4 set. 1920); (30 out. 1920); (17 set. 1921); (10. mar. 1923); (24 nov. 1923); (12 jan. 1924); (19 jan. 1924); (3 jul. 1925); (23 jan. 1926); (20 fev. 1926); (29 mar. 1930).

*Galeria Portugueza* – (1892-1893).

*Ilustração Portugueza* – (12 jun. 1905); (15 out. 1917).

*O Marmeleiro* – (15 mar. 1926).

*Pontos nos ii* – (13 jan. 1891).

*O Primeiro de Janeiro* – (13 mai. 1920); (20 mai. 1920).

*O Século* – (6 mai. 1905); (supl. humorístico: 6 jun. 1905); (13 mai. 1920); (15 mai. 1920); (16 mai. 1920); (18 mai. 1920).

*A Semana* – (16 set. 1905); (11 nov. 1905); (4 fev. 1899); (9 jan. 1909).

*Resistência* – (16 abr. 1905); (23 abr. 1905); (21 mai. 1905); (8 jun. 1905).

*A Tribuna* – (22 mar. 1914); (29 mar. 1914); (5 abr. 1914); (12 abr. 1914); (26 abr. 1914); (17 mai. 1914); (24 mai. 1914); (13 set. 1914); (29 nov. 1914); (13 dez. 1914); (20 dez. 1914); (27 dez. 1914); (28 mar. 1915); (18 abr. 1915); (12 dez. 1915); (25 jan. 1916); (30 jan. 1916); (19 mar. 1916); (26 mar. 1916); (2 abr. 1916); (23 abr. 1916); (30 abr. 1916); (06 mai. 1917); (17 jun. 1917); (29 jul. 1917); (8 jul. 1917); (5 ago. 1917); (12 ago. 1917); (2 set. 1917).

*O Tripeiro* – (out. 1955).

*Varanda do Douro* – (jul. 1950); (ago. 1952); (nov. 1954); (mar. 1955); (ago. 1955).

*Voz de Lamego* – (18 jan. 1936); (12 mai. 1949); (30 jun. 1949); (13 set. 1951).

### Fontes policopiadas:

AMARAL, João (1907) – *Os compadres* (comédia).

AMARAL, João (1908) – *Os estudantes* (comédia).  
- *Os três cãeseiros* (terceto cómico).  
- *O Comilão* (monólogo).

AMARAL, João (1909) – *Que grande trapalhada* (comédia).  
- *É boa!* (cançoneta).

### Fontes bibliográficas:

CABRAL, Fernando (1996) – *O Cinema em Lamego Do mudo aos nossos tempos*. Lamego: Tipografia Voz de Lamego.

CABRAL, Fernando (2002) – *Senhora dos Remédios, A Romaria de Portugal*. Lamego, 2002.

COSTA, M. Gonçalves (1975) – *Lutas Liberais e Miguelistas em Lamego*. Lamego, 1975, p. 173-175.

COSTA, M. Gonçalves (1990) – *Seminário e Seminaristas*. Lamego, 1990.

FERNANDES, A. de Almeida (1997) – *Homenagem de Britiande a Dom Egas Moniz (No 850.º Aniversário da sua Morte)*. *A História de Britiande*. Braga. Câmara Municipal de Lamego, Junta de Freguesia de Britiande.

FERREIRA, Pe. Jorge, osb. (1996) – *Colégio de Lamego Oficial da Ordem de Instrução Pública. Sua vida e ação*. Santo Tirso: Edições Ora & Labora.

LARANJO, Francisco Cordeiro (1974) - *In Caricaturas e Desenhos de João Amaral* [catálogo de exposição], Lamego: Ministério da Educação e Cultura e Museu de Lamego.

LARANJO, F.J. Cordeiro (1991) – *Cidade de Lamego. Museu de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.

LARANJO, F.J. Cordeiro (1989) – *Lamego Antiga*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.

LOPES, Ana (2007) – «Marques de Oliveira: história, estética e vida», in *Materiais e Técnicas de Pintores do Norte de Portugal*. Porto: CITAR – Universidade Católica Portuguesa: Universidade Católica Portuguesa – Escola das Artes, Citar, p. 153-164.

MARTINS, Rocha (2008) – *A Monarquia do Norte*, vol I. Lisboa: Bonecos Rebeldes.

MARRANA, José António (cón.) (2001) – *História do Culto de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego*. 2.<sup>a</sup> edição. Lamego: Tipografia Voz de Lamego.

MESQUITA, Horácio Afonso (1943) - *Liceu de Lamego*. Lamego: Edições Crisos.

MONTEIRO, Manuel (1911) - *O Douro. Principaes Quintas, Navegação, Culturas, Paisagens e Costumes* (Fac-simile da edição de 1911). Rio Tinto, Edições Livro Branco, Lda.

PINTO, Lucinda de Jesus Barros (1997) - *O Santuário de Nossa Senhora dos Remédios em Lamego. Contributo para o Estudo da sua construção 1750-1905/69*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de mestrado.

RIBEIRO, Agostinho, coord. (1998) – *Museu de Lamego*. Lisboa: IPM.

RICA, Armando; CABRAL, Fernando (2006) – *Ilustres de Lamego*. Lamego: Câmara Municipal de Lamego.

VICENTE, Filipa Lowndes (coord.) (2016) – *Aurélia de Sousa. Mulher Artista (1866-1922)*. Lisboa: Tinta-da-China.

## Internet

AFBAUP. Inventário Alumni (1836-1957).  
[em linha; [http://arquivo.fba.up.pt/docs/Alumni\\_1836\\_1957.pdf](http://arquivo.fba.up.pt/docs/Alumni_1836_1957.pdf), 16-11-2016].

BARBOSA, Jorge (1975) - *Toponímia da Póvoa de Varzim*: III. Póvoa de Varzim: Câmara Municipal, 1975. [Em linha: [http://web.cm-pvarzim.pt/namaredarepublica/index.php?option=com\\_content&view=article&id=94:rua-manuel-monteiro&catid=42:top-republica&Itemid=110](http://web.cm-pvarzim.pt/namaredarepublica/index.php?option=com_content&view=article&id=94:rua-manuel-monteiro&catid=42:top-republica&Itemid=110)].

BRUN, André Francisco (1923) - *Especialistas* da série *Os Meus Domingos* [em linha: <http://aviagemdosargonautas.net/2015/01/04/os-meus-domingos-os-especialistas-por-andre-brun-2/>, 17-12-2015].

CARVALHO, Aida Maria Oliveira (2013) – *Histórias de um Culto: Nossa Senhora dos Remédios, em*

Lamego. Vila Real, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Tese de doutoramento [Em linha:

file:///C:/Users/aib/Downloads/Hist%C3%B3rias%20de%20um%20Culto%20Nossa%20Senhora%20dos%20Rem%C3%A9dios,%20em%20Lamego%20(1).pdf, 29-02-2016].

*Exposição Geral de Belas Artes* (2.:1895:Rio de Janeiro). In «Enciclopédia Itaú Cultural» [em linha: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento80469/exposicao-geral-de-belas-artes-2-1895-rio-de-janeiro-rj,21-12-2015>].

FALCÃO, Alexandra Isabel, «Das obras toscas e inclassificáveis ao admirável retábulo que e o escultor Macário Diniz ofereceu ao museu da sua terra. História de uma coleção», *A Glorificação do Divino* (catálogo), Museu de Lamego/DRCN, p. 24.

[em linha:[http://www.museudelamego.pt/wp-content/uploads/2015/04/AGlorificacaoDoDivino\\_catalogo.pdf](http://www.museudelamego.pt/wp-content/uploads/2015/04/AGlorificacaoDoDivino_catalogo.pdf), 28-06-1917].

[Falcão, Alexandra Isabel], *História do edifício e fundação do museu*

[em linha: <http://www.museudelamego.pt/historia/>].

FERREIRA, Licínia Rodrigues (2011) – *Júlio César Machado Cronista de Teatro. Os Folhetins d'A Revolução de Setembro e o Diário de Notícias*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de mestrado.

[em linha: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5352/1/ulfl106439\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/5352/1/ulfl106439_tm.pdf), 17-12-2015].

GRAÇA, António M (2011) – *Crónica da família Castelo Branco (1818/2005)*

[em linha: <https://cronicadafamilia.wordpress.com/2011/10/23/cronica-da-familia-castelo-branco-18182005-2/>, 2015-12-10].

Instituto Camões, *Teatro Baquet* [em linha: <http://cvc.instituto-camoes.pt/teatro-em-portugal-espacos/teatro-baquet.html#.VnHNvEqLTIV>, 16-12-2015].

Geneall, *João Moreira Guedes do Amaral*,

[em linha: <http://geneall.net/pt/nome/2275971/joao-moreira-guedes-do-amaral/>].

Museu Nacional Soares dos Reis, *João Marques da Silva Oliveira* [em linha: <http://www.museusoaresdosreis.pt/ptPT/colecao/autoresrepresentados/ContentDetail.aspx?id=263>, 18-12-2015].

ROSA, Daniel Rodrigues Micaelo (2013) – *O Bairro Teatral: recreio da vida portuense*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de doutoramento [Em linha: file:///C:/Users/aib/Downloads/ulsd067426\_td\_Daniel\_Rosa%20(1).pdf, 2015-12-15].

SANTOS, Rogério (2005) – *Alberto Bessa e a sua história do jornalismo – uma memória de cem anos*. In. FIDALGO, António; SERRA, Paulo (org.) – *Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã. Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – vol. IV*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p. 193.

[Em linha: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/ACTAS%20VOL%204.pdf>, 23-12-2015].

Sigarra Universidade do Porto, «Aurélia de Souza», *Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto* [em linha:

[https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?p\\_pagina=antigos%20estudantes%20il](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20il)

ustres%20-%20aur%C3%A9lia%20de%20souza, 22-12-2015].

### **Outras fontes:**

AMARAL, Fernanda (sobrinha-neta de João Amaral) (2015). Entrevista conduzida pela autora, em outubro 2015 na residência de D. Fernanda, em Gaia.

CANAVEZ, Nuno (2015). Entrevista conduzida pela autora, a 2 de maio, na Livraria Académica, Porto. Vídeo «João Amaral por... Nuno Canavez», disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3X-0qFCCZ8>.

CARMO, João António Amaral (neto de João Amaral) (2015). Entrevista conduzida por Cecília Carmo (bisneta), a 29 de abril na residência de João Carmo, em Lisboa. Vídeo «João Amaral por... João Amaral Carmo e Cecília Carmo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=95iZD3ECXCI>.

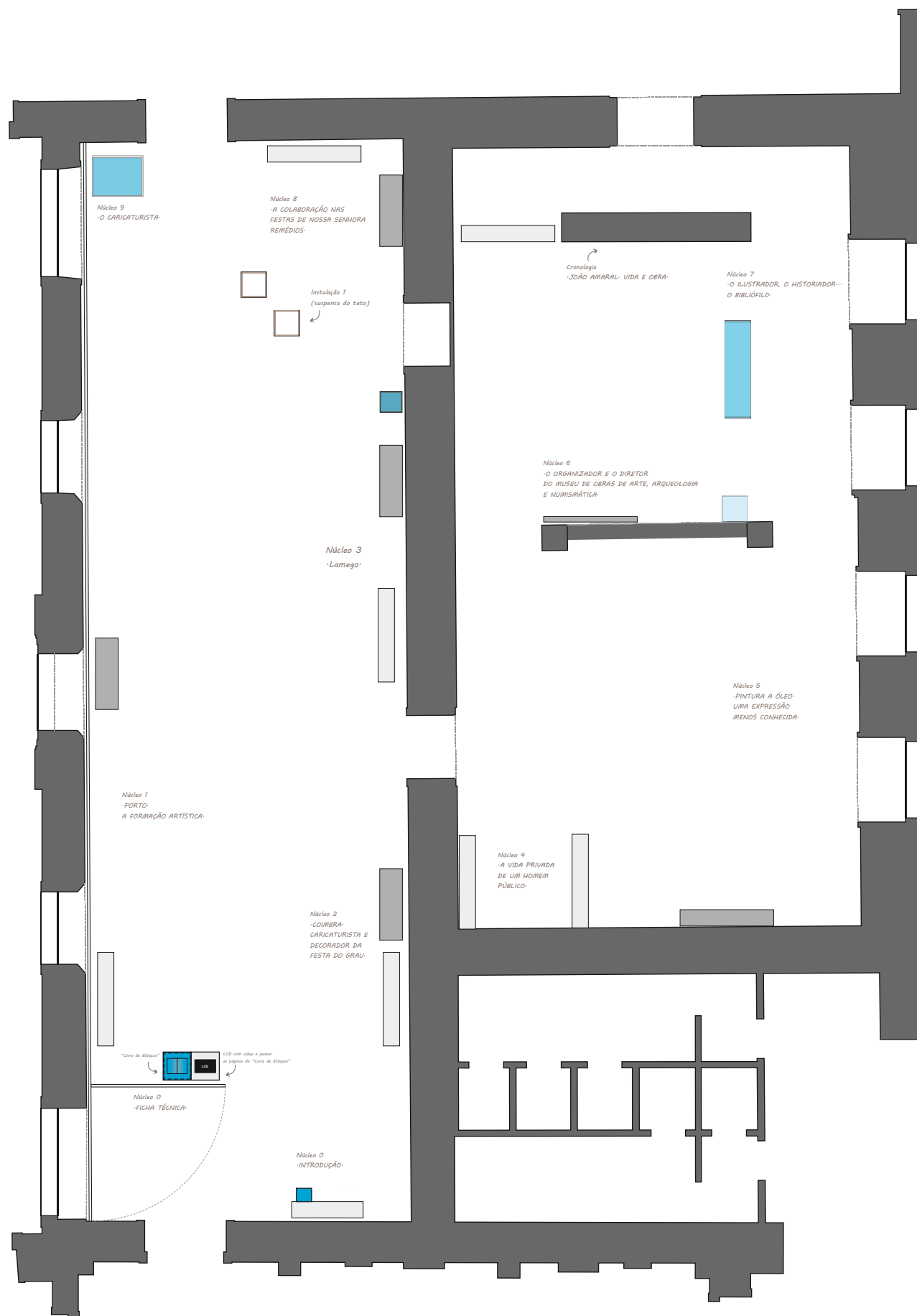
GONÇALVES, Célia – (neta de João Amaral) (2015). Entrevista telefónica conduzida pela autora a 26 de fevereiro.

LOURENÇO, Orlando (2016). Entrevista conduzida pela autora, a 22 e novembro de 2016, no Museu de Lamego.



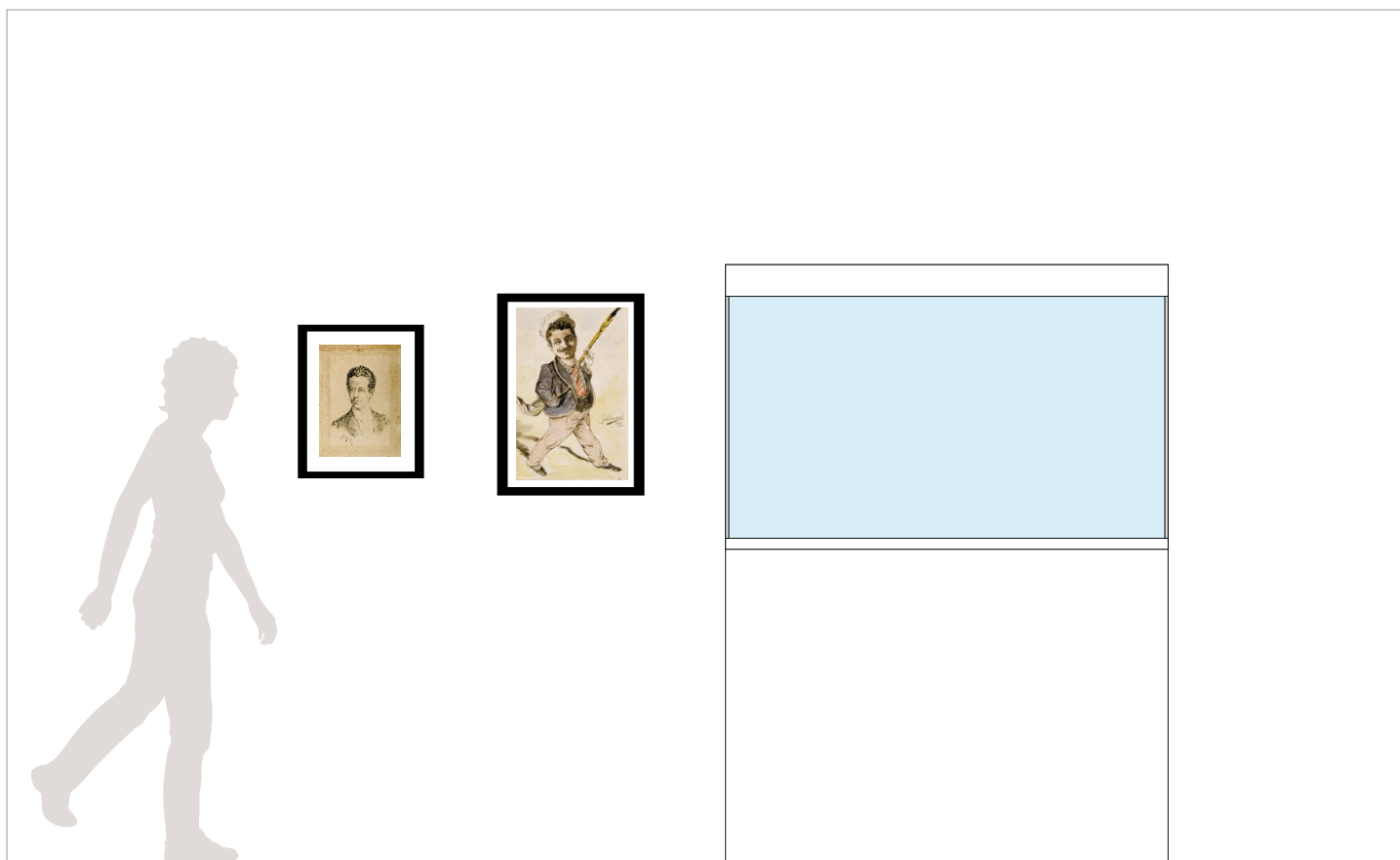


Caderno de museografia  
da exposição



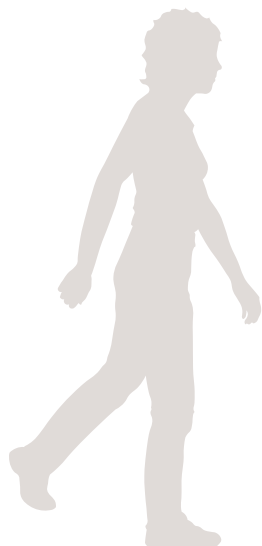
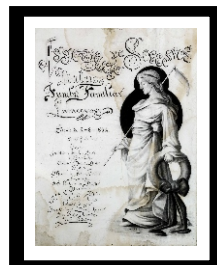
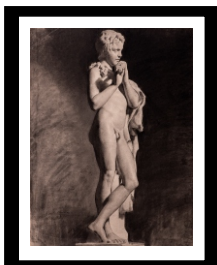


Núcleo I | PORTO.A FORMAÇÃO ARTÍSTICA



Núcleo I | PORTO.A FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Onde agora se ostenta a (...) estação de S. Bento, repousava o austero, regrado e silencioso mosteiro da Avé Maria, cujos sinos da sua torre alteira tantas vezes me despertaram batendo a hora em que eu devia partir para as aulas da Academia de Belas Artes, onde me esperavam as lições do Mestre Marques de Oliveira



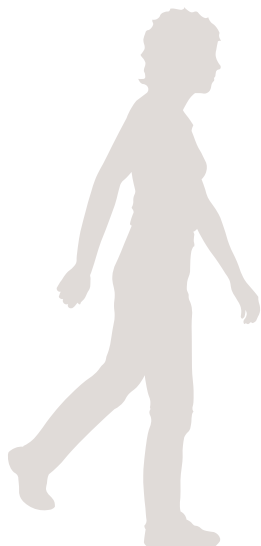
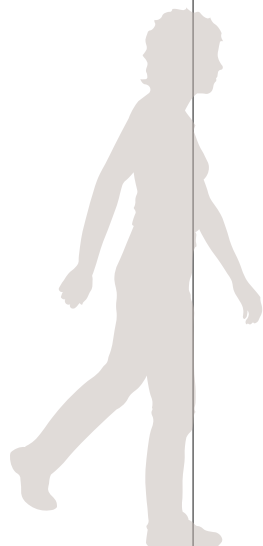
## Núcleo 2 | COIMBRA. CARICATURISTA E DECORADOR DAS FESTAS DO GRAU

### Coimbra

caricaturista e decorador das Festas do Grau

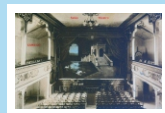
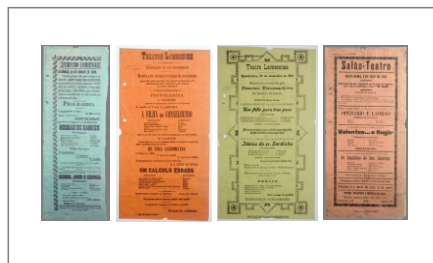
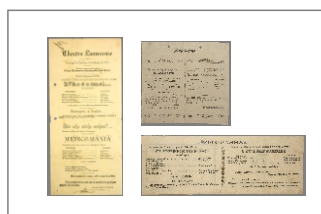
A Direcção das «Festas do Grau», precisando de um caricaturista e decorador, lembrou-se do meu obscuro nome (apagado por aqui...), para a realização da engraçadíssima e desopilante «paródia» alusiva ao trânsito de uma velha, rançosa e pitadeante praxe a que os quartanistas das cinco faculdades eram submeidas.

E eu fui, e lá estive alguns meses, afanoso e incansável no amanho das realizações de que me encarregaram.

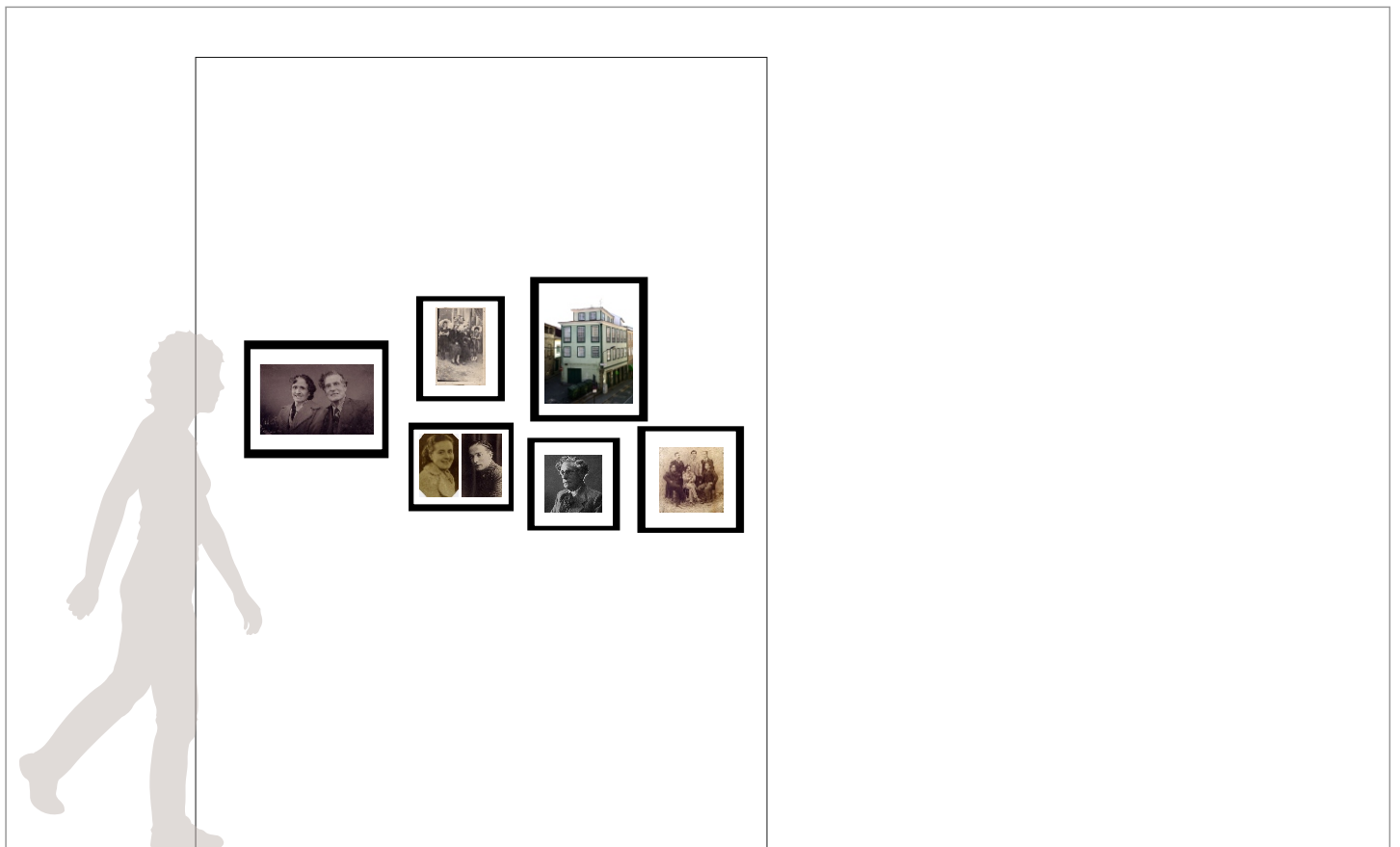
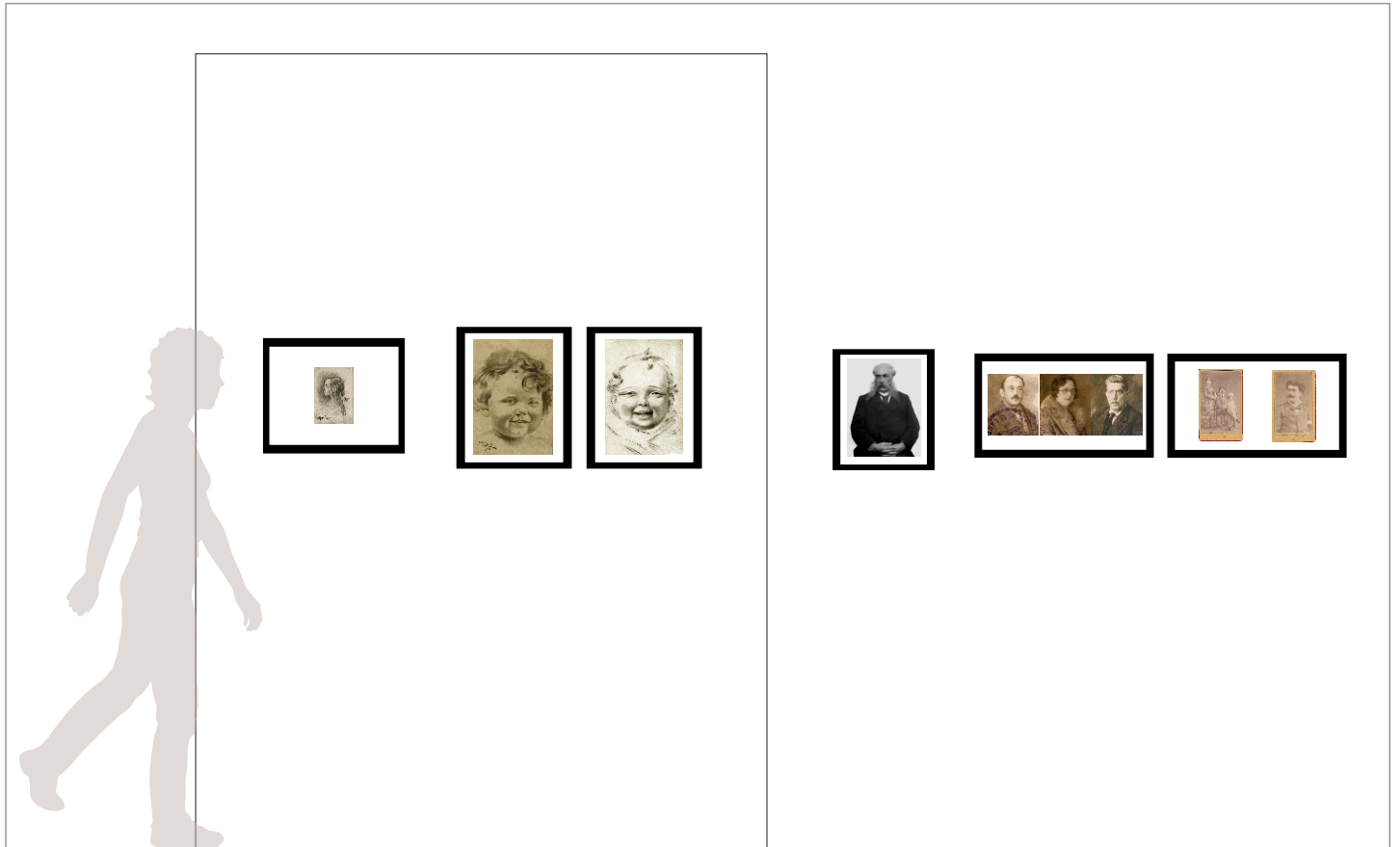


## Lamego

Na minha mocidade, recitava, muitas vezes, o monólogo "Os descuidos, em que eu aparecia em cena com os suspensórios caídos pelas pernas abaixo, calçando uma bota e um sapato, com o colete vestido por cima do casaco e na cabeça um chapéu de senhora, colocado às avessas.

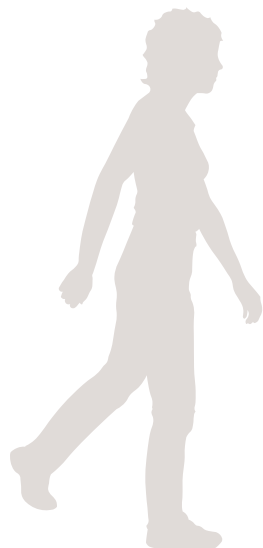
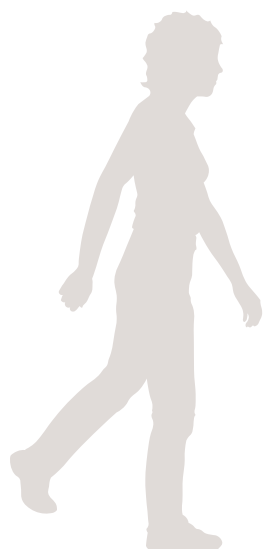
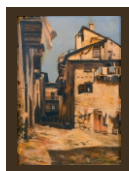


Núcleo 4 | A VIDA PRIVADA DE UM HOMEM PÚBLICO

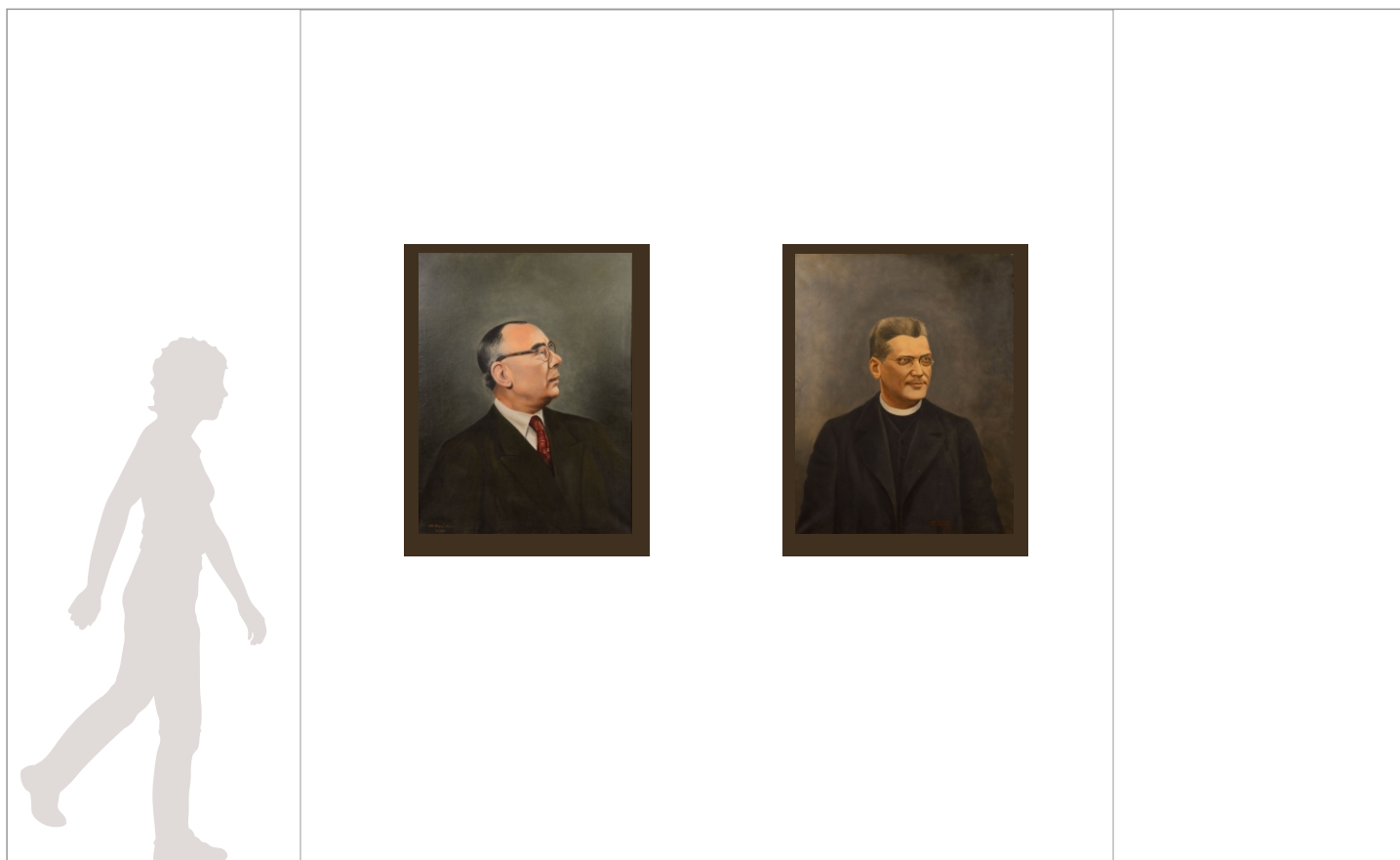
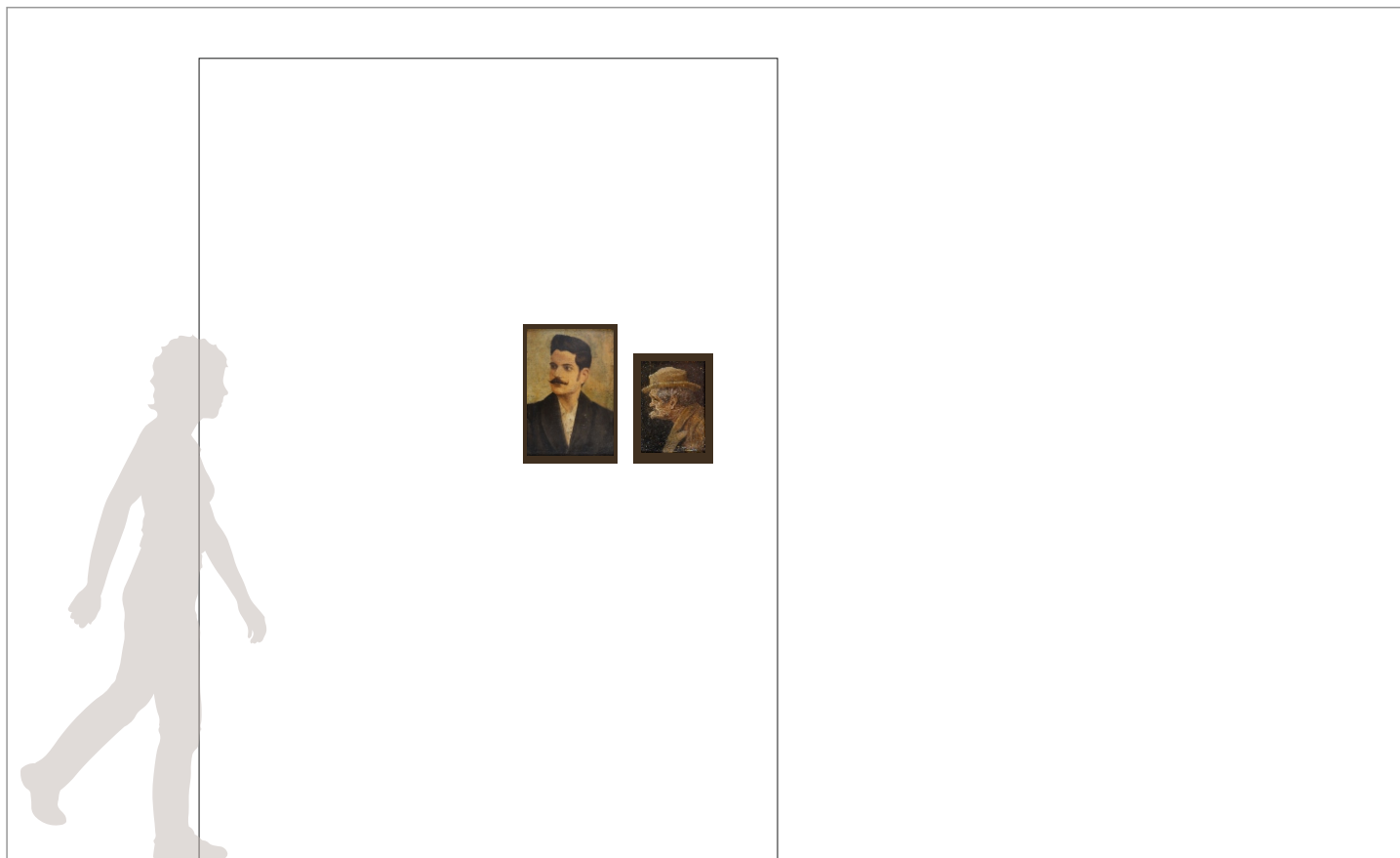


## Núcleo 5 | PINTURA A ÓLEO. UMA EXPRESSÃO MENOS CONHECIDA

Realizou-se no Clube Lamecense, no dia 9 (setembro, 1951) a inauguração da exposição de pintura a óleo, desenho e caricatura, pelos festejados artistas lamecenses Sr. João Amaral ... e seu filho sr. Luíz Amaral. Dos 53 quadros expostos sobressai a cópia do célebre quadro de S. Pedro de Grão Vasco, do Mosteiro de S. João de Tarouca, que só por si vale uma exposição.



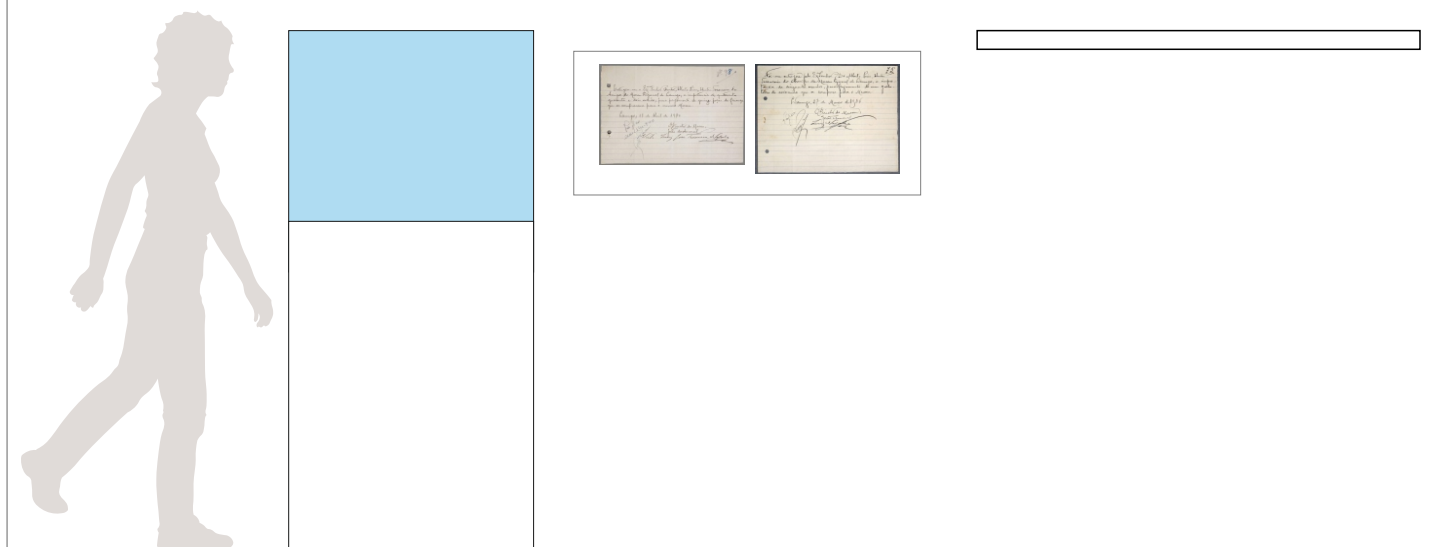
Núcleo 5 | PINTURA A ÓLEO. UMA EXPRESSÃO MENOS CONHECIDA



## Núcleo 6 | O ORGANIZADOR E O DIRETOR DO MUSEU DE OBRAS DE ARTE, ARQUEOLOGIA E NUMISMÁTICA

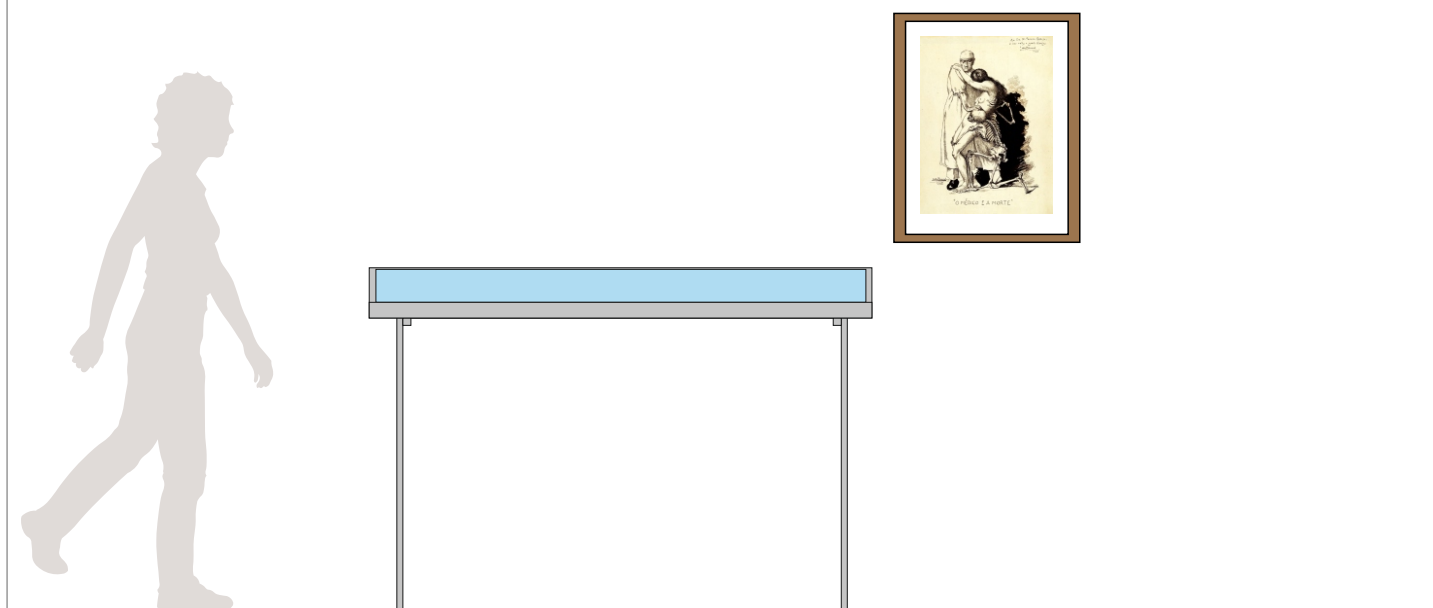
o esforço e a dedicação dispendidos por João Amaral no decorrer de trinta largos anos vividos por completo ao serviço do Museu. Trinta anos uma vida! «Aquilo» é o seu mundo.

- «João Amaral? Todo êle é Museu!»



## Núcleo 7 | O ILUSTRADOR, O HISTORIADOR... O BIBLIÓFILO

Foi ele (Vergílio Correia) quem me inoculou no espirito a ideia persistente e apaixonada de remexer nos arquivos, onde rebusquei e encontrei assunto para centenas de artigos que tenho publicado



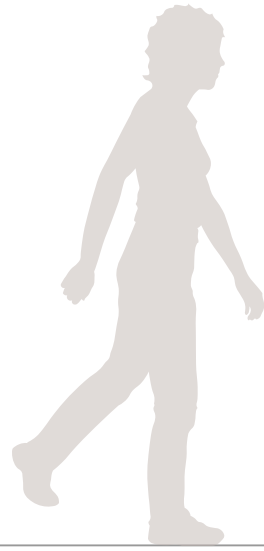
## Núcleo 8 | A COLABORAÇÃO NAS FESTAS DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS

### Festas de Nossa Senhora dos Remédios, 1936

...agradeceu a todas as comissões a sua valiosíssima colaboração e especialmente a dos nossos presados amigos srs. João Amaral e Américo Maças que com o seu engenho e mãos privilegiadas transformaram a avenida num encantador recanto.



...essa coleção caricatural constitui, sem vaidade da minha parte, porque nunca me enfeitei com semelhante palermice, uma curiosíssima, sensibilizadora e valiosa galeria de lamecenses.



CRONOLOGIA

João Amaral  
vida e obra (1874-1955)

**1874.** João Amaral nasce a 4 de novembro em Lamego. O seu pai, João Gonçalves do Amaral, é sapateiro e a mãe, Dominga de Jesus, padroeira. Os pais vivem no fundo da rua de Chã, sendo mudado depois para a n.º 54 da rua Passaro de Castro, onde, no rés-do-chão, a família possui uma padaria.

**1884.** Depois de concluir estudos no Colégio da Paços e ir para o Porto trabalhar, como lavrador de ovelhas no estabelecimento de um irmão mais velho.

**1891.** Regressa a Lamego, onde se faz definitivamente, após uma curta estada no Brasil, onde a nível grande amizade que teve com o irmão mais velho, Luís Gonçalo de Amaral, que trabalhava em Manaus, como 1.º escarapador do Tesouro do Estado do Amazonas.

**1895.** Caricaturista e decorador das festas de Goa, em Coimbra. Elabora o álbum com as paródias e caricaturas das 134 quantidades das faculdades de Direito, Medicina, Teologia, Filosofia e Matemática, desenhando uma coleção de postais humorísticos alusivos, o cartaz, as capas dos livros e dos pechos teatrais e as decorações das casas de habitação. Encerra ainda os principais cartões para o cartão e o teatro onde se realizaram duas noites.

**1896.** Colabora nos jornais *Rebeldia e Raia*. No cartão nº 1.º do Museu em Lamego participa na decoração de um cartão encenado por José Mendes Guerra.

**1897.** Frequenta o curso de Desenho Histórico na Escola de Belas Artes do Porto. Foi aluno do professor João Marques de Oliveira (1853-1922), considerado um dos responsáveis pela introdução do Naturalismo em Portugal, diretor da Escola de Belas Artes entre 1906-1913 abandonou o curso para assumir a direção do Museu Scientifico de Goa.

**1894.** O jornal *Primeira de Janeiro*, atribuiu-lhe um primeiro prémio da Viagem da Mosa. Bernardo Ribeiro, por quem João Amaral nutria particularmente uma profunda admiração, elegia-lhe um autor favorito.

**1895-1899.** Livro de esboços (II) onde reúne alguns retratos "ao natural", esboços e memórias de viagem realizadas a Penafiz, Coimbra e Braga.

**1898.** Director artístico do *Chamant*, jornal humorístico publicado no Porto, com a mesma designação do semanário distribuído pela primeira vez em 1821 em França.

**1899c.** Regressa a Lamego, onde se faz definitivamente, após uma curta estada no Brasil, onde a nível grande amizade que teve com o irmão mais velho, Luís Gonçalo de Amaral, que trabalhava em Manaus, como 1.º escarapador do Tesouro do Estado do Amazonas.

**1900.** Nascimento de filha Georgeta.

**1909.** Livro de esboços (II). Colabora nos jornais *Carta e Notícia*, publicados em Coimbra e Porto, respectivamente. Nascimento do filho João.

**1910.** Pintura ornamental do tecto e paredes da "Sala de Música" da engrenagem de Francisco Luís Pereira.

**1911.** Nasce o filho, Luiz Amaral. Pintor e guarda do Museu Regional de Lamego até 1975.

**1913.** O jornal *Seixto* publica uma nota humorística de sua autoria.

**1914.** O jornal *Lamecense* a Tabaco publica os desenhos de uma "Galeria de Lamecenses Ilustres".

**1915.** Director cénico do Grupo Dramático João Rosa, pelo mesmo ano 1920. Nascimento da filha Hermínia.

**1917.** Nomeado director do Museu Regional de Numismática e Arqueologia de Lamego, criado em 5 de Junho de 1898.

**1918.** Visitador do Cinema Municipal de Lamego durante a Presidência de Alfredo Pinto de Azevedo e Sousa (1918-1928) que, no anterior mandato, entre 1914-1918, tinha nomeado João Amaral para director do Museu Regional de Lamego. Executa os desenhos, num total de 36, para as prateleiras que decoram a encadernação dos Remédios.

**1920.** A publicação de "O Museu Regional de Lamego e o opulento espólio de dois séculos do século XVIII", no jornal *Lamecense* e *Freemasonry* é o pretexto de uma extensa lista de taxas correndas que publica em revistas e periódicos sobre história, história da arte, arqueologia e etnologia.

**1921.** Membro da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios.

**1922.** Nasce a filha Daniela.

**1923.** Ilustrar, com desenhos à pena, os livros *Artistas de Lamego (1923)* e nos anos seguintes: *Monumentos e Esculturas (1924)* e *Tea-Tonales (1925)* de Virginia Curran, que viria a escrever uma influente dissertação na produção literária de João Amaral nos anos seguintes.

**1924.** Ilustrações do *Abolitionista* António Portugal, Lamego, de Alfredo Guimarães, que viria a ser o primeiro director do Museu Alberto Sampaio (1928), e Albano Sarobeira, professor e reitor do Liceu de Lamego e presidente fundador do Grupo de Amigos do Museu de Lamego.

**1925.** Redactor principal do jornal republicano *A Fraternidade*. Nascimento de filha Maria, que teve Albano Sarobeira como padrinho.

**1930.** Publica durante quatro anos no *Rebeldia e Raia* a *Arqueologia*, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

**1933.** Inicia a colaboração que se prolonga até 1955, com o jornal *Vol de Lamego*.

**1935.** Membro fundador da Comissão de Estatística do Município de Lamego.

**1936.** Membro da Comissão Organizadora das Festas de Nossa Senhora das Remédios. Publica *Irmandade*, artigo, até 1945, no jornal *Vol de Lamego*.

**1941.** Publica no jornal *Vol de Lamego*, sob o pseudónimo de Rui, 46 artigos.

**1942.** Ilustrações de duas caricaturas no Museu de Lamego e no Porto na Casa Regional de Bela-Douro, sediada na rua Cidade dos Reis, 46.

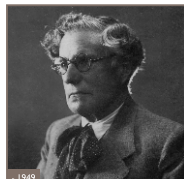
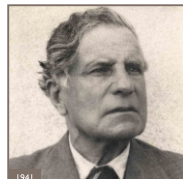
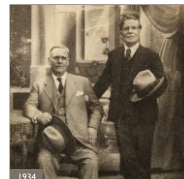
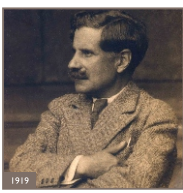
**1943.** Participa nas conferências culturais realizadas no Clube de Lamego com a conferência "Lamego Histórico e Monumental".

**1944.** Colabora até 1949 no *Bolém* de Casa do Duque (Piso da Régua).

**1945.** Fina, com o filho Luísa, uma cópia do São Pedro da Igreja do mosteiro de São João de Tarouca.

**1950.** Encerra com o jornal *Vol de Lamego*, editado pelo Casa Regional de Bela-Douro, durante dez anos, e para o jornal da Câmara Municipal de Duara, que até 1957 publica artigos seus a título periódico.

**1951.** Exposição de pintura a óleo, desenhos e caricaturas de João Amaral e do filho Luísa, no Clube de Lamego. Dos 33 trabalhos apresentados, obtém o enorme sucesso a pintura de São Pedro. São João de Tarouca.



decoram a encadernação dos Remédios.

**1920.** A publicação de "O Museu Regional de Lamego e o opulento espólio de dois séculos do século XVIII", no jornal *Lamecense* e *Freemasonry* é o pretexto de uma extensa lista de taxas correndas que publica em revistas e periódicos sobre história, história da arte, arqueologia e etnologia.

**1921.** Membro da Mesa da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios.

**1922.** Nasce a filha Daniela.

**1923.** Ilustrar, com desenhos à pena, os livros *Artistas de Lamego (1923)* e nos anos seguintes: *Monumentos e Esculturas (1924)* e *Tea-Tonales (1925)* de Virginia Curran, que viria a escrever uma influente dissertação na produção literária de João Amaral nos anos seguintes.

**1924.** Ilustrações do *Abolitionista* António Portugal, Lamego, de Alfredo Guimarães, que viria a ser o primeiro director do Museu Alberto Sampaio (1928), e Albano Sarobeira, professor e reitor do Liceu de Lamego e presidente fundador do Grupo de Amigos do Museu de Lamego.

**1925.** Redactor principal do jornal republicano *A Fraternidade*. Nascimento de filha Maria, que teve Albano Sarobeira como padrinho.

**1930.** Publica durante quatro anos no *Rebeldia e Raia* a *Arqueologia*, editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra.

**1933.** Inicia a colaboração que se prolonga até 1955, com o jornal *Vol de Lamego*.

**1935.** Membro fundador da Comissão de Estatística do Município de Lamego.

**1936.** Membro da Comissão Organizadora das Festas de Nossa

Senhora das Remédios. Publica *Irmandade*, artigo, até 1945, no jornal *Vol de Lamego*.

**1941.** Publica no jornal *Vol de Lamego*, sob o pseudónimo de Rui, 46 artigos.

**1942.** Ilustrações de duas caricaturas no Museu de Lamego e no Porto na Casa Regional de Bela-Douro, sediada na rua Cidade dos Reis, 46.

**1943.** Participa nas conferências culturais realizadas no Clube de Lamego com a conferência "Lamego Histórico e Monumental".

**1944.** Colabora até 1949 no *Bolém* de Casa do Duque (Piso da Régua).

**1945.** Fina, com o filho Luísa, uma cópia do São Pedro da Igreja do mosteiro de São João de Tarouca.

**1950.** Encerra com o jornal *Vol de Lamego*, editado pelo Casa Regional de Bela-Douro, durante dez anos, e para o jornal da Câmara Municipal de Duara, que até 1957 publica artigos seus a título periódico.

**1951.** Exposição de pintura a óleo, desenhos e caricaturas de João Amaral e do filho Luísa, no Clube de Lamego. Dos 33 trabalhos apresentados, obtém o enorme sucesso a pintura de São Pedro. São João de Tarouca.

Exposição de pintura a óleo, desenhos e caricaturas de João Amaral e do filho Luísa, no Clube de Lamego. Dos 33 trabalhos apresentados, obtém o enorme sucesso a pintura de São Pedro. São João de Tarouca.

**1952.** Inverte para o Bolém da Casa Regional de Bela-Douro que continua a publicar artigos seus a título periódico até 1972.

**1954.** Publica na revista do Grémio do Comércio do Distrito de Viseu.

**1955.** Morre em Lamego, a 27 de julho de 1955, uma semana depois de ter publicado um artigo na *Revista de Lamego* e em homenagem no cemitério de Santa Cruz.

**1974.** Exposição Caricaturas e Desenhos de João Amaral no Museu de Lamego.

**1982.** Exposição *Desenhos e Caricaturas João Amaral* na Galeria de Exposições Lamego.

**1993.** "Jornais, caligrafias e outras aves de um Rebeldia", com base nos textos de João Amaral "Os Três classes", "O Camilho" e "Os Campesões", pelo Grupo Caxa Plágica - Grupo de Teatro de Lamego, encenado por Adriano Guerra.

**1994.** Exposição *João Amaral. Uma vida dedicada à arte*, organizado pelo Museu de Lamego.

**Apresentação de peça "Os Escudados", com encenação de Adriano Guerra, pelo grupo Caxa Plágica, nas comemorações do 80.º do Estado, na Escola Secundária Latino Coelho, Lamego.**

**2005.** No âmbito das comemorações do Centenário da República, estiveram presentes trabalhos seus nas exposições *28 Junho - 120 Anos*, organizada pelo Museu da Imprensa, Porto e, no mesmo ano, *Chamant Semelhante Humilhado*, pelo Clube de Coleccionismo de Goa.



CARTAZ

Museu de Lamego [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

100 ANOS

the gentle and talented  
O gentilíssimo e talentoso  
João Amaral  
(1874-1955)

Exposição Exhibition  
16 maioMay | 30 setembroSeptember 2015

**Horário** | Opening times  
terça-domingo  
Tuesday-Sunday  
10h00-18h00

**Contactos** | Contacts  
Museu de Lamego  
Largo de Carnões 5100-147 Lamego PORTUGAL  
Tel + 351 254 600 230 | [mlamego@culturanorte.pt](mailto:mlamego@culturanorte.pt) | [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt) | [f/museu.de.lamego](https://www.facebook.com/museu.de.lamego)

GOVERNOR DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA | CULTURA DO NORTE

Apoio institucional | Institutional support: LTM, Lamego, V.C., MUSEU DE LAMEGO, MUSEU DE LAMEGO, bud

Apoio empresarial | Business support: MUSEU DE LAMEGO, bud

PENDÃO

Museu de Lamego [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

Exposição  
Exhibition

the gentle and talented  
O gentilíssimo e talentoso  
João Amaral  
(1874-1955)

16.05 | 22.09. 2015

[www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt) | [f/museu.de.lamego](https://www.facebook.com/museu.de.lamego)

organização  
Museu de Lamego

CULTURA DO NORTE

GOVERNOR DE PORTUGAL  
SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA



Museu  
de **Lamego** www.museudelamego.pt

**100 ANOS**

the gentle and talented

# O gentilíssimo e talentoso João Amaral

(1874-1955)



A Direção Regional de Cultura do Norte e o Museu de Lamego têm a honra de o/a convidar para a inauguração da exposição *O gentilíssimo e talentoso João Amaral*, que terá lugar no próximo dia **16 de maio**, pelas **21h30**, no **Museu de Lamego**, no âmbito do arranque das comemorações do Centenário da Fundação do Museu.

Organização | Organization



Apoio institucional | Institutional support



Apoio empresarial | Business support





Museu  
de **Lamego** www.museudelamego.pt

**100 ANOS**

the gentle and talented

# O gentilíssimo e talentoso João Amaral

(1874-1955)



**Exposição Exhibition**

16 maio May | 30 setembro September 2015

Horário | Opening times

terça-domingo  
Tuesday-Sunday  
10h00-18h00

Contactos | Contacts

Museu de Lamego  
Largo de Camões 5100-147 Lamego PORTUGAL  
Tel + 351 254 600 230 | mlamego@culturanoorte.pt | www.museudelamego.pt | f/museu.de.lamego

Apoio institucional | Institutional support



Apoio empresarial | Business support

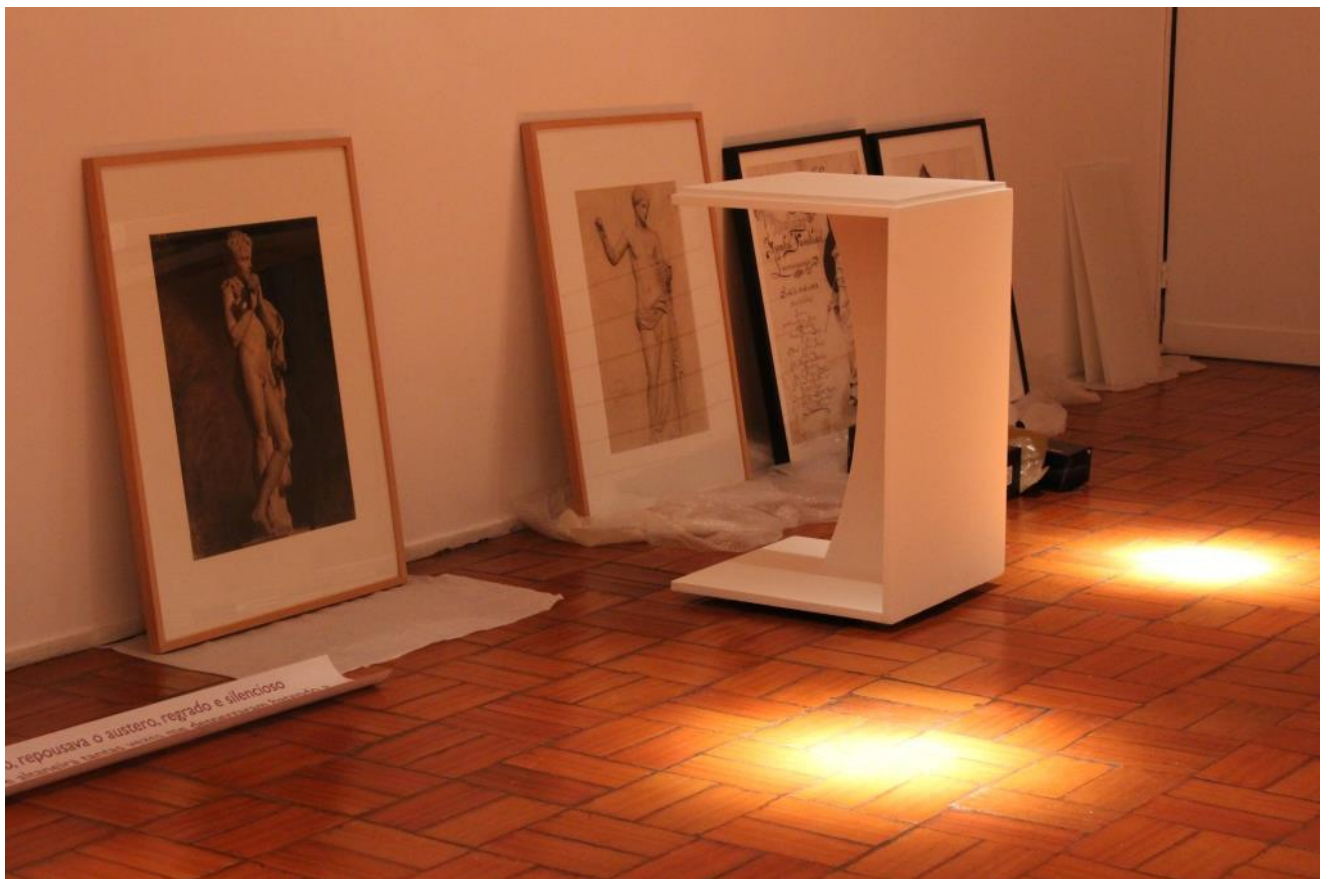




MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO





**1899.** Livro de esboços (I) onde reúne alguns retratos "bo esboços e memórias de viagem realizada a Penacova, e Buçaco.

Diretor artístico do Chorivari, jornal humorístico do Porto, com a mesma designação do semanário lido pela primeira vez em 1832 em França.

**1907.** Professor do Colégio de Lamego, onde, a convite do então diretor Pe. Alfredo Pinto Teixeira, ensina Desenho de Cossacos em 1943.

A amizade com o colega de Matos, José do Almeida Salgueiro Junior dá origem a uma inconfundível da sua ligação ao Teatro

**1917.** Nomeado diretor do Plano Regional de Homenagem e Aniversário de Lamego, criado em 1 de Abril de 1917.

**1919.** Nomeado do Câmara Municipal de Lamego, eleito a Presidência de Alfredo Pinto de Almeida e Sousa (1919-1924), que, no entanto, não chegou a exercer a função, tendo sido substituído por António de Almeida Salgueiro Junior.

**1922.** Nomeado do Conselho de Regência do Plano Regional de Homenagem e Aniversário de Lamego, criado em 1 de Abril de 1917.

**1923.** Nomeado do Conselho de Regência do Plano Regional de Homenagem e Aniversário de Lamego, criado em 1 de Abril de 1917.

**1924.** Nomeado do Conselho de Regência do Plano Regional de Homenagem e Aniversário de Lamego, criado em 1 de Abril de 1917.



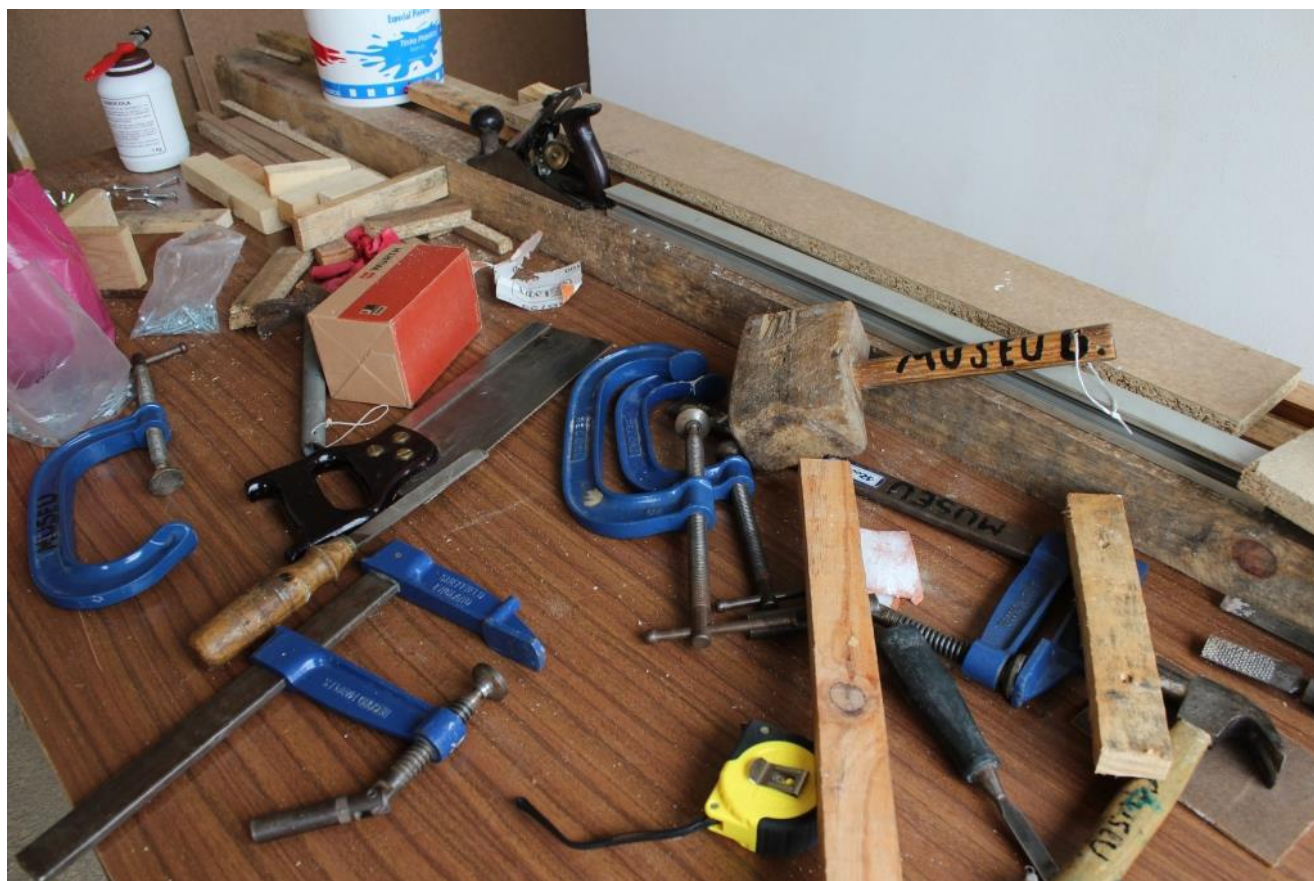
MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO



INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO





Imagem © Orlando Falcão



Imagem © Orlando Falcão



Imagem © Orlando Falcão

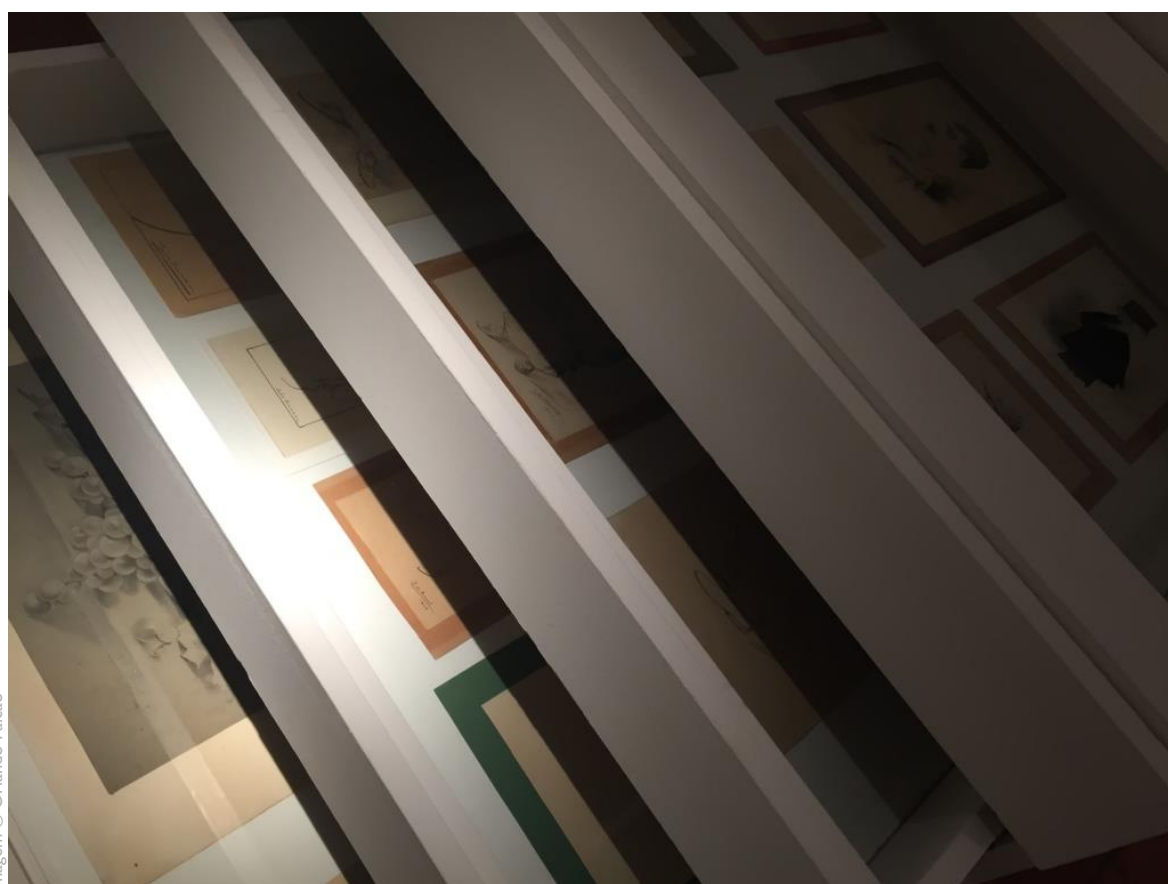


Imagem © Orlando Falcão





Imagem © Orlando Falção



Imagem © Orlando Falção



Imagem © Orlando Falcão



Imagem © Orlando Falcão









O gentilíssimo e talentoso  
João Amaral

(1874-1955)